

1198800288



X

O DESEMPENHO DA AGRICULTURA AMERICANA DE EXPORTACAO
Parceiros, Produtos e Politicas



Fundação Getúlio Vargas
Escola de Administração
de Empresas de São Paulo
Biblioteca



288/88



1198800288

Eliana Camparo Bussinger

DOAÇÃO
DE:
DATA:

SP-00000576-6

BEA

Escola de Administração de Empresas de São Paulo	
Data	Valor de Chamada
11.03.88	289,564 (73) B981d
Nº Volume	Registrado por
288/88	mana

*Dis.
e. 1*

A G R A D E C I M E N T O S

A finalizacao deste trabalho tornou-se possivel gracias a colaboracao e apoio de diversas pessoas e instituicoes.

Durante os varios estagios da execucao e termino da pesquisa, pudemos contar com a valiosa assistencia do professor orientador Dr. Robert N.V. Cajado Nicol, cujo apoio e encorajamento agradecemos respeitosamente.

Nossos agradecimentos sao muitos e estendem-se ao Dr. Henry Theil, professor da Universidade da Florida, por tornar possivel a liberacao de dados recentes sobre a agricultura americana, aos professores Dr. Yoshiaky Nakano e Dr. Geraldo Miller, membros da FGV-EAESP e participantes da banca examinadora; ao CNPq-Conselho Nacional de Pesquisas, pelo apoio institucional; ao Food and Resource Economic Department, University of Florida, pelo estimulo intelectual; Hume Library-Mc Carthy Hall, University of Florida, pelo acesso a relevante material academico necessario a pesquisa; ao USDA, United States Department of Agriculture, pelo fornecimento de dados sobre a agricultura americana.

Especiais agradecimentos a Sra Midori Kuma, da FGV-EAESP, pelo decisivo apoio.

Os valores utilizados no trabalho são baseados em dólares americanos.

Os anos divididos, do tipo 1985/86, referem-se ao ano de mercado de cada colheita, e que geralmente vai de setembro a agosto.

Para as tabelas de produção, consumo e exportação, leia-se na coluna "exportação" o resultado líquido das negociações, ou seja importação menos exportação.

INDICE

Página

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

CAPITULO I- A EMERGENCIA DOS EUA COMO MAIOR EXPORTADOR DE PRODUTOS AGRICOLAS E AS IMPLICACOES NOS ANOS RECENTES.....	5
O Desempenho da Agricultura de Exportacao Americana.....	5
A Crise dos Anos Oitenta.....	13
Taxa de Cambio.....	14
Mercados-Produtividade e Competitividade.....	22
Desempenho Economico Mundial.....	24
Mudanca no Modelo de Exportacao.....	26
Politicas Agricolas.....	29

CAPITULO II - PRINCIPAIS MERCADOS IMPORTADORES DE PRODUTOS AGRICOLAS AMERICANOS.....	36
Países em Desenvolvimento.....	43
Comunidade Europeia.....	57
Canada.....	75
URRS.....	81
Nacoes do Pacifico.....	99
1) Leste Asiatico.....	104
Hong Kong.....	106
Taiwan.....	111
Coreia do Sul.....	114
Japao.....	116
2) Oceania.....	124
Australia.....	124
Nova Zelandia.....	126
3) Sudeste Asiatico.....	128
4) China.....	131

CAPITULO III - PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS DE EXPORTACAO DOS EUA.....	138
Trigo.....	148
Oleaginosas-Soja e Produtos.....	158
Graos-Milho, Cevada, Aveia, Sorgo, Centeio e Outros.....	165
Exportacao de Carne e Derivados.....	172
Algodao e Produtos.....	179
Tabaco.....	184
Acucar.....	193
Arroz.....	198

CAPITULO IV - POLITICAS AGRICOLAS AMERICANAS.....	203
---	-----

INDICE

Página

INTRODUCAO.....	1
-----------------	---

CAPITULO I- A EMERGENCIA DOS EUA COMO MAIOR EXPORTADOR DE PRODUTOS AGRICOLAS E AS IMPLICACOES NOS ANOS RECENTES.....	5
O Desempenho da Agricultura de Exportacao Americana.....	9
A Crise dos Anos Oitenta.....	13
Taxa de Cambio.....	14
Mercados-Produtividade e Competitividade.....	22
Desempenho Economico Mundial.....	24
Mudanca no Modelo de Exportacao.....	26
Politicas Agricolas.....	29

CAPITULO II - PRINCIPAIS MERCADOS IMPORTADORES DE PRODUTOS AGRICOLAS AMERICANOS.....	36
Países em Desenvolvimento.....	43
Comunidade Europeia.....	57
Canada.....	75
URRS.....	81
Nacoes do Pacifico.....	99
1) Leste Asiatico.....	104
Hong Kong.....	108
Taiuan.....	111
Coreia do Sul.....	114
Japao.....	116
2) Oceania.....	124
Australia.....	124
Nova Zelândia.....	126
3) Sudeste Asiatico.....	128
4) China.....	131

CAPITULO III - PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS DE EXPORTACAO DOS EUA.....	138
Trigo.....	148
Oleaginosas-Soja e Produtos.....	158
Graos-Milho, Cevada, Aveia, Sorgo, Centeio e Outros.....	165
Exportacao de Carne e Derivados.....	172
Algodao e Produtos.....	179
Tabaco.....	184
Acucar.....	193
Arroz.....	199

CAPITULO IV - POLITICAS AGRICOLAS AMERICANAS.....	203
---	-----

CONCLUSOES..... 230

APENDICE I/CAPITULO II-O SISTEMA DE PRECOS PARA OS GRAOS
NA COMUNIDADE EUROPEIA..... 235

APENDICE II/CAPITULO II-URRS-EUA - ACORDOS..... 238

ANEXO I..... 241

BIBLIOGRAFIA..... 244

Índice de Figuras, Gráficos e Tabelas

Páginas

Figura 1- Volume de Importação e Exportação Agrícola.....	11
Figura 2-Mudanças na Composição da Agricultura Americana.....	12
Figura 3-Dez Maiores Mercados para os Produtos Agr. Amer.....	30
Figura 4-Endividamento Externo dos Países em Desenvolvimento.....	44
Figura 5-Produção Agrícola Amer. para Mercad. Seleccionadas.....	141
Figura 6-Volume de Exportação para os Principais Produtos.....	144
Figura 7-Principais Produtos de Exportação/EUA.....	145

Gráfico I - EUA- Exportações e Importações Agrícolas.....	10
Gráfico II -EUA-Exportações Agrícolas(Por categoria de países)...	12
Gráfico III-Taxa de Câmbio.....	16
Gráfico IV-Crescimento Económico Mundial.....	20
Gráfico V- Índices de Preços das Commodities e CPI.....	27
Gráfico VI-Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento.....	45
Gráfico VII-Crescimento Económico dos Países em Desenvolvm.....	47
Gráfico VIII-Melhores Mercados em Desenvolvimento.....	50
Gráfico IX-Exportações Agrícolas para a CE-12.....	73
Gráfico X - Comércio Internacional - EUA/URRS.....	82
Gráfico XI - Comércio Intern. de Trigo e Parcelas Americanas....	149
Gráfico XII-Estóques Mundiais Trigo e Parc. detida pelos EUA....	150
Gráfico XIII-Tabaco: Export. Mundial e Parc. detidas pelos EUA....	184
Gráfico XIV-Tabaco Não-Manufaturado: Melhores Mercados p/EUA....	192

Tabela 1 - Índices Mundiais de Produção Alimentar.....	23
Tabela 1-A-Aquisição de Mercadorias Agrícolas Americanas pelos 10 Melhores Mercados para o Ano de 1985.....	37
Tabela 2 -18 Melhores Mercados em Desenvolvimento:.....	51
Tabela 3- Dados Seleccionados para a CE-12.....	59
Tabela 4- Índices de Auto Suficiência para a CE-12.....	60
Tabela 5 - Exportações Agrícolas Americanas para a Ce-12.....	64
Tabela 6 - Exportações Agrícolas para a CE-10 por Produtos.....	66
Tabela 7 - Produção Agrícola para a CE-12.....	69
Tabela 8 - Exportações e Importações - Totais para a Europa.....	72
Tabela 9 - Importações Agrícolas por Países-CE- para 1984.....	74
Tabela 10 - Exportações Agrícolas para o Canada.....	80
Tabela 11 - Exportações Canadenses para os Estados Unidos.....	80
Tabela 12 - Área de Cultivo de Grãos para a URRS.....	83
Tabela 13 - Produção Soviética para Grãos.....	85
Tabela 14 - Comércio Agrícola entre URRS/EUA-Volumes.....	88
Tabela 15 - Comércio Agrícola entre URRS/EUA-Valores.....	88
Tabela 16 - Oferta e Utilização de Grãos - URRS.....	91
Tabela 17 - Principais Importações Soviéticas.....	92
Tabela 18 - Maiores Exportadores de Produtos Agrícolas /URRS.....	96
Tabela 19 Ásia do Leste-Indicadores Económicos.....	100
Tabela 20-Sudeste Asiático e Oceania-Indicadores Económicos....	101
Tabela 21-Exportações Agrícolas Americanas p/Ásia Leste/Prod....	106
Tabela 21-A-Exportações Agrícolas para a Ásia do Leste.....	107
Tabela 22 Ásia do Leste - Import. Export. Agrícolas-Resultados....	107

Tabela 23-Ásia do Leste - Import. Export. Totais.....	110
Tabela 25-Hong Kong - Importações Agrícolas.....	112
Tabela 26-Importações Agr. de Taiwan.....	115
Tabela 27-Importações Agr. Coreanas.....	117
Tabela 28-Importações Japonesas.....	119
Tabela 29-Exportações Agric. Americanas para o Japão.....	121
Tabela 30-Exportações Agric. para a Oceania.....	125
Tabela 31-Export. Agric. para o Sudeste Asiático.....	130
Tabela 32-Sudeste Asiático-Importações Agrícolas dos EUA.....	132
Tabela 33-Produção Chinesa para Produtos Seleccionados.....	133
Tabela 34-Export. Agric. para a China.....	137
Tabela 35-Produção Agric. Amer. para 1980-84.....	139
Tabela 36-Porc. Prod. Americana Dest. aos Merc. Internacionais.....	146
Tabela 37-Parcelas de Mercado das Principais Commodities EUA.....	147
Tabela 37-A - Trigo: Prod., Cons. e Resultados para Exportação.....	152
Tabela 38 - Trigo: Consumo per capita.....	154
Tabela 39-Trigo: Produção, Consumo, Comércio, Estoques e Área de Cultivo Mundial.....	156
Tabela 40-Soja e Derivados: Prod., Cons. e Exportação.....	159
Tabela 41-Exportação de Soja: Parcelas de Mercado.....	160
Tabela 42-Oleaginosas: Consumo per capita.....	162
Tabela 43-Graos: Milho, Sorgo, Aveia, Cevada, Centeio e Outros.....	166
Tabela 44 - Maiores Exportadores de Milho 1979-1984.....	167
Tabela 45 - Graos: Consumo per capita.....	170
Tabela 46 - Suínos: Produção e Consumo per capita.....	174
Tabela 47 - Carne de Gado e Vitela: Prod. e Consumo per capita.....	175
Tabela 48 - Frangos: Produção e Consumo per capita.....	176
Tabela 49 - Algodão: Produção, Consumo e Exportação.....	182
Tabela 51 - Tabaco: Principais Países Imp. do Prod. Americano.....	187
Tabela 52 - Cigarros: Exportação Americana, Principais Países.....	187
Tabela 53 - Tabaco: Produção, Consumo e Exportação.....	190
Tabela 54 - Açúcar: Produção, Consumo e Estoques Mundiais.....	196
Tabela 55 - Arroz: Produção, Consumo e Exportação.....	199
Tabela 56 - Arroz: Consumo per Capita.....	202
Tabela 57 - Maiores Importadores de Produtos Agrícolas/Valores.....	242
Tabela 58 - Maiores Importadores de Produtos Agrícolas/%.....	243

INTRODUCAO

Durante os anos setenta, a agricultura americana passou por um processo de crescente internacionalizacao. Neste periodo, o valor das exportacoes agricolas americanas cresceu, aproximadamente, cinco vezes, transformando os EUA no maior exportador individual de produtos agricolas do mundo.

A partir de 1981, quando os EUA exportam o recorde de 43.8 bilhoes de dolares, as exportacoes agricolas vem decrescendo continuamente, atingindo, em 1983, o valor de 31.2 bilhoes de dolares - o menor resultado desde 1978. Alem disso, os Estados Unidos perdem parcelas significativas de mercado para concorrentes em varias regioes do mundo, em importantes produtos da pauta de exportacoes.

A importancia do setor externo para a agricultura americana evidencia-se na proporcao da area cultivada que se destina a exportacao. Nos anos recentes, essa proporcao atinge 40% contrastando com 20% nas decadas anteriores. Em relacao ao volume produzido, cerca de um quarto e absorvido por paises estrangeiros, proporcao que situava-se entre 10 e 20% no periodo anterior a 1960.

O desempenho do setor externo da agricultura americana, pode, ainda, ser avaliado comparativamente ao do setor nao-agricola. Na decada de 50 o saldo das negociacoes internacionais era positivo para itens nao-agricolas (em media 5 bilhoes anuais), enquanto que a

agricultura gerava deficits anuais de cerca de 1 bilhão de dólares. Em 1970, o comércio agrícola gera um superávit de 1.3 bilhão de dólares; em 1981 o resultado positivo atinge o recorde de 26.5 bilhões de dólares. Em 1985, no entanto, após quatro anos de sucessivos decrescimos, o saldo, embora ainda favorável, reduz-se a 11.4 bilhões de dólares, e no mês de maio de 1986, pela primeira vez em quase duas décadas, o resultado do comércio agrícola (mensalmente analisado) foi negativo.

Os EUA exportam produtos agrícolas para mais de uma centena de países, sendo que, vinte e cinco dessas nações absorvem 80% do volume total exportado. A maioria desses países tem apresentado, nos anos recentes, uma demanda declinante relativamente aos produtos agrícolas provenientes dos EUA, como avaliaremos no segundo capítulo deste trabalho.

Essa tendência decrescente iniciou-se com a recessão mundial dos anos oitenta, afetando cada mercado potencial diferentemente.

Severas restrições financeiras, neste período, abalaram muitas das economias em desenvolvimento, especialmente a América Latina. E muitos desses países estão entre os melhores mercados para muitos dos produtos de exportação americanos. Problemas com a balança de pagamento, além de problemas internos com desemprego e inflação, acabaram por diminuir o poder de compra desses países.

A URSS, o maior importador de grãos do

mundo, tem apresentado profundas flutuações na produção agrícola anual e, conseqüentemente na aquisição de produtos agrícolas do exterior, o que acaba provocando uma importante instabilidade no mercado internacional.

Políticas protecionistas, subsídios e incentivos à produção doméstica associados a altos índices de valorização do dólar em relação a maioria das moedas europeias tornaram as exportações agrícolas americanas menos competitivas no mercado europeu.

No caso canadense, as razões para a contração da demanda por tais produtos relacionam-se, especialmente, as políticas agrícolas internas de incremento à produção doméstica.

Para os países do Pacífico, uma área de grande interesse para os Estados Unidos, a caracterização do declínio da demanda por produtos agrícolas americanos não é facilmente generalizada, dadas as diversidades das diferentes economias nacionais. Pode-se, no entanto, identificar a busca pela auto-suficiência e o acirramento da competição pelos principais concorrentes americanos como dois dos fatores predominantes na explicação da redução das importações.

Atentando-se para a pauta de exportação agrícola, podemos observar que cerca de dois terços da exportação total é resultante da comercialização de milho, trigo e soja. Exatamente os produtos que apresentaram quedas mais acentuadas, na década de 80, embora a grande maioria tenha apresentado reduções substanciais de venda, como

veremos no capítulo terceiro.

Observe-se que dois grupos de produtos predominam a pauta de exportação americana: aqueles destinados a alimentação humana, cujos principais mercados são os países em desenvolvimento, e rações e forragens que são comercializadas, principalmente, com as nações desenvolvidas.

Alguns produtos como algodão e tabaco, arroz e trigo, são tradicionalmente exportados desde o século passado, evidentemente em quantidades não tão significativas quanto as de hoje.

Outros produtos, como soja e milho, somente começaram a ser exportados, em volumes expressivos, no início da década de setenta, quando a produção interna intensificou-se, possibilitando a geração de excedentes, que acabariam por colocar os dois produtos na liderança do setor agrícola de exportação americano.

Esse excedente, por sua vez, incentivou enormemente, aumentos na produção pecuária, que era até então, exclusivamente, voltada para o mercado interno.

As políticas agrícolas americanas de suporte de preços e rendas para os produtores vem, nos últimos anos incentivando a produção interna. O desaquecimento da demanda mundial, associado a uma tendência declinante dos preços tem contribuído para o acúmulo de estoques e elevação dos dispendios com a gestão da política agrícola (Capítulo IV).

CAPITULO I - A EMERGENCIA DOS EUA COMO MAIOR EXPORTADOR DE PRODUTOS AGRICOLAS E AS IMPLICACOES NOS ANOS RECENTES

A composicao dos produtos agricolas americanos de exportacao vem se modificando significativamente nas ultimas duas decadas. De materia prima, especialmente algodao e tabaco, utilizados industrialmente por outros paises desenvolvidos, para alimentacao e racoes destinadas, especialmente, para a Europa Ocidental e Asia do Leste, uma alteracao de menos de 10% no periodo anterior a 1950 para 38% de participacao na quota de exportacoes entre 1976/80.

Nos anos 30, os EUA eram um exportador agricola de pouca importancia. Quase todas as regioes do mundo produziam algo para exportar, especialmente para a Europa Ocidental entao bastante deficitaria.

No periodo posterior a decada de sessenta, inicia-se a emergencia de EUA, Canada e Oceania como os principais exportadores de produtos agricolas do mundo. (Figura 1).

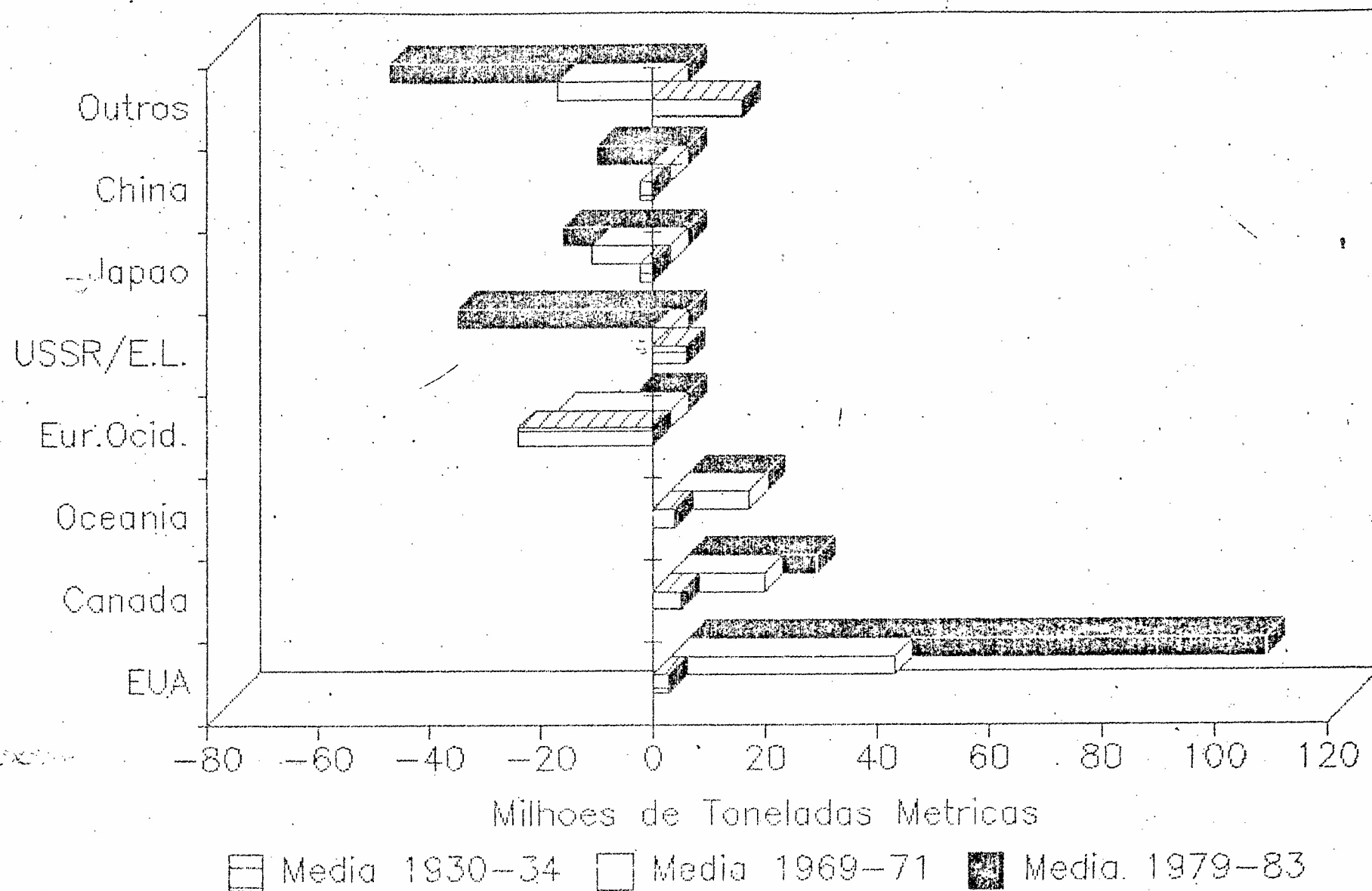
Os principais produtos de exportacao, ate recentemente, eram algodao e tabaco, alem de arroz e trigo. Tais mercadorias fazem parte da pauta de exportacao agricola americana desde o seculo passado.

Hoje, no entanto, apesar da grande

Figura 1

Volume de Exportacao/Importacao Agricola

(Resultado Líquido para Países/Períodos
Selecionados)



Fonte: USDA/ERS-Anuários Estatísticos
Vários Anos

importancia de muitos desses produtos relativamente aos volumes exportados e, apesar de aumentos verificados para todos os grupos de mercadorias, soja e milho passam a ocupar uma posicao de destaque nos resultados das trocas.

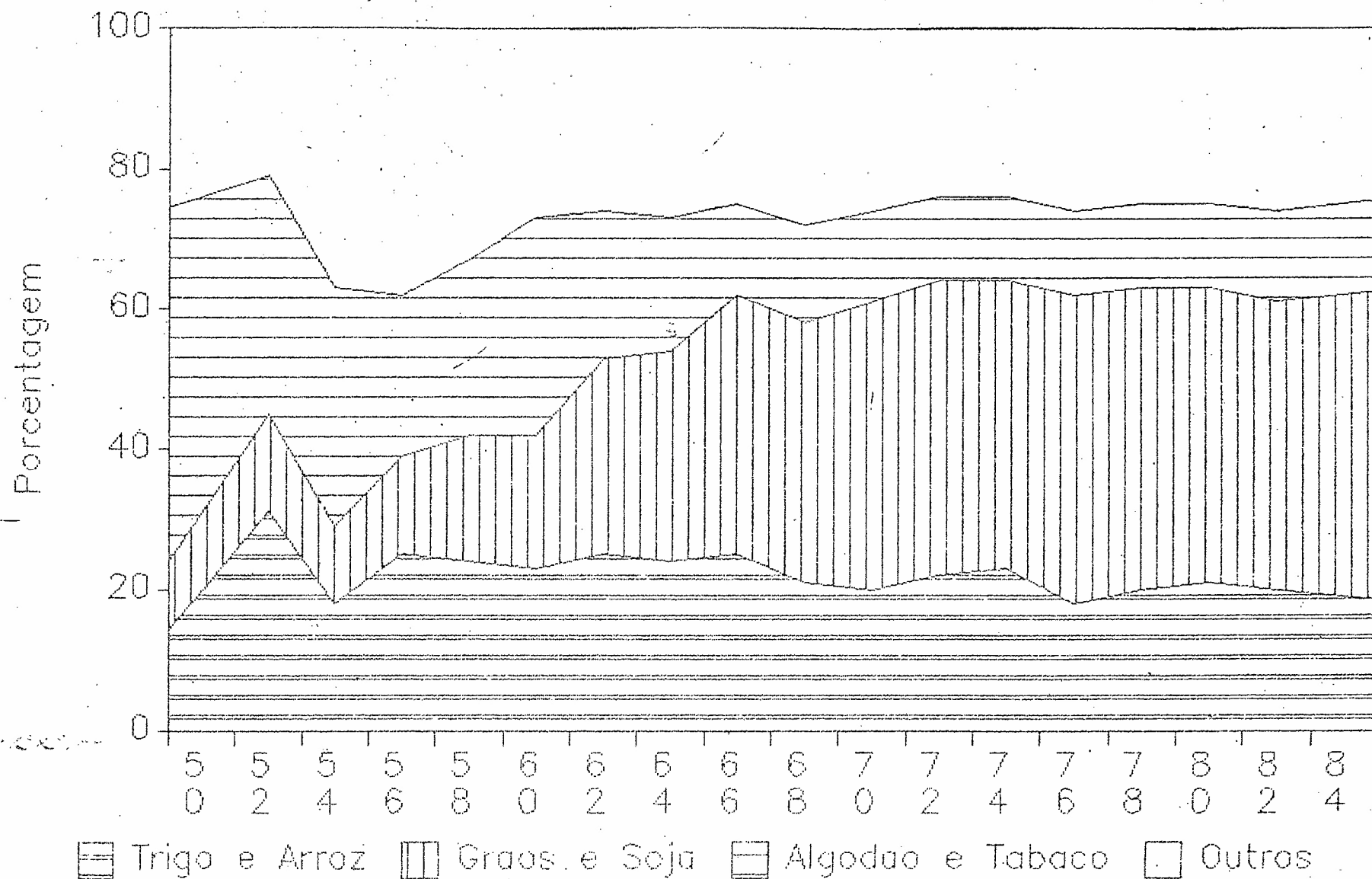
A producao de soja e milho, hoje entre os dez produtos mais exportados, foi ate o inicio dos anos setenta voltada exclusivamente para o mercado interno. Apenas nos primeiros anos da decada passada, a producao dessas mercadorias conheceram excedentes que passaram a ser exportados em volumes crescentes, alterando a configuracao e as percentagens da participacao dos diversos produtos. Por exemplo, tabaco foi um produto que nos anos 50 contribuia com 30 a 40% do total exportado, essa participacao, hoje, apesar do aumento no volume, nao ultrapassa 10%, enquanto que os graos (em geral), no mesmo periodo, conheceram alteracoes de 12% para 48% (em media). (Figura 2)

A emergencia desta nova composicao de exportacao agricola, aliada ao processo de dependencia dos mercados externos ao qual a producao agricola americana esta, hoje, submetida, vulnerabiliza o setor agricola americano muito mais do que no passado: mercadorias como soja, milho e outros graos sao, hoje, utilizados como insumos na producao pecuaria, cuja demanda tende a ser muito mais sensivel as variacoes da renda dos consumidores do que a demanda por produtos utilizados para a alimentacao humana, como trigo e arroz.

Assim, a exportacao americana dos tempos

Figura 2

Mudancas na Composicao da Agricultura Americana de Exportacao Porcentagem de Participacao/Produtos



Fonte: USDA/ERS -Anuários Estatísticos
Vários Anos

atuais e mais suscetível as variações econômicas a que estão sujeitos os vários mercados absorvedores dos produtos agrícolas americanos.

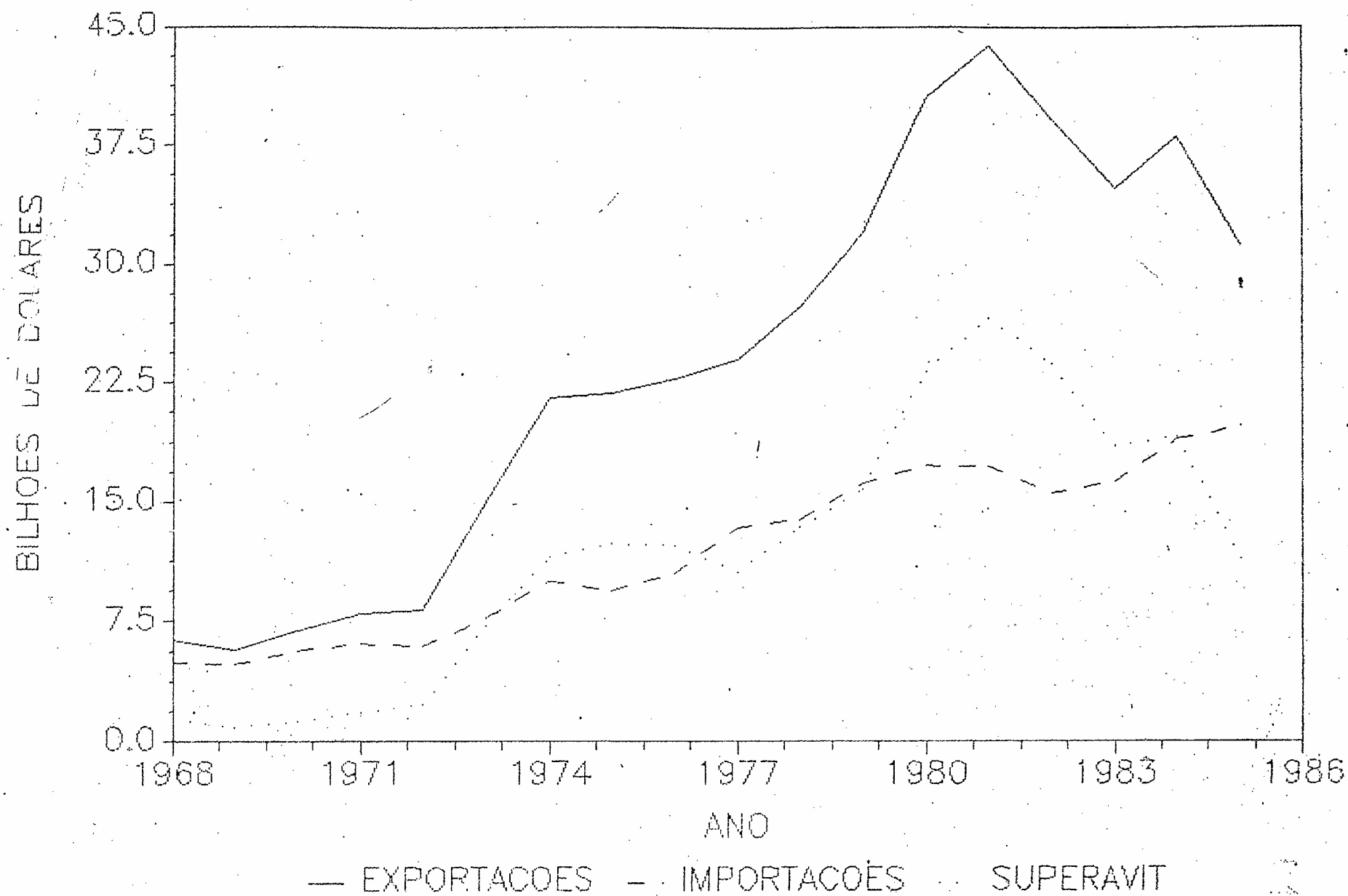
O DESEMPENHO DA AGRICULTURA DE EXPORTAÇÃO AMERICANA

O valor das exportações agrícolas americanas cresceu em mais de cinco vezes nos anos setenta, (Gráfico I) sendo absorvida, especialmente, pelos países em desenvolvimento, pelas economias centralmente planejadas, além, evidentemente, de Japão e Europa (mercados já tradicionais). Os países desenvolvidos responderam, em média para os últimos anos, por cerca de 50% das exportações, enquanto que os países em desenvolvimento absorveram um terço do total e as economias centralizadas o restante (Gráfico II).

Entre 1951-55, cerca de 8% do total da produção agrícola era exportada, enquanto que, em 1980, 24% (ou seja, um quarto do total produzido) foi destinado para mercados externos.

A área de cultivo de produtos agrícolas para exportação mais do que dobrou neste período, especialmente porque o consumo interno cresceu a passos mais lentos do que a demanda internacional, a demanda de importação dos vários países do mundo foi favorecida por altos crescimentos econômicos e por uma relativa disponibilidade de recursos, particularmente nos países em

EUA-EXPORTACOES/IMPORTACOES AGRICOLAS



Fontes: FATUS-USDA, varios volumes

desenvolvimento.

Os países desenvolvidos são os principais mercados para soja e grãos em geral, destinados especialmente para a alimentação dos rebanhos; enquanto que os países em desenvolvimento são excelentes mercados para produtos utilizados para a alimentação humana, como trigo e arroz.

Nos últimos cinco anos da década de 70, 56% do trigo produzido no país era exportado e 61% do arroz, especialmente, como dissemos, para os mercados em desenvolvimento e para muitas das economias do oriente.

Nesse mesmo período, 39% do tabaco e do algodão, 48% do milho e soja, 41% do sorgo produzidos no país foram exportados para os países desenvolvidos, especialmente.

Em 1981, a área de colheita cresceu para 367 milhões de acres, 61 milhões a mais do que dez anos antes, gerando 2 em cada 5 acres colhidos destinados para a exportação, comparados ao 1 em cada 5 em 1971.

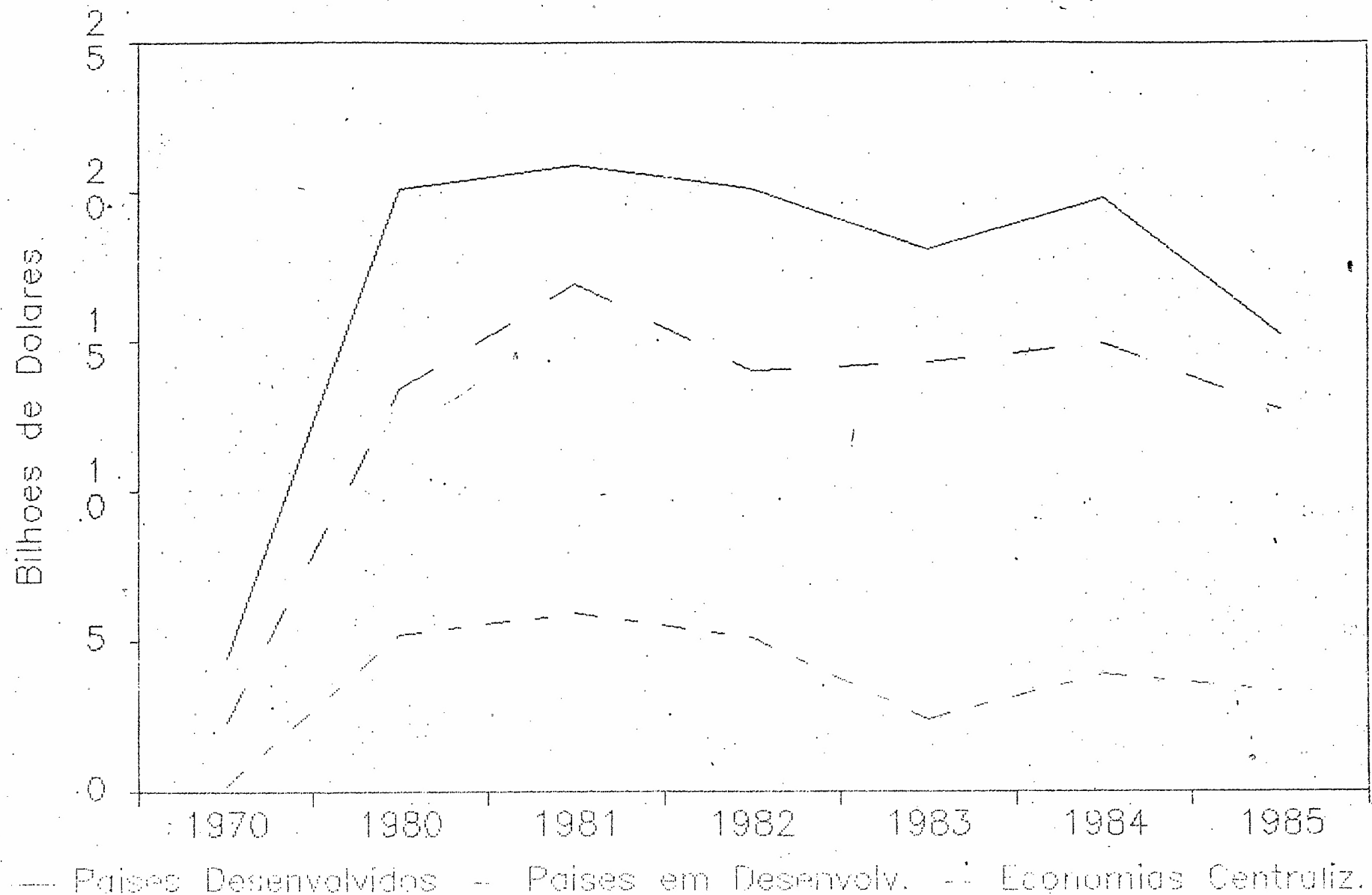
Do total colhido para exportação, no período 1971/1980, ou seja, 117 milhões de acres, 35% eram trigo e arroz, enquanto que os grãos (especialmente milho) responderam por 24% e as oleaginosas (especialmente soja) constituíram 29% do total.

A contribuição da exportação agrícola americana para o saldo da balança de pagamentos também cresceu de uma média de 1.6 bilhão de dólares entre 1961/70 para quase 26.6 bilhões no ano fiscal de 1981.

Aumentos na exportação, com percentagens

EUA—EXPORTACOES AGRICOLAS

(Por Categoria)



Fonte: FAPIS - USDA / ERS Varios anos

anuais positivas de cerca 17% em valor, ocorreram paralelamente a um aumento de 12% anuais na produção agrícola americana entre 1971 e 1981, conduzindo a um excedente de produção, cujo escoamento depende pesadamente dos mercados externos.

A exportação de trigo, soja e grãos¹³ representam um quinto do total de produtos exportados pelo país, e por sua vez compreendem um quinto do total agrícola exportado pelo mundo, fazendo dos EUA o maior exportador individual de produtos agrícolas.

Alem de grande exportador, os Estados Unidos são, também, importantes estocadores de produtos agrícolas. Calcula-se que um terço dos estoques de trigo e cerca de 60% dos estoques¹⁴ de grãos do mundo estejam, hoje, armazenados no país.

A CRISE DOS ANOS OITENTA

Nos anos recentes, especificamente a partir de 1981, em contraste com a década de 70 (Gráfico I), os valores exportados e as parcelas do mercado mundial vem apresentando declínios constantes, dando início a um processo que começa a ser entendido como uma crise.

Se o fenômeno da internacionalização da

¹³ termo "grãos" foi utilizado no trabalho para englobar os produtos: milho, sorgo, cevada, aveia - não estão incluídos trigo, soja ou arroz

agricultura americana, a partir dos anos setenta, e uma ocorrência bastante recente cuja evolução esta, ainda, sendo analisada, as explicações para uma crise que apenas começa a ser identificada acabam por ser parciais ou insuficientes para explicar a totalidade das diversas causas que interagem na determinação dos fatos.

Com base nessas afirmativas, apontaremos a seguir alguns dos principais fatores e de que forma eles vem afetando, individualmente, os resultados das negociações agrícolas realizadas pelos EUA.

A) TAXA DE CAMBIO: Segundo muitos dos estudiosos dos problemas agrícolas que envolvem a política agrícola americana, uma importantíssima parcela das causas da recente crise de exportação, esta associada as variabilidades de câmbio da moeda americana. Em uma simplificação apenas ilustrativa, diríamos que o processo ocorre da seguinte forma: o dolar forte provoca o aumento dos preços dos produtos americanos e, portanto, inibe a importação por parte dos países que tem moeda desvalorizada, fazendo com que esses países busquem mercados alternativos, com melhores preços. Ao contrario, dolar não valorizado significaria um aumento das exportações.

Dessa forma, a depreciação do dolar contra muitas das moedas estrangeiras no inicio dos anos 70, coincidindo com a expansão das exportações, e o

fortalecimento ocorrido nos anos oitenta, paralelamente ao declínio das exportações (Gráfico III), induziram muitos economistas e especialistas da área a associar a taxa de câmbio a eficiência do setor externo.

" The export boom of the 1970's is seen to be closely tied to the fall in the value of the dollar. The decline in our export performance is closely associated with the rise in the value of the dollar in the 1980's"¹

Alguns outros autores, contrargumentam as associações anteriormente feitas, alegando que tais assertivas são baseadas em simples comparações entre taxa de câmbio e exportação, sem o reconhecimento de outros importantes fatores.

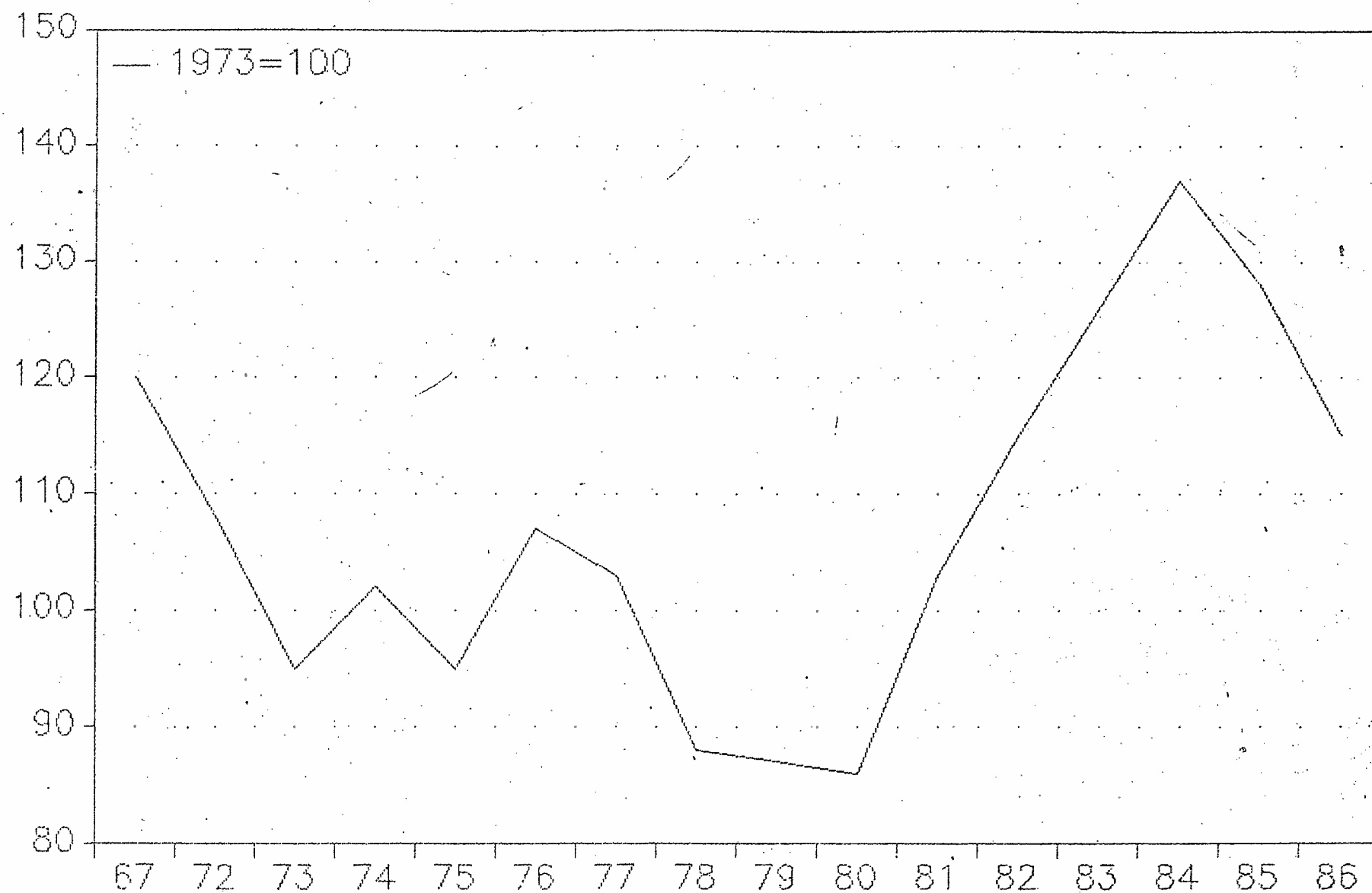
" The¹ problem with these statement is that such simple analyses generally are inadequate in establishing a cause-and-effect relationship between exchange rates and agricultural exports...a single two-variable comparison will not correctly identify the relationship between exchange rate movements and exports because factors other than exchange rate fluctuations influence exports flows"²

Existem, evidentemente, muitas observações que permeiam as explicações daqueles que procuram encontrar nas variações das taxas de câmbio, parte das razões para a queda das exportações americanas. Muitos dos críticos

Chuh, G. Edward " Future Directions for Food..."AJAE. Outras análises semelhantes podem ser encontradas em Chambers e Just (1982), Tweeten (1983), Hathaway (1983), Chatin e Lee (1983).
Gatten e Belongia "Is the Exchange Rate the Culprit?" (1984)

TAXA DE CAMBIO

Dólar em relação as moedas dos parceiros
principais (Trade-Weighted)



Fonte: US Department of Commerce, Survey
of Current Business, Federal Reserve
Ano Base: 1973=100

dessa teoria falham, também, quando procuram encontrar outras causas para a crise que não as flutuações da moeda. Por exemplo, os autores anteriormente citados, chegam a conclusão que o nível de atividade econômica dos países do mundo tem sido mais importante na determinação dos valores da agricultura americana do que as taxas de câmbio, enquanto que outros autores determinam diferentes causas para tais acontecimentos:

" Based on historical relationship established in the 1973-85 period, empirical results indicate that an exchange rate depreciation (appreciation) is not followed by an expansion (contraction) in wheat export volume until 1 1/2 years after the initial exchange rate change... Over the sample period, there is evidence that changes in the real value of target and support prices have been more important in accounting for changes in wheat exports level than have changes in the exchange rates... Likewise, exchange rates changes have been more important than foreign income levels in accounting for changes in wheat exports levels"¹

Diante de tão diferentes argumentações, procuraremos apontar, genericamente, quais são as observações possíveis de serem feitas, e que são relevantes para o trabalho em questão:

1) O dólar é depreciado ou depreciado

¹ "The value of the Dollar and Competitiveness of US Wheat Exports", Stephen L. Haley, Barry Krissof, pg. 3, 5, 14.

diferentemente nas varias nacoes do mundo. Genericamente, sao quatro os grupos de paises: (i) um numero reduzido de paises desenvolvidos (EUA, Japao, Inglaterra, Franca, Alemanha e alguns outros) que possuem moedas conversiveis (flutuantes ou administradas) (ii) virtualmente todos os paises em desenvolvimento cujas moedas espelham-se ("pegged") em uma ou uma media de moedas conversiveis (iii) os paises de economias centralizadas que, embora possuam precos domesticos diferentes dos internacionais, necessitam de moedas conversiveis para as negociacoes externas e (IV) alguns paises em desenvolvimento, que possuem moedas fortes, especialmente a OPEP.

Nesse estudo, o importante e avaliarmos essas variacoes ocorrendo em dois blocos de paises: os que importam e os que exportam (e que, portanto, sao concorrentes). Assim a principio teriamos: a) caso o dolar valorize-se apenas frente as moedas dos importadores, os efeitos genericos acabam por ser: menores indices de importacao, maiores estoques mundiais e, portanto, menores precos b) caso o dolar valorize-se nao apenas frente as moedas dos importadores, mas tambem frente as moedas dos concorrentes (como foi o recente caso desta decada), os concorrentes beneficiam-se, ja que seus produtos acabam por ser oferecidos a precos menores¹ e os Estados Unidos acabam por perder fatias de mercado, resultando em maior acumulacao

In this condition, the prices faced by producers in competing exporting nations rise compared to the US...and production abroad is discouraged"Paarlberg ("The US Competitive...Trade") 1984.

de estoques e, portanto, afetando o mercado internacional nos períodos futuros.

2) Essas observações são, a princípio, válidas e foram primeiramente consideradas por Schuh, no início da década de setenta, quando a internacionalização da agricultura americana apenas iniciava-se. Além disso, neste período houve a mudança de uma taxa de câmbio fixa (desde a Segunda Guerra - Breton-Woods), para uma complexa mistura de moedas "convertible and pegged", sob um sistema de taxa de câmbio administrada ou flexível. Outros fatores, hoje, estão também associados às mudanças que vêm ocorrendo. Como já dissemos, a crise da internacionalização americana está apenas começando a ser identificada pelos analistas e, portanto, muitas especulações têm sido feitas (e poucos avanços têm sido alcançados). É bastante tentador associar as causas desta crise às variações das taxas de câmbio, já que os dados mostram que o avanço das taxas coincide com a queda do volume de exportação. Para alguns países, no entanto, as importações aumentaram, nos anos oitenta, mesmo com o dólar fortalecido (Arábia Saudita, por exemplo). Outros, ainda, reagiram diferentemente: a Alemanha apresentou moeda desvalorizada tanto em 1981 quanto em 1982 e as exportações primeiro decresceram 17%, depois aumentaram 37%. O México, em 1982, também com moeda desvalorizada em 44.1%, e as importações caíram 33.6%. Em 1982, apesar da desvalorização de 40.2%, as exportações cresceram 21.8%.

Alem disso, caso tais indices fossem tao inversamente proporcionais, o acordo entre os paises industrializados, que acabou por provocar uma mudanca na tendencia crescente da taxa de cambio, em fevereiro de 1985, deveria ter provocado um aumento das exportacoes americanas. Os dados, no entanto, mostram que ate setembro de 1986 (e, portanto, mais de um ano depois) a exportacao americana continuava com tendencias decrescentes inalteradas.¹

Convem lembrar que o dolar americano, a partir de fevereiro de 1985, foi desvalorizado para varias moedas estrangeiras, com variacoes entre 6% a 40% para pelo o menos quatro importantes concorrentes (Argentina -42.6, Inglaterra -23.3, Franca -20.6 e Tailandia -5.8, em termos reais)², mas valorizou com relacao as moedas de outros paises, tambem concorrentes (Australia, +2.7, Africa do Sul, +26.1, Canada, +4.9 e Brasil, +16.1)³. Esses diferentes polos de variacoes acabam por levantar duvidas sobre as influencias das taxas de cambio nas exportacoes.

3) Ainda uma terceira abordagem da questao: embora rarissimas analises tenham sido feitas para os produtos em si, podemos apontar que as "commodities" possuem suscetibilidades diferentes quanto as variacoes das taxas de cambio:

¹ resultado das trocas (exp.-imp.) para os primeiros nove meses de 1986 totalizou 5 bilhoes de dolares, comparados com 10.4 bilhoes em 1985 fevereiro de 1985 a Dezembro do mesmo ano.
² para o mesmo periodo anterior

a) Arroz e Trigo¹ - A demanda por tais produtos é menos suscetível às variações nas taxas de câmbio, uma vez que: (i) a maioria dos países importadores destes grãos possuem políticas econômicas específicas², ou acordos com os países exportadores que, quase sempre, tendem a equilibrar os efeitos das variações internacionais para as taxas de câmbio. (ii) Muitos dos países importadores desses produtos fazem parte do bloco socialista e, portanto, as variações do dólar não têm influência significativa sobre as quantidades importadas (iii) Muitos dos programas de ajuda (como é o caso, por exemplo da PL 480, analisada posteriormente) determinam o nível de importação de muitos desses países (especialmente africanos).

Ainda que tais grãos apresentassem suscetibilidades às variações das taxas de câmbio, o dólar americano não se desvalorizou frente aos dólares canadense e australiano, dois dos grandes concorrentes (e, portanto, neste caso, por exemplo, o valor nominal do trigo canadense ou australiano estariam menos competitivos do que o trigo americano). A França, outro grande competidor, embora com moeda valorizada, costuma, por sua vez, subsidiar fortemente as exportações de trigo.

b) Grãos para Rações³ - Os grãos destinados à alimentação animal são mais suscetíveis às variações de preços do que os anteriores. Assim, altas taxas de

ou outros produtos destinados à alimentação humana, os chamados "foodgrains".

de muitas vezes incluem variações de câmbio administradas para grãos destinados à alimentação animal ("Feedgrains")

valorizacão do dólar podem resultar em menor demanda. O contrário, no entanto, nem sempre é verdadeiro. Analisando o caso americano recente: para os países do bloco socialista, como dissemos, as flutuações da taxa de câmbio exercem pouca (ou nenhuma) influência nas importações. A demanda dos países desenvolvidos tampouco aumentou com as recentes valorizações de suas moedas. (A grande exceção, sem dúvida, é o Japão, que importa praticamente todas as suas necessidades internas). A soja, um mercado especial neste grupo, é um produto cuja demanda é mais influenciada pelas flutuações nas taxas de câmbio. A maioria dos países não tem políticas especiais para o produto (sejam de apoio, sejam de barreiras), e preços menores podem significar maiores possibilidades do uso do produto, em substituição a outros menos proteicos. A Argentina, o maior competidor dos Estados Unidos para a soja, teve moeda valorizada no período (o que, teoricamente, favoreceria o mercado americano), para o segundo maior competidor - o Brasil, no entanto, o dólar não apresentou declínios nos últimos períodos.

Dessa forma, não devemos ignorar que, ainda que as taxas de câmbio tenham influências na determinação da demanda de exportação, outros fatores devem estar combinados, contribuindo para a ocorrência da pressão descendente nos volumes exportados pelos EUA.

MERCADOS - PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE - Nos anos setenta, muitos dos países em desenvolvimento eram incapazes

Países	1980	1981	1982	1983	1984	1985	85/84	50-85 % Crescimento	76-85
DESENVOLV.	105	108	110	108	113	113	0.0	1.8	1.4
América Latina	103	113	114	94	110	115	4.6	1.1	1.2
Canadá	103	113	119	114	110	113	3.7	1.1	0.0
Europa	91	92	94	94	100	102	2.0	0.6	-0.1
Am. Sul	106	120	107	92	101	108	6.9	1.1	0.5
África	96	104	95	116	112	111	-0.9	1.7	1.5
Am. Oc.	112	110	113	110	119	116	-0.5	1.9	0.0
DESENV.	107	112	114	117	121	125	3.3	2.9	3.7
América S									
Central	112	115	117	115	121	125	3.3	3.4	3.7
Ásia/SE	116	124	127	132	139	143	2.9	3.5	4.8
Ásia/Sul	102	110	108	123	123	124	0.8	6.6	1.1
Am. Norte	109	104	115	113	119	128	7.6	1.1	3.6
África	106	112	113	107	111	117	5.4	0.0	1.7
UNEJADOS	101	102	109	113	118	118	0.0	0.0	0.4
ERS	94	91	97	102	102	103	0.9	0.0	0.4
Am. Oc.	97	102	104	104	111	109	-1.8	0.0	1.1
China	118	123	135	145	154	153	-0.1	0.0	0.7
Mundial	105	107	111	110	117	118	0.9	1.4	1.1

Fonte: USDA/ERS-FAD Preliminar, 1986
1976-78 = 100

de manter uma produtividade com crescimento mais rápido do que o crescimento populacional. Para os anos oitenta, muitos desses países conseguiram melhorar o ritmo da produção (Tabelas 1) e, portanto, diminuir as necessidades de importação. Convém lembrar que, para muitos desses países essa afirmativa ainda não é verdadeira, a demanda por importação continua alta, embora comprometida (para a maioria deles) em função dos altos níveis de endividamento ocorridos anteriormente.

Muitos outros países - e a China e, sem dúvida, o primeiro exemplo - conseguiram excedentes em várias das suas produções e tem concorrido agressivamente no mercado internacional e, conseqüentemente, provocando perdas de fatias de mercado para os exportadores tradicionais.

Além disso, os países desenvolvidos tem apresentado produção com níveis crescentes, enquanto que a demanda (tanto interna, quanto externa) não tem crescido ao mesmo compasso.

A consequência deste aumento da produtividade e da competitividade acaba por provocar um aumento significativo nos estoques mundiais de muitos produtos agrícolas, resultando em queda do preço dos produtos e, evidentemente, acirramento na competição pelos mercados, quanto da tentativa de disposição desses excedentes.

DESEMPENHO ECONOMICO MUNDIAL - Condições favoráveis no mercado mundial, na década de setenta, contribuíram com uma

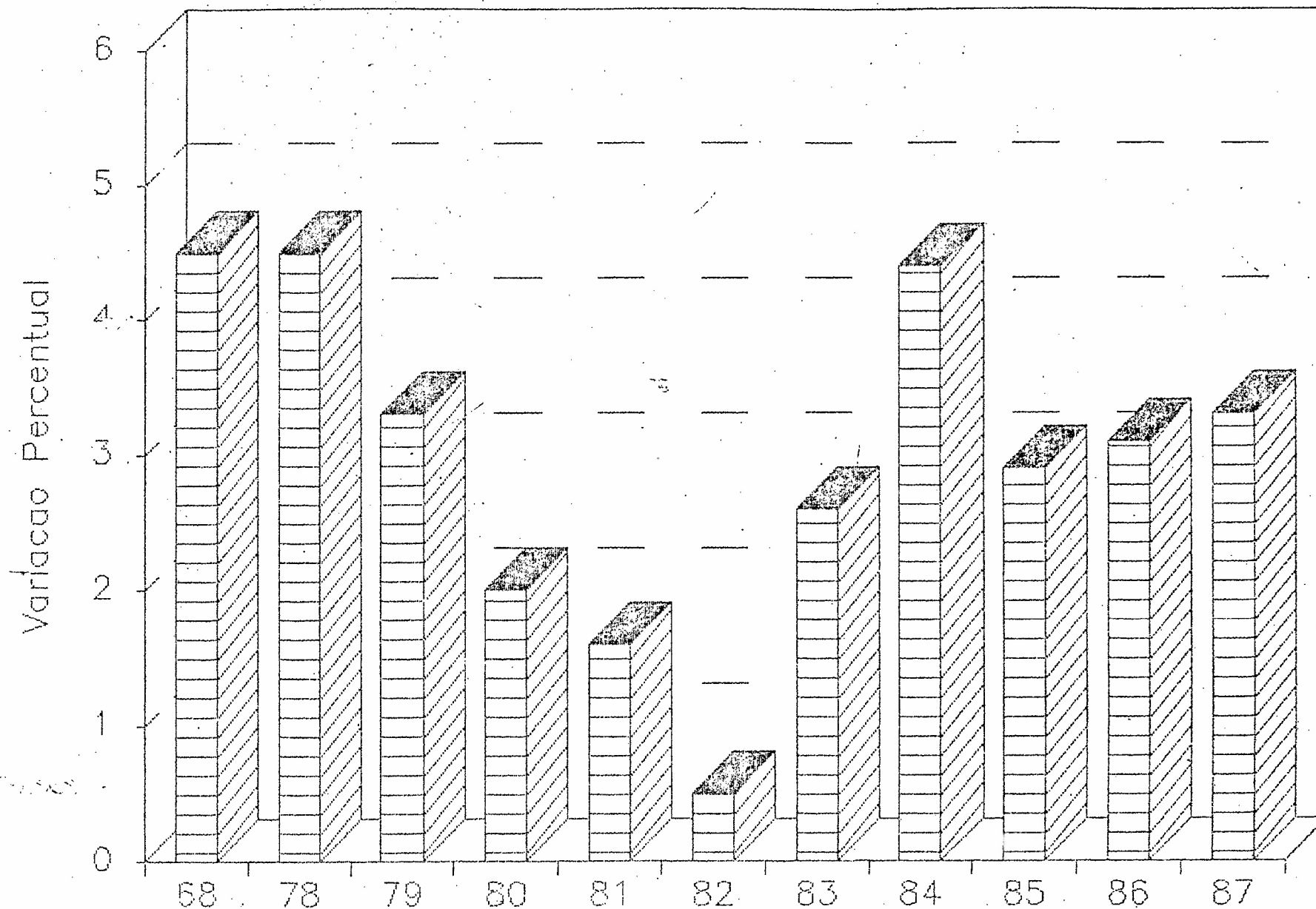
relevante participacao na rapida expansao das exportacoes agricolas americanas. Os paises em desenvolvimento e as economias centralizadas receberam, neste periodo, crescentes transferencias financeiras que permitiram altos crescimentos economicos no periodo (Grafico IV) e uma intensificacao crescente nas trocas internacionais (ate entao, muitos desses paises estavam levando a cabo politicas de substituicao de importacoes (decadas de 50 e 60), objetivando a industrializacao.

Na decada de 80, com a diminuicao do fluxo de capitais e a incapacidade (em alguns casos) de servir a propria divida acumulada anteriormente, muitos dos paises em desenvolvimento enfrentam capacidades reduzidas de importacao.

Os EUA, no final da decada de 70, enfrentavam altas taxas inflacionarias. Com o objetivo de e reduzir tais indices, o governo americano restringiu a oferta monetaria. Esse controle surtiu rapidos efeitos na reducao da inflacao, embora as expensas de aumentos nas taxas reais e nominais de juros. No inicio dos anos oitenta varias medidas foram utilizadas para restaurar o nivel de investimento, estimular a producao e reduzir o desemprego. Como resultado o deficit orcamentario americano expandiu-se exageradamente e a necessidade de emprestimos por parte do governo acabou forçando ainda mais o acrescimo nas taxas de juros, que por sua vez atraíram muitos dos investimentos estrangeiros para o

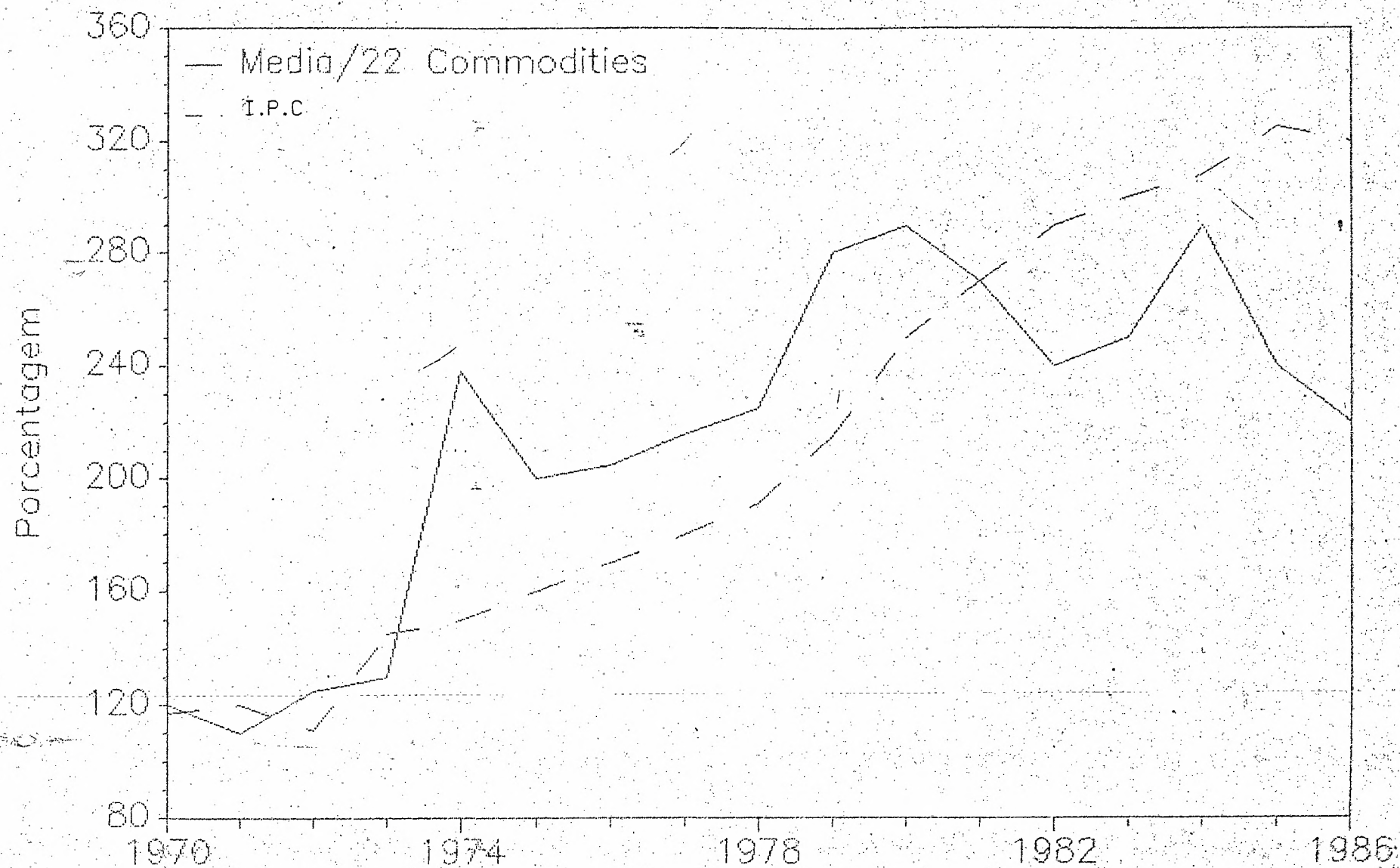
especialmente "tax cuts"

Crescimento Economico Mundial



68-77 (média) / 86 e 87 Estimativas
Fonte: World Economic Outlook, FMI, April
de 1988 - Washington, DC

Índice de Preços das Commodities e
Índices de Preços ao Consumidor
(1967=100)



Fonte: Consumer Research Bureau, 1986.
Yearbook

país, provocando, conseqüentemente, uma rápida apreciação do dólar.

Muitos dos países desenvolvidos enfrentaram altas taxas de inflação e desemprego e uma lenta recuperação econômica ¹, enquanto que os países em desenvolvimento, que haviam se endividado pesadamente a baixas taxas de juros, acabam enfrentando severas dificuldades financeiras.

Com a demanda restringida pela recessão e um aumento no resultado das produções agrícolas mundiais, uma forte competição pelos mercados contribuiu para o decréscimo dos preços internacionais das "commodities", enquanto que os produtos americanos continuaram estáveis ou ascendentes, reduzindo, assim, a capacidade americana de competir externamente. (Gráfico V).

MUDANÇA NO MODELO DE EXPORTAÇÃO - Durante os anos setenta ocorreu uma mudança na composição dos produtos americanos de exportação, com a emergência de soja e milho (e outros grãos destinados a alimentação animal) como líderes de venda, enquanto que os produtos tradicionais (trigo, algodão, tabaco, e outros) apresentaram níveis de crescimentos menos significativos). É importante apontar que a demanda pelos primeiros está intimamente ligada a demanda de produtos pecuários (e derivados), e que, o consumo destes, por sua vez, está relacionado com o nível de renda de cada país. O

compasso da melhora de alguns países desenvolvidos foi prejudicado pela evasão de capitais, devido aos juros americanos mais atraentes.

consumo de carne (e outros produtos animais) e muito mais sensível as variações de renda, enquanto que o mesmo não ocorre com os produtos destinados a alimentação humana (pelos mesmos motivos citados anteriormente, quando explicamos as taxas de câmbio). Isso induz a conclusões de que a nova composição da exportação americana e, hoje, muito mais suscetível as mudanças econômicas mundiais, do que foi no passado.

Alguns autores recordam , ainda, que existe, hoje, uma maior variedade na disponibilidade de produtos substitutos: isto e, aveia, cevada e outros produtos são excelentes substitutos para o milho, por exemplo, e podem ser utilizados conforme a determinação dos preços ou a disponibilidade da oferta. Além disso, diferentes usos têm sido descobertos (como e o caso de adocantes a base de milho, ou combustível a base de produtos agrícolas). Esses novos fatores também colaboram para as modificações nos desempenhos até aqui verificados.

POLITICAS AGRICOLAS - As políticas agrícolas americanas para a agricultura, como política de suporte de preços e rendas para os produtores vem, geralmente, determinando preços domésticos de produção acima dos preços mundiais. A maioria dos países desenvolvidos (como Europa e Japão) utilizam-se dos mesmos instrumentos. Alan J. Webb¹ recorda que tais políticas - que visam estabilizar os preços domésticos,

¹ outros em " World Agricultural Markets and US Policy" 1984.

desestabilizando o mercado mundial - são resultados de uma forma de se encarar o setor agrícola como "a sector with a high concentration of low-incomes families with limited employment alternatives...citizens of W.Europe and Japan emerged from WW II with vivid memories of food shortages and with strong desire to achieve national food self-sufficiency".¹

Os países não-desenvolvidos, ao contrário, geralmente determinam os seus preços internos abaixo dos níveis mundiais, mas também contribuem para uma certa desestabilização no mercado mundial. Isto é, os consumidores e produtores do setor não-agrícola são favorecidos pelos menores preços, mas o resultado acaba sendo um desencorajamento ao aumento da produção, um aumento das disparidades das rendas entre os setores urbano e rural, finalmente, um forte incentivo à migração. Esse movimento acaba por provocar uma diminuição na produção agrícola e, portanto, uma maior necessidade de importação desses produtos, contribuindo assim para o aumento dos preços internacionais.

Convém apontarmos que, nos Estados Unidos, como nos demais países desenvolvidos, as políticas também são de suporte, mas neste caso os preços mundiais e os preços internos andam paralelos (para cima ou para baixo) desde que os primeiros estejam acima da "loan rate"

¹op.cit.pg87

americana.¹ Isto é, os Estados Unidos agem como um "shock absorber" quando acumula estoques por parte do governo ou dos proprietários, produzindo estabilidade nos preços mundiais² já que a maioria dos outros países costumam trabalhar com estoques anuais somente.³

A experiência recente demonstra que utilizar-se do instrumento de acumulação de estoques, como forma de preservação da renda agrícola, acaba por provocar excessos no armazenamento desses estoques, especialmente quando as políticas agrícolas de suporte continuam incentivando a produção.

A resultante acaba por ser uma forte pressão descendente no preço das mercadorias, aumento nos custos de armazenamento desses produtos e a necessidade de utilização crescente de programas de redução de áreas destinadas ao cultivo.

Num segundo plano, ainda, a manutenção dos preços dos grãos a níveis altos, acaba por provocar um aumento de custos para a produção pecuária (forragens mais caras) e um consequente aumento na alimentação do consumidor final.

Do ponto de vista da exportação, a atual

durante todo o trabalho evitamos a tradução da palavra "loan rate", sendo que o sentido está muito mais ligado a preço mínimo do que a taxas de empréstimos, como poderia ficar sugerido. A forma como os preços internacionais ajustam-se as "loan rates" americanas não é exatamente clara. Mas há, segundo alguns autores, fortes evidências que muitas nações tem preço "pegged" a elas. Os chamados "working stocks", ou seja, os estoques utilizados apenas para o andamento normal dos negócios durante o ano da colheita, que é diferente para cada um dos produtos, no geral Set. Ago)

politica agricola/americana de "loan rates" relativamente altas, como veremos adiante, acaba por provocar uma reducao nas exportacoes, ja que quando os precos internacionais reduzem-se em direcao a elas, o governo americano age, retirando mercadorias (atraves de compras de excedentes) e mantendo o preco das mercadorias relativamente altos. Assim, alguns grupos¹ defendem, energicamente, a necessidade de um mercado mais livre, ja que tais programas, hoje, sao muito mais utilizados como um instrumento para se provocar um aumento nos precos do que como protecao de uma classe "menos privilegiada" e que o consumidor final acabaria por beneficiar-se com precos cujas variabilidades estivessem ligadas aos mecanismos de mercado. Alem disso, argumenta-se que as atuais politicas agricolas beneficiam produtores na proporcao do nivel de producao, isto e, os beneficios crescem na medida em que o tamanho da propriedade aumenta.

Muitas argumentacoes poderiam ser colocadas, a favor ou contra, estas analises.

1) as politicas agricolas nao abrangem, ou favorecem, todas as "commodities" - frutas e vegetais, castanhas² e outros, sao produtos que nao constam nas clausulas governamentais, ainda assim sao setores que tem apresentado relativa estabilidade, com tendencias crescentes.

2) Parece haver uma evidencia, embora

¹ Especialmente os analistas de Chicago e outras universidades coligadas. Castanhas foi a palavra utilizada para traduzir "nuts" e, na verdade, estao aqui includos amendoins, castanhas americanas, nozes, amendoas, etc...

controversa¹, de que a populacao agricola americana como um todo, nao e pobre. Os programas de governo vem permitindo que a media de ganhos (ainda que renda seja um conceito bastante dificil de ser medido) no setor agricola seja mantida artificialmente alta², ou pelos menos, teoricamente acima do que seriam, na ausencia dessas politicas (especialmente apos os anos setenta, quando manteve-se acima da media urbana³)

" Government programs appear to have increased the average income of commercial farmers above the level that would likely have prevailed in their absence....with the combination of public policy programs and many other influences over the past 20 years, the general level of current incomes of farm operators has compared favorably with that of non-farm families, especially since the seventies"⁴

3) As politicas agricolas do governo americano contribuem, enormemente para a reducao do exodo rural. Muitas discussoes foram levantadas quando da liberacao de dados⁵ sobre o numero de reducoes sobre fazendas existentes no pais - 33.000 em 1981, 31.000 em 1983. O

indices de pobreza no setor agricola americano e maior do que nos outros setores. Em 1982, 22,1% da populacao agricola foi considerada "in poverty", contra 14,8% do resto da populacao. Ver-se " Commodity Price and Income Support Policies in Perspective", James A. Langley e outros, onde sao analisadas as rendas do setor com e sem a utilizacao dessas politicas. A renda media agricola foi de 21.907 dolares em 1983, enquanto que a urbana esteve em 24.580. Este foi considerado um dos piores resultados desde sempre. Em anos anteriores a primeira manteve-se acima da segunda. cit.pg.159

laboratorio da Presidencia, em 1984

impacto da reducao dos numeros de propriedades das decadas anteriores foi, no entanto, bastante mais significativo para ilustrar 220.000 em 1951, 140.000 em 1956 e 138.000 em 1961. Nos ultimos cinquenta anos o numero de fazendas declinou de 6.4 milhoes para 2.4 milhoes, enquanto que a media de acres de uma fazenda subiu de 157 para 437 acres e a mao de obra empregada no meio rural decresceu de 26% do total da forza de trabalho para apenas 3.4%.

Tais estatisticas podem nos conduzir a interpretar uma concentracao de renda nas propriedades. No entanto, as mesmas estatisticas revelam que menos de 3% das fazendas americanas sao possuidas por corporacoes, e 1% das propriedades continuam (como nos anos quarenta ou cinquenta) com a posse de 30% do total das terras em cultivo. A maioria das fazendas, ou quase 90% sao operadas por familias, como unicos proprietarios. As grandes corporacoes respondem por cerca de quase 3% como dissemos, embora quase todas tenham vendas superiores a cem mil dolares anuais e produzem mais de um quinto do total agricola do pais. Essas fazendas sao, em geral, especializadas em pecuaria, frangos, frutas e vegetais. Assim, a maioria da producao de graos, que e afetada pelas politicas do governo, sao operadas por familias ("family operated farms").

4) Um estudo datado de 1984 e feito pelo "Senate Budget Committee" mostrou que a maioria dos programas

1933, os produtos agricolas respondiam por 35% do total exportado los EUA, e hoje e menos de 19%, embora na epoca 2 bilhoes eram co-rcializados contra 31 milhoes, em 1985.

agricolas de ajuda sao destinados para apenas 21% das fazendas, cobrindo 16.5% do total da area cultivada, e mais ainda, que as grandes fazendas pouca utilizacao faziam desses auxilios (O 1% que controla, como foi dito, 30% da area, recebeu apenas 7.5% dos "deficiency payments"¹ em 1963). Baseados neste estudo, podemos perceber que os programas de auxilio tendem, ainda, a ser destinados para pequenas propriedades, que provavelmente teriam maiores dificuldades de planejamento e alocao de recursos para a producao em um mercado com flutuacoes de preco.²

Assim, como podemos perceber, varios sao os fatores que podem estar afetando, hoje, o desempenho da agricultura de exportacao americana. Com base nas argumentacoes anteriores analisaremos, nos capitulos seguintes deste trabalho, os principais mercados e produtos de exportacao, e a conducao das politicas agricolas atuais. Isso permitir-nos-a observar com maiores detalhes quais sao os fatores que estao afetando a demanda de exportacao de cada um dos principais mercados e produtos e, de que forma as politicas agricolas podem estar influenciando as negociacoes externas americanas.

ja-se Capitulo IV

nvem lembrar que o "Farm Bill" do presidente Reagan procura descon-
derar os fazendeiros menos afortunados, um instrumento (discussivel
nao) de reducao para o problema de excedente na producao.

Capitulo II - Principais Mercados Importadores de Produtos Agricultivos Americanos

Os Estados Unidos destinam, anualmente, produtos agricolas para mais de uma centena de paises. No entanto, apenas 25 deles recebem mais de 80% do volume exportado.

Dos 25 paises, cerca de 10 sao considerados mercados bilionarios (Figura 3), ou seja, absorvem, individualmente, ao menos um bilhao de dolares anuais em produtos agricolas originados dos EUA.

Como podemos observar - a partir dos dados abaixo - tem havido uma tendencia decrescente nos valores importados em produtos agricolas dos Estados Unidos, para a maioria dos principais mercados e na quase totalidade dos anos oitenta.

Pais ¹	1985	1984	1983	1982	1981	1980
Vendas em Bilhoes de Dolares						
Japao	5.663	6.935	5.888	5.712	6.706	5.749
URR5	2.509	2.512	2.983	2.301	1.573	1.414
Países Baixos	1.927	2.226	2.765	3.252	3.171	3.440
Canada	1.727	1.936	1.870	1.845	2.022	1.750
Mexico	1.566	1.965	1.777	1.493	2.723	2.003
Coreia do Sul	1.400	1.816	1.713	1.607	2.136	1.618

Fonte: Anuarios Estatisticos do USDA, varios anos

Taiuan	1.342	1.409	1.237	1.166	1.105	1.109
Alemanha Oc.	.900	1.260	1.454	1.572	1.723	1.838
Espanha ¹	.825	1.231	1.038	1.663	1.123	1.435
Egito	766	881	910	803	1.003	774

EXPORT. TOTAL 31.156 38.026 34.769 39.095 43.780

40.481

OUTROS PAISES 12.561 15.855 15.134 17.681 20.945

19.351

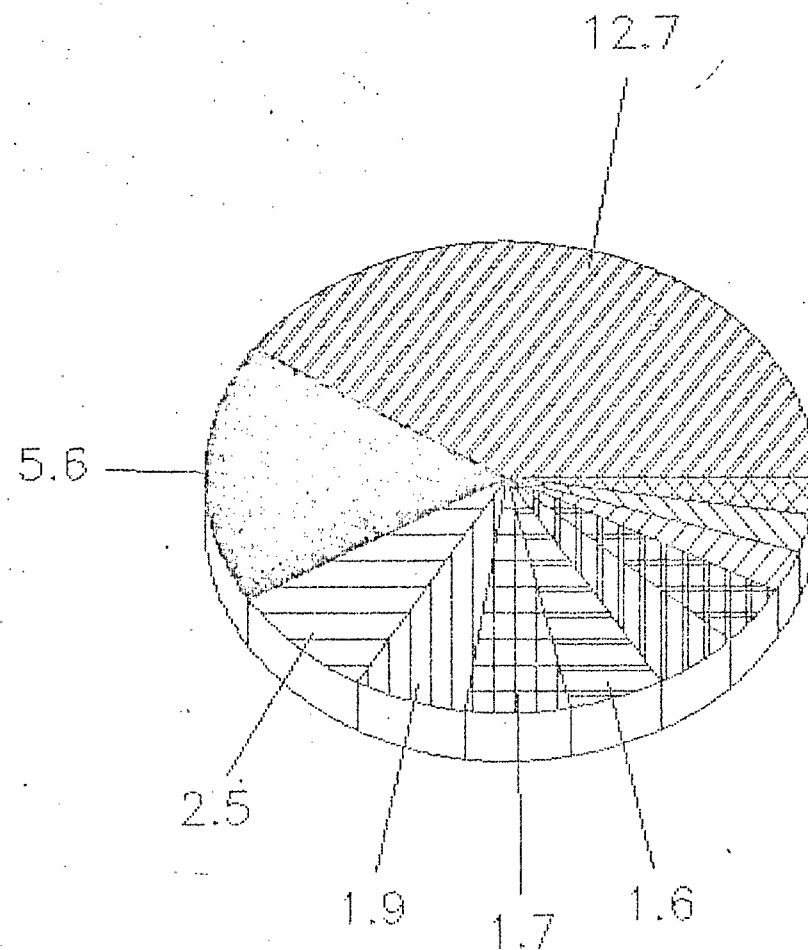
No capitulo anterior, apontamos uma tendencia decrescente nas exportacoes agricolas americanas, para os anos oitenta, que comeca a ser identificada como uma crise. Assim, para o periodo em questao, teriamos:

a) 1981 - O ano de 1981 notabiliza-se por ser o ano em que o valor da exportacao agricola americana atingiu o indice recorde de todos os tempos - 43.8 bilhoes de dolares, representando o ultimo, de doze anos consecutivos, em que os valores exportados vinham apresentando acrescimos. Ja neste ano, no entanto, comecam a aparecer os sintomas da crise que se cristalizaria nos anos seguintes: ou seja, apesar de ganhos de mais de tres bilhoes de dolares com relacao ao ano anterior, o volume exportado apresentou um declinio de 1% com relacao ao ano de 1980, a primeira queda

cluindo Ilhas Canarias
decimo lugar tem sido ocupado por Egito, nos ultimos tres anos. China
Italia ja estiveram (em anos anteriores) entre os dez melhores mer-
dos para os Estados Unidos.

DEZ MAIORES MERCADOS PARA OS PRODUTOS AGRICOLAS AMERICANOS EM 1986

Em bilhões de Dólares



- OUTROS
- JAPAO
- URRS
- HOLANDA
- CANADA
- MEXICO
- COREIA DO SUL
- TAIUÁN
- ALEMANHA
- ESPANHA
- EGITO

AQUISICAO DE MERCADORIAS AGRIC. AMERICANAS PELOS 10 MELHORES MERCADOS
P/O ANO DE 1985

Em bilhoes de dolares

PAIS	Milho	Soja	Anim	Hortic	Trigo	Algodao	Tabaco	Acucar
Japao	1,387	936	804	492	498	467	326	57
URRS	1,815	0	34	71	436	64	1	(1)
Holanda	88	681	59	68	50	1	49	21
Canada	35	32	229	676	5	64	5	35
Mexico	186	279	374	43	1	(1)	(1)	24
Coreia	182	166	310	17	276	404	4	10
Taiuan	410	341	156	38	96	148	62	10
Alemanha	13	157	72	166	2	74	219	26
Espanha	281	249	43	21	(1)	38	129	6
Egito	171	0	108	4	230	52	75	9
TOTAL	4,516	2,841	2,189	1,596	1,594	1,312	870	198

Fonte: Foreign Agriculture , Marco 1986

(1) Quantidades inferiores a meio milhao de dolares

verificada desde 1977¹. Já em 1981, tres dos dez melhores mercados compraram menores valores de mercadorias. (Países Baixos, -6%, Al.Ocidental, -6%, Italia, -4%).

b) 1982 - E neste ano que começa a se caracterizar a tendencia decrescente dos valores e volumes exportados pelos Estados Unidos, com uma queda de valores de 11% (ou seja 39.1 bilhões de dolares) e de 3% (para 158.1 bilhões) em volume com relacao a 1981. Os valores, neste ano, foram menores para seis dos dez mercados principais

c) 1983 - Mais uma vez a perda em valores registrada para 1982 foi de 11% no total exportado - uma queda para 34.8 bilhões de dolares. As maiores perdas foram verificadas para os países socialistas e para os países desenvolvidos e dos dez maiores mercados, mais uma vez seis deles apresentaram decrescimos (A URSS e a Espanha apresentaram decrescimos bastante agudos no periodo - 58% e 35% respectivamente. Os acrescimos, no entanto, foram significativamente menores - Japao 3%, Coreia 7%, etc. O unico aumento significativo ficou por conta do Mexico - 19% positivos).

d) 1984 - Em 1984, ocorre uma " aparente" recuperacao relativamente aos valores exportados - 9% de aumento com relacao ao periodo anterior. Os volumes exportados foram, no entanto, menores 1% com relacao a 1983, representando o quint^o ano consecutivo de queda nos volumes exportados. As razoes para a "aparente recuperacao" ligam-se

¹ 1977, relativamente a 1976, houve um declinio de 2% do volume expor-

alta valorizacão do dólar no período (frente a muitas moedas estrangeiras) que encareceram a mercadoria americana¹ e causaram certa distorção na avaliação dos resultados. Além disso, os países socialistas adquiriram 67% mais mercadorias em 1984, relativamente a 1983. Somente a URSS adquiriu 136% mais produtos neste ano - de 983 milhões de dólares em 1983 para 2.512 bilhões em 1984. Neste ano, três dos 10 melhores mercados apresentaram decréscimos com relação ao ano anterior (Países Baixos, -21%, Al. Ocidental, -13 e Egito, -5).

e) 1985 - Neste ano, os volumes exportados foram menores 12% com relação a 1984 (ou seja, 125.8 milhões de toneladas, o menor volume desde 1977) e os valores totalizaram apenas 31.2 bilhões de dólares (uma queda de 18%). Todos os dez mercados apresentaram resultados negativos de crescimento no período, além disso grande perda foi verificada no mercado chinês, que importou dois terços a menos de mercadorias com relação a 1984.

Esses são, portanto, os resultados do desempenho da agricultura americana de exportação no que se refere aos mais importantes mercados absorvedores dessas mercadorias. Para que possamos compreender as diferentes razões da inibição da demanda por produtos agrícolas dos EUA,

¹ seja, em uma simplificação bastante linear teríamos que os mesmos volumes adquiridos em 1983, foram adquiridos no ano seguinte a preços maiores, na proporção da desvalorização de cada moeda.

e necessario que avaliemos o comportamento de alguns desses paises , isoladamente ou por regioa (como preferimos fazer em alguns casos em que se fez necessario compreendermos o contexto economico e ate social de alguns mercados).

Dessa forma, ampliamos as possibilidades de entendermos o quadro atual das comercializacoes agricolas internacionais em geral, e americana em particular, e quais sao algumas outras possiveis razoes para a diminuicao da intensificacao das trocas agricolas verificadas na decada anterior.

As areas ou paises analisados foram escolhidos segundo a importancia de mercado para os Estados Unidos. Alguns agrupamentos foram possiveis dada a similaridade dos problemas enfrentados atualmente, ou ainda, dadas razoes semelhantes para o declinio da demanda de importacoes: paises em desenvolvimento, Comunidades Europeia, Canada, URSS e alguns paises do Pacifico.

A) PAISES EM DESENVOLVIMENTO

Grande parte das nações não-industrializadas está, hoje, pesadamente endividada, o que compromete e modifica suas capacidades de importação. (Figura 4).

A dívida total de tais países, em 1985, atingiu o nível de 943.1 bilhões de dólares, o que representa quase 850 bilhões a mais do que em 1972, quando o valor total da dívida girava em torno de 91 bilhões de dólares. (Graf. VI)

Caso tais países continuassem emprestando aos mesmos níveis do período 72-82, segundo cálculos do International Economics Division do USDA (United States Department of Agriculture), o endividamento atingiria 2.9 trilhões de dólares, no ano de 1987, o que representaria um aumento total da dívida de 500%.

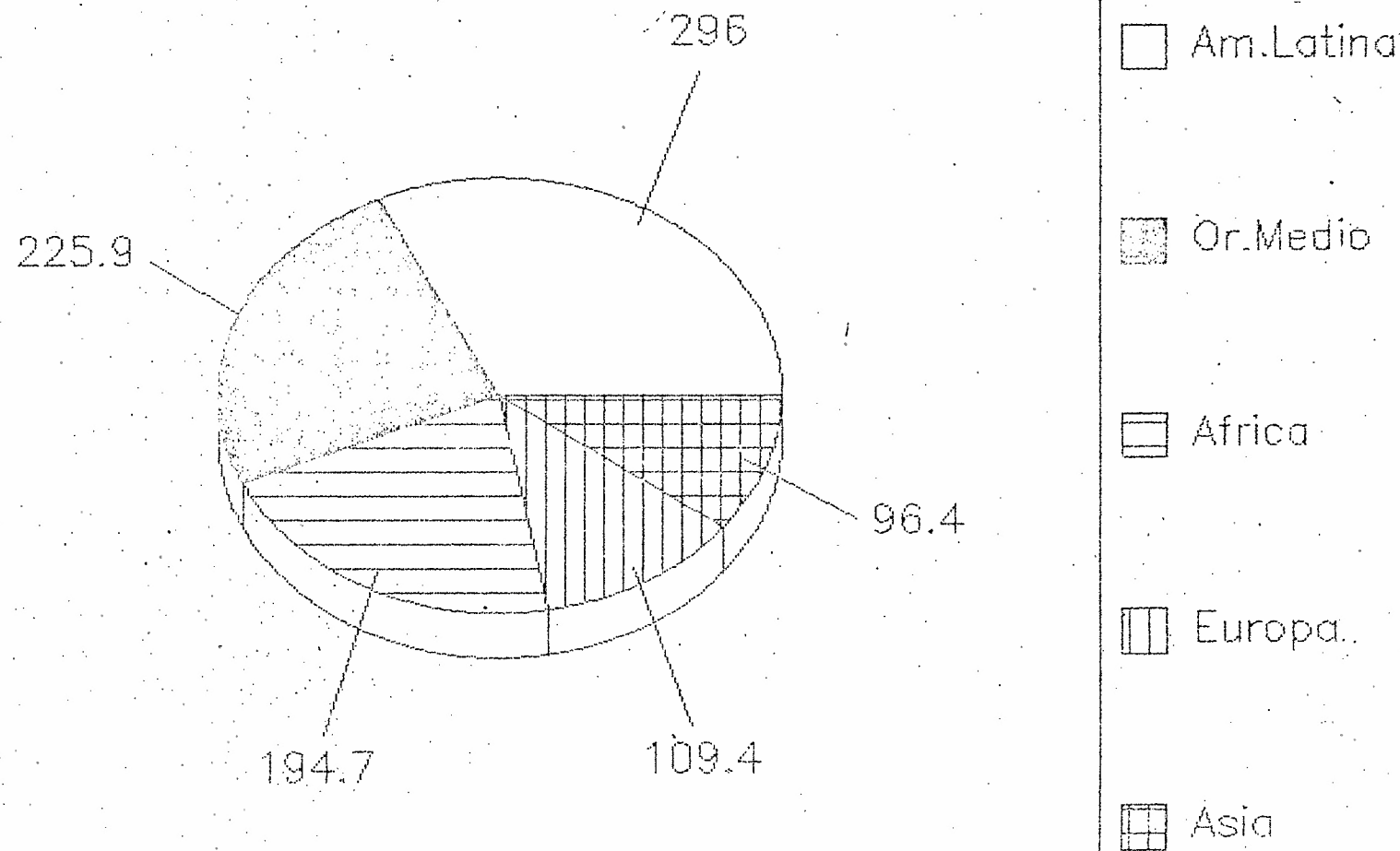
A atual crise da dívida mundial deve suas origens às chamadas "crises do petróleo". A primeira delas, na década de 70, trouxe a um grande número de países sérios desequilíbrios aos balanços de pagamentos.

A quadruplicação dos preços do petróleo pela OPEC, no período 73-74, modificou substancialmente a dinâmica do sistema financeiro internacional. Os países desenvolvidos, acomodando a crise, reciclam os depósitos em petrodólares, iniciando um massivo fluxo de empréstimos aos países em desenvolvimento, especialmente os do tipo

Figura 4

Endividamento Externo dos Países em Desenvolvimento

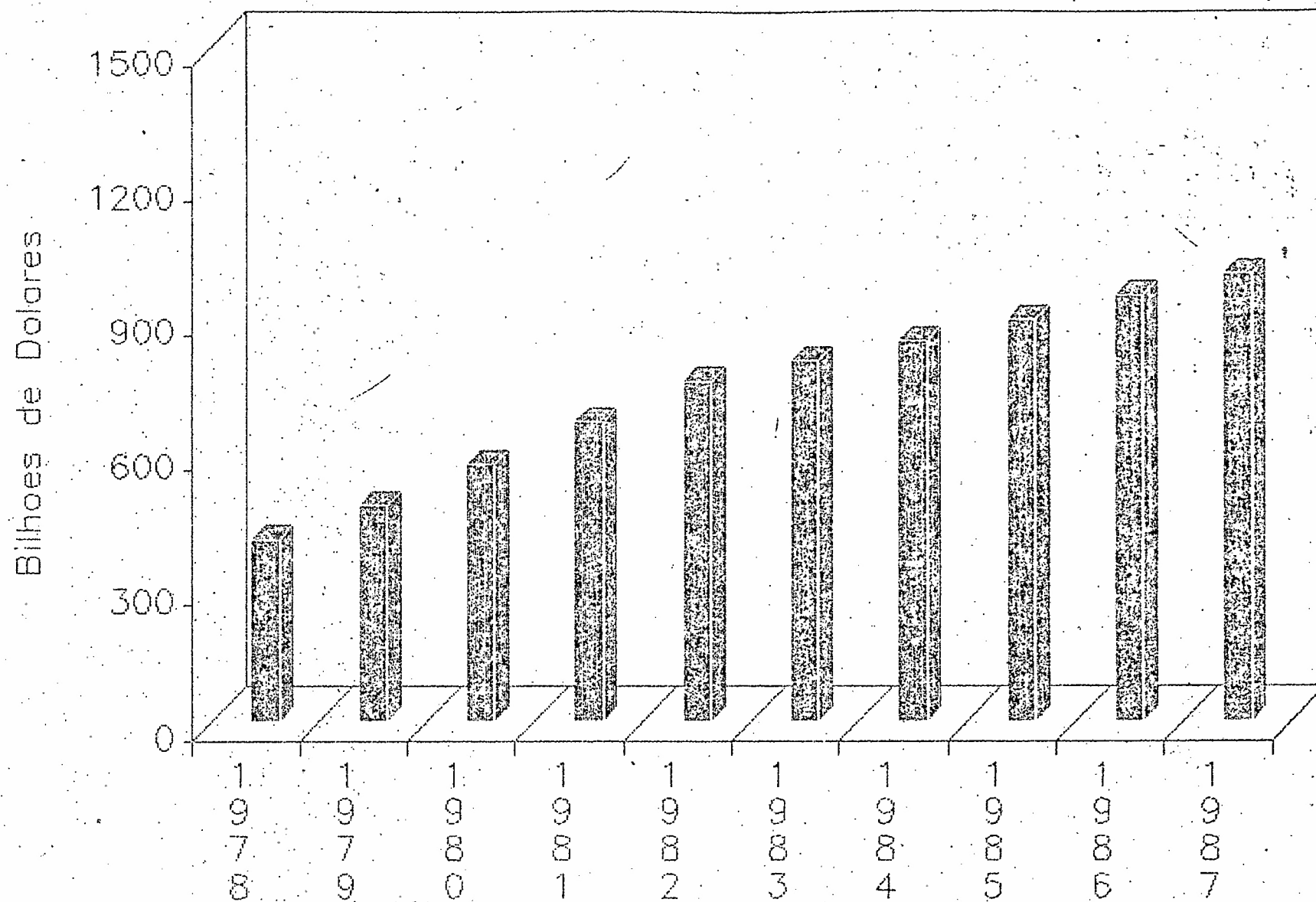
Por Região



Fonte: World Economic Outlook
International Monetary Fund, Ab.1986

Dados para 1985- bilhões de dolares

Divida Externa dos Países em Desenvolvimento



Fonte: World Economic Outlook
International Monetary Fund - Abril/88
87-Estimado

"middle-income oil-importing", devido as altas expectativas de retorno de investimentos.

A mudança no fluxo de pagamentos, combinada com políticas expansionistas dentro das nações da OECD, geraram uma liquidez que não era anteriormente disponível no sistema financeiro internacional. A mudança para um sistema de taxa de câmbio flutuante para a maioria das moedas, veio reforçar o aumento da liquidez do sistema financeiro internacional, já que reduziu-se a demanda de moedas para efeito de estabilização da taxa cambial pelos bancos centrais. Os níveis de endividamento anteriores eram suficientemente baixos, a ponto de não acarretar um dispendio excessivo com o serviço da dívida. Além disso, a disponibilidade de capital internacional contribuiu para que se verificassem ciclos expansionistas na economia mundial, ainda que os altos preços do petróleo tivessem provocado um dispendio maior com energia.

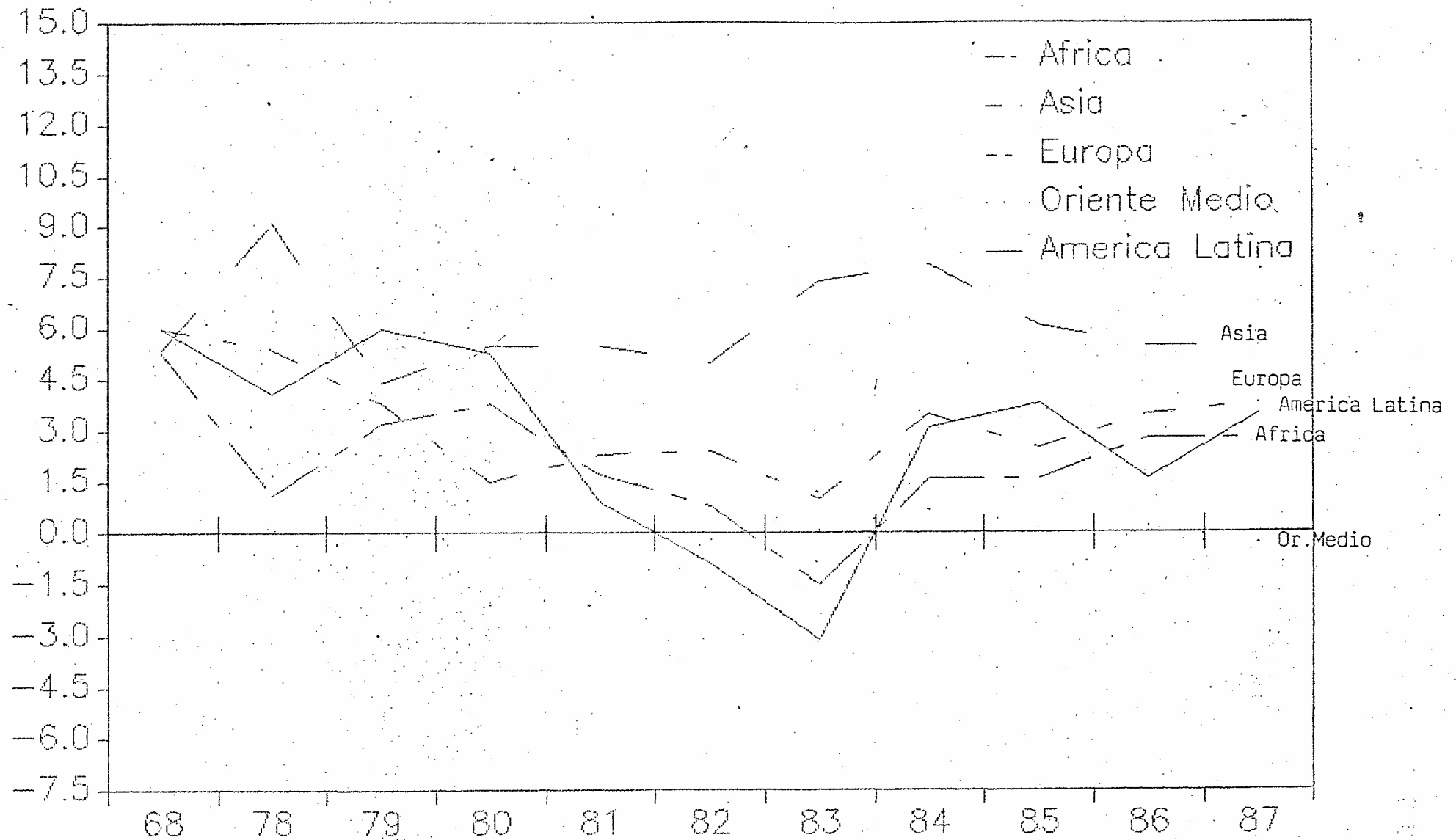
A primeira crise do petróleo lança, assim, os países não-desenvolvidos a um endividamento sem precedentes, já que a resultante foi uma escalada de cerca de 20% ao ano na dívida mundial, durante o período.

A segunda crise, de 79-80, dá início a recessão mundial, já que a resposta do mundo financeiro a ela foi paradoxalmente diferente da primeira: os programas de empréstimos diluem-se e o crescimento dos países não industrializados é desacelerado. (Gráfico VI-I)

A elevação dos preços do petróleo, no

Crescimento Económico dos Países em Desenvolvimento

Por Região



68-77 (Medio) / 86/87 Estimativas
Fonte: World Economic Outlook FMI, Abril
de 1986 - Washington, DC

período de 73-74, deu início a um processo inflacionário mundial levando os países industrializados a combatê-lo com medidas contracionistas tradicionais : desaquecer o crescimento monetário e portanto, o crescimento econômico mundial. Como resultado, no final da década, verifica-se um crescimento das taxas de juros reais, o que acaba por provocar um acréscimo insustentável nas já altas dívidas dos países em desenvolvimento.

Caso tal constrição financeira não houvesse ocorrido, e os países do terceiro mundo continuassem tomando empréstado livremente para financiar importações, concluir projetos de longo prazo e servir a dívida, o crescimento dessas nações teria girado em torno de 6% a.a., e as exportações agrícolas americanas teriam crescido, a grosso modo, a 8.7%, segundo as tendências históricas.

Mas os fatos são, evidentemente, diferentes. Em 1983 a resultante das transferências para os países em desenvolvimento foi estimada num valor negativo de 11 bilhões de dólares, os 110 bilhões de superávit da OPEP em 1980, transformaram-se em 2 bilhões de déficit em 1984; e o déficit de conta corrente combinado dos 33 países mais endividados do terceiro mundo (os chamados "basket cases") caiu de 74 bilhões em 1982 para 6 bilhões de dólares em 1984. Calcula-se que o serviço da dívida, nestes países, consome em média 29% dos ganhos com exportação.

Assim, muitos países tiveram que utilizar-se de severos cortes nas quotas de importação, para

fazer frente a esse crescimento nos pagamentos das dívidas (especialmente na década de 80). Para os Estados Unidos, as trocas dos produtos agrícolas vem mostrando quedas tanto em valor absoluto (de dólar) como porcentagem do total de importação dos produtos dos países em desenvolvimento.

Além disso, a fatia de mercado americano, como porcentagem de todas as exportações agrícolas para o terceiro mundo, apresentou queda de 28% para 25,5% no período 83-84.

Dezoito dos países endividados (Tabela 2 e Gráfico VIII) estão entre os melhores mercados para os produtos americanos, especialmente agrícolas, e, supostamente 40% das suas obrigações são privadas e de curto prazo e, assim, suscetíveis a reescalonamento.

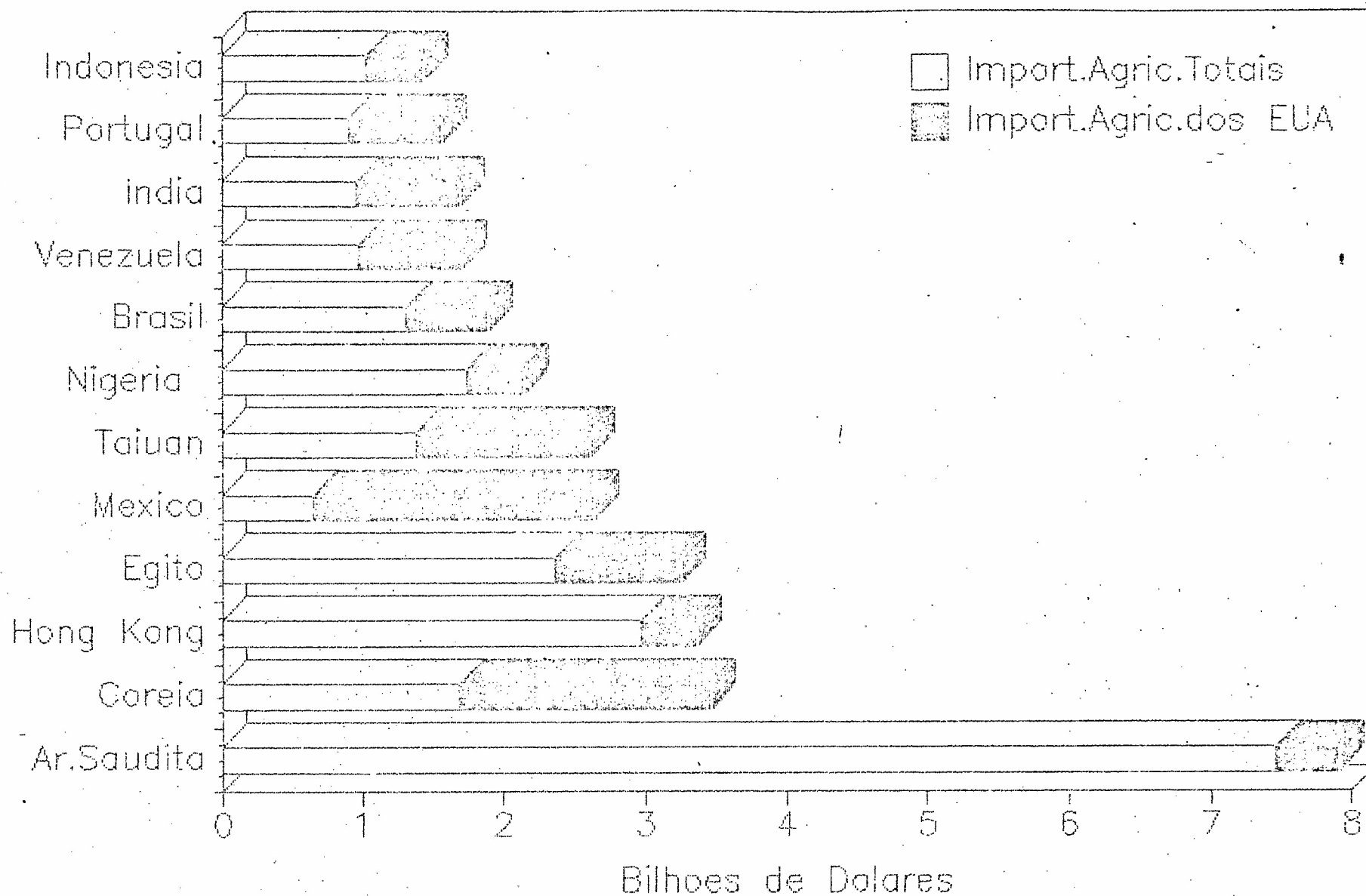
Em 1985, dois quintos da exportação agrícola total norte-americana (ou seja, 11.986 bilhões¹) foi destinada para as nações do terceiro mundo, num consumo que quase superou a parcela Japão e Europa Ocidental juntos (12.346 bilhões) e, cerca de 20% da área cultivada nos EUA tem produção voltada para os países em desenvolvimento.

Tanto os países produtores de petróleo - que tiveram altas rendas no período das crises, como os países importadores, como é o caso da Coreia, Taiwan, Hong Kong e Brasil, tiveram um forte impacto na absorção dos produtos agrícolas americanos, desde 1970. A recessão de

¹ Os últimos dez anos as exportações agrícolas americanas para tais países cresceram de 2.2 bilhões em 1970, para os 12 bilhões anteriormente citados.

MELHORES MERCADOS EM DESENVOLVIMENTO

Importações Agrícolas-Totais/Americanas



Imp.Agric.Totais não incluem EUA
 Fonte: FAO Trade Yearbook 1984 e FATUS,
 Média para 1980/81

Tabela 2

MELHORES MERCADOS EM DESENVOLVIMENTO PARA OS PRODUTOS
RICOLAS AMERICANOS - EXPORTAÇÕES 17

	1981	1982	1983	1984	1985
	Em milhões	de	dólares		
ERIA(4)(6)(7)	490	523	520	344	366
ONÉSIA(4)(5)(7)	314	409	410	438	204
EIA(3)(5)(7)	2108	1606	1712	1816	1399
IPINAS(3)(6)(7)	315	310	379	300	284
SIL(3)(5)(6)(7)	843	576	399	437	537
LE(3)(5)(6)(7)	339	246	217	199	78
OMBIA(3)(7)	201	273	243	219	237
DOMINICANA(3)(5)(6)(7)	215	157	162	175	167
ICD(4)(5)(6)(7)	2723	1493	1777	1965	1566
U(4)(7)	388	279	293	226	106
EZUELA(4)(5)(7)	878	746	617	773	721
ELIA(4)(5)(7)	265	205	203	162	321
TO(4)(5)(7)	489	513	913	881	766
IA(2)(5)(6)(7)	190	245	762	775	129
CIA(3)(7)	211	204	182	82	104
AEI(3)(5)(7)	365	324	293	351	300
TUGAL(3)(7)	749	580	638	701	502
USLAVIA(3)(5)(6)(7)	187	178	182	179	135

As tabuass do Banco Mundial utilizam-se das seguintes
ssificacões para os 93 países do mundo em desenvolvimento,
siderados para efeito de análises: (1) "Low Income Africa",
"Low Income Asia", (3) "Middle Income Oil Importer", (4)
die Income Oil Exporter", (5) Major Borrowers", (6) "Debt
ect", (7) "Major Markets".
IE: Diversas Publicacões do Banco Mundial, no tocante as
ssificacões: Foreign Agricultural Trade of The United
tes (anos 1982, 1983, 1985)

81-83, trouxe uma interrupção brusca na intensificação das trocas, especialmente com uma contração marcante nas compras e um significativo aumento nas vendas.

A década de 80 vem, no entanto, encontrar alguns países preocupados com objetivos diferentes daquele da década passada: a busca da auto-suficiência na produção agrícola e a busca do excedente para a exportação. A Índia e o Paquistão estão, hoje, exportando trigo. Em outros países a produção interna desses produtos vem se incrementando graças à adesão de novas tecnologias, incentivos e subsídios governamentais e, claro, pela pressão dos altos endividamentos.

Convém salientar que a produção per capita nestes países decresceu (em geral) e os acréscimos na produção não foram capazes de fazer frente aos aumentos populacionais. Além disso, a importação de determinados produtos continua sendo efetuada em larga escala, devido a problemas de aclimatização. A Indonésia, Nigéria e as Filipinas têm plantações bem estabelecidas de trigo, mas não conseguem produzi-lo em larga escala. Assim, grande parte das suas necessidades internas, são - e serão - supridas por importação.

Em pelo o menos 50 países em desenvolvimento verifica-se um déficit no suprimento alimentar em relação ao consumo interno e produção. E nestes países, a população gira, hoje, em torno de 750 milhões de pessoas.

A crise alimentar esta especialmente situada na Africa. Calcula-se que em 1982, em alguns paises africanos as importacoes agricolas atingiram cerca de 30% do total das importacoes. A porcentagem dos ganhos com exportacao consumidas para fazer frente as importacoes totais foi de cerca de 60 %, comprometendo, assim, a aquisicao de itens essenciais para o desenvolvimento economico.

A maioria desses paises continuam a praticar um cultivo tradicional de rotatividade da terra, mas as pressoes populacionais tem aumentado e, assim, as terras alqueivadas tem tido menos tempo para recuperar a fertilidade natural. Ha, assim, necessidade fremente de modernizacao nos metodos agricolas para melhorar a qualidade e variedade das sementes, mas poucos sao os paises que tem conseguido romper as barreiras do conservadorismo de governo e fazendeiros. Observa-se que em muitos paises da Africa, com independencia recente, vem-se tentando seguir modelos de desenvolvimento em voga, tal como planejamento centralizado ou industrializacao acelerada, com resultados desastrosos.

Kenia e Etiopia sao nacoes vizinhas, com bom potencial em recursos agricolas, que seguiram diferentes condutas de politicas agricolas com diferentes resultados. A primeira delas dividiu as grandes propriedades para pequenos proprietarios, utilizando-se de precos de incentivo e programas de extensao e pesquisa, obtendo um acrescimo de produtividade de 37% entre 1971 e 1982.

A Etiopia desmantelou o regime de

parceria e manteve baixos, os preços para os fazendeiros. O único investimento tem sido em fazendas enormes, coletivas, que produzem apenas 6% do total agrícola e consomem 90% do capital para o setor.

Em outros países como Tanzânia, Moçambique e Gana tem se levado a cabo políticas agrícolas igualmente mal-sucedidas que acabam por deixar a produção muito aquém das necessidades de consumo.

Assim, esses mercados continuam apresentando uma grande capacidade de importação para os produtos agrícolas mundiais.

Para os Estados Unidos, muitos desses mercados são bilionários. Em 1985, a África do Norte adquiriu 1.2 bilhões de dólares em produtos agrícolas. A região chamada "Sub-Sahara África" foi também um comprador bilionário: 1.32 bilhão de dólares, em 1984, uma elevação de 30% com relação a 1983, e o mesmo nível do ano fiscal de 1982 e de 1985.

O Leste e Sudeste Asiático, como resultado de programas de austeridade, conseguiram manter o nível de importação para o período de 84 similar ao de 1983. Ainda assim, o valor total subiu cerca de 10%, um ganho de 5 bilhões de dólares para os EUA. Em 1985, foi registrada uma queda nas vendas, de quase 1 bilhão de dólares, para estes países: de 3.441 bilhões para 2.638.¹

A Ásia do Sul adquiriu em 1984, 866

tão excluídos destes resultados para o Sudeste e Leste Asiático: o Japão, e as duas Chinas (Continental e Taiwan).

milhoes de dolares de produtos agricolas americanos, significando dois tercos do total em dolares adquiridos em 83, perdendo ainda mais em 1985, quando o total nao ultrapassa os 600 milhoes e dolares. Isso se deveu especialmente, a queda de venda de trigo para a India e Bangladesh e uma queda de venda de oleo de soja para a regioao.

Um aumento em valores foi verificado tambem para a America Latina, embora a quantidade tenha sido inferior; especialmente devido a valorizacao do dolar. O Mexico importou mais trigo, mas reduziu o volume da maioria das outras mercadorias.

Em 1985, os dez mais importantes mercados em desenvolvimento (isoladamente) para os produtos agricolas americanos: Mexico (1.566 bilhao de dolares), Coreia (1.399 b), Taiwan (1341 b), Egito (766 mil), Venezuela(721 mil), Brasil (557 mil), Hong Kong (396 mil), Arabia Saudita (381 m), Iraque (371 m) e Nigeria (366mil)¹.

Os Estados Unidos tambem sao um forte mercado absorvedor das importacoes agricolas dos paises em desenvolvimento. Em media dois tercos das importacoes agricolas americanas originam-se nesses mercados.

Desde 1970, tais importacoes conheceram indices de crescimento de seis vezes, de 1.9 bilhoes para 9.5 bilhoes no ano fiscal de 1983, 11.187 bilhoes em 1984 e

1984: Mexico(1567 b), Coreia(1816b), Taiwan (1406 b), Egito 45 mil), Venezuela(776 m), A.Saudita(497 m), Brasil(437 m), Indonesia(435 m), Iraque(422 m) e Hong Kong(407 m).

11.475 bilhões em 1985.

Deste total, em 1985, 7.524 bilhões provinham da América Latina, assim distribuídos: México (1.289 b), Am Central (1.345), região do Caribe (.495 b), Am. do Sul (4394), dos quais o Brasil participou com 2.420 b).

O Brasil é, hoje, o maior exportador de produtos agrícolas para os Estados Unidos, considerado individualmente. A seguir, o Canadá com 1.907 bilhões de dólares em 1985 e México com 1.289 b, no mesmo período. Todos os outros fornecedores de produtos de agricultura são mercados inferiores ao bilhão de dólares.

O que se tem verificado, portanto, é que a porcentagem de importação agrícola do total de importações vem seguindo uma tendência decrescente nos 93 países não-desenvolvidos, que fazem parte das análises do Banco Mundial. Exceção é feita para alguns países de baixa renda da África. Uma vez que estes países juntos, são responsáveis pela absorção de um terço da produção de exportação agrícola norte americana, a recuperação econômica desses países é altamente significativa para a performance da produção agrícola americana.

B) COMUNIDADE EUROPEIA

A Comunidade Europeia é hoje uma instituição com 12 países membros. Iniciou-se em 1957 com Alemanha Ocidental, França, Itália, Holanda, Bélgica e Luxemburgo, contando, posteriormente com a admissão de Inglaterra, Irlanda e Dinamarca em 1973 e Grécia, em 1981. Mais recentemente, em janeiro de 1986, iniciou-se o processo de integração de Portugal e Espanha.¹

A adesão de Portugal e Espanha significará 24 milhões de hectares de terras cultiváveis para o grupo. Mais de 3 milhões de fazendas estarão sendo adicionadas às 6.8 milhões já existentes e 2.9 milhões de empregados rurais somar-se-ão aos 8 milhões da comunidade.

A terceira expansão do grupo, desde a sua formação, deverá ser a mais desafiante, segundo os analistas. As fazendas são menores e em maior número, a renda menor, desemprego e inflação maiores em Portugal e Espanha, comparativamente ao resto da Europa (Tabela 3). A produção agrícola dos dois países deverá promover aumento na auto-suficiência em alguns produtos (especialmente na chamada "agricultura do Mediterrâneo, que já conta com o sul da França, Itália e Grécia, e inclui produtos como: frutas frescas e vegetais, tomates processados, azeite de oliva) e diminuir a auto-suficiência em outros (especialmente os produtos de clima temperado, incluindo grãos, carne, produtos

dois países já vem se preparando, através de ajustes de preços e instituições de mercado, desde 1980.

Tabela 3

Dados Seleccionados para CE-10, Espanha, Portugal e CE-12

	ANO	UNIDADE	CE-10	ESPAÑA	PORTUGAL	CE-12
Populacao	1983	1000	272.426	38.106	9.969	320.501
PIB(pc)	1983		10.593	7.616	5.001	10.064
Popul.Agr.	1981	1000	7473	2136	2592	12201
Taxa de Desemprego	1983	%	8.8	18.0	7.3	9.7
Area Total	ND	Km2	1.658.884	540.800	92.070	2.255.754
Numero de Prop.Rur.	ND	1000	6.820	2.213	782	9.815
Producao Ag. Total	1983	Milh.ECU	150.189	15.725	2.188	168.102
%Agr.para Total Exp.	1983	%	8.8	16.6	14.1	8.6
%Agr.para Total Imp.	1983	%	15.3	15.4	19.1	12.5
Agr.como % do PIB	1983	%	3.6	5.9	6.5	3.8
Resultado trocas agr. externas	1983	Milh.ECU	-23.596	-1.325	-1.032	-16.588

Dados: ERS/USDA e The Statesman's Yearbook:1983/84(New York: St.Martin's Press,1983).

de laticínios e açúcar). Muitos destes produtos a comunidade tem excedentes, enquanto que Portugal e Espanha são deficitários. Para os Estados Unidos, a adesão dos dois países deveria, a princípio, significar perda de mercado justamente em grãos e oleaginosas. (Tabela 4)

Os preços da maioria dos produtos tende a ser menor na Espanha do que na maioria dos outros países europeus, o que significaria um possível incentivo à produção, quando da sujeição aos preços da CE-10. O mesmo não deveria ocorrer com Portugal, dado que neste país os preços tendem a ser maior do que no primeiro e, em muitos casos, maiores do que a própria comunidade.

A primeira função da instituição é criar políticas comuns, removendo qualquer possível restrição entre os membros da comunidade, além de criar um sistema comum de barreiras com relação aos não-membros.

Dada a importância da agricultura para a região, tanto em termos de absorção de mão de obra e alimentação, além de suprimento de matéria-prima para a indústria, como em termos de exportação (ainda a principal fonte de recursos nas comercializações externas), os países membros resolveram criar uma política agrícola comum, a qual todos os países da comunidade deveriam submeter-se - o CAP (Common Agricultural Policy).

A função do CAP é incrementar a produtividade, assegurar um padrão de vida mínimo à população agrícola, estabilizar o mercado e garantir preços e oferta

Tabela 4

INDICES DE AUTO SUFICIENCIA PARA A EUROPA				
Item	CE-10	ESPAÑA	PORTUGAL	CE-12
Grãos(exc.arroz)	109	57	27	100
Trigo	125	81	35	120
Milho	79	33	17	66
Cevada	114	64	48	107
Arroz	130	118	98	125
Batatas	102	99	86	101
Acucar	141	96	0	133
Vegetais(frescos)	100	119	128	103
Frutas(exc.citricos)	84	112	101	88
Frutas Citricas	45	283	100	67
Tomates Processados	149	345	370	166
Oleo de Oliva	100	126	ND	ND
Manteiga	131	100	ND	100
Leite(Prods Frescos)	101	100	ND	100
Leite em Po Desnat.	132	24	ND	129
Queijo	107	91	90	106
Carnes 1/	100	98	95	100
Boi e Vitela	104	92	84	102
Porco	102	99	98	101
Carneiro e Cabra	74	99	99	78
Frango	111	99	100	108

1/ Exclue as sobras, ou partes nao aproveitadas da res

2/ Excluindo Portugal

Os indices sao dados em produtos agricolas selecionados para medias entre 1981/82-83/84

Fonte: ERS/USDA

regulares; além de buscar atender preços razoáveis para consumo. Naturalmente o mundo modificou-se desde a fixação dos objetivos, em 1958 (The Rome Treaty), ainda assim, a busca pela uniformidade destas políticas tem sido preocupação constante para o CAP.

Não foi um trabalho fácil para a instituição conseguir uma política comum de preços. Tratam-se, evidentemente, de países com enormes diversidades políticas, geográficas e culturais. Porém, após sucessivos "rounds" de negociações chegou-se a um "common price for grains" em 1967, facilitando a partir de então, o estabelecimento de preços para os outros produtos. Quanto as restrições alfandegárias, somente em meados de 1968, os membros da EC conseguiram remover todas as restrições restantes nas negociações agrícolas multilaterais.

O mercado comum permite, com a remoção das barreiras, a livre circulação de mercadorias entre os membros. Existe um sistema de preferência, entre eles, que protege - através do sistema de tarifas de importação e subsídios - o mercado interno contra quedas nos preços do mercado mundial, ou seja, qualquer eventual necessidade deveria ser suprida - preferencialmente - por um outro membro da comunidade, antes que se utilize recursos externos.

O EAGGF (European Agricultural Guidance and Guarantee Fund) financia o CAP, comprando excedentes, buscando melhorias tecnológicas, promovendo a aceleração do desenvolvimento das áreas mais pobres da EC, e e por sua vez

financiado pelos próprios membros da comunidade ou por receitas provenientes de embargos ou taxas alfandegárias.

Os grãos em geral representam a maior proporção do total da produção agrícola da EC, influenciando assim, enormemente, as políticas agrícolas para os outros produtos.

Tanto a CAP, quanto o sistema político que envolve os membros da comunidade, tem um impacto direto nas exportações agrícolas americanas.

A ECCAP vem dificultando o acesso dos produtos americanos - e de outros países - na região, garantindo suporte para a manutenção de altos níveis de produtividade e, conseguindo em alguns casos auto-suficiência e, em outros, excedente na produção.

A produção agrícola do grupo vem expandindo-se, em média, 2 a 2,5% anualmente, enquanto que, o consumo interno tem apresentado crescimento de apenas 0,5%. Em 1976 a região começou a exportação de açúcar, em 1978 trigo - tornando-se um forte concorrente para os Estados Unidos neste setor, e mais recentemente, iniciou a exportação de outros grãos (coarse grains). Além disso, os estoques de grãos, produtos de laticínios, carne e vitela tem aumentado significativamente (9,5 bilhões de dólares em 1983)

As exportações agrícolas americanas vem conhecendo declínios constantes desde 1950 - um ano recorde com 9,6 bilhões de vendas. Em 1982 o total foi de 8,9 bilhões, em 1983 7,6, em 1984, 6,7 bilhões de dólares e, 5,3

em 1985 (Tabelas 5.e 6)

As razoes para tal queda estao associadas a lenta recuperacao da crise economica do inicio da decada de 80 e as altas taxas de desemprego que ainda afetam a maioria dos paises na Europa, colaborando para a diminuicao na demanda de produtos de exportacao, especialmente produtos de pecuaria e ingredientes para forragem e alimentacao do gado. Alem disso, a grande maioria das moedas europeias conheceram indices baixos de valorizacao no mercado financeiro internacional. As previsoes sao, ainda, de incremento na producao e a busca de auto-suficiencia em mais setores, acirrando a competicao entre os exportadores para a comunidade europeia. A CE em particular, e a Europa em geral, vem apresentando indices cada vez maiores de auto-suficiencia nos produtos de clima temperado, que ate entao vem representando dois tercos das exportacoes americanas para a comunidade. Assim, embora as exportacoes de graos, oleaginosas e forragens devam continuar, nao obstante a niveis menores, o desenvolvimento futuro do mercado internacional dependera de varios fatores.

Os analistas do USDA calculam que as politicas aplicadas pelo CAP, de sustentacao de precos especialmente, vem significando custos anuais de 6 bilhoes de dolares para os participantes da comunidade. Desde 1975 os gastos com subsidios para exportacao cresceram 5 vezes (atingindo 6 bilhoes em 1983), altos o suficiente para causar enormes problemas orcamentarios para a CE.

Tabela 5
EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS AMERICANAS PARA A CE-12

PAISES	1981	1982	1983	1984	1985
Em bilhões de dólares					
HOLANDA	3,171	3,251	2,800	2,220	1,927
BELG/LUX	777	929	811	835	470
FRANCA	602	657	517	510	395
ALEM.OC.	1,722	1,572	1,435	1,259	899
ITALIA	1,148	986	798	770	677
DINAMARC	140	142	139	122	110
REINO UN	910	919	820	789	628
IRLANDA	72	83	83	118	121
GRECIA	211	204	182	82	104
PORTUGAL	764	580	638	701	502
ESPAÑA	1,054	1,605	1,138	1,231	825

DADOS: ANUARIOS ESTATISTICOS USDA/ERS
Varios Años

Tabela 6
EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS PARA A CE-10
Anos Fiscais 1981 a 1984
Produtos Selecionados

PRODUTOS	1981	1982	1983	1984	1985
Em milhares de dólares					
PRODS ANIMS	780	942	749	734	573
Carnes e Prods	254	221	161	139	131
GRãos E PREP.	2,746	2,195	1,750	1,788	1,206
Trigo(inc.farinha)	482	448	272	210	180
Arroz	103	166	83	111	83
Grãos(coarse)	1,423	866	521	620	295
Forragens e Rações	717	701	858	830	654
FRUTAS E PREP.	261	194	183	154	114
CASIANHAS E PREP.	304	274	224	248	310
VEGETAIS E PREPS	189	178	152	140	120
OLEAGINOSAS E PREPS	3,806	4,190	3,610	2,639	1,891
Pastas Proteicas	788	945	955	585	314
Soja	2,602	2,975	2,414	1,795	1,350
TABACO	494	478	529	474	553
ALGODAO	155	194	186	308	309

FONTES: Anuarios Estatisticos USDA/ERS
FATUS/ anos 1982, 1983, 1984, 1985

/ Alem dos subsidios varias medidas de restricoes ou taxacoes sao tomadas pela comissao, muitas delas com objetivos de cobrir os proprios custos, como foi o caso recente da decisao de taxar o consumo de todas as gorduras e oleos, exceto manteiga.

Para os analistas do USDA tais planos nao sao unicamente voltados para resolver os problemas dos custos da CAP, mas tambem um ataque direto as exportacoes de oleaginosas dos EUA, que valem anualmente 4 bilhoes de dolares para os cofres americanos.

No ano de 1984, produtos americanos como carne e derivados, graos, castanhas, vegetais, soja e alimentos proteicos conheceram quedas entre 20 e 40% no mercado comum europeu. Trigo e graos (coarse grains) caíram 40 e 56% no periodo de B1 a B4.

Algodao, no mesmo periodo, conheceu aumentos de 105% em resposta ao crescimento e modernizacao da industria textil europeia e a reduzida oferta de produtos texteis no mercado mundial.

Tambem racoes e forragens decresceram 16% em valor, no periodo.

Graos em geral e oleaginosas, embora tenham decrescido, ainda representam um forte mercado para os Estados Unidos. Esses produtos responderam por 4.4 bilhoes de dolares em 1984, ou seja, dois tercos das vendas agricolas no periodo. Os EUA respondem por 80% da pasta de soja (soymeal) e 50 % das oleaginosas para a Europa.

Cerca de 15% do milho americano exportado em 1984 foi destinado a Europa (600 milhões em dolares) e um terço da soja e da soja em pasta, avaliada em 2.8 bilhões. Em 1976, as vendas de milho para a CE atingiram um pico de 16 milhões de toneladas e vem conhecendo decréscimos constantes desde então. A politica de preços do mercado comum optou por um acrescimo de preços do milho, relativamente ao trigo e a cevada, com o objetivo de encorajar o uso dos dois ultimos, produzidos na Europa, ao inves do milho importado.

Alem disso, outro fator vem colaborando para o declinio de importacao do milho: em 1984 a CE resolveu estancar, ao menos temporariamente, a permissao dada aos importadores de fixar niveis de importacao em avanco, causando incerteza sobre o mercado futuro para o milho importado e um direcionamento para o consumo do milho produzido na Franca.

Outro fator que contribue para a diminuicao da importacao de graos, milho, soja e outros e o lento crescimento do setor pecuario na Europa nos ultimos anos. A producao de colza e sementes de girassol, com generosos subsidios da CE, vem aumentando aceleradamente (94% de acrescimos entre 1980 e 1984), ajudando assim, a substituir o consumo de milho e soja para alimentacao animal.

A CAP nao devera incentivar o aumento da producao pecuaria devido a problemas financeiros e politicos.

Assim, as perspectivas gerais para exportacao nao sao otimistas, ainda que se leve em consideracao uma

recuperação econômica na Europa nos últimos anos, ainda que esta recuperação signifique um aumento na demanda por produtos agrícolas, não devera haver substanciais aumentos no consumo de carne e, portanto, nem na produção pecuária; a produção de laticínios e ovos já é, hoje, muito alta, o que nos leva a acreditar que a produção granjeira não deva crescer muito, afetando ainda mais a exportação dos principais produtos americanos para a a região. Note-se que, em 1985, a produção de carne de porco, vitela e frango aumentou e espera-se um aumento para 1986. Isso se deveu, especialmente, a grandes aumentos na produção de sementes de girassol (colheita recorde para o total das oleaginosas). Além disso, uma redução no preço de grãos com destino a alimentação animal ("feedstuffs") estão estimulando a produção pecuária. Ainda assim, tanto os mercados interno como externo para tais produtos são restritos, o que provavelmente não encorajara significativos aumentos na produção. Mas, apesar dos incentivos a produção, a carne de boi sofreu decréscimos no período, resultado do segundo ano de ajustamento ao programa de quotas para o leite e produtos de laticínios ("dairy quota program").

A produção do leite também conheceu quedas - de 109 milhões de toneladas em 1984, para 107 em 1985. O número de animais destinados para o corte cresceu, também, como resposta ao programa anteriormente citado. Além disso, pastos mais pobres, devido a instabilidades climáticas, contribuíram para a redução da

produção neste setor.

Existe hoje, uma forte pressão, junto ao CAP para a redução dos subsídios. Caso isso ocorra, uma queda no preço real dos produtos é prevista e, portanto, um desencorajamento na produção, com consequente redução na competitividade pelo mercado mundial.

Evidentemente, deve-se levar em consideração que todas as nações exportadoras estão se esforçando para manter o nível de volume exportado em um mercado mundial que está apresentando declínios constantes na absorção de mercadorias.

Em 1985, a Europa Ocidental, como um todo, produziu 179 milhões de toneladas de grãos (abaixo em 14 milhões comparados ao período anterior) (Tabela 7). Desta perda 13 milhões representam uma queda da produção de grãos somente para os países da CE-10, ou seja, de 152 milhões de toneladas para 139 milhões). Convém apontar que somente o trigo foi produzido com resultados desfavoráveis em quase 10 milhões de toneladas, isto é, de 76.567 (milhões) em 1974, para apenas 66.098 em 1985, ou seja, uma produção absolutamente similar a americana. Os outros quatro milhões de toneladas representam, praticamente, uma perda na produção de cevada - de 44.351 milhões de toneladas, em 1984, para 40.574 (milhões) em 1985. A produção de grãos, para 1986, está prevista em 143 milhões de toneladas, 4 milhões a mais do que 1985, e nove a menos do que em 1984. Calcula-se que serão produzidas 71 milhões de toneladas de trigo

Tabela 7

PRODUCAO AGRICOLA PARA COMUNIDADE EUROPEIA-12

	1000 to toneladas						TOTAL					
	Belg/Lux	Al.Ocid	Franca	Dinamarco	Grecia	Irlanda	Italia	Holanda	Inglat.	CE-10	Espanha	Portugal
Trigo	1204	9868	29199	1602	1996	570	8516	851	12000	66098	5326	385
Centelo	52	1877	283	1996	15	0	23	19	25	2834	300	99
Cevada	716	9690	11470	560	654	1265	1630	197	9700	40754	9980	94
Aveia	124	3278	1800	5252	60	125	397	58	620	6607	720	142
Milho	51	1024	12300	0	1700	0	6350	0	0	21605	3209	526
Tot./Graos	2127	25915	56000	7971	4441	1960	18048	1125	22385	139972	20105	1394
Batata	1485	7878	5080	1073	1222	779	2400	779	7067	34532	5772	1100
Ac.Baterr.	6400	20550	25250	3516	2650	1694	11000	1694	8884	86720	7541	70
Algodao	0	0	0	0	174	0	1	0	0	175	65	0
Tabaco	2	8	36	0	139	0	161	0	0	346	47	4
Rz.Oliva	0	0	2	0	185	0	492	0	0	679	365	35
Frutas	277	1609	2212	49	1316	8	6255	8	343	12479	17496	268
Soi/Vitela	324	1574	1845	235	82	387	1210	387	1115	7257	384	89
Carn/Cabro	8	27	176	1	124	44	171	44	290	753	131	29
Porco	740	2755	1609	1093	147	133	1090	133	980	9887	1185	179
Frango	155	357	1277	106	154	54	929	54	875	4326	800	155
Leite	4075	25000	27043	5090	650	6000	10100	6000	15900	106183	6400	740
Ovos	177	776	877	81	148	38	645	38	759	4183	598	76

1/Ano Base 1985 2/Os totais para frutas correspondem a maça, pera e citricos

Fonte: Dados colhidos em manuais do USDA/VER5 - Adaptacao

O total da área cultivada para esses produtos também apresentou queda em 1985, 10% para o trigo e 4% para os outros grãos.

Apesar da produção menor, largas quantidades de estoque (carryin), originados também na redução das vendas de exportação para o período, estão previstos para o ano de 1986 - cerca de 15 milhões de toneladas de trigo em estoque. Em 1985 os estoques de grãos em geral já representavam 21 milhões de toneladas (13 milhões em 1983).

Diante de quantidades quase dobradas, o grupo vem tentando dispor destes estoques, especialmente porque acarretam altos custos de armazenamento. Assim, um programa estimado em 2,7 bilhões de dólares deveria ser levado a cabo nos próximos três anos. O processo de disposição de estoques vem causando insatisfação e insegurança para os concorrentes, embora a CE garanta que a venda do excedente não dará início a uma guerra de preços, dado que venderão a mercados cuidadosamente escolhidos.

Os estoques em mãos da comunidade estavam avaliados, em 1985, em cerca de 9,5 bilhões de dólares, concentrados especialmente em grãos, produtos de laticínio, carne de boi e vitela.

A questão é que, em anos recentes, os preços mundiais tem caído para produtos em que a Comunidade Europeia possui excedentes, (Tabela 4) enquanto que o custo de produção de tais produtos tem aumentado. É o caso dos grãos

em geral e do trigo em particular. As perspectivas são de acirramento na competição para os próximos anos, fazendo com que a CE encontre dificuldades para colocar o seu produto no mercado mundial (Calcula-se que as trocas internacionais de trigo caíram em cerca de 22 milhões de toneladas em 85, isto é, a maior queda desde 1968).

Em 1985, as exportações americanas para a Europa Ocidental caíram em um terço para outros países que não a CE-10, e um quinto para estes últimos (Gráfico IX e Tabela 8). Os maiores declínios ocorreram para os grãos (principalmente milho) e oleaginosas (principalmente soja). Algodão (aumento no consumo interno, devido ao aumento nas exportações de produtos têxteis europeus), castanhas e tabaco conheceram aumentos, este último especialmente devido ao aumento da qualidade do tabaco exportado. A dependência da CE em milho deveria diminuir em muito, dado que quantidade e qualidade do produto interno vem, continuamente, aumentando. Espera-se que a exportação de algodão para a CE sofra reduções sérias em 1986, devido a grandes quantidades do produto sendo oferecido por competidores, a preços significativamente mais baixos - a China deveria ser, daqui para a frente o maior fornecedor para a CE.

A exportação de oleaginosas também deveria sofrer quedas contínuas, dada a perda de fatia de mercado para o Brasil e Argentina, além, como já dissemos do aumento da produção de colza e sementes de girassol e de uma produção pecuária tendendo a estagnação.

Tabela 8.

EXPORTACOES E IMPORTACOES: TOTAIS PARA EUROPA

	CE-10	Portugal	Espanha	Outros Eur.Ocid.	Total Eur.Ocid.
Total p/ Export.	579,108.8	5,207.7	23283.0	131,596.6	710,705.4
Total Exp. Agrícolas	67,971.6	510.8	3,477.5	7,782.5	75,754.1
Total p/ Import.	596,830.4	7,975.3	28,606.6	138,430.3	735,260.7
Total Imp. Agrícolas	81,990.2	1,642.0	3,689.2	13,326.5	95,316.7
Total Exp. Americana	44,902.4	746.0	2,453.2	8,393.5	53,295.9
Total Exp. Agrícola Americana	5,335.5	502.1	825.8	1,848.7	7,184.2
Total Imp. Americana	61,036.9	549.8	2,315.2	13,249.0	74,286.3
Total Imp. Agrícola Americana	3,403.0	50.1	297.8	737.2	4,140.3

Milhoes de dolares

Dados: Coletados em varias publicacoes USDA

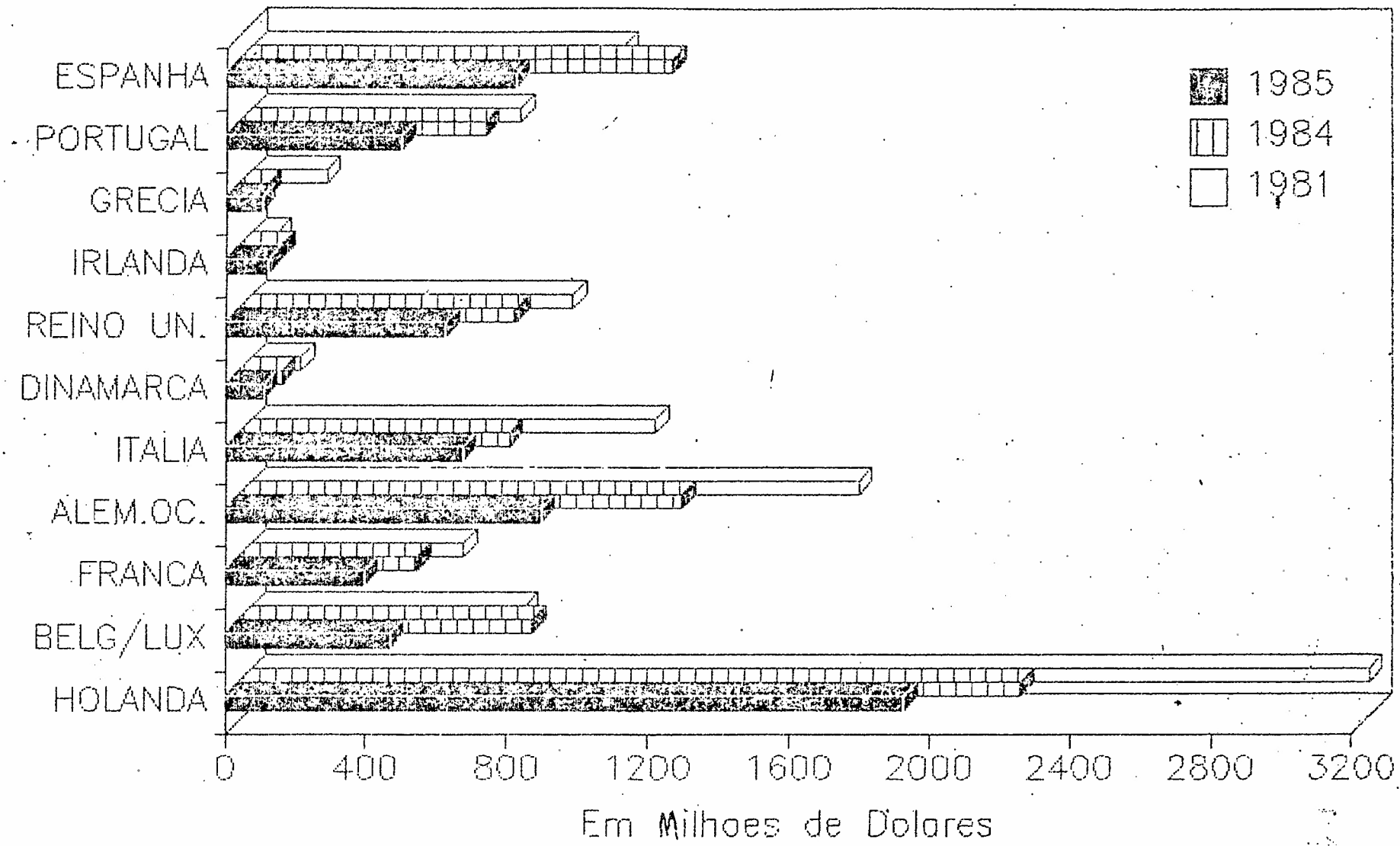
Dados para Europa relativos a 1984

Dados para EUA relativos a 1985

Totais relativos a "Outros-Eur.Ocid".inclusive Port.e Espanha

EXPORTACOES AGRICOLAS AMERICANAS PARA A CE-12

Dados para Periodos Seleccionados



Dados: Anuarios Estadisticos USDA/ERS
Varios Anos

Tabela 9

IMPORTACOES AGRICOLAS POR PAISES/COMUN.EUROPEIA-PARA 1984

PRODUTOS	BELG.LUX.	FRANCA	AL.OCC.	ITALIA	HOLANDA	DINAM.	IRLANDA	INGLAT.	GRECIA	CE-10	PORT.	ESP.
ANIMAIS VIVOS	229.1	330.5	209.4	1,015.4	60.2	2.3	119.8	264.0	22.9	2,254.0	8.4	30.6
CARNES E PREPAR.	334.1	1,742.4	1,922.9	1,897.2	327.3	30.9	64.8	1,801.0	456.0	8,577.0	9.3	113.5
PRODOS LATICOS E OVOS	701.8	376.9	1,462.7	1,413.0	878.0	68.1	32.1	611.3	208.8	5,954.1	15.3	113.0
CEREAL E PREPAR.	1,252.6	754.8	1,205.6	1,417.0	993.7	128.5	188.1	844.0	92.2	6,876.6	507.5	613.9
Trigo e farinha	265.0	106.7	301.5	747.5	247.4	20.4	70.0	227.2	5.5	1,991.3	127.6	20.9
Arroz	84.8	162.4	92.4	54.4	66.2	8.9	2.5	115.4	6.3	593.3	34.5	26.9
Grãos(feed)	723.8	174.3	485.1	513.0	522.1	48.2	34.5	323.8	54.5	2,879.5	343.5	553.3
FRUTAS/VEGETAIS	869.0	2,380.7	4,797.4	685.9	1,531.0	249.4	188.2	2,590.7	35.1	13,328.6	44.1	149.5
ACUCAR,PREPS E MEL	194.0	232.7	308.8	267.6	194.0	75.3	63.2	703.5	4.6	2,041.5	66.3	23.1
CAFE,CHA,CACAU,ETC	611.6	1,555.0	2,629.5	894.4	1,288.6	247.1	122.2	1,733.0	119.0	92,021.1	61.0	483.9
RACONES E FORRAGENS	600.7	939.6	1,425.1	671.2	1,259.1	436.8	153.0	673.0	44.0	6,202.5	28.3	189.5
Oleaginosos(Pasta)	247.9	789.6	860.9	315.5	533.1	366.5	78.9	350.9	11.6	3,554.9	5.9	165.4
MISCELANEAS 1/	165.0	222.7	254.4	81.6	180.5	33.4	48.6	351.9	48.7	1,386.9	7.6	38.8
BEBIDAS	396.0	482.6	836.5	233.4	349.0	116.3	54.0	946.7	29.3	3,443.8	---	3.2
Neo-Alcoolicas	69.1	59.7	50.1	4.7	54.2	2.9	5.9	40.1	8.1	294.8	0.2	3.0
Vinhos	229.0	207.6	546.1	44.7	218.0	88.7	18.1	625.4	1.0	1,978.5	27.5	324.4
TABACO(MAO-MANUF)	122.8	92.7	467.7	120.9	283.2	75.3	17.5	429.4	33.5	1,643.0	0.2	60.0
TABACO(MANUF)	106.1	454.8	141.1	293.9	178.2	5.2	20.6	116.9	8.2	1,323.0	54.4	226.2
OLEAGINOSAS	542.7	334.3	1,311.5	505.7	1,088.1	84.2	2.9	315.1	27.2	4,212.7	406.6	743.6
Soja	409.7	178.4	723.8	444.5	809.7	44.3	0.9	127.2	9.9	746.3	11.5	104.0
FIBRAS NATURAIS	387.1	828.0	902.2	1,527.5	77.7	22.7	63.1	656.3	123.2	4,590.6	336.6	213.2
Algodao Cru	63.8	276.0	374.6	490.9	17.1	8.0	34.0	68.2	76.8	1,426.6	287.9	113.0
OUTROS 2/	666.1	1,813.1	2,922.7	2,132.2	1,318.1	346.0	99.1	1,721.1	87.8	13,758.8	370.7	1,123.9
TOTAL AGRICOLA	7,178.7	12,540.8	20,797.5	13,156.9	10,006.7	1,920.3	1,237.0	13,823.0	1,329.3	81,990.2	1,642.0	3,689.2
TOTAL IMPORTACOES	54,746.3	103,612.7	152,872.0	81,970.9	62,136.1	16,535.9	9,658.8	105,687.5	9,611.0	596,830.4	7,975.3	28,606.6

1/Incluindo algumas gorduras, margarina, lardo(banha) e outros

2/Incluindo:peles e couros, borracha natural, alguns animais

nao especificados em outro item, algumas gorduras e oleos (animais ou vegetais)nao especificadas em outro item

FONTE: USDA/ERS - RS - 8 - 4 /Adaptacao de dados

C) CANADA

A situacao geografica do Canada, em relacao aos Estados Unidos, facilita as trocas comerciais entre os dois paises. Alem disso, calcula-se que 80% dos 25 milhoes de canadenses residam nos limites de duzentas milhas a partir da fronteira americana, devido, evidentemente, ao clima frio da região norte do pais.

Esses dois fatores contribuem enormemente para o fortalecimento das relacoes de trocas, especialmente agricolas e, inclusive, as trocas de produtos cuja perecibilidade e grande: os dois paises comercializam produtos que somente a proximidade entre eles torna viavel. Assim, o maior produto de exportacao americano para o mercado canadense e o de frutas e vegetais, que respondem, em media, por quase 30% do valor das exportacoes americanas para aquele pais. O Canada, por sua vez, exporta, em media, 50% do total das suas exportacoes agricolas para os Estados Unidos em produtos animais. Deste total (quase 1 bilhao de dolares em 1985), 30% sao animais vivos.

Recentemente, a competicao pelo mercado canadense de frutas e vegetais vem se acirrando. A parcela de mercado dominada pelos EUA, por exemplo, caiu de 87% para 67%, entre 1961 e 1984, enquanto que, no mesmo periodo, paises como Africa do Sul, Nova Zelandia e Chile comercializaram maiores quantidades. O mesmo aconteceu com as frutas citricas, onde os EUA perderam mercado para Marrocos, Espanha e Israel.

de 86% em 81, para 73% em 1984).

Associado ao fator concorrência existe o fator expansão na produtividade: os canadenses tem conseguido auto-suficiência e excedentes em produtos que antes importavam. O Canadá exporta, hoje, para os Estados Unidos, um volume cada vez maior de batatas, cenouras, alface, cebolas, etc. (A "continuidade geográfica" dos dois países estimula, sem dúvida, a produção com excedentes destes produtos).

Em 1984, as vendas totais de produtos agrícolas americanos destinados ao Canadá, excederam em 4% o nível de 1983. Em 1985, no entanto, foi registrada uma queda percentual de 17%, com relação ao período anterior. Os Estados Unidos por sua vez, absorveram em 1985, 1894 bilhões de dólares, contra 1.851 em 1984, e 1504 em 1983.

As duas agriculturas são muito similares em alguns pontos: ambas são extremamente eficientes, utilizam grandes quantidades de capital, pouca mão de obra e recebem apoio governamental através de preços suporte. Em 1984, a produção agrícola canadense ficou em 15.1 bilhões de dólares. A proporção da contribuição per capita para o PNB, em termos totais, é a grosso modo a mesma, e para a agricultura constitui-se em 4.8% para o Canadá e 4.1% para os EUA.

Os produtos agrícolas significam, em média, 10% do total das exportações, enquanto que nos EUA essa proporção é de cerca de 17%. O Canadá, no entanto, exporta, em média, metade do total da sua produção agrícola e os EUA, em média, um quarto do total. Convém lembrar que a população

do primeiro e cerca de 10% da populacao do segundo.

Trigo e a mais importante mercadoria de exportacao, seguida por cevada e suinos. A producao de graos - dadas a posicao geografica e a enfase na exportacao - compreende 20% do total produzido (nos EUA essa margem e de 7%).

As provincias situadas nas planicies sao, evidentemente, as grandes produtoras de graos - Alberta, Saskatchewan e Manitoba; enquanto que Quebec e Ontario, mais populosas, respondem por gado e laticinios. Ontario tambem produz itens de horticultura, tabaco, milho e soja.

Apesar do clima, o pais produz frutas (pesseços e ameixas) e uma grande variedade de legumes, mas as estacoes sao curtas e assim, a demanda por tais produtos (considerada uma das mais altas do mundo) e suprida, principalmente, pelos EUA, o que torna o Canada o mais importante mercado para os produtos de horticultura americanos. O Canada importa cerca de um terço da producao de exportacao americana no setor. O segundo mercado mais importante e o de animais vivos e carnes, alem de outros produtos animais. O terceiro lugar vai para o setor da soja e oleaginosos. Em 1985, o Canada comprou 185 milhoes de dolares de soja e derivados, para uso como fonte de proteina suplementar na alimentacao de gado e frango. Em termos de receita, a exportacao canadense de gado e suinos supera a de trigo e cevada, fazendo do Canada um importante competidor no mercado mundial, mas abre para os EUA um importante mercado

para a soja e oleaginosas usada para alimentacao dos rebanhos.

Todos esses mercados, no entanto, apresentaram uma retracao no ano de 1985. Mais uma vez a competicao mundial responde por boa parte desta perda. Os produtos americanos foram colocados no mercado mundial a precos menos atrativos do que o dos seus competidores.

Algodao e um exemplo da busca canadense por mercados alternativos: em 1985, desmotivados pelos altos precos do produto americano, o Canada comprou algodao da Africa do Sul, da China e do Paquistao, provocando uma queda da parcela tradicionalmente americana (90% das importacoes americanas ate entao), ja que as vendas cairam em 15% em volume e 30% em valor.

Graos, oleaginosas e produtos pecuarios tambem conheceram quedas em 1985. Os volumes vendidos nao foram muito menores do que em 1984; os valores, no entanto, apresentaram uma queda superior a 15%.

Ainda assim, os Estados Unidos respondem, em media, por cerca de 60% das necessidades totais agricolas canadenses.

Desde 1980, o resultado das trocas em geral, entre os dois paises, vem se alterando favoravelmente ao Canada. Em 1985, pela primeira vez, os Estados Unidos deixaram de obter excedente nas trocas comerciais agricolas

canadenses insistem que os dados americanos estao errados e, que os Estados Unidos sao ainda "a strong net export...by about 1 billion in '84".

com o Canada, quando o superavit de 112 milhoes em 1984 transformaram-se em um deficit de 272 milhoes de dolares em 1985 (de acordo com o US Bureau of the Census. As exportacoes canadenses para os EUA aumentaram em 25% em 1984; mas apenas 2% em 1985. Os motivos do deficit nao se associam, enormemente, aos aumentos das importacoes, mas especialmente a queda das exportacoes americanas para o Canada.

A grosso modo, 25% dessas exportacoes sao complementares (i.e. nao competem diretamente com os produtos canadenses), e varios fatores vem alterando a procura pelos produtos americanos (precos, competitividade, etc), ainda assim, o Canada continua sendo um entre os cinco maiores mercados para os produtos americanos, e, portanto, uma importante¹² saida para produtos agricolas .

Tabela 10

EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS AMERICANAS PARA O CANADÁ

PRODUTO	ANO 1982		ANO 1983		ANO 1984		ANO 1985	
	VOLUME	VALOR	VOLUME	VALOR	VOLUME	VALOR	VOLUME	VALOR
ANIMAIS E PRODUTOS	--	278	---	288	--	338	---	283
Carne Bovina/Vitela	4	18	6	24	12	45	9	34
Carne Suína	8	21	10	24	6	15	3	8
Frango	16	24	18	28	26	44	20	33
GRãos E PRODUTOS	nd	153	692	201	821	226	886	201
Grãos(coarse)	443	57	309	51	486	78	491	65
Arroz	110	46	99	42	101	44	101	41
Rações e Forragens	236	56	214	52	165	47	233	45
FRUTAS E PREPARADOS	--	435	--	420	--	400	--	323
Frutas Frescas	765	268	529	265	452	253	369	213
VEGETAIS E PREPARADO	696	326	671	323	650	327	504	252
Vegetais Frescos	602	231	588	233	565	229	434	171
CASTANHAS E OUTROS	57	68	66	70	71	74	64	63
OLEAGINOSAS E PRODS	756	199	721	211	907	264	758	185
Soja	328	74	250	64	297	84	165	35
Outros	362	80	398	98	530	120	520	96
ALGODÃO	39	56	55	80	46	80	39	55
OUTROS	---	249	--	251	--	254	--	260
TOTAL		1820		1844	--	1963	--	1622

Tabela 11

EXPORTAÇÕES CANADENSES PARA OS ESTADOS UNIDOS

PRODUTO	ANO/1983		ANO/1984		ANO/1985	
	VOLUME	VALOR	VOLUME	VALOR	VOLUME	VALOR
ANIMAIS E PRODS	--	729	--	967	--	986
Animais Vivos 1/	824	280	1721	393	1640	348
Carne Bovina/Vitela	59	116	76	143	88	153
Porco	124	207	160	262	190	299
GRãos E PRODS	1192	239	1217	262	1134	257
Trigo	53	6	100	15	271	37
VEGETAIS E PRODS	325	90	337	100	358	94
Batatas	139	24	135	31	166	33
FRUTAS E PREPARADOS	69	39	61	42	69	46
OUTROS	--	407	--	480	--	511
TOTAL		1504	--	1851	--	1894

-- Não aplicável 1/Excluindo frango

Fonte: Foreign Agricultural Trade of The United States/Março/Abril 1986

USDA/ERS

Volume em Milhares de tons Métricas e valores em milhares de dólares

D) URSS

A Uniao Sovietica foi, em 1982, um mercado de mais de dois bilhoes de dolares para os Estados Unidos. No ano seguinte desceu de terceiro para o nono lugar no "ranking" dos maiores importadores, com apenas 976 milhoes de dolares. Em 1984, apos o decrescimo de 58% entre 1982 e 1983, as exportacoes agricolas americanas para o pais conheceram um acrescimo positivo de 155%, ja que neste ano as vendas chegaram a 2.478 bilhoes de dolares, quantia inferior apenas a do Japao. Em 1985, apesar de mantido o segundo lugar, as exportacoes agricolas americanas para a URSS nao atingem 2 bilhoes de dolares, e calcula-se que em 1986 nao devam ultrapassar um bilhao (Grafico X).

Tais variabilidades nas importacoes e resultado, principalmente, das grandes flutuacoes da producao agricola da URSS. O pais enfrenta, atualmente, alguns problemas burocraticos e de clima.¹ O primeiro atrapalhando a expansao das areas cultivadas e o segundo alterando, sistematicamente o resultado das colheitas. Desde 1960, as areas de cultivo de graos cresceram cerca de 50% na Europa Ocidental, 100% na China, 60% na Europa Oriental, 30% nos Estados Unidos, e o indice de crescimento da area na URSS foi, no entanto, negativo. (Tabela 12) =

¹ Grande parte das terras destinadas a agricultura sao climaticamente comparaveis ao Canada. Em 1955, plantava-se 123.461 hectares de graos no pais, em 1985, segundo calculos do USDA, apenas 117.939 hectares foram cultivados, embora a producao tenha subido de 103.687 milhoes de tons para 190 milhoes.

COMERCIO INTERNACIONAL: EUA/URRS

Exportação Americana de Prods Agrícolas
Em Bilhões de Dolares

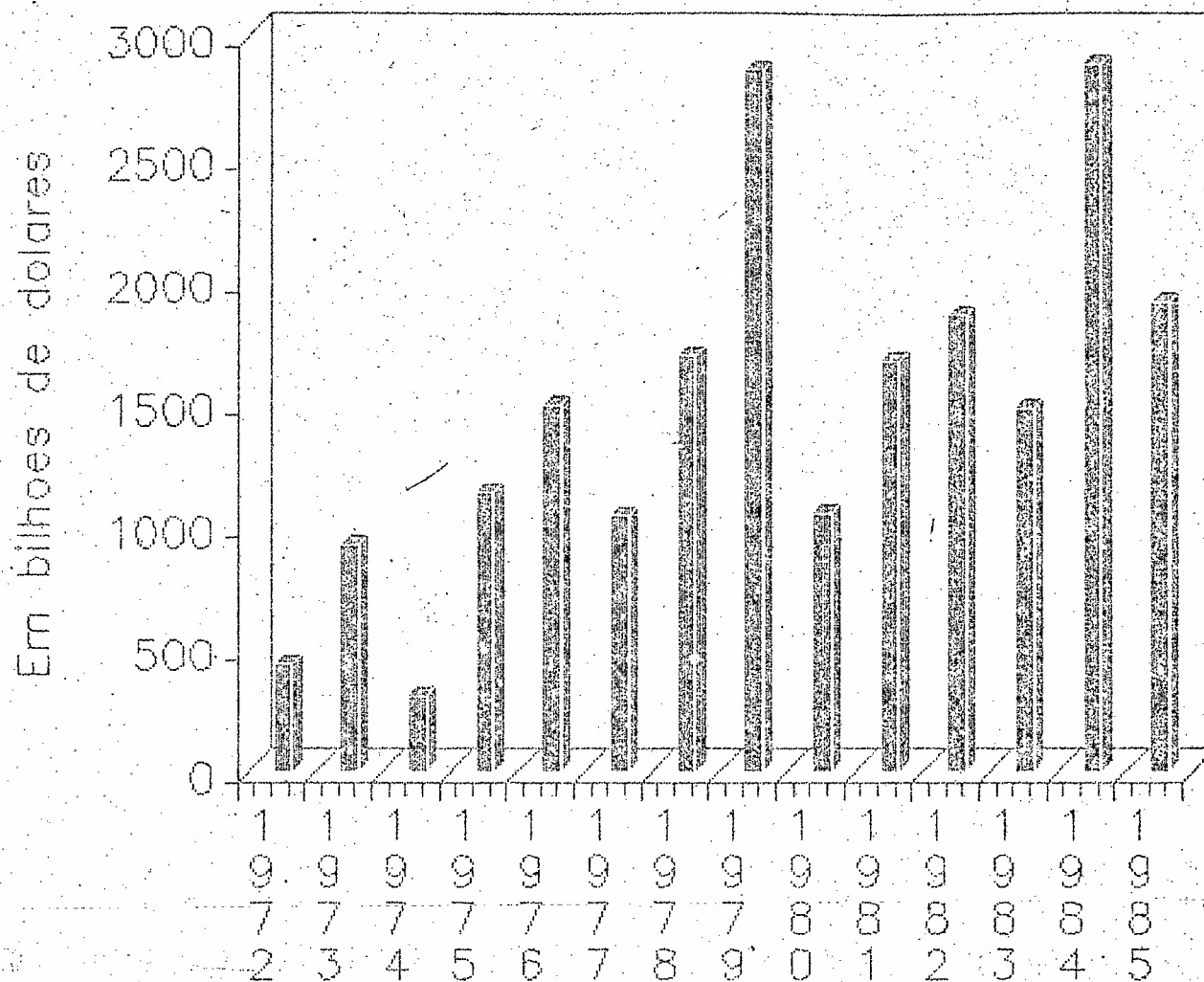


Tabela 12

AREA DE CULTIVO DE GRAOS PARA URS

AREA	TRIGO CENTEIO	CEVADA	AVEIA	MILHO	1/ OUTROS	TOTAL GRAOS
			Em milhares de	hectares		
1966-70 (Media)	67174	11505	20331	8680	3517 10876	122083
1971-75 (Media)	61468	8500	28370	11310	3596 10743	123987
1976-80 (Media)	60711	7714	34011	12080	2969 10421	127905
1981	59232	7551	31781	12470	3545 10980	125559
1982	57278	9829	29706	11489	4161 10549	123012
1983	50823	10334	31679	12389	3894 11690	120809
1984	51061	9420	30426	12806	3919 11980	119612
1985	50265	9520	29058	12604	4482 12010	117939
1986 2/	49000	9000	29000	12800	5000 12200	118000

1/ Incluindo arroz, leguminosas, e outros graos

2/ Estimativas do USDA

FONTE: USDA/ERS-RS-86-3

Em 1985, calcula-se que 200 mil hectares tenham sido cultivados como área agrícola total, o mais baixo índice desde 1973, e 1.1% menor do que o ano anterior. Destes, 117.9 milhões de hectares destinaram-se ao cultivo de grãos, aquém, portanto, dos 119.6 milhões do período de 1984. Ainda assim, a produção de grãos em 1985 superou a do ano anterior em cerca de 20 milhões de toneladas. A URSS é o maior produtor de grãos do mundo e, curiosamente, o maior importador também. Nos anos recentes a produção (cerca de 180 milhões de toneladas, média para 79/85) ficou sempre aquém da utilização interna de cerca de 220 milhões. Dessa forma a necessidade média de importação anual tem girado em torno de 40 milhões de toneladas de grãos; ou seja, 20% do total comercializado mundialmente (Tabela 13).

Ao contrário dos países da Europa Ocidental, que possuem canais comerciais que envolvem diversos órgãos ou empresas, públicas ou privadas, na União Soviética toda atividade de importação ou exportação é planejada e levada a efeito pelo Estado. Não há empreendimentos legais privados, exceto aqueles de venda de produção local, e a esses os comerciantes estrangeiros não têm acesso. O Estado exerce controle sobre todas as transações de importação e exportação através de uma imensa diversidade de organizações regulamentadoras, sob a direção do Conselho de Ministros, que determina toda a política econômica do GOSPLAN.

Dentro das diretrizes do Conselho, o

Tabela.13

PRODUCAO SOVIETICA PARA GRAOS

	Trigo	Centeio	Cevada	Avaia	Milho	Outros 1	Total
1966-70(Media)	90,192	12,834	30,454	11,938	9,558	12,585	167,561
1971-75(Media)	88,935	11,493	43,289	14,812	10,215	12,810	181,554
1976-80(Media)	99,673	10,880	55,150	17,161	9,568	12,595	205,027
1981 2/	80,000	9,500	37,500	15,000	8,000	10,000	160,000
1982 2/	86,000	14,000	41,000	15,500	13,500	10,000	180,000
1983 2/	79,000	14,000	54,000	17,000	12,000	14,000	190,000
1984 2/	73,000	13,400	42,100	16,300	12,500	12,700	170,000
1985 2/	83,000	14,000	47,200	17,300	13,500	15,000	190,000
1986 3/	80,000	13,300	48,300	17,900	16,500	14,000	190,000

Em milhares de toneladas

1/ Inclui arroz, cereais e outras miscelaneas

2/ Estimativas do USDA

3/ Previsões do USDA

Fonte: USDA/ERS/R5 86-3

GOSPLAN (Comite Estatal de Planejamento) prepara planos de desenvolvimento com prazos que, geralmente, variam entre 1 ano, 5 anos ou de longo-prazo. Esses planos determinam detalhadamente as quantidades e os tipos de mercadorias estrangeiras que serao necessarias e, normalmente, as trocas sao efetivadas dentro do proprio bloco socialista.

O responsavel pelo planejamento e execucao das trocas comerciais, com paises estrangeiros e o Ministerio do Comercio Exterior, cujas atribuicoes incluem : relacoes com os varios paises, supervisao do trabalho dos representantes sovieticos fora do pais e preenchimento dos compromissos de importacao e exportacao dos planos do GOSPLAN. Alem disso, supervisiona e controla cerca de 60 F.T.Os (Foreign Trade Organization), que sao organizacoes especializadas em comercio, cada qual com atribuicoes e responsabilidades exclusivas com tipos especificos de mercadorias. Os FTOs sao o primeiro contato possivel entre os importadores e exportadores e o Governo Central. E, costuma-se dizer, o unico (quase sempre) em todo o processo de negociacao, ja que, somente estes orgaos estao autorizados, legalmente, a contratar importacao ou exportacao de mercadorias.

No tocante a producao, em fevereiro de 1986, Mikhail Gorbachev propoe o 12 Plano Quinquenal, ja em andamento ("a turning point for soviet agro-industrial sector"), numa tentativa de resolver muitos dos problemas burocraticos do pais. A reorganizacao comeca com uma maior

centralizacão das atividades empresariais agrícolas, já que concentrara as decisões de alguns ministérios (hoje eliminados) em uma só organização - GOSAGROPOM (Comitê Estatal da Agro-indústria), que tem por objetivo reduzir as duplicações de responsabilidades e eliminar muitos dos impedimentos burocráticos resultantes de diversas decisões desnecessárias (e quase sempre contraditórias).

Apesar de todas as dificuldades burocráticas, o mercado soviético é, ainda, muito atraente, especialmente para as vendas em larga escala. Um país com mais de 270 milhões de pessoas, cuja população vem crescendo em cerca de 2 milhões anualmente e, além de haver por parte do governo tentativas de orientar a economia para o aumento do consumo¹, especialmente de produtos de avançada tecnologia.

Os grãos respondem por 65% do valor das exportações agrícolas americanas para o país (especialmente trigo, milho e soja) embora outros produtos também tenham mercado regular (Tabelas 14 e 15). Em 1964 o valor desses produtos (que não os grãos) atingiu 350 milhões, assim distribuídos: algodão (167 milhões), pasta de soja (123 m), gordura não-comestível (34 m), couro (gado) (12 m), castanhas (7 m) tabaco (0.698 m), lupulo para cerveja (0.149 m) e produtos de estufa (0.01 m).

A comercialização de grãos é de grande

¹ exemplo desta situação refere-se ao consumo de citricos, que no país é bem abaixo dos níveis desejados e, apesar de poucas possibilidades de aumento na produção, tem havido incentivo para o aumento do consumo.

Tabela 14
COMERCIO AGRICOLA ENTRE URRS E EUA/VOLUME

	1983	1984	1985
EXPORTACAO			
Trigo	4,836.3	7,646.3	1,068.1
Milho	3,032.0	10,615.4	13,045.1
Soja	568.7	46.2	---
Oleos Veg.	---	15.0	39.5
Couro An.	1.0	0.3	---
Castanhas	1.0	8.6	28.2
Algodao	45.0	99.6	45.2
Gord. Anim.	54.5	55.5	80.1
Tabaco	0.1	0.1	1.1
IMPORTACAO			
Cha	0.6	0.4	---
Caseina	0.3	0.2	0.1
Tabaco	0.2	0.1	---
Bebidas	0.3	0.3	0.7
Algodao	0.3	---	---

1000 Toneladas Metricas

---Nenhum ou negligenciavel 1/Exclue sucluindo
suco de frutas

Fonte: FATUS 1985 / USDA

Tabela 15
COMERCIO AGRICOLA ENTRE URRS E EUA/VALORES

	1983	1984	1985
EXPORTACAO			
Trigo	800.6	1,170.8	162.3
Milho	404.4	1,450.4	1,540.7
Soja	159.5	14.0	---
Oleos Veg.	---	9.1	27.2
Couro An.	10.6	10.3	---
Frutas(se- cas inc.)	3.0	24.5	67.7
Algodao	72.2	167.4	63.6
Gord. Anim.	21.5	29.7	38.1
Outros	1.1	1.5	8.2
TOTAL	1,472.9	2,877.6	1,907.8
IMPORTACAO			
Caseina	0.6	0.2	0.1
Peles	8.3	10.2	7.8
Outros Pro dutos An.	0.1	---	---
Tabaco	0.3	0.2	0.1
Outros	1.1	0.5	0.6
TOTAL	10.4	11.1	8.6

Milhoes de Dolares

---Nenhum ou Negligenciavel

Fonte: FATUS 1985 / USDA

importancia para os dois países, já que a URSS é a maior importadora do mundo e, os Estados Unidos o maior exportador.

Antes do embargo de 1960, os EUA chegaram a suprir 70% das necessidades de importação de grãos do país em alguns anos). Essa parcela, entretanto, caiu abaixo de 20 % em 1963, e teria caído mais não fosse pelo acordo " US-USSR GRAIN AGREEMENT"¹ que supoe um índice mínimo nas negociações, ou seja, 7 milhões de toneladas mínimas (" minimum^{annual} grain trade").²

As exportações de trigo para a URSS caíram de 6 milhões de toneladas (durante out/83 a set/84) para menos de 3 milhões de toneladas no período 1984/1985, representando o primeiro ano em que a União Soviética violou o tratado anteriormente citado, ou seja menos do que os 4 milhões mínimos previstos pelo acordo. Calcula-se que o país adquiriu 17 milhões de toneladas do produto de outros fornecedores.

A URSS, apesar do esforço, tem enfrentado mau clima e dificuldades infra-estruturais, que vem prejudicando a colheita dos produtos agrícolas nos últimos seis anos. Assim, as compras de tais produtos tem atingido níveis sem precedentes. Em 1984 a colheita de grãos atingiu, segundo estimativas do USDA, apenas 170 milhões de toneladas, bem aquém dos 240 milhões previstos e ainda menos do que os

¹ - ver Apêndice II para o presente capítulo.
² - é um dos dois tratados entre os dois países. O outro é o " US-USSR Agricultural Cooperation Agreement", que supoe troca de farmacos e especialistas agrícolas.

200 milhões de toneladas requeridas para o consumo interno¹. Em 1985, a situação foi melhor - 190 milhões de toneladas estimadas, resultado de melhor clima em algumas regiões, maior uso de tecnologia intensiva, melhor colheita de trigo (15% a mais), etc. (Tabela 16).

Em 1985, calcula-se que foram produzidas 63 milhões de toneladas de trigo, 94 milhões de toneladas de grãos (coarse), algodão cru - 8.75 milhões (3% a mais do que no período anterior), oleaginosas 11 milhões de toneladas (0.9 milhão a mais com relação a 1984, porém ainda menor do que o índice recorde de 1973 de 12.6 milhões), sementes de girassol 5.23 milhões de toneladas (700 mil tons a mais do que em 1984.)

Do lado dos decréscimos temos: açúcar de beterraba caindo para 82 milhões de toneladas (contra 85 milhões em 1984), batatas com 75.5 milhões em 1984 para 73 milhões em 1985, e vegetais de 31.5% para 28 milhões de toneladas.

Em 1984, a importação de grãos atingiu o índice recorde de 56 milhões de toneladas (estimado), devido especialmente a necessidade de aliviar os suprimentos de uma colheita pobre, de um inverno rigoroso e de índices recordes na pecuária (Tabela 17). Esses dados representam cerca de 20% do total dos grãos (coarse), um quarto do milho e um quarto do trigo (ou 26 milhões de toneladas de trigo) do total

¹ produção e, normalmente, reportada em "bunker terms", ie, não se leva em conta excesso de umidade, perda na estocagem, etc. Assim, o DA calcula que dos 170 milhões apenas 150 seja o resultado líquido.

Tabela 16

OFERTA E UTILIZACAO DE GRAOS/URRS 1/

ANO 2/	PROD.	IMP.	EXP.	DISPO- NIVEL	DESTINACAO E USO DOS GRAOS					TOTAL UTILIZ.
					Semen- te	Indl	Ali- ment.	Perda Estocag.	Racao	
TOTAL	3/									
76/77	223.8	11.0	3.3	232	29	4	45	31	112	221
77/78	195.7	18.9	2.3	212	28	4	45	29	122	228
78/79	237.4	15.6	2.8	250	28	4	46	28	125	231
79/80	179.2	31.0	0.8	209	28	4	46	22	123	223
80/81	189.1	34.8	0.5	223	27	4	47	28	119	225
81/82	160.0	46.0	0.5	206	27	4	47	15	116	210
82/83	180.0	32.5	0.5	212	27	4	47	18	117	213
83/84	190.0	32.9	0.5	222	27	4	47	21	120	219
84/85	170.0	55.5	1.0	224	27	4	47	19	121	218
85/86	190.0	29.0	1.0	219	27	4	48	18	121	218
86/87	190.0	30.0	1.0	219	27	4	48	19	121	219
TRIGO										
76/77	96.9	4.6	1.0	100	15	1	35	14	28	93
77/78	92.2	6.6	1.0	98	15	1	35	14	44	109
78/79	120.8	5.1	1.3	124	14	1	35	14	43	107
79/80	90.2	12.0	0.3	102	15	1	35	11	53	115
80/81	98.1	16.0	0.5	114	15	1	36	15	48	115
81/82	90.0	19.5	0.5	99	15	1	36	8	42	102
82/83	96.0	20.2	0.5	106	15	1	36	9	43	106
83/84	79.0	20.5	0.5	99	15	1	36	9	36	97
84/85	73.0	28.1	1.0	100	15	1	36	8	36	96
85/86	83.0	16.0	1.0	98	15	1	36	8	36	97
86/87	80.0	16.0	1.0	95	15	1	37	8	34	95
GRAOS 4/										
76/77	115.0	5.7	2.0	119	12	3	7	16	78	116
77/78	92.6	11.7	1.0	103	11	3	7	14	74	109
78/79	105.0	10.0	1.0	114	12	3	7	13	79	114
79/80	81.0	18.4	0.0	99	12	3	7	10	68	100
80/81	81.0	18.0	0.0	99	11	3	7	12	67	100
81/82	73.0	25.5	0.0	98	11	3	7	7	71	99
82/83	86.0	11.3	0.0	97	11	3	7	9	68	98
83/84	99.0	11.5	0.0	110	11	3	7	11	77	109
84/85	86.0	26.9	0.0	113	11	3	7	10	80	111
85/86	94.0	12.0	0.0	106	11	3	7	9	76	107
86/87	98.0	13.0	0.0	111	11	3	7	10	80	111

1/Todos os dados são estimativas do USDA, com exceção da produção em 1976/80. Outros dados são previsões do mesmo USDA, com arredondamentos para a tonelada mais próxima (milhoes), exceto para dados de produção e comércio. 2/Os anos com início em 01 de Julho, a exceção dos dados para produção, com ano de calendário. 3/Incluindo trigo, grãos (coarse), arroz, leguminosas, e outros. 4/ Incluindo centeio, cevada, aveia, milho (e o grão denominado "millet" (milho miúdo ou painço)).

DADOS: USDA/ERS Situation and Outlook Report; Maio de 1986.

Tabela 17

PRINCIPAIS IMPORTACOES SOVIETICAS : POR VALOR E POR VOLUME

PRODUTO	Milhoes de Dolares			Milhoes de Ton s		
	1982	1983	1984	1982	1983	1984
Trigo 1/	3,911.1	3,980.0	4,607.9	21096	23001	28162
Cevada 1/	350.9	180.8	169.8	2665	1582	1392
Milho 1/	1,503.1	855.7	1,735.5	11461	6453	12429
Outros Grãos 1/	955.8	446.0	475.0	5170	2961	2719
Carne e Pr Prods. 2	1,430.0	1,369.7	1,092.3	939	985	605
Outr. Prods Anim 3	1,315.2	1,352.7	934.1	126	149	91
Vegetais/Frutas 4	1,452.8	1,303.5	1,242.0	1912	1801	1206
Açúcar(cru)	3,968.9	3,760.4	4,170.3	6161	4797	4972
Açúcar(Refinado)	397.6	264.9	147.6	1115	1128	732
Café, Cacau e Cha	496.9	632.7	881.8	236	276	293
Temperos	38.1	37.4	46.6	NO	NO	NO
Bebidas	789.0	801.1	842.8	NO	NO	NO
Tabaco(e prod)	919.5	923.2	879.3	NO	NO	NO
Oleaginosas	456.7	398.9	237.4	1592	1422	696
Pasta de Oleag.	387.7	546.1	123.1	1661	2411	530
Oleos Vegetais	441.0	312.3	526.2	866	708	696
Gord/Oleos Técns	193.2	156.7	231.6	NO	NO	NO
Sementes(e Prods)	176.1	168.1	163.9	NO	NO	NO

1/Estimativas do USDA, dados oficiais soviéticos reportam apenas valores, incluídas algumas revisões para 1982 e 1983. Dados oficiais soviéticos para conversão: \$1.38 em 1982, \$1.35 em 1983 e

2/ Não estão incluídos animais vivos

3/Muitos dos produtos animais não podem ser medidos em toneladas métricas, ovos por exemplo, assim os valores para este item não representam o volume citado (válido para lãs, peles e couros, somente)

4/Vale aqui a afirmação anterior

Fonte: Diversas publicações do USDA/FAS-Adaptações

comercializado pelo mundo.

Dado o aumento da produção no período 64/65, um declínio de importação ocorreu na mesma proporção do aumento (20 milhões de toneladas) para o ano de 1986. Ainda assim, a importação de milho aumentou para o mesmo ano, dado a problemas com as colheitas no ano passado. Os Estados Unidos venderam, em 1986, uma quantia superior ao mínimo de 4 milhões de toneladas previstas pelo acordo. (Note-se que em 1984/85 os Estados Unidos venderam 16 milhões de toneladas de milho para a União Soviética, um índice recorde).

O trigo conheceu acréscimos para 1986, especialmente devido aos estoques mundiais, e a reduzida necessidade da União Soviética para o período. Em 1985, os soviéticos importaram cerca de 57% do trigo e 74% dos outros grãos (coarse) utilizados, revertendo a tendência de comprar mais trigo do que os outros grãos: 5 milhões a mais do segundo em relação ao primeiro.

A importação de grãos é largamente financiada por moedas fortes, aceitas internacionalmente ("hard currency"), que por sua vez, provem, em grande parte, dos ganhos com petróleo. Assim, em 1985, com ganhos menores, a União Soviética terminou com um déficit nas trocas com os países industrializados de cerca de 827 milhões de dólares.¹

No tocante ao algodão, a exportação

Outros produtos como açúcar, carne, frutas e vegetais não envolvem, a princípio, a utilização de moedas fortes, já que são transacionados quase sempre com os países do bloco socialista.

americana para a URSS caiu em 100 milhões de dólares entre 84 e 85, e deveria cair outros 50 milhões em 86, já que os soviéticos continuam a aumentar a produção de fibras de alta qualidade. A produção de algodão aumentou em cerca de 1.5% (85 com relação a 84), com produtividade aumentada, embora em menor área. As exportações soviéticas não devem aumentar, apesar disso, mas as importações deverão ser menores, em função de maior disponibilidade doméstica. Em 1984, os EUA detinham cerca de 45% do mercado soviético de importações de algodão, essa parcela caiu para 35% em 1985, e mais uma vez os motivos da queda apontam para a questão da não-competitividade dos preços americanos no mercado mundial. Convém salientar que as importações de algodão dos Estados Unidos foram excepcionalmente altas no período 1983-85, devido a necessidades internas que não foram supridas por produções domésticas ou pelos tradicionais fornecedores.¹

As fatias de mercado, relativamente aos grãos vem conhecendo quedas reais nos últimos anos. Os Estados Unidos detinham, em 1984, 27% do mercado de importação de trigo (ou seja 7.6 milhões de toneladas dos quase 30 milhões importados), enquanto que em 1985 essa parcela caiu para um pouco mais 5%, isto é, 1.1 milhões de toneladas da reduzida importação total de 16 milhões de toneladas. O maior beneficiado foi a Argentina que supriu 24% do total em 1985 (comparados com 10% no ano anterior), seguido pela Comunidade Europeia que ganhou 7 pontos no total

lheitas pobres no Afeganistão, Síria, Sudão e Egito

percentual (de 14% para 21% no periodo em questao) (Tabela 18).

Em 1985, apesar do aumento para 13 milhoes de toneladas dos outros graos (coarse), isto e, 23 % a mais, a parcela de mercado americano diminui de 59% para 53%, dado que a Uniao Sovietica realizou compras com fornecedores nao tradicionais, como a China, por exemplo, que vendeu 1 milhao de toneladas de milho para os sovieticos. Alem da China, Tailandia (que hoje desponta como um grande produtor de milho) foi outro importante fornecedor.

As perspectivas para o mercado de oleaginosas, embora melhores, nao sao exatamente otimas. Ha um aumento na producao interna sovietica para sementes de girassol. A importacao de soja devera atingir, em 1986, um recorde de 2.5 milhoes de toneladas (devido, aparentemente, a decisao de renovar as fontes de alimentos proteicos na alimentacao pecuaria) Os Estados Unidos deverao ser o mais importante fornecedor do produto em 1986 (nos tres primeiros meses do ano a URSS ja havia adquirido mais de 1.5 milhao de toneladas de soja do pais). A fatia de mercado americana para a soja era, em 1978 e 79 de 96%, com o Brasil suprindo os 4% restante. Em 1980, a Uniao Sovietica iniciou compras com a Argentina (e a parcela americana ficou reduzida, tambem devido ao problema do embargo dos EUA), em 1981 com outros fornecedores e em 1984 com a China. Em 1985, a Uniao Sovietica nao realizou compras do produto com os Estados Unidos. Todos os concorrentes citados anteriormente possuem acordos (Long

Tabela 18

MAIORES EXPORTADORES DE PRODUTOS AGRICOLAS PARA A
UNIAO SOVIETICA NO ANO DE 1984

PRODUTO	QUANTIAS	(Porcentagem)
Grãos e Produtos 1/	44702	EUR(38), Canada(22), Argentina(15), França(10), Austrália(5), Hungria(2), Outros(8)
Açúcar 2/	5306	Cuba(61), Brasil(14), França(7), Austrália(6), Ale. Oc.(3), Filipinas(1), Bélgica(1), Outros(7)
Carne(Fresca e Con-	552	Hungria(15), Romenia(14), França(10), Argentina(7), Mongólia(7), N.Zelandia(5), Finlândia(3), Outros(39)
Frango	114	Hungria(57), Romenia(13), Bulgária(11), Outros(19)
Pele e Couros 3/	1	Holanda(48), EUR(36), Bulgária(11), Outros(19)
Lã	90	Austrália(46), N.Zelandia(20), Argent.(11), Mongólia(9), Uruguai(7), Afeganistão(5), Síria(2)
Soja	615	China(55), Argentina(24), EUR(23)
Soja em Pasta 4/	400	Brasil(12), -Outros(88)
Frutas Frescas	1100	Hungria(23), Cuba(13), Bulgária(9), Polónia(8), Grécia(6), China(5), Outros(36)
Frutas Secas	103	Afeganistão(40), Turquia(13), Romenia(7), Ira(5), Outros(35)
Vegetais Frescos	158	Bulgária(54), Vietna(11), Egito(7), Polónia(8), Romenia(7), Outros(12)
Algodão(fibras)	166	EUR(64), Síria(14), Egito(7), Grécia(4), Sudão(3), Afeganistão(1), Outros(7)

Quantias em 1000 toneladas métricas

1/Estão incluídos os grãos mais significativos

2/Total das importações de açúcar refinado, em valores

3/Em milhões de peças

4/Estimativas do USDA

Fonte: USDA/ERS -RS-86-3

Term Agreements), com a Uniao Sovietica. Os Estados Unidos, embora tenham soja inclusa no acordo de compras minimas de graos, nao tem estipulado niveis minimos de absorcao do produto.

Os maiores mercados exportadores de graos para a URSS sao (segundo os acordos para as compras de graos para o ano de 1985): EUA (acordos para 9 milhoes de toneladas de trigo e milho), Canada (5.5 milhoes de toneladas de graos), Argentina (4 milhoes de toneladas de graos - coarse, com acordo renovado para 1986-90, de fornecer anualmente 500 mil toneladas de soja), Franca (1.5 a 3.0 toneladas de graos), Brasil (500 mil toneladas de milho, 2.5 milhoes de toneladas de soja - de 1982 a 1986), Hungria (500 mil toneladas de milho e trigo), Austria (250 mil de trigo), Tailandia (200 mil de milho). A China assumiu um compromisso de fornecer 2.6 milhoes de toneladas de soja, anualmente, de 1986 a 1990.

Concluindo, convem lembrar que os ultimos dados oficiais liberados pela Uniao Sovietica datam de 1980. Assim, a partir de entao, tem-se trabalhado com estimativas, o que torna as analises do mercado sovietico bastante limitadas.

"The USSR is an important and volatile market for US grains... The Soviet will likely remain a substantial grain importer and a major force in world grain markets. Farmers, grain traders and policymakers will continue to need information about soviet production and

trade projects. The difficulties in predicting soviet grain production will become greater, however, as the time period between, the present and the last year of official Soviet data widens."¹

¹ly Moore, em "USSR Grain Policies and data". Relatorio de estimas sobre producao, produtividade e politica de URRS, realizado para International Economics Division, ERS/USDSA, Julho 1986

D) NAÇÕES DO PACÍFICO

As nações da Ásia ¹ tem apresentado, nos últimos anos um significativo potencial de crescimento². Embora as Filipinas tenham encontrado diversos problemas políticos e financeiros, os outros países tem apresentado expansão no desenvolvimento econômico, em média.

Ainda que, em 1985 tenha se verificado um crescimento menos acelerado, em muitos desses países as taxas continuaram maiores em relação ao resto do mundo e a média dos países da OCDE (Tabelas 19 e 20)

Devido a estas características a competição por tais mercados vem se acirrando nos últimos períodos. Associado ao fator concorrência e a valorização do dólar, os países do Pacífico, nos últimos dois anos, diminuíram suas importações com os Estados Unidos, enquanto forçaram um significativo aumento das exportações para o mesmo. Os mais beneficiados com o aumento das importações americanas foram o Japão e as novas economias industrializadas de Coreia, Taiwan e Hong Kong.

Embora os Estados Unidos possuam déficits com dez das doze economias, o setor agrícola considerado isoladamente mostra um superávit que, em 1985, foi de 6 bilhões de dólares, isto é, 3.798 bilhões de importação e

ao analisadas neste item as 12 economias do Pacífico, conhecidas como "Pacific Rim", ou seja, Japão, China, Coreia, Taiwan, H.Kong, Tailândia, Singapura, Filipinas, Malásia, Austrália, N.Zelândia e Indonésia. Ver-se tabelas 20, 21, para os indicadores econômicos da região que foram analisando

Tabela 19

ASIA DO LESTE-INDICADORES ECONOMICOS

	1984	1985	1986 P 1/
PIB	Em bilhões de dolares		
Japao	1242.4	1335.8	1844.1
Coreia do Sul	83.8	83.8	87.9
Taiuan	56.7	59.2	64.5
Hong Kong	30.5	34.2	38.9
Crescimento do PIB	Em porcentagem		
Japao	5.8	4.2	2.9
Coreia do Sul	7.9	5.0	6.5
Taiuan	10.3	4.1	8.5
Hong Kong	9.6	0.8	4.5
Populacao	Em milhoes		
Japao	120.0	120.7	121.5
Coreia do Sul	40.6	41.2	41.8
Taiuan	19.0	19.3	19.5
Hong Kong	5.4	5.5	5.6
Taxa de Cambio	Moeda Local x Dolar Americano		
Japao (yen)	238.0	239.0	159.0
Coreia do Sul (won)	806.0	870.0	900.0
Taiuan (N. Taiwan \$)	39.6	39.8	39.5
Hong Kong	7.8	7.8	7.8
Inflacao	Em porcentagem		
Japao	2.3	2.1	0.5
Coreia do Sul	2.3	2.5	2.5
Taiuan	0.0	-0.2	2.5
Hong Kong	8.1	3.2	5.0
PNB per capita	Em dolares		
Japao	10252.0	11696.0	11430.0
Coreia do Sul	1999.0	1978.0	2167.0
Taiuan	3046.0	3142.0	3360.0
Hong Kong	5884.0	6139.0	6593.0

Fonte: Hong Kong Government, FMI, Internacional Financial Statistics, Japan Economic Research Center, ERS estimativas, Wharton Econometrics, Korea Development Institute, United Nations, Financial Statistics, (Taiuan District, Republic of China).

1/Previsoes baseadas em "Wharton World Economic Outlook" Dez. 1985, Filadelfia, Wharton Econometric Forecasting Associates

Tabela 20

SUDESTE ASIÁTICO E OCEANIA - INDICADORES ECONÔMICOS/1985

	INDONESIA	MALÁSIA	FILIPINAS	SINGAPURA	TAILÂNDIA	AUSTRÁLIA	N. ZELÂNDIA
PIB (Milhões dólares)	81950	33100	32650	17847	37240	161800	21500
PIB PER CAPITA (dólares)	501	2111	594	6864	726	10241	6515
CRESC. REAL PIB (%)	1.5	2.8	-4.0	-1.7	4.1	4.7	0.9
POPULAÇÃO (milhões)	163.8	15.7	55.0	2.6	51.3	15.8	3.3
CRESC. POPULACIONAL (%)	2.2	2.7	2.5	1.2	1.9	1.4	1.0
TAXA INFLAÇÃO (%)	4.8	0.5	23.0	0.7	2.4	7.7	13.9
	Em	milhões	de	dólares			
TOTAL DAS EXPORT.	19200	15800	4628	22050	7125	22054	5424
TOTAL DAS IMPORT.	15200	14700	5545	27900	9260	23081	5247
RESULTADO NAS TROCAS	4000	1100	-917	-5850	-2135	-1027	177

FONTE: FMI, INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS, (Wharton, P. Project
link, Marco, 1986)
(As conversões foram realizadas a taxas oficiais de câmbio)

10.033 de exportação.¹

Os países do Pacífico importam em grande quantidade produtos agrícolas não-processados ou crus, especialmente grãos e rações, além de tabaco e algodão. Os Estados Unidos, até 1983, forneciam, em média, 50% das necessidades de importação desses produtos. Calcula-se que, em 1985, essa parcela de mercado tenha se reduzido para menos de 40%. A maioria das trocas comerciais tem sido, hoje, efetuadas dentro da própria região e os principais produtores são: China, Austrália, Nova Zelândia e Tailândia.

A China já é, hoje, o segundo maior fornecedor de produtos agrícolas para a região, depois dos EUA, e a Austrália ocupa o terceiro lugar. As parcelas de mercado para a China vêm aumentando, paulatinamente, nos últimos anos - em 1984, 10% do mercado da região era detido pela China e, em 1985, calcula-se que 14%. Nos últimos seis anos a China tem obtido índices recordes de produção para algodão, açúcar e oleaginosas, transformando-a de comprador em exportador de grande importância. Calcula-se que o país já é, hoje, o maior produtor de trigo, arroz, algodão e tabaco do mundo.²

Outros países, como Tailândia, Malásia, Indonésia e Filipinas, apresentaram produtividade agrícola aumentada em cerca de 35%, resultado especialmente da

Queda de exportação agrícola do período anterior foi de 12.6 bilhões, tanto uma queda bastante significativa para os Estados Unidos. A produção chinesa aumentou 40% em seis anos, resultado da decisão de minar-se as imensas fazendas comunitárias e da devolução das terras, "leasing", as famílias e pequenos grupos.

"revolucao verde" do arroz (na ultima decada), e estao, hoje, contribuindo para as perdas do mercado americano de exportacao.

Os EUA tem sofrido, tambem, forte concorrencia do Canada, Comunidade Europeia, Argentina, Brasil, Africa do Sul e Paquistao; alem da URSS e de alguns paises latino-americanos e africanos (que fornecem para a regioao substanciais quantidades de algodao, tabaco, cafe e farinha de peixe).

A competicao pela regioao varia conforme o produto e o mercado. Por exemplo, Australia e Canada competem pelo mercado do trigo. O primeiro e o principal competidor em todas as regioes, exceto pelo Japao, onde o segundo e mais forte. A Comunidade Europeia compete, especialmente, na China e Indonesia.

As vendas de milho para a regioao e de grande importancia para os Estados Unidos (especialmente, as vendas para o Japao), e os grandes competidores para o produto sao: Tailandia (em H.Kong, Indonesia, Singapura e Malasia) e Africa do Sul (que compete pelo mercado japonês), alem da competicao de Argentina, Mocambique e, mais recentemente, China.

Os Estados Unidos sao o principal fornecedor de oleaginosas para a regioao, 70% do mercado, em media, gracias aos altos volumes de vendas para o Japao, China, Coreia e Taiwan. O Japao tem apresentado crescimento lento para a aquisicao de soja, o mesmo se da com Indonesia,

embora as vendas para a Coreia, Malasia e Filipinas tenham aumentado significativamente, nos ultimos periodos. O Brasil e o maior fornecedor de soja processada ("soymeal"), e a China comeca, hoje, a despontar como um competidor de grande importancia.

Outros importantes produtos sao tabaco e algodao. Ate 1982, os dois produtos respondiam por 16% do valor total agricola adquirido pela regio, quando, entao, a China cortou as importacoes de algodao e, e hoje considerada o maior competidor para o produto dentro da regio. O Japao e o maior mercado para tabaco nao-manufaturado, com compras que atingem 50% do total da area.¹

Em seguida, faremos uma avaliacao suscinta de cada um dos mercados em questao, destacando os principais paises dentro da tradicional divisao geografica: Leste Asiatico (Japao, Taiwan, H.Kong e Coreia do Sul), Oceania (Australia e N.Zelandia) e Sudeste Asiatico (o restante das 12 economias).

1) Leste Asiatico: Esta e, sem duvida, a mais representativa regio para o desempenho da agricultura de exportacao americana. Pelo menos tres dos paises estao situados entre os dez melhores mercados para os Estados Unidos, e os quatro juntos compraram, em 1985, quase 9 bilhoes de dolares de mercadorias agricolas americanas. Ou seja, quatro paises

Estados Unidos dominam o mercado de cigarros, com competicao acirrada da Inglaterra. A demanda anual de cigarros, no Pacifico, vem crescendo a taxas anuais de 20%.

sozinhos absorvem, em media, mais de 25% do total exportado pelos Estados Unidos: ou ainda, 37% da soja, 54% do algodao, 63% do couro cru, 38% da carne de porco, 41% da carne de frango e 38% das frutas e preparados exportados pelo pais (Tabela 21 e 21-A)

Os produtos mais importados pelo Leste Asiatico sao: graos e racoes, dos quais milho, sorgo e cevada representam quase 75% (destinados a alimentacao de 7.7 milhoes de cabecas de gado). Em 1985, os Estados Unidos perderam 15% de mercado desses graos (ou seja, de 80% para 65%), ja que a regioa comprou 3.8 milhoes de toneladas a menos de milho americano e importou 3.5 milhoes a mais do milho chines, a um preco 8% menor em relacao ao milho dos EUA.

Os Estados Unidos supriam, ate 1984, 95% das necessidades de importacao de soja desses paises. Em 1985, no entanto, perdeu 4% de mercado para a Am. do Sul (especialmente Brasil), uma perda que devera persistir para os proximos anos.¹

Outro importante mercado para os EUA e o de carnes bovinas, suinas e de frango, alem de ovelhas e carneiros. Os suprimentos domesticos sao insuficientes para atender as demandas internas, e assim, os EUA fornecem, em media, 35% das necessidades de importacao de produtos animais. Esse mercado tambem apresentou menor indice de venda

devido a seca no Brasil em 1985, ter alterado os resultados favoravelmente para os Estados Unidos, em 1986. A producao de carne suina e a que possui maior grau de auto-suficiencia, devido a maiores possibilidades de producao.

Tabela 21

EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS AMERICANAS PARA A ÁSIA DO LESTE
POR PRODUTO

	ÁSIA DO LESTE			PARCELA EUA DO TOTAL		
	1984	1985	1986 P	1984	1985	1986P
	---Milhoes Dolares---			---Porcentagem---		
PRODS ANIMAIS	1514	1448	1448	36	38	34
Carne Bovina	327	378	378	73	78	73
Carne Suína	85	28	59	62	38	60
Frango	120	106	111	43	41	28
Outros	982	941	900	31	30	28
GRãos E RAOES	4478	3419	3010	26	26	27
Trigo (e prods)	931	885	729	15	20	20
Arroz	1	0	0	0	0	0
Grãos(coarse)	3242	2310	2062	39	34	38
Forragens e Raco	227	200	198	19	20	14
FRUTAS E PREPS	428	460	477	34	38	40
Castanhas e prep	80	82	81	15	12	13
Vegetais e Preps	186	181	167	19	19	17
OLEAGINOSAS E PR	2017	1532	1414	23	24	22
Oleos e pastas	17	1	11	1	0	1
Soja	1911	1452	1329	33	37	32
Oleos Vegetais	63	56	56	6	6	14
TABACO(NAO-MANUF	394	422	402	27	27	27
ALGODÃO	1263	1043	559	53	54	36
OUTROS	207	215	234	16	19	21
TOTAL	10567	8801	7792	28	28	28

-----Em milhares de toneladas-----

TRIGO E PRODS	6169	5862	5880	14	20	20
GRãos(COARSE)	21786	18747	19400	39	34	29
PASTAS PROTEICAS	63	4	55	1	—	1
SOJA	6257	6221	6640	32	37	32
TABACO	60	64	66	26	25	26
ALGODÃO	795	706	394	54	54	52

P-Previsto

FONTE: Bureau of the Census, US Department of Commerce
e Estimativas do USDA

Tabela 21-A

EXPORTACOES AGRICOLAS PARA A ASIA DO LESTE

	1982	1983	1984	1985	1986 P
	Em milhoes de dolares				
JAPAO	5735	5888	6935	5663	5018
COREIA	1607	1713	1816	1400	1262
TAIWAN	1166	1237	1409	1342	1130
H.KONG	403	344	407	396	382
TOTAL	8911	9182	10567	8801	7792
MUNDIAL	39095	34771	38027	31187	28000
%EUA	Em porcentagem				
JAPAO	16.9	18.3	18.0	18.2	17.9
COREIA	4.1	4.9	4.8	4.5	4.5
TAIWAN	3.0	3.6	3.7	4.3	4.0
H.KONG	1.0	1.0	1.1	1.3	1.4
TOTAL	22.3	26.4	27.8	28.3	27.8

1/ Previsao(ERS)

FONTE: Bureau of the Census(US Department
Commerce)

em 1985, especialmente

devido aos altos preços do produto americano. Quase 40% do total de produtos animais exportados para a Ásia em questão, representam couros e peles. Taiwan, Hong Kong e Coreia são grandes exportadores de calçados (e artigos de couro) para os Estados Unidos.

A Ásia do Leste é o mais importante mercado regional do mundo para a absorção de algodão cru. A parcela americana para algodão declinou, para a região, em 9%, em 1985 (53% em 1984, 44% em 1985). O total importado pela região foi menor 2%, no mesmo período, com declínios verificados especialmente no Japão e Hong Kong. Os maiores concorrentes para o produto são: China, Paquistão e Austrália. (Tabelas 22 e 23 fornecem alguns dados para o Sudeste Asiático, permitindo uma avaliação de desempenho econômico e importações agrícolas e totais).

i) Hong Kong - Esta é, sem dúvida, a mais fragil das quatro economias da região que estamos analisando. O país tem que importar muito do que consome, é muito pequeno, está isolado geograficamente e, depende pesadamente dos parceiros internacionais. Em 1984, Hong Kong cresceu a taxas de 9,6%, enquanto que o crescimento real para 1985, foi, no entanto, inferior a 1% - atribuído a uma significativa queda nas exportações, refletindo o crescimento econômico mais lento dos países industrializados (especialmente os Estados Unidos, o principal parceiro nas trocas internacionais).

Tabela 22

ASIA DO LESTE: IMPORTACOES E EXPORTACOES AGRICOLAS E RESULTADOS

PAIS	IMPORTACOES 1/			EXPORTACOES 2/			RESULTADO DAS TROCAS 2/		
	1983	1984	1985	1984	1985	1985	1983	1984	1985
	Em milhoes dolares			Em milhoes dolares			Em milhoes dolares		
Japao	16753	18714	16833	987	1024	893	-15766	-17690	-15940
Coreia S.	3266	3473	2841	616	622	590	-2630	-2851	-2251
Taiuan	2694	2984	2720	1219	1323	1228	-1465	-1661	-1492
Hong Kong	3428	3591	3566	200	227	251	-3228	-3364	-3315
TOTAL	26131	28762	25960	3022	3196	2962	-23109	-25566	-22998
	% do Total das Imp. com origem nos EUA			% do Total das Exp. destinadas p/EUA			RESULTADO DAS TROCAS		
Japao	41	41	40	14	25	24	-6760	-7532	-6642
Coreia S.	59	54	49	9	10	11	-1880	-1809	-1326
Taiuan	52	53	53	15	17	15	-1216	-1373	-1271
Hong K. 3/	16	17	17	21	22	22	-505	-569	-550
TOTAL	41	41	39	14	15	15	-10361	-11283	-9789

1/Base CIF 2/ base FOB 3/incluindo exp.domesticas e reexportacoes
 FONTE:United Nations (trade data); The Trade of China(Taiuan District)

Tabela 23

ASIA DO LESTE: IMPORTACOES, EXPORTACOES E RESULTADOS

PAIS	EXPORTACOES TOTAIS			IMPORTACOES TOTAIS 1/			RESULTADO TROCAS 2/		
	1983	1984	1985	1983	1984	1985	1983	1984	1985
	Em		bilhoes	de	dolares				
Japao	145.5	169.3	173.9	124.3	136.5	129.5	31.5	44.3	56.0
Coreia S.	23.2	26.5	26.4	26.6	29.2	28.2	-1.8	-1.0	0.0
Taiuan	25.1	30.5	30.7	20.3	22.0	20.1	6.3	9.2	11.7
Hong K. 3/	20.6	28.4	28.4	22.5	28.6	29.7	-1.9	-0.2	0.5
TOTAL	214.4	253.3	253.5	193.7	216.3	207.5	37.7	52.3	68.2

	EXPORT. PARA OS			IMPORT. PARA OS			RESULTADO NAS TROCAS		
	EUR COMO % DO TOTAL			EUR COMO % DO TOTAL			COM OS EUR 4/		
Japao	29.5	35.2	37.2	20.0	19.7	19.9	18.5	33.1	39.5
Coreia S.	33.7	35.8	35.5	24.0	22.4	22.0	2.0	3.6	3.9
Taiuan	45.1	48.8	48.1	22.9	23.0	23.6	6.7	9.8	10.0
Hong K. 3/	32.3	33.2	30.8	10.9	10.9	9.5	4.2	6.3	6.5
TOTAL	32.0	36.7	37.5	19.8	19.3	19.1	31.4	52.8	59.9

1/ Base CIF 2/ Base FOB, diferenca entre exp. e import.

3/ Incluindo exportacoes domesticas e reexportacoes

4/ Diferenca entre export. para os EUR (base FOB) e import. para os EUR (base CIF)

FONTE: United Nations (trade data); The trade of China (Taiuan District)

O país é um importante importador de algodão e um não menos importante exportador de produtos têxteis. Em 1985, com o menor desempenho econômico das economias que absorvem esses produtos, a importação de algodão foi 19% menor do que o ano anterior.¹ Os Estados Unidos, por razões de preços elevados, venderam parcelas significativamente menores do produto.

Arroz, milho e trigo são produtos que lideram a lista de importações (Tabela 25), com o último sendo absorvido em quantidades cada vez menores. Tailândia e China lideram o mercado de arroz e milho para o país. Frutas cítricas e tabaco compõem a lista dos produtos mais importantes, com os EUA sendo o principal fornecedor do primeiro e a China do segundo.

ii) Taiwan - Este é um dos mais bem sucedidos países da Ásia, com um crescimento real que girou em torno de 17% nas duas últimas décadas, graças a uma crescente abertura para o mercado internacional, e uma transferência de recursos e mão de obra da agricultura para a produção de mercadorias manufaturadas, combinadas com reformas políticas e uma distribuição de renda mais equilibrada.²

Assim como os outros países da Ásia, a dieta tradicional de arroz vem sendo diversificada com outros

via, inclusive as possibilidades de colocação de barreiras para a entrada de produtos têxteis nos EUA: proposta Jenkins Bill, que recebeu o voto do presidente Reagan, em dez. 1985. O aumento do PIB per capita no país foi de cinco vezes nas duas últimas décadas.

Tabela 25

HONG KONG-IMPORTACOES AGRICOLAS
PRINCIPAIS PRODUTOS E CONTRIBUICAO
AMERICANA NAS IMPORTACOES

	VOLUME		EUA PARCELA	
	1984	1985	1984	1985
	Em 1000 Tons		Porcentagem	
MILHO	223	250	---	---
SORGO	4	5	---	---
ARROZ	366	370	---	---
SOJA	25	25	---	---
ALGODAO(CRU)	218	199	27	7
TRIGO	123	119	80	89
FARINHA/TRIGO	84	77	---	---
ACUCAR	134	146	---	---
CAFE(GRAOS)	14	17	13	20
CARNE SUINA	55	58	---	---
CARNE BOVINA	28	29	3	4
OUTROS PRODS ANIMAIS	97	109	34	31
TABACO	17	18	21	27
FRUTAS CITRICAS	142	159	78	78
BANANAS	33	35	---	---
--Em milhoes de dolares				
TOTAL IMP.AGRIC.	3591	3566	17	17

--Nenhum ou desprezivel

FONTE: Hong Kong Census and Statistics Department,
Hong Kong Trade Statistics, 1984 e 1985, Dez.1985

EXPORTACOES AGRICOLAS AMERICANAS PARA HONG KONG

	1984	1985	1986 P
	Em milhoes de dolares		
ANIMAIS (E PRODS)	63	71	75
Carne Bovina	6	5	4
Carne Suina	1	1	1
Frangos	33	42	45
Outros	23	23	21
GRAOS E RACOES	28	25	23
Trigo e Prods	18	15	13
Ferragens e Racoes	9	7	8
Outros	1	3	2
FRUTAS/VEGET. (PRCDS)	140	155	156
OLEAGINOSAS E PRCDS	18	24	14
TABACO(NAO-MANUF)	20	30	26
ALGODAO	87	31	23
OUTROS	60	72	72
TOTAL	407	396	382

FONTE: Bureau of the Census, US Department
of Commerce; dados de 1986 sao estimativas
do ERS

produtos como: milho, soja, vegetais e frutas. Os governos asiáticos tem tentado estimular o consumo de carne (porco e frango, especialmente), além de encorajar a mudança para outras culturas, que não o arroz.¹

Taiwan já adquiriu auto suficiência em uma série de produtos: arroz², porco, frango, ovos, açúcar e peixes.

O programa de diversificação das terras cultivadas ("Riceland Division Program") já provocou a diminuição das terras destinadas ao plantio de arroz em cerca de 96.000 hectares.³ Muito da área desviada do arroz, no entanto, foi para a horticultura, ao contrário das expectativas do governo de aumento na produção de grãos. Os aumentos adquiridos, embora percentualmente altos, quantitativamente não são representativos: a soja aumentou 37%, para 13 mil toneladas, o sorgo aumentou 178% para 90 mil toneladas, etc, fazendo com que as quantias sejam insignificantes frente aos dois milhões de arroz, ou três milhões de toneladas de vegetais.⁴

Em 1985, o crescimento do país não foi tão acelerado quanto nos anos anteriores, mas ainda assim o

uan segue, atualmente, um programa (1984-1989) de diversificação de culturas que planeja alterar 96.000 hectares de arroz para outras plantações, especialmente frutas e vegetais. taiuenses vem acumulando estoques de arroz desde os anos setenta, im, o programa, posteriormente citado, não somente visa diminuir a área plantio (-3.9% em 1984, -3.1% em 1985), mas desfazer-se dos estoques. produção hoje, abrange 564 mil hectares e a produção é de 2.02 milhões de toneladas, ou seja, 200 mil toneladas maior do que o consumo interno. iosamente, no entanto, a produção agrícola total decresceu, marginalmente, 84 em relação a 85 - no total estão incluídos produtos que conhecem perdas significativas no período.

volume de mercadorias importadas dos EUA foi maior. Taiwan e, hoje, o sétimo mercado mais importante para os Estados Unidos, no setor agrícola: um mercado bilionário (há anos) que em 1985 absorveu 1.34 bilhões de dólares em mercadorias (Tabela 26).

Os Estados Unidos tem um superavit nas trocas agrícolas com Taiwan (para 1985) de 1.271 bilhões, embora em contrapartida, Taiwan possua um superavit nas trocas em geral, de mais de 10 bilhões de dólares.

O país é um excelente mercado para grãos e ração (cerca de 500 milhões anuais, em média, adquiridos dos EUA, ou seja, 99% do milho, 32% do sorgo, 38% da cevada, além de 95% da soja).

Os Estados Unidos vem perdendo mercado para o Uruguai (soja), Afr. do Sul, Austrália e Argentina (em grãos), Paquistão e Brasil (em algodão), Austrália e N.Zelândia (carne bovina).

iii) Coreia do Sul - Também um país que tem sustentado altos índices de crescimento, nos últimos vinte anos, ou seja uma média de 10% ao ano.

Os Estados Unidos vem dominando o mercado coreano nos últimos anos¹, seguidos de China e Austrália.²

Mesmo após o término dos programas de ajuda, as relações entre os dois países continuaram

relação com os EUA começam a se fortalecer após o conflito da Coreia, através de programas de crédito de exportação e de ajuda, do tipo P.L. Esses programas extinguiram-se em 1980. China iniciou as negociações com a Coreia, apenas em 1984, com milho e sorgo sendo os principais produtos exportados.

Tabela 26

IMPORTACOES AGRICOLAS DE TAIUAN
PRINCIPAIS PRODUTOS E PARCELAS P/EUA

	1984	1985	1984	1985
	Em milhares Toneladas		%Parcela Americana	
MILHO	2960	3017	99	99
SORGO	597	564	39	32
CEVADA	382	337	57	38
SOJA	1345	1470	100	95
ALGODAO(CRU)	264	288	42	35
TRIGO	669	755	77	89
TABACO	12	16	82	84
CARNE BOVINA	24	27	7	5
COUROS	92	107	79	74
LEITE EM PO	66	63	7	6
MACAS	46	50	70	68
TOTAL IMPORT. AGRICOLAS	Em milhoes de dolares 2984 2720		53	53

FONTE: Republic of China, Inspectorate of Customs,
in The Trade of China, Dec.1984 e 1985

EXPORTACOES AGRICOLAS AMERICANAS
DESTINADAS A TAIUAN

	1984	1985	1986 P
	Milhares de Dolares		
PRODS ANIMAIS	148	145	144
Carne Bovina	6	6	5
Couros	114	112	109
Outros	28	27	30
GRAOS E RACOES	579	587	478
Trigo e Prods	106	96	83
Graos(p/Racoes)	440	461	363
Forragens e Racoes	32	29	28
FRUTAS/VEGS(e preparados)	41	42	45
OLEAGINOSAS E FREPS	422	347	309
Soja	414	341	302
Oleos e Ceras VEGs.	7	5	5
TABACO(NAO-MANLF)	62	62	79
ALGODAO	143	147	60
OUTROS	14	12	15
TOTAL	1409	1342	1130
	-1000 Toneladas-		
CARNE BOVINA	1	1	1
COUROS	2669	2775	2800
TRIGO E PRODS	627	609	650
GRAOS(P/RACOES)	2957	3539	3330
SOJA	1316	1392	1440
TABACO(NAO-MANLF)	11	11	15
ALGODAO	104	110	46

FONTE: Bureau of the Census, US Department
of Commerce, e estimativas do ERS

fortalecidas, resultado, em parte, pela familiaridade com os produtos americanos. Mas essa é uma tendência que vem se modificando, graças as novas políticas governamentais e novas oportunidades de troca dentro da própria região.

Depois de décadas de ênfase na política de substituição de importações (com altas tarifas e/ou barreiras alfandegárias), o país vem, nos últimos cinco anos, tentando abrir o mercado, mas ainda sustenta altos graus de protecionismo, especialmente para o setor agrícola.¹⁰ O país tem tentado a auto-suficiência em alguns produtos, além de tentativas de assegurar preços de estabilidade ao trabalhador rural semelhante ao trabalhador urbano). A Coreia sofre, no entanto, problemas de área limitada e de clima (assim como seu vizinho japonês), desta forma, voltam-se para a importação de produtos não-processados que depois tornam-se mercadorias de exportação.

Do total agrícola importado, 80% são produtos não-processados: trigo não-refinado, arroz, milho, soja, açúcar (cru), algodão (cru) e borracha natural. (Tabela 27)

A parcela do mercado coreano detida pelos EUA caiu, em 1965, a menos de 50% (pela primeira vez desde a guerra). As maiores perdas foram verificadas para grãos (especialmente milho, com maior competição chinesa), algodão e trigo (competição maior do Canadá e Austrália).

iv) Japão - O Japão lidera a lista de

Os produtos agrícolas são negociados diretamente com as agências governamentais: algodão, peles e couros, madeira, trigo, soja (com tarifas variam entre 30 e 50%).

Tabela 27

IMPORTACOES AGRICOLAS COREANAS-PRINCIPAIS
PRODUTOS E PARCELAS DETIDAS PELOS EUA

	1984	1985	1984	1985
	Milhares		% Parcela	
	Toneladas		Americana	
MILHO	3070	3406	83	49
SORGO	326	344	42	13
SOJA	722	868	100	90
PASTA DE SOJA	135	120	32	0
ALGODAO(CRU)	353	361	79	73
CARNE BOVINA	28	3	4	33
COUROS	156	179	88	93
TRIGO	2645	2986	72	66
OUTROS	178	115	55	69
	Milhoes de	Dolares		
TOTAL DAS IMP.	3473	2841	54	59

AGRICOLAS

Fonte: Republic of Korea, Office of Customs
Administration, em Monthly Foreign
Statistics, Dez. 1985

EXPORTACOES AGRICOLAS AMERICANAS
PARA A COREIA DO SUL

	1984	1985	1986 P
	Milhoes de Dolares		
PRODS ANIMAIS	332	321	299
Carne Bovina	7	8	1
Couros	247	247	242
Outros	46	34	21
GRaos E RACOES	777	471	476
Trigo e Prods	300	276	239
Arroz	0	0	0
Grãos(p/Rações)	470	190	237
Ferragens e Rac	5	1	1
FRUTAS/VEGS	10	13	14
(E PREPARADOS)			
OLEAGINOSAS	238	172	168
Pasta e Oleos	15	0	8
Soja	215	166	157
Oleos Vegetais	5	5	3
ALGODAO	443	404	277
OUTROS	16	19	28
TOTAL	1816	1400	1262

Em 1000 Toneladas

TRIGO E PRODS	1985	10901	1920
ARROZ	0	0	0
GRACS(P/RACOES)	3087	1521	2250
OLEOS E PASTAS	60	0	40
SOJA	707	714	850
OLEOS VEGETAIS	5	4	4
ALGODAO	272	272	200

Fonte: Bureau of the Census, US Department
Commerce, Estimativas de ERS

melhores mercados para os Estados Unidos desde 1963. Nos anos recentes cerca de 18% da exportação agrícola americana tem sido destinada para aquele país, correspondendo, em média, a 40% das necessidades japonesas de importação agrícola.

A economia japonesa cresceu a uma taxa estimada de 4.2% em 1985 - uma queda no índice anteriormente verificado de 5.8%.¹

Considerado como mercado individual o Japão é, hoje, o maior importador de mercadorias agrícolas do mundo (Tabela 2B). Apenas um sexto do país é agricultável, e ainda assim, sem resultados eficientes na produção. Isso coloca a terceira economia mundial e, a mais avançada economicamente no Pacífico, em posição de forte dependência dos parceiros internacionais. Assim, desde setembro de 1985, quando do acordo entre os ministros da área financeira do Japão, EUA, Inglaterra, França e Alemanha Oc., para a adoção de medidas que pudessem contribuir para a queda na valorização do dólar em relação às moedas estrangeiras, o governo japonês vem adotando medidas destinadas a reduzir a crítica dos parceiros internacionais, especialmente quanto às barreiras protecionistas e ao balanço quase sempre favorável do mercado japonês nas trocas internacionais².

As porcentagens na parcela de importação japonesa, com os Estados Unidos, diminuíram no ano de 1985.

estimativas oficiais, para 1986, apontam para um crescimento de 4%, quanto que as não oficiais apostam em taxas de apenas 2%.
superavit total com os EUA, em 1985, foi de 39,5 bilhões de dólares
com a China 6 bilhões de dólares (ou seja, bem acima dos 1.3 bilhão
ano anterior).

Tabela 28

IMPORTACOES JAPONESAS - PRINCIPAIS PRODUTOS
E PARCELAS DE MERCADO DETIDAS PELOS EUA

	1984	1985	1984	1985
	Milhares de		Porcentagem	
	Toneladas		Para EUA	
MILHO	14170	14225	97	77
SORGO	4478	4793	42	54
CEVADA	1567	1661	26	8
SOJA	4515	4910	93	88
ALGODAO(CRU)	708	681	53	41
TRIGO	5978	5510	57	59
ACUCAR	1836	1916	--	--
CAFE(GRAOS)	223	231	--	--
CARNE SUINA	196	190	12	6
FRANGO	107	105	50	46
COUROS	219	204	86	88
TABACO	75	61	61	64
FRUTAS CITRICAS	370	346	97	96
BANANAS	682	680	--	--
TOTAL IMPORT.	Milhoes/Dolares			
AGRICOLAS	18714	16833	41	40

--Nenhum ou Desprezível

Fonte:Ministerio Japonês das Finanças
(Japan Exports and Imports,Commodity
by Country) 1984 e 1985(dez)

Em 1984, os EUA vendiam aos japoneses 77% dos grãos consumidos contra apenas 65% em 1985. Não houve perda no mercado de sorgo (de 42% para 54% da parcela total), ainda assim, milho e cevada caíram significativamente (Tabela 29).

As vendas de soja cresceram em cerca de 9% (para 4.9 milhões de toneladas), mas a parcela de mercado que os EUA detinham em 1984, declinaram para 58%, em 1985, especialmente devido as compras adquiridas do Brasil (221 mil toneladas). Grande parte da pasta de soja que o Japão adquiriu, no último ano, foi proveniente do Brasil (66%) e da China (31%). A importação de óleo de soja sofreu decréscimos devido, especialmente, ao aumento da produção doméstica de óleo de semente de colza (provocando um aumento da importação da semente, o que acabou por beneficiar o Canadá).

Em 1985, a importação de frutas cítricas (frescas) declinou em 6% em volume, embora tenha apresentado um aumento em valor de 3% com relação ao ano anterior. Os EUA suprem, praticamente, todas as necessidades internas de importação de laranjas (frescas), mas o Japão já começa a adquirir pequenas quantidades de outros concorrentes, e este produto, dentro do grupo dos cítricos, apresentou aumentos de 25%, no ano de 1985. Suco de laranja também é um mercado em expansão, com a parcela de mercado americana declinando desde a década passada e com o Brasil absorvendo praticamente toda a comercialização.

As exportações agrícolas para o Japão deverão, segundo estimativas, alcançar em 1986 o país baixo

Tabela 29
EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS AMERICANAS
PARA O JAPÃO

	1984	1985	1986 P
	Em milhões de dólares		
ANIMAIS E PRODS	971	910	940
Carne Bovina	308	353	368
Carne Suína	84	27	58
Frango	87	64	63
Outros	492	466	451
GRãos E RACÕES	3094	2836	2933
Trigo e Prods	557	498	394
Arroz	1	0	0
Grãos p/Rações	2332	1659	1459
Ferragens e Ração	181	162	160
FRUTAS/VEGS	503	513	510
(E PREPS)			
OLEAGINOSAS	1348	1001	930
Soja	1282	945	870
Óleos Vegetais	42	35	36
Pastas e Óleos	2	1	3
TABACO (NAO-MANUF)	312	326	294
ALGODÃO	590	461	196
OUTROS	117	116	115
TOTAL	6935	5663	5018

	Em 1000 Toneladas		
CARNE BOVINA	76	82	85
CARNE SUINA	26	8	15
FRANGO	56	48	50
TRIGO (E PRODS)	3449	3255	3200
GRãos (P/RACÕES)	15742	13687	13820
SOJA	4234	4115	4350
OUTROS/OLEAGINS	57	44	57
TABACO	46	47	45
ALGODÃO	354	302	130

Fonte: Bureau of the Census, US Depart.
of Commerce, Estimativas do ERS

nível desde 1979 - uma queda prevista para menos de 5 bilhões de dólares.¹ As razões são um declínio grande das parcelas de mercado americano para produtos como algodão e grãos.² Os Estados Unidos venderam menos milho e cevada para o mercado japonês, enquanto que a China e a Austrália venderam mais (2.6 milhões de toneladas de milho e 466 mil, respectivamente).³

A dieta tradicional japonesa vem se alterando ultimamente, mas ainda é constituída, basicamente, de arroz, peixe, vegetais proteicos e outros produtos locais. Os EUA são o maior fornecedor individual de produtos agrícolas para o país. As compras, em geral, são de produtos não-processados. Os EUA enfrentam dificuldades na colocação de mercadorias processadas, dado que o Japão possui leis restritivas para a distribuição interna de tais produtos. Os EUA vêm tentando derrubar barreiras, especialmente para a carne, cítricos e produtos derivados de madeira.⁴

As mudanças nos padrões japoneses de consumo que se tem verificado nos últimos anos, levou o país a importar bebidas não-alcoólicas, vinho e cerveja, além de cigarros em grandes quantidades: tal mercado tem mostrado um expressivo crescimento potencial para os importadores.

A situação atual das parcelas de mercado

dois de um pico de 4.9 bilhões em 1984.

Estados Unidos, em 1985, responderam por apenas 65% dos grãos importados pelo Japão ("coarse", isto é, exceto trigo e arroz), contra 77% em 1984.

O recorde da cevada americana foi, em 1985, superior ao da cevada australiana ou canadense, assim a parcela americana caiu de 26% (em 1984) para 19% em 1985.

A legação americana e de que os japoneses gozam de grande liberdade no acesso ao mercado americano e, isso inclui: não restrições à distribuição ou para atividades de marketing e investimento.

americana, podem ser resumidas como seguem:¹

a) Milho- Entre 1980-84 os Estados Unidos proveram 90% ,media do milho importado pelo pais.Em 1985 a parcela foi de apenas 77% e as razoes apontam para o acirramento da competicao chinesa e canadense.

b) Sorgo - E um mercado mais estavel. A parcela e em media menos da metade das necessidades do pais e a Argentina e o grande competidor no produto.Em 1980, quando do embargo para a URRS os EUA cobriram 88% das importacoes, uma vez que a Argentina optou por maiores vendas a URRS.

c) Soja - Os Estados Unidos sao o maior fornecedor, com cerca de 95% entre 80-84. Em 1985, no entanto, o Brasil comecou a despontar como um forte concorrente, e a parcela americana caiu para 88%.

d) Trigo - As parcelas para este produto tem apresentado muita estabilidade - 55 a 60% na ultima decada. A Australia e o Canada competem pelo restante do mercado.

e) Algodao - Cerca de 45% entre 80-84, declinando para 41% em 1985 e 20%(previstos) em 1986.As razoes envolvem maior competitividade da China, Paquistao e Australia e a nao competitividade dos precos americanos para o produto.

2) Oceania - Os Estados Unidos importam pelo o menos seis vezes mais produtos agrícolas da Austrália e 20 vezes mais da Nova Zelândia, do que exportam. Em 1985, o país importou 702.1 milhões de dólares da Austrália e exportou apenas 131.2 milhões. Para a Nova Zelândia foram exportados 31 milhões de dólares, enquanto importou-se 608.7 milhões (Tabela 30). A importância dos países e, portanto, inversa daquela dos outros países do Pacífico. Muito, porém, da necessidade de entendimento desses mercados reside na forte competitividade que eles exercem dentro da área do Pacífico que estamos analisando.

1) Austrália - A agricultura australiana é fortemente orientada para a exportação e, dessa forma, suscetível às variações e acomodações dos preços internacionais para os produtos agrícolas. As medidas de subsídios da Comunidade Europeia e a nova política de preços dos EUA tem provocado queda nos preços dos produtos australianos (já afetados com um dólar australiano mais fraco e os altos custos atuais dos insumos para a agricultura). As novas políticas de preços americanas afetam, diretamente, os preços de produtos onde a Austrália é importante exportadora: grãos, especialmente, além de açúcar e outros.

A taxa de desemprego, na Austrália, é uma das menores do mundo desenvolvido (8% em 1985), mas a taxa de inflação é uma das mais altas (7.7%, em 1985). Com o crescimento econômico, as importações cresceram rapidamente, resultando em um pesado déficit no balanço de pagamentos.

Tabela 30

EXPORTACOES AGRICOLAS AMERICANAS PARA
OCEANIA(AUSTRALIA E N.ZELANDIA)

	AUSTRALIA			N.ZELANDIA		
	1984	1985	1986 E	1984	1985	1986 E
PROD. ANIMAIS	10.5	12.1	10.0	1.9	2.5	2.0
GRANOS E RAÇOES	5.8	5.1	5.0	1.3	0.8	0.9
FRUTAS(e preps)	15.6	14.0	11.0	11.0	10.0	11.0
OLEAGINOSAS	18.3	18.7	15.0	4.0	3.1	1.5
TABACO	26.9	26.8	26.8	7.7	7.0	5.0
OUTROS	57.3	55.1	54.0	7.2	8.1	7.7
TOTAL	134.4	131.9	115.0	33.1	31.5	28.0

Em milhões de dolares

FONTE: Bureau of the Census, Department of Commerce;
Estimativas e de ERS (E)

A producao australiana e especialmente voltada para graos, alem de trigo, mas o mau clima enfrentado por algumas regioes, ultimamente, tem alterado, em muito, o resultado das colheitas. Os principais mercados importadores de trigo sao: Egito, URRS, China e Ira. Cevada e sorgo sao destinados, principalmente, para Arabia Saudita, Japao, Taiwan e URRS.

As tendencias atuais, no entanto, apontam para uma mudanca na utilizacao dos recursos agricolas: uma porcentagem cada vez maior das areas deverao ser utilizadas para pecuaria - muitas das producoes nao sao protegidas por precos minimos de suporte, como e o caso dos graos, por exemplo. Assim, menores precos internacionais e um dolar australiano nao valorizado, alem das continuas dificuldades climaticas, estao desencorajando a producao de determinados produtos agricolas.

ii) Nova Zelandia - Os neo-zelandeses, ao contrario, tem retornado a producao de graos, em detrimento da producao pecuaria. Entre 1960/61 e 1964/65 as areas de cultivo conheceram acrescimos de 49%, com um aumento de mais 7% previsto para 65/66. Os produtos mais favorecidos foram trigo e cevada (somente em 64/65 a producao aumentou 18%).

Novas politicas economicas adotadas pelo governo e clima excepcionalmente favoravel sao os principais responsaveis pelas mudancas. O governo neo-zelandes vem se utilizando de profundas mudancas na economia do pais, numa tentativa de reestruturar e melhorar a eficiencia de

determinadas áreas. Em julho de 1984, o dolar neo-zelandes foi desvalorizado em 20%, melhorando os retornos com a exportacao da maioria dos produtos. Simultaneamente o governo retirou(ou reduziu) muitos dos subsidios agricolas e impo taxas de inspecao e outros servicos.

Com o aumento nos custos de importacao para insumos agricolas e forte pressao inflacionaria, muitos dos investimentos agricolas ficaram ameaçados. Em 1986, reconhecendo que o setor agricola estava sob forte pressao, o governo cancelou algumas das restricoes de assistencia, retirando privilegios de outros setores da economia. O objetivo do governo seria, a principio, orientar a nacao para uma economia de mercado, reduzindo barreiras alfandegarias, subsidios e distorcoes impostas pelas medidas governamentais(dai a cessacao do controle de precos).

Segundo os analistas internacionais, no entanto, o governo neo-zelandes acabou por expor seus produtores as realidades do mercado em um periodo em que a demanda mundial esta reduzida para a maioria das mercadorias por eles produzidas(produtos animais, especialmente).¹

As exportacoes do pais aumentaram em 1984/85 cerca de 33% em valor e 6% em volume. Os Estados Unidos, Canada e Japao importaram maiores quantidades de carne bovina no periodo(aumentos entre 20% e 41%). Mas outros produtos animais (como carneiro e ovelhas, forte

¹ Estados Unidos e a Comunidade Europeia tem enormes excedentes de produtos de laticinios, a exportacao de carne esta comprometida pela demanda reduzida e pelas altas taxas de subsidios mundiais.

producao na regio) enfrentaram demandas reduzidas, como foi o caso do Japao, Canada, Europa Oc. e URSS. Alem disso, recentemente, o enfraquecimento do dolar americano, afetou positivamente o dolar da N.Zelandia, enquanto que as moedas da Australia e da Africa do Sul conheceram desvalorizacoes. Esses dois paises sao, hoje, os maiores competidores para a exportacao de lã (o segundo melhor mercado para as exportacoes neo-zelandesas).

3) Sudeste Asiatico - Os paises do Sudeste Asiatico sao exportadores de mercadorias que pouco, ou nada, competem com os produtos americanos. Os produtos mais exportados sao: borracha natural, cacau, cha, temperos, oleos e arroz. A Tailandia e o maior exportador de arroz (competindo neste caso, com os EUA) e os maiores importadores sao Malasia e Cingapura. As Filipinas sao os maiores exportadores do mundo em oleo de coco, alem de importante exportador de abacaxi e bananas. Malasia e Indonesia sao primeiro e segundo na producao e exportacao de oleo de palmeira e de borracha natural. Tais producoes de oleos vegetais competem, enormemente, com a soja americana, nao somente na regio, mas em paises como India e Paquistao.

Graos e racoes sao os produtos mais exportados para a regio e os EUA respondem por quase um terco de toda importacao do Pacifico. O clima da regio, em especial do sudeste asiatico, nao favorece a producao de muitos destes graos, e especialmente do trigo.

Embora arroz seja, ainda, o produto que encabeça a lista dos grãos consumidos para alimentação humana, o trigo é considerado uma importante fonte suplementar de proteínas. A Austrália e o Canadá são os mais importantes competidores na região, para esses produtos.

Outro importante produto exportado para o Sudeste Asiático é o milho, embora o Japão seja o mercado mais significativo para os EUA. Os competidores para o produto são: Tailândia (especialmente na Indonésia, Malásia, Singapura e Hong Kong), Argentina, Moçambique e, mais recentemente, a China.¹

Os países do sudeste asiático são importantes mercados para a venda de algodão cru ("input" para a indústria têxtil) e tabaco. Os maiores fornecedores desses produtos são: EUA (especialmente para Malásia e Filipinas), seguido de Turquia, China, Afr. do Sul, Grécia, Tailândia e México.

Os países em questão são importantes importadores de tabaco não-manufaturado, que depois exportam, já com valor adicionado, para a própria região.²

As exportações agrícolas americanas, para a região, declinaram 31% em 1985, o mais baixo índice desde 1979. Todos os produtos, com exceção de tabaco e arroz, conheceram declínios (Tabela 31). Dos 3,8 milhões de toneladas

África do Sul compete enormemente na região. Convm lembrar que, nos últimos dois anos, fortes secas e problemas políticos transformaram o país em importador de muitos produtos antes exportados. Os chineses dominam o mercado de Singapura para tabaco não-manufaturado e tem tentado o domínio do mercado tailandês. Os EUA são grandes fornecedores para Malásia, Filipinas e Tailândia.

Tabela 31

PRINCIPAIS EXPORTACOES AGRICOLAS AMERICANAS
PARA O SUDESTE ASIATICO

	1984	1985	1986 E
	Em milhares de dolares		
PRODS ANIMAIS E DER	76	65	60
Carne Bovina	9	7	8
Carne Suina	1	1	1
Frango	33	29	28
Outros Prods Anims	23	28	25
GRAOS E RACOES	435	274	211
Trigo e Derivs	342	202	192
Arroz	29	35	6
Graos p/Racoes	39	17	—
Ferragens e Racoes	11	12	12
Outros	12	8	1
FRUTAS/VEGS(E PREPS	84	76	68
OLEAGINOSAS E PRODS	215	86	97
Pastas e oleos	88	41	57
Soja	93	24	25
Oleos Vegetais	32	21	15
TABACO(NAO-MANUF)	108	121	131
ALGODAO	235	159	69
OUTROS	64	61	61
TOTAL 1/	1217	842	706

1/Brunei, Birmania, Camboja, Laos, Vietna,
Indonesias, Malasia, Filipinas, Cingapura,
e Tailandia

2/Excluindo-se Brunei, Birmania, Camboja,
Laos e Vietna

FONTE: Bureau of the Census, US Department
of Commerce; estimativas do USDA, varias
fontes dos diversos paises.

de trigo adquiridas em 1965, pelo Sudeste Asiático, 40% originou-se dos Est. Unidos. Arroz e milho praticamente não foram exportados, dado que a Tailândia dominou o mercado para esses produtos. Incluindo as trocas intra-regionais, foram importados 1.6 milhões de toneladas de arroz, em 1965, com os Estados Unidos vendendo apenas 134 mil toneladas (menos de 10%) e, isso, graças a contratos de financiamento de crédito da PL 480 (Tabelas 31 e 32). Em 1986, acredita-se que os Estados Unidos não ultrapassarão 21 mil toneladas de arroz para a região, destinadas às Filipinas.

No grupo das oleaginosas, os EUA ainda dominam a venda dos produtos brutos, mas o crescimento das vendas para esse grupo de produtos tem apresentado crescimento lento ou negativo nos últimos períodos, refletindo planos de auto-suficiência na Tailândia e Indonésia, crise econômica nas Filipinas, além da competição forte de Brasil e China. As perdas para os Estados Unidos tem se aproximado a porcentagens de quase 50% para a soja em pasta, dois terços para a soja em grãos e um terço para óleos vegetais.

4) China - A agricultura chinesa vem passando por significativas mudanças nos últimos anos, com surpreendentes resultados nas colheitas (Tabela 33), consequência da redução da interferência governamental na produção e distribuição dos produtos agrícolas, o que acabou por gerar um sistema mais eficiente e flexível para a agricultura.

O governo não mais interfere na

Tabela 32
SUDESTE ASIÁTICO: IMPORTAÇÕES AGRÍCOLAS
DOS EUA

	1983	1984	1985	1986 E
	Em milhões de dólares			
INDONESIA	410	438	204	155
MALÁSIA	131	142	87	89
FILIPINAS	380	300	284	240
CINGAPURA	142	160	119	110
TAILÂNDIA	139	172	134	109
TOTAL 1/	1206	1217	842	706

	Parcela Americana do Total agrícola importado - %			
INDONESIA	29	40	23	19
MALÁSIA	11	9	6	6
FILIPINAS	45	54	47	45
CINGAPURA	8	6	4	4
TAILÂNDIA	23	22	17	17
TOTAL 1/	17	15	11	11

1/Incluindo ,Birmânia, Camboja,, Laos, Vietna
e Brunei

FONTE: Bureau of the Census, Department of
Commerce; Estimativas do USDA e outras
fontes (dos países).

Tabela 33

PRODUCAO CHINESA PARA PRODUTOS SELECIONADOS

	1981	1982	1983	1984	1985
	EM MILHOES DE TONELADAS				
TRIGO	59.64	68.47	81.39	87.82	85.28
ARROZ	143.96	161.60	168.87	178.26	169.48
MILHO	59.21	60.56	68.21	73.41	64.00
SORGO	6.65	6.97	8.36	7.72	6.50
CEVADA	7.10	6.97	6.80	7.30	6.78
TOTAL/GRANOS	325.02	354.50	387.23	407.31	378.93
ALGODAO	2.97	3.57	4.64	6.08	4.15
SOJA	9.32	9.03	9.76	9.70	10.50
OLEAGINOSAS	10.20	11.81	10.55	11.91	15.55

1/Oleaginosas incluem: oleo de soja, de colza, de amendoim, de girassol e de algodao

Fonte: Dados oficiais do Ministerio Chines da Agricultura, exceto para 1985, estimativas do USDA

China Agr. Yearbook, 1982, 83, 84 e 85, China Statistics Yearbook 1982, 83 e 84 e The 1985 SSB Communique

comercializacao dos produtos e na fixacao de precos.¹ As novas mudancas(iniciadas em 1979) introduziram, junto com a maior flexibilidade e rentabilidade nas colheitas, o fator risco, ja que a populacao da area agricola nao mais conta com a determinacao governamental "do que plantar", nem com a certeza de "compra" por parte dos orgaos do governo.

Entre 1978 e 1984, a producao agricola total expandiu-se em 52.4% (graos com media de 47% e pecuaria com ganhos de 71%). A China tornou-se exportadora de milho, algodao e soja e, diminuiu, substancialmente a importacao de trigo(ainda o principal produto de importacao - 7 milhoes de toneladas sao ainda importadas). Em 1984, a importacao de produtos agricolas respondia por apenas 13% do total importado, contra 25% a 30% em 81 e 82.

As politicas para o comercio exterior tambem sofreram mudancas, acompanhando as modificacoes da sociedade chinesa, apos a morte do lider Mao, em 1976: novos portos vem sendo abertos, as negociacoes com os paises em geral vem expandindo-se, com novas oportunidades de investimentos.

A expansao do comercio internacional hoje caracterizada pelo aumento das exportacoes e dramaticas reducoes nas importacoes - explica-se, inicialmente, pelas reformas que resultaram em "super-producoes" de diversas das mercadorias. O pais, no entanto, nao possui condicoes de

¹ "The government's marketing agencies no more stand ready to purchase anything offered for sale. Farmers must find buyers for an expanding volume of production" Frederic M. Surlis-Lider "China Section-ERS-USDA"

armazenamento e de retenção de estoques, além de enfrentar sérios problemas de transporte¹. Assim, as exportações agrícolas (que, hoje já respondem por 20% do total exportado) deverão continuar crescendo; mas, em função das dificuldades, a ritmos bem menores. O governo, hoje, está interessado em consolidar outras reformas (especialmente de transporte e moradia na área rural) antes de privilegiar o aumento nas trocas internacionais. Além disso, a demanda interna, por muitos dos produtos que estão sendo exportados, vem aumentando continuamente.

O governo chinês tem interesses particularmente voltados para os países do Pacífico e Ásia, assim tem incentivado a produção de frutas, vegetais e pecuária. Os analistas americanos acreditam em uma produção tão "espetacular" quanto a revolução dos grãos, nos anos recentes. Se isso de fato acontecer, a hegemonia americana na região estará definitivamente desmantelada.

As negociações agrícolas com os Estados Unidos seguiram a tendência já observada para os outros países: menores vendas, especialmente para os grãos (milho e soja em particular, além de trigo).

As vendas de produtos não-agrícolas, no entanto, deverão aumentar continuamente, para a próxima década, segundo estimativas. Enquanto a produção agrícola aumenta, aumentam, também, as necessidades de insumos (

a compararmos: a área rural americana é servida com cerca de 5.2 milhões de kms de estradas, enquanto que a área rural chinesa (comelhante em tamanho) possui 600mil Km. (20% do total das estradas e asfaltadas).

fertilizantes e sementes, especialmente, além de máquinas e equipamentos), de material de construção (já que aumentam significativamente o número de moradias rurais) e outros produtos industriais. Além disso, aumentam as compras de tecnologia para alimentos processados, para conservação e manutenção de estoques, para a indústria têxtil e outros serviços técnicos.

As exportações agrícolas americanas para a China, caíram de 1.5 bilhão em 1982, para 157 milhões de dólares no ano fiscal de 85 - o menor nível desde 1977 (Tabela 34). Grande parte da perda é explicada pela redução da importação de trigo - 500 milhões de dólares de declínio. A fatia de mercado para o produto era de 50%, no início da década e hoje é de apenas 8%.

Os Estados Unidos, no ano fiscal de 85, tiveram um déficit nas trocas agrícolas, já que exportou os 157 milhões, já citados, e importou 197 milhões de dólares de produtos agrícolas chineses. Um déficit de 40 milhões de dólares, contra 2.1 bilhões em 1980. Dadas as dramáticas mudanças na produção chinesa, esta é uma situação que deverá ser permanente.

DADOS PARA A AGRICULTURA CHINESA

	1983	1984	1985
Exportações Totais	22.186	25.024	27.559
Exportações Agrícolas	3.833	4.512	5.472
Importações Totais	21.351	26.744	42.832
Importações Agrícolas	4.131	2.856	2.308

Tabela 34

EXPORTACOES AGR. AMERICANAS P/ CHINA-PRINCIPAIS PRODS

	1982	1983	1984	1985
EMMILHARES DE TONELADA S				
TRIGO	9221	1921	4579	1373
MILHO	1117	2161	0	0
TABACO	0	0	0	242
COUROS 1/	383	154	247	927
SOJA	370	0	0	0
ALGODAO	186	2	3	1
OLEO SOJA	2	0	0	10

EMMILHARES DE DOLARES				
TRIGO	1268149	285423	673906	183127
MILHO	138668	250130	0	0
TABACO	0	0	0	1598
COUROS	13226	5197	10275	37500
SOJA	95264	0	0	0
ALGODAO	292417	3256	4743	1661
OLEO SOJA	1	0	22	7471

TOTAL AGRICOLA	1819078	546218	692253	238929
TOTAL NAO-AGRICOLA	1509098	1392964	2053508	3393739
TOTAL EXP.	3328177	1939182	2745761	3623668

1/ Em milhares de pecas.

FONTE: Foreign Agricultural Trade of the United States, varios anos.

Capítulo III - Principais Produtos Agrícolas de Exportação dos EUA

Os anos oitenta trouxeram para a agricultura americana uma tendência reversa aquela da década anterior. Recessão em muitos países em desenvolvimento, dólar forte, preços suporte da agricultura americana acima dos preços mundiais, crescimento econômico mundial menos acelerado, maior competição pelos mercados, e outros fatores, contribuíram para que o país exportasse apenas 31 bilhões de dólares de mercadorias agrícolas no ano de 1985, após um pico de 43.8 bilhões de dólares em 1981.¹

O país vem exportando menores porcentagens relativamente ao total produzido, menores volumes e detendo menores parcelas das negociações internacionais na maioria das suas principais commodities.

1) Produção - Sob o ponto de vista da produção,² em 1985, 17% da produção agrícola americana foi exportada: o menor nível em 13 anos, e após um pico de 26% em 1981. O valor da produção, para o ano de 1985, foi de 153.3 bilhões de dólares (nível recorde), dos quais 31.2 bilhões foram exportados³.

A produção de quase todos os produtos agrícolas, vem aumentando nos últimos anos (Tabela 35). Em

ha estimativas de que o resultado para 1986 seja próximo de 26 bilhões de dólares, o menor em quase dez anos.

baseado no artigo "Exports Shares of Agricultural Production Fall" de Stephen R. Milne, International Economic Indicators Branch, USDA em "EUS", Julho 1986

port value is multiplied by a factor of 0.83 to bring it to the farm level...data based in gross income" op.cit.pg.120

Tabela 35

PRODUCAO AGRICOLA AMERICANA-PARA 1980 A 84
Principais produtos de exportacao

	1981	1982	1983	1984	1985
TRIGO	64,618	76,169	75,250	65,857	70,637
ARROZ	4,838	5,974	4,948	3,216	4,326
MILHO	168,786	208,329	209,181	106,042	194,319
SORGO	14,712	22,333	21,212	12,384	21,994
SOJA	48,772	54,435	59,610	44,518	50,462
ALGODAO	2,422	3,406	2,605	1,692	2,894
TABACO	713	824	796	570	696
	-----EM	1.0000	TONELADAS	METRICAS	-----

FONTE: FOREIGN AGRICULTURAL TRADE OF THE UNITED STATES, USDA/ERS
JUNHO/JULHO DE 1986

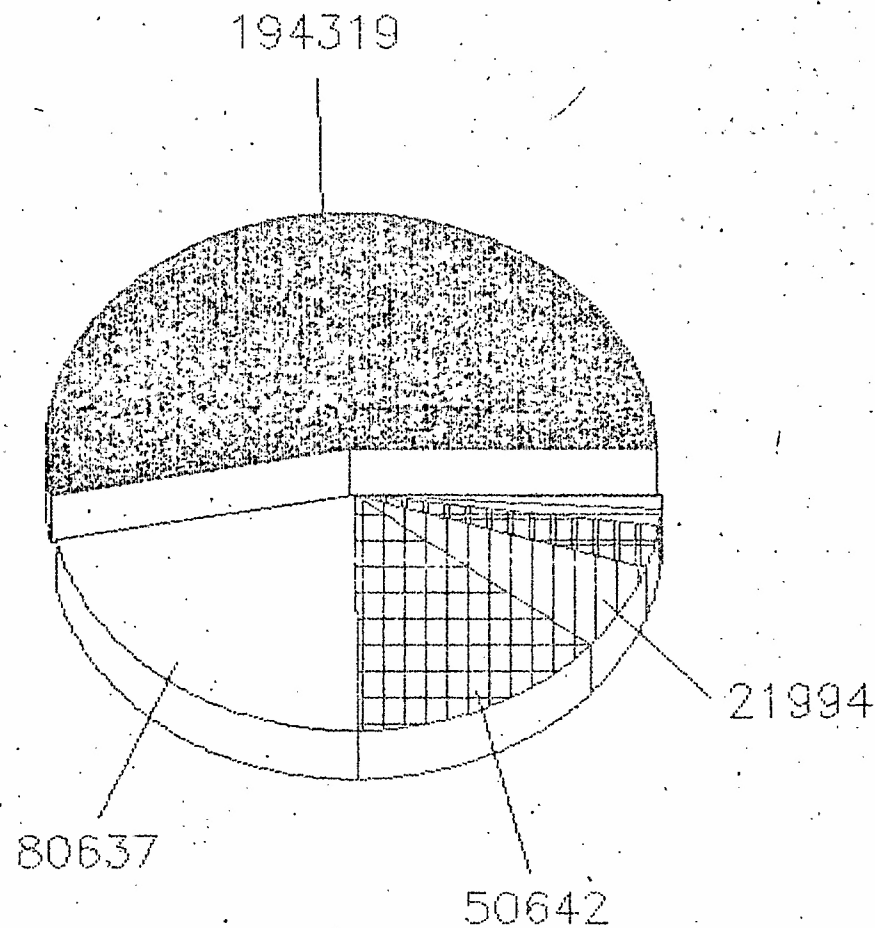
1983, através da utilização de programas de redução da área de plantio¹, o governo conseguiu alguns resultados na redução da produção agrícola. No entanto, muitas das terras foram devolvidas em 1984, provocando um acentuado aumento nos resultados daquele ano (Veja-se Figura 5, onde apontamos os principais produtos e as respectivas quantidades produzidas para o ano de 1984).









Em 1985, 32% da área agrícola de plantio, colhida em 1984, foi destinada à exportação. Uma parcela alta o suficiente para gerar uma forte dependência do setor agrícola americano em relação aos mercados externos (Veja-se Tabela 36, que indica as porcentagens da produção agrícola americana enviada ao exterior, durante a década de 80). A variabilidade do desempenho de cada um dos principais produtos foi, como segue:

i) Trigo - O país expandiu a produção de 40 milhões de toneladas de trigo, no início da década de 70, para quase 70 milhões de toneladas, nos anos oitenta, incentivado pelo alto consumo dos mercados em desenvolvimento e por condições mundiais favoráveis. Na década passada, 60 a 65% da produção era exportada, enquanto que em 1985 apenas 42% do total foi destinado a mercados externos, criando um forte desequilíbrio na disponibilidade interna do produto, o que acaba por pressionar os preços e o aumento nos estoques do produto. Em 1981, o país exportou 43 milhões de toneladas de trigo, um total que caiu 31%, ou seja 29 milhões de

¹ Este ano foi usado extensivamente o PIK (Payment-in-Kind) Program.

PRODUCAO AGRICOLA AMERICANA PARA MERCADORIAS SELECIONADAS



-  Milho
-  Trigo
-  Soja
-  Sorgo
-  Carne
-  Arroz
-  Algodao
-  Tabaco

FONTE: FATUS/USDA/ERS 1986/SUPLEMENTO
Carne inclui suínos, bovino e frango

toneladas, em 1985,

ii) Arroz - Desde 1970, a producao de arroz vem expandindo-se a taxas anuais de 5.6% (media): o maior aumento verificado nas principais commodities de exportacao. O pais exporta, hoje, em torno de 50% daquilo que produz: 2 milhoes de toneladas, das 4,326, no ano de 1985. Esse total ja foi superior a 70% em anos anteriores.

iii) Milho - A producao de milho, para os anos oitenta sofreu variacoes de 168 milhoes de toneladas, em 1981, para 106 milhoes em 1983 e um recorde de 221 milhoes em 1985, especialmente devido aos programas de reducao de area. A porcentagem da producao que e exportada tem variado entre 20 e 40% do total, nesta decada. Os volumes exportados, no entanto, vem sofrendo decrescimos sucessivos ha seis anos.

iv) Soja - Enquanto parcela do total produzido, a soja e um produto que tem apresentado menores variabilidades do que os demais: em torno de 60% da producao e exportada, anualmente, embora, em 1985 essa porcentagem tenha sido de apenas 44%, o menor indice desde os anos sessenta (as exportacoes foram 21% menores no periodo).

v) Algodao - Durante o ano de 1984, os EUA exportaram 90% da sua producao, em funcao da reducao das colheitas (PIK Program) do ano anterior. As trocas internacionais, em periodos normais, compreendem cerca de 50% de absorcao do total produzido.

vi) Tabaco e Produtos de Horticultura - Exporta-se, hoje, em media 35% do tabaco produzido no pais e

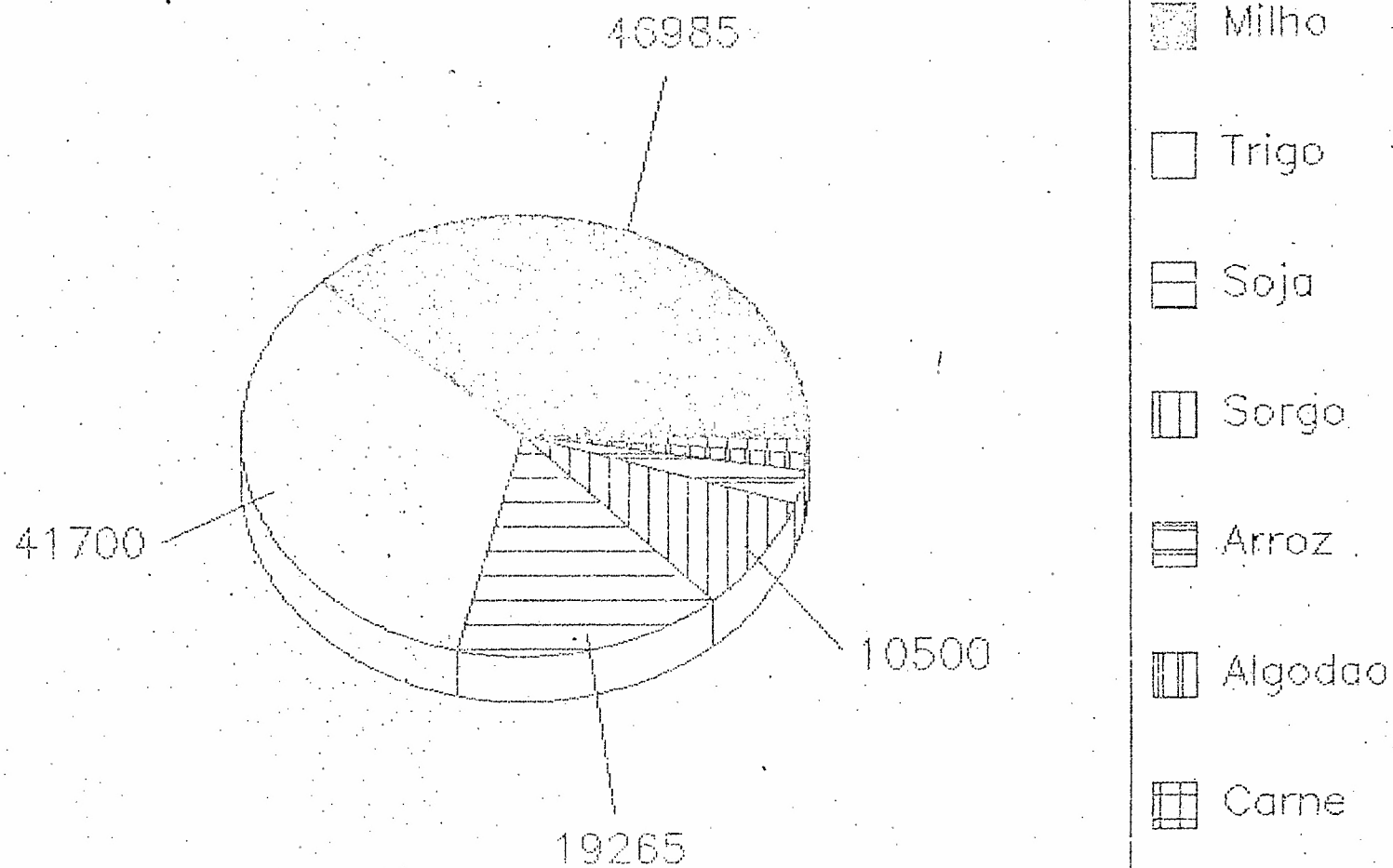
menos de 10% da produção de horticultura, embora os dois produtos estejam entre os líderes de volume de exportação. O mercado doméstico para tais produtos oferece, ainda hoje, grandes possibilidades de expansão.

2) Exportação: Os volumes totais exportados pelos EUA vem, sucessivamente, decrescendo nesta década de oitenta (Figuras 6 e 7). Em 1986, calcula-se que o país tenha exportado 108 milhões de toneladas de produtos agrícolas, ou seja 60 milhões de toneladas a menos do que em 1981. Individualmente, o produto que vem apresentando maior perda, e sem dúvida, o trigo, embora reduções venham ocorrendo para a maioria dos produtos que lideram a pauta de exportação americana, conforme podemos observar na tabela abaixo:

	1981	1982	1983	1984	1985
	Em 1.000 Toneladas Metricas				
Trigo	43.664	45.613	38.454	42.975	29.707
Arroz	3.172	2.911	2.276	2.293	1.972
Milho	59.368	49.609	47.105	46.985	46.275
Sorgo	7.702	6.290	5.403	6.226	7.454
Soja	27.707	33.359	32.634	25.381	22.231
Algodão	1.210	1.487	1.136	1.481	1.277
Tabaco	252	254	245	227	257
Horticultura	3.405	3.139	3.041	2.854	2.659

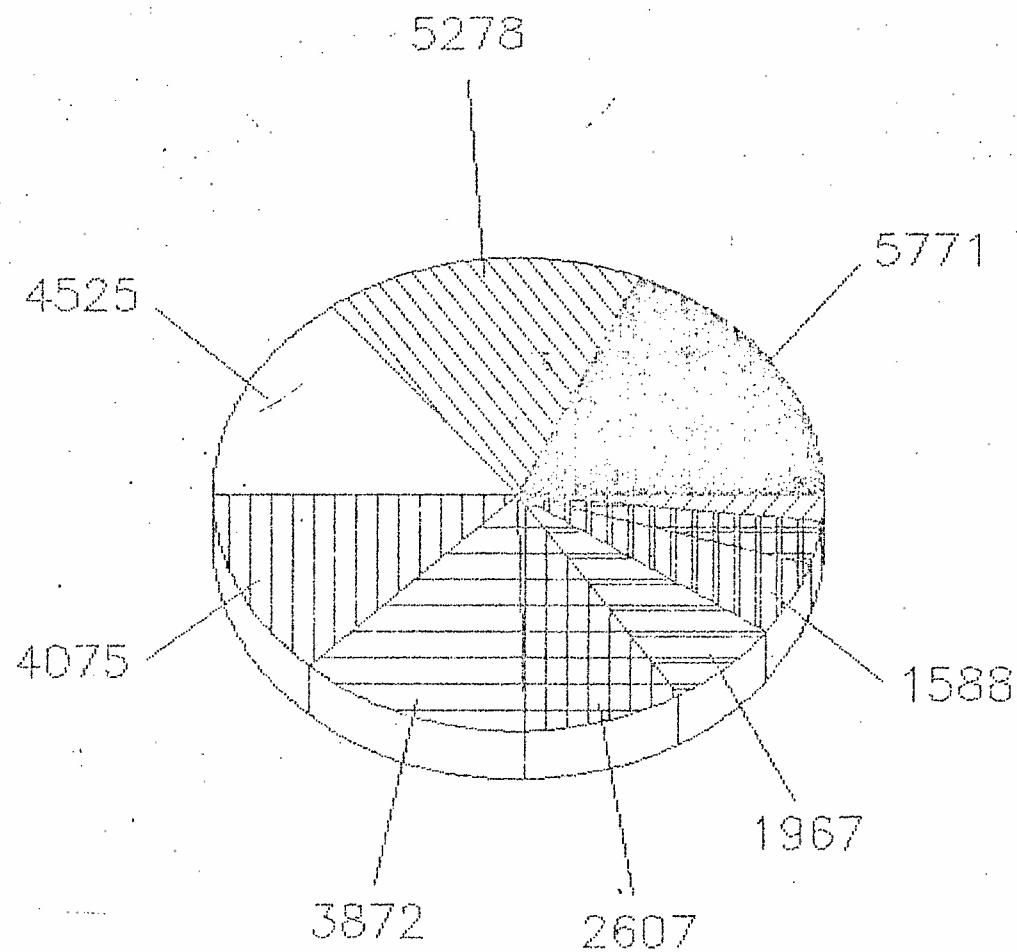
As parcelas do mercado mundial, como porcentagem do total das negociações, também vem apresentando

Figura 6
VOLUME DE EXPORTAÇÃO PARA OS PRINCIPAIS
PRODUTOS — PARA 1984
Em Milhares de Toneladas Metricas



PRINCIPAIS PRODUTOS DE EXPORTACAO/EUA

Em bilhões de Dólares - Totais para 85



- Milho
- Outros
- Trigo
- Prods Anim.
- Soja
- Frut/Veg.
- Algodao
- Tabaco
- Racoes
- Acucar

declinios nos ultimos anos, enquanto que os paises concorrentes vem conseguindo alterar, favoravelmente, as parcelas por eles detidas (Tabela).

Com base nas afirmativas anteriores, passamos agora, a uma avaliacao de oito das principais commodities (ou grupos) de exportacao americana, em uma avaliacao de desempenho e de perspectivas para futuras negociacoes.

Tabela 36

PORCENTAGENS DA PRODUCAO AMERICANA DESTINADAS AOS MERCADOS INTERNACIONAIS

	1981	1982	1983	1984	1985
TRIGO	68	60	51	65	42
ARROZ	66	49	46	71	46
MILHO	35	24	23	44	24
SORGO	52	28	25	50	34
SOJA	57	61	55	57	44
ALGODAO	50	44	44	88	44
TABACO	35	31	31	40	37

FONTE; FOREIGN AGRICULTURAL TRADE OF THE UNITED STATES, Junho/Julho de 1986, USDA/ERS

Tabela 37

PARCELAS DE MERCADO DAS PRINCIPAIS COMMODITIES AMERICANAS

Export. Mundiais		-Parcelas de Exportacao-			-Parcelas de Importacao-				
		:EUA:	:Canada:	:Argentina:	:OC1/:	:PDI2/:	:PEO3/:	:URRS:	:Eur.Or:
		:	:	:	:	:	:	:	:
GRANOS	-Milhoes Tons	-Em Porcentagem-							
79/80	99.5	72	4	5	10	42	28	14	12
80/81	108.8	70	6	14	8	38	31	24	10
81/82	97.9	59	7	10	12	41	28	21	6
82/83	91.1	54	7	12	6	41	35	11	5
83/84	90.7	56	6	11	10	42	36	12	4

Export. Mundiais		-Parcelas de Exportacao-				-Parcelas de Importacao-			
		:EUA:	:Canada:	:Argentina:	:CE-10/:	:Australia:	:PDI3/:	:PEO3/:	:URRS :
		:	:	:	:	:	:	:	:Eur.Or.:
TRIGO	-Milhoes Tons-	-Em Porcentagem-							
79/80	86.0	44	17	6	12	17	15	50	14
80/81	94.1	44	18	4	16	11	14	43	17
81/82	101.6	47	17	4	15	11	13	44	19
82/83	98.6	42	22	8	16	8	12	44	21
83/84	103.2	38	21	9	16	11	11	49	20

Export. Mundiais		-Parcelas de Exportacao-			-Parcelas de Importacao-			
		:EUA:	:Brasil:	:Argentina:	:CE-10:	:Japao:	:URRS:	:Espanha:
		:	:	:	:	:	:	:
SOJA	-Milhoes Tons-	-Em Porcentagem-						
79/80	28.3	84	4	8	46	15	5	11
80/81	25.3	78	7	11	40	17	6	11
81/82	29.3	86	3	6	42	15	5	11
82/83	29.6	86	5	5	41	17	4	11
84/85	26.0	77	6	11	35	18	4	10

1/OC-outros competidores:Australia, Africa do Sul e Tailandia

2/PDI-Paises desenvolvidos importadores:Japao e Europa do Leste

3/Paises em desenvolvimento importadores, inclusive Europa

Fonte: em "The US Competitive Position in World Commodity Trade"

Philip L.Paerlberg e outros, RER N.530/USDA/ERS

A) TRIGO

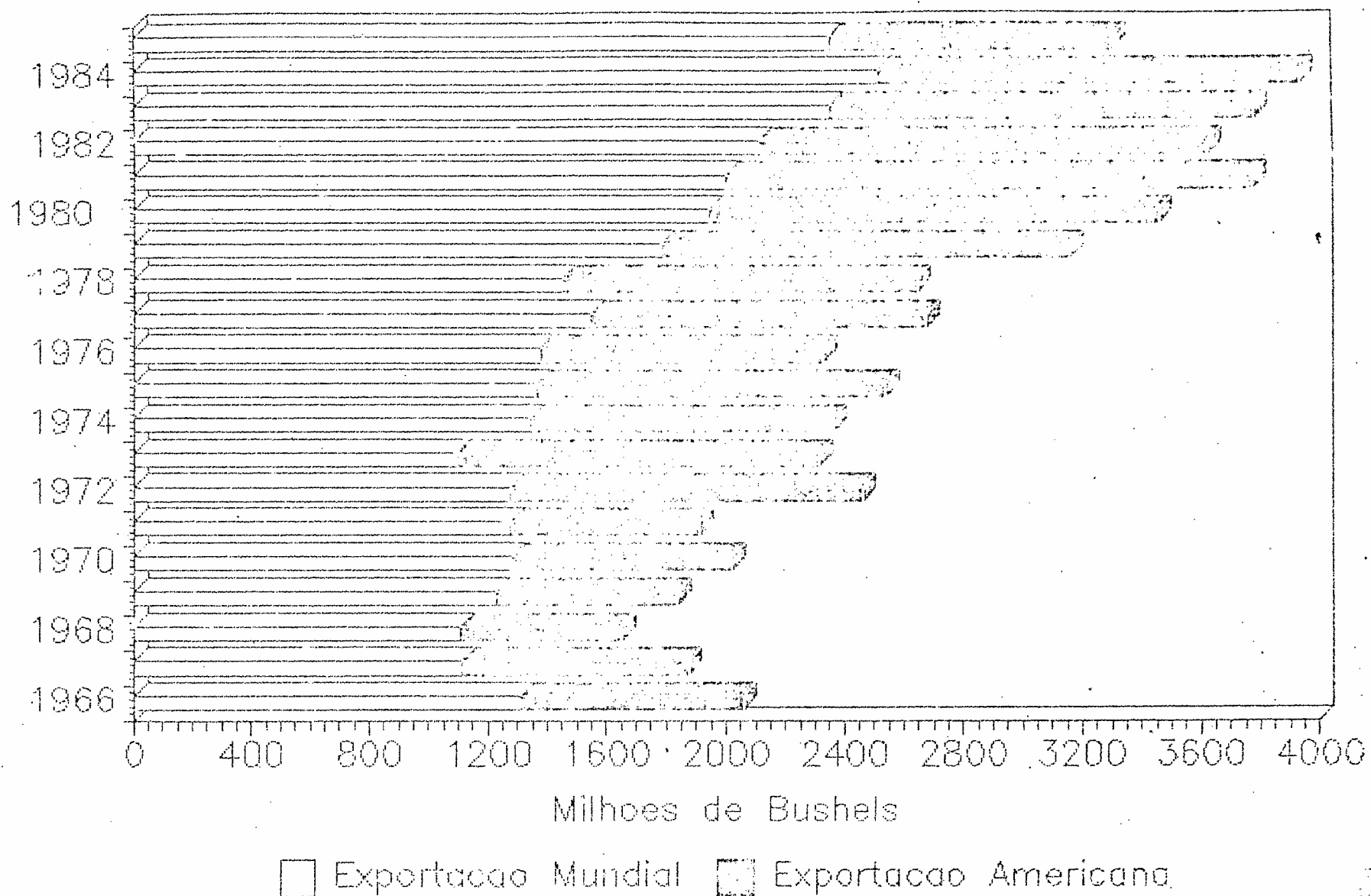
Os Estados Unidos são, hoje, o maior exportador de trigo do mundo, com uma média de 40 milhões de toneladas, anuais, sendo destinadas aos vários mercados internacionais, uma parcela que representa cerca de 40% (média para os últimos anos) do total mundialmente exportado (Gráfico XI).

O país é responsável por mais de 10% do trigo produzido no globo, e exporta, anualmente, 50% (em média) daquilo que produz.

Além de grandes produtores e exportadores os Estados Unidos são, também, grandes detentores de estoques do produto. Em 1966, o país detinha 17% do trigo dos estoques globais, uma porcentagem que aumentou para 39% em 1985. Os estoques do produto vêm crescendo a taxas altíssimas, principalmente devido às regulamentações das políticas agrícolas anteriores,¹ que vinham propiciando aumentos na produção, em um mercado interno e mundial em depressão. Os estoques cresceram de uma média de 44% do uso total para 90% em 86, significando que os Estados Unidos poderiam ficar um ano (ou quase) sem uma colheita (Gráfico XII).

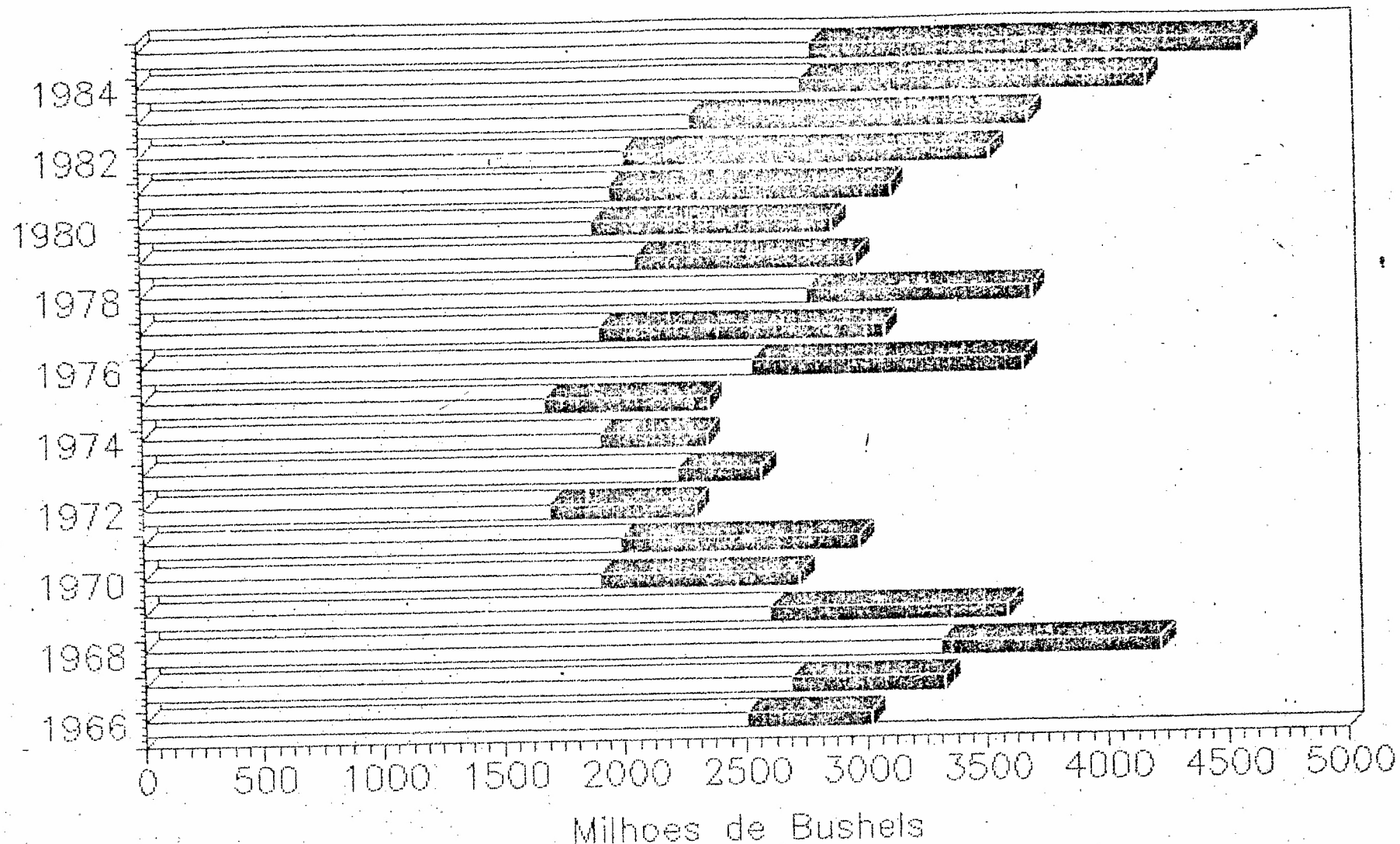
A União Soviética é, usualmente, o maior consumidor do trigo americano, e também o maior importador do mundo, embora seja um mercado que venha apresentando

COMERCIO INTERNACIONAL DE TRIGO E PARCELAS AMERICANAS



FONTE: USDA, World Agricultural Outlook
Situation Report, Junho 1986

ESTOQUES MUNDIAIS DE TRIGO E PARCELA DETIDA PELOS ESTADOS UNIDOS



☐ Estoques Mundiais
 ☒ Estoques Americanos

FONTE: USDA, World Agricultural Outlook
 and Situation Report, Junho 1985
 A parcela mundial não inclui EUA

instabilidade na aquisição do produto: seja devido a problemas climáticos que afetam a produção russa, seja por questões relativas ao aumento da concorrência estrangeira. Em 1985, por exemplo, a produção de trigo da URSS foi significativamente maior do que em 1984, o que acabou por resultar em um corte de quase 40% das necessidades russas de importação do produto.

As exportações americanas de trigo caíram de um pico de 8.1 bilhões de dólares, em 1981, para 4.5 bilhões em 1985 e as parcelas do mercado mundial diminuíram de 46% para 29% no mesmo período: uma queda atribuída, especialmente, ao não-ajustamento dos preços do produto americano aos níveis significativamente menores dos fornecedores internacionais.

Os maiores competidores do produto, mundialmente, são Canada, Austrália, Argentina e Comunidade Europeia. A União Soviética tem sido o melhor mercado para esses países, especialmente Argentina, desde o embargo para os grãos imposto pelos EUA em 1980 (Tabela 37 A)

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DO TRIGO

Os exportadores mundiais enfrentam, hoje, problemas na competitividade por um mercado cuja demanda é restrita: o consumo mundial per capita do produto vem

Tabela 37-A

TRIGO; PRODUÇÃO, CONSUMO E RESULTADOS PARA EXPORTAÇÃO												
PAIS	1983/84			1984/85			1985/86			1986/87 P		
	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP
Maiores Exportadores												
EUA	65.9	50.2	39.7	70.6	51.4	37.9	66.0	28.6	24.7	57.7	29.3	31.3
Canada	26.6	5.7	21.8	21.2	5.5	19.4	24.3	6.2	16.7	31.0	5.5	19.5
Australia	22.0	2.8	11.6	18.3	3.0	16.3	16.5	3.2	15.9	15.0	3.1	14.5
CE-12	59.2	49.6	11.2	82.8	59.5	12.9	71.7	59.9	12.4	70.2	59.1	12.4
Argentina	12.8	4.7	9.6	13.2	4.6	8.0	8.5	4.4	6.1	9.6	4.5	4.6
Turquia	13.3	13.8	0.3	13.3	13.7	-0.5	12.7	13.8	-0.9	14.0	14.0	-0.1
Maiores Importadores												
URRS	79.0	97.0	-20.0	73.0	96.1	-27.1	83.0	97.7	-14.7	76.0	97.0	-18.0
China	81.4	91.0	-9.6	87.8	95.2	-7.4	85.8	92.4	-6.6	87.5	94.5	-7.0
Europa do Leste	35.4	37.1	-1.5	42.0	40.1	1.4	37.5	39.0	-0.9	39.9	40.8	-1.3
Outros Eur.Oc.	8.8	9.7	-0.2	4.5	3.4	0.8	4.1	3.4	0.6	4.2	3.5	0.7
Brasil	2.1	6.4	-3.9	1.9	6.4	-5.4	4.3	6.3	-2.5	4.3	6.9	-2.8
Mexico	3.2	4.1	-0.6	4.2	4.4	0.0	4.4	4.7	-0.1	4.5	4.9	-0.2
Outros Am.Latina	1.6	8.3	-6.9	1.8	8.5	-6.8	2.1	8.7	-6.5	2.3	9.1	-6.7
Japao	0.7	6.2	-5.6	0.7	6.3	-5.3	0.9	6.3	-5.2	0.9	6.3	-5.3
India	42.8	42.0	-2.5	45.1	43.2	0.2	44.2	43.9	0.5	47.0	46.1	0.4
Coreia do Sul	0.1	2.4	-2.4	—	3.0	-3.1	—	3.1	-3.0	—	2.3	-2.7
Indonesia	0.0	1.6	-1.6	0.0	1.4	-1.2	0.0	1.4	-1.5	0.0	1.6	-1.6
Outros Asia	18.2	24.1	-6.8	16.8	25.1	-7.9	17.4	24.6	-7.7	19.9	26.5	-7.2
Egito	2.0	8.0	-6.7	1.8	8.5	-6.6	1.9	8.5	-6.7	1.9	8.7	-7.0
Marrocos	2.0	4.1	-2.1	2.0	4.2	-2.5	2.1	4.2	-1.9	3.3	4.5	-1.5
Outros Afr.Norte	10.6	24.3	-15.0	9.4	24.8	-15.0	13.2	26.1	-12.1	12.6	26.8	-14.4
Outros Africa	3.0	7.9	-4.4	3.2	8.7	-5.6	2.9	8.1	-4.7	3.4	8.6	-5.2
Residual	0.3	0.4	-3.4	0.6	0.3	3.8	0.3	0.1	-2.0	0.4	0.2	-2.4
MUNDIAL	491.0	481.4		515.6	497.6		503.7	494.7		505.6	504.3	
Milhoes de Toneladas Metricas												

Milhoes de Toneladas Metricas

Fonte: World Agriculture Outlook and Situation Report, Dezembro de 1985 e Set. 1986
 —negligenciavel P=Previsao

Totais para o primeiro periodo correspondem a CE-10 e nao CE-12, como se lê.

crescendo a taxas de 0.54% para os anos oitenta,¹ enquanto que a taxa mundial de crescimento populacional tem girado em torno de 1.9% ao ano (Tabela 38).

As razões para o decrescimo no consumo estão, em verdade, situadas na diversificação da alimentação básica. A medida em que o rendimento de uma família (ou de um país) aumenta, o consumo deriva-se e maiores quantidades de alimentos de origem animal passam a ser consumidos.

" In the first stage, income gains lead low income consumers to increase their total consumption of grains as they shift to the preferred food grains. Therefore, the increase in wheat and rice consumption in many developing nations comes at expense of other traditional starchy staples, such as root crops (cassava, yams), other grains (corn, millet and sorghum), and others starches (plantains). In the second stage (as incomes rise even further), direct consumption of grain declines as consumer shift part of their diets to nongrain foods, such as meat"².

Este seria, aparentemente, o fenómeno que caracteriza a exportação de trigo (e arroz) para os países em desenvolvimento. Com a internacionalização do comércio agrícola, especialmente na década de 70, (e maior liquidez dos meios financeiros, propiciada pela crise do petróleo daquela década), as dietas tradicionais começaram a passar por um refinamento que viria a incluir tais estagios. Muitos

1965 a 80, a taxa média de crescimento era de .81%, com os países em desenvolvimento tendo consumo de 2% até os anos oitenta. Development of US Agriculture:"Cochrane, pg.27

Tabela 38

TRIGO: Consumo per capita

PAIS	1964/66	1974/76	1979/81	1985
Desenvolvidos	95.3	92.9	91.9	91.9
EUA	80.3	84.0	85.1	86.7
Europa Oc.	117.3	110.7	109.8	109.5
Japao	46.1	50.5	50.8	51.1
Africa do Sul	56.7	65.5	64.4	65.4
Central/Planejados	97.5	100.8	113.4	121.5
Europa do Leste	163.8	167.4	169.9	167.1
URRS	238.8	236.9	236.6	219.8
China	40.8	53.7	72.4	89.2
Em Desenvolvimento	42.9	52.2	57.7	58.8
America Latina	52.2	58.8	59.7	56.4
Mexico	34.6	46.6	47.3	45.2
Brasil	29.1	49.4	54.2	49.4
Oriente Medio	144.6	132.1	142.8	141.2
Iraque	124.4	169.4	199.4	212.8
Turquia	246.4	245.7	271.1	260.6
Asia do Sul	41.7	51.5	58.0	62.1
India	36.2	44.1	51.1	55.8
Paquistao	106.3	122.9	129.6	128.3
Outros Asia	24.7	35.1	39.2	40.5
Indonesia	0.2	6.2	8.7	7.9
Tailandia	1.4	2.1	4.1	3.3
Afr.do Norte	121.5	164.7	179.3	181.2
Argelia	130.5	179.8	186.2	187.1
Egito	121.1	151.6	174.8	173.3
Outros Africa	9.9	12.3	15.9	17.9
Nigeria	2.0	7.3	16.3	17.5
Sudao	19.4	28.4	28.9	33.7
TOTAL/MUNDO	71.5	75.3	80.7	82.9

Fonte: USDA, World Agriculture Outlook and Situation
Report, Marco 1986

desses países beneficiando-se com os créditos expandidos, na década passada, combinado com os programas de ajuda oferecidos pelos exportadores de trigo, acabaram por importar enormes quantidades do produto. Bons exemplos são Índia, Paquistão e Turquia.

Hoje, muitos dos governos desses países estão tentando levar a cabo políticas agrícolas que beneficiem a expansão da produção desses produtos, em busca da auto-suficiência e da consequente alocação de recursos para a importação de rações e forragens.

Os países desenvolvidos, por sua vez, têm apresentado demanda estagnada ou decrescente para a importação de produtos destinados à alimentação humana.

Ainda assim, apesar da demanda em contração, o resultado mundial da produção de trigo tem sido recorde em cada um dos últimos seis anos, com consequente acumulação crescente dos estoques do produto (Tabela 39).

As condições atuais de preço do trigo americano, os mais baixos valores em 8 anos, associadas com garantia de crédito expandida, frete preferencial reduzido, além dos programas de ajuda (PL480, que se estendem até 1990), deverão contribuir para um significativo aumento da exportação americana, no ano de 1987. No futuro, a comercialização do produto estará vinculada à execução das políticas agrícolas de exportação, a resposta dos competidores à queda do preço do produto americano e ao acirramento da competitividade em um mercado mundial cujo

Tabela 39

TRIGO: PRODUCAO, CONSUMO, COMERCIO, ESTOQUES E AREAS DE CULTIVO MUNDIAIS

Ano	PRODUCAO	CONSUMO	COMERCIO	ESTOQUES FINAIS	AREA COLHIDA Milhoes de Hectares
	-----Milhoes de Toneladas-----				
1960/61	238.4	234.8	41.9	81.8	202.2
1961/62	224.8	236.8	46.8	70.2	203.4
1962/63	251.8	248.1	44.3	74.0	206.9
1963/64	233.9	240.0	56.0	67.8	206.3
1964/65	270.4	262.0	52.0	76.2	215.9
1965/66	263.3	281.6	6.0	55.3	215.5
1966/67	306.7	279.8	56.0	82.1	213.6
1967/68	297.6	289.1	5.0	90.6	219.2
1968/69	330.8	306.4	45.0	115.0	223.9
1969/70	310.0	327.3	50.0	97.8	217.8
1970/71	313.7	337.2	55.0	74.3	207.0
1971/72	351.0	344.3	52.0	81.0	212.9
1972/73	343.4	336.0	67.0	62.6	211.0
1973/74	373.2	365.6	63.0	70.2	217.1
1974/75	360.2	366.6	64.3	63.7	220.1
1975/76	356.6	356.3	66.7	64.2	225.4
1976/77	421.4	385.9	63.3	99.8	233.2
1977/78	384.1	399.4	72.8	84.2	227.1
1978/79	446.8	430.2	72.0	100.9	228.9
1979/80	424.5	444.3	86.0	81.0	228.4
1980/81	442.9	441.0	94.0	78.2	237.0
1981/82	448.4	441.0	101.3	85.0	238.7
1982/83	479.0	467.9	98.6	96.3	237.5
1983/84	490.9	486.3	102.0	101.0	229.1
1984/85 3/	513.8	499.3	107.9	115.5	231.1
1985/86 4/	504.2	494.2	90.4	125.5	229.4

Fonte: World Outlook and Situation Report, varios numeros
 .Agricultural Statistics- varios numeros, USDA/ER

comportamento da demanda tem sido decrescente.

B) OLEAGINOSAS - SOJA E PRODUTOS

Os Estados Unidos são o maior produtor e exportador de soja do mundo, com cerca de 50 milhões de toneladas de soja (em grãos) sendo produzidas anualmente, quando a produção mundial não atinge 100 milhões, e 20 milhões de toneladas sendo exportadas, de um total de 25 milhões mundiais (Tabelas 40 e 41).

O mercado da soja, em verdade, divide-se em três categorias, segundo o grau de processamento do produto. Exporta-se, hoje, soja em grãos, processada¹ e sob a forma de óleo. O mercado para o óleo de soja é o menos representativo, em termos de quantidade, ainda assim, comercializa-se, anualmente, cerca de 3 milhões de toneladas do produto. A soja em grãos tem um mercado de exportação que envolve quase 25 milhões de toneladas, enquanto que a soja em pasta possui colocação para cerca de 15 milhões de toneladas do produto.

Nos últimos dez anos houve rápidos ganhos na produção de oleaginosas globalmente: especialmente colza, girassol e palma (ou óleo de palmeira), além de óleo de algodão, de milho (utilizado especialmente na produção de etanol), óleo de coco, amendoim, aumentando as possibilidades de diversificação na utilização de oleaginosas para o consumo

¹ymeal" - soja em pasta ou farinha.

Tabela 40

SOJA E DERIVADOS: PRODUÇÃO, CONSUMO E EXPORTAÇÃO

PAISES	1983/84			1984/85			1985/86			1986/87 P		
Soja/Graos	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP
Exportadores												
EUA	44.52	26.75	20.21	50.64	28.03	16.28	57.11	28.71	20.14	53.88	29.26	20.62
Brasil	15.20	12.51	1.59	18.28	13.13	3.10	13.40	12.30	1.00	16.50	12.80	1.65
Argentina	7.00	2.98	2.97	6.50	3.86	3.29	7.30	3.90	2.75	7.50	4.20	2.90
China	9.76	1.67	0.73	9.70	1.59	1.05	10.50	1.79	1.30	11.00	1.86	1.10
Importadores												
CE-10	0.09	9.15	-9.31	0.14	9.70	-10.06	0.34	12.52	-12.72	0.63	12.93	-12.72
Japao	0.22	3.83	-4.73	0.24	3.80	-4.51	0.23	3.95	-4.75	0.23	3.98	-4.85
Espanha	0.00	2.60	-2.60	0.01	2.10	-2.10						
Eur.Leste	0.61	1.36	-0.84	0.77	1.26	-0.59	0.53	1.36	-0.90	1.63	1.43	-0.79
Mexico	0.60	1.95	-1.44	0.55	2.00	-1.45	0.75	1.73	-1.00	0.50	1.85	-1.35
Taiwan	0.01	1.15	-1.36	0.01	1.20	-1.47	0.01	1.34	-1.62	0.02	1.47	-1.70
URRS	0.56	1.30	-0.95	0.47	1.13	-0.85	0.47	2.25	-2.00	0.50	2.28	-2.00
Residual	3.99	5.38	-4.27	5.43	5.38	-1.88	5.61	5.89	-2.20	5.42	6.36	-2.92
MUNDIAL	82.56	70.63		92.73	73.00		96.25	75.74		97.81	78.42	
farinha de Soja												
Exportadores												
EUA	20.65	15.98	4.86	22.25	17.67	4.46	22.69	17.24	5.58	23.01	17.60	5.35
Brasil	9.70	1.69	7.71	10.17	1.99	8.44	9.51	2.16	7.45	9.89	2.30	7.60
Argentina	2.37	0.14	2.12	3.08	0.27	2.88	3.11	0.30	2.90	3.35	0.28	3.00
Importadores												
CE-10	7.30	14.61	-7.10	7.73	15.19	-7.51	9.98	17.65	-7.71	10.28	17.00	-7.69
Eur.Leste	1.07	4.53	-3.50	1.02	4.57	-3.54	1.09	4.84	-3.80	1.15	5.00	-3.88
URRS	0.99	1.32	-0.83	0.86	1.41	-0.55	1.75	2.35	-0.60	1.78	2.38	-0.60
Japao	2.96	3.03	-0.18	2.92	3.12	-0.09	3.05	3.18	-0.22	3.07	3.29	-0.13
Mexico	1.42	1.44	-0.05	1.46	1.50	-0.08	1.26	1.38	-0.05	1.35	1.38	-0.05
Residual	8.65	12.70	-3.03	8.64	10.68	-3.25	7.27	11.53	-3.55	7.79	12.13	-3.60
MUNDIAL	55.11	55.44		58.18	59.30		59.71	60.63		61.67	62.35	
Óleo de Soja												
Exportadores												
EUA	4.93	4.35	0.83	5.20	4.50	0.75	5.29	4.49	0.57	5.36	4.60	0.54
Brasil	2.35	1.52	0.91	2.46	1.55	0.83	2.30	1.72	0.37	2.39	1.81	0.60
Argentina	0.49	0.07	0.43	0.64	0.07	0.50	0.66	0.09	0.55	0.70	0.09	0.62
CE-10	1.64	1.29	0.41	1.74	1.39	0.39	2.22	1.36	0.83	2.29	1.45	0.82
Espanha	0.46	0.02	0.54	0.37	0.02	0.28						
Importadores												
India	0.09	0.80	-0.81	0.15	0.57	-0.40	0.17	0.49	-0.22	0.20	0.50	-0.30
Paquistao	0.00	0.28	-0.30	0.00	0.19	-0.17	0.00	0.22	-0.23	0.00	0.25	-0.25
Eur.Leste	0.24	0.41	-0.18	0.19	0.38	-0.20	0.22	0.00	-0.19	0.23	0.39	-0.17
Ira	0.02	0.32	-0.32	0.02	0.34	-0.34	0.02	0.35	-0.32	0.02	0.37	-0.35
Marrocos	0.01	0.14	-0.13	0.01	0.13	-0.12	0.01	0.13	-0.13	0.00	0.15	-0.15
Residual	2.51	3.75	-1.41	2.42	3.94	-1.65	2.71	3.90	-1.23	2.63	4.07	-1.36
MUNDIAL	12.74	12.95		13.31	13.06		13.58	13.15		14.02	13.68	

Milhares de Toneladas

Fonte: USDA, World Agriculture Outlook and Situation Report Dec.85 e Set.86
 P=Previsão Consumo e exportação em "marketing year" Julho/Junho
 exceto para Brasil e Argentina - períodos Out/Set.
 A partir de 85, a CE-10 passa a ser considerada CE-12, daí a razão
 de omissão dos dados para Espanha

Tabela 41

EXPORTACAO DE SOJA: PARCELAS DE MERCADO

PAISES	Em milhares de toneladas						Porcentagem do Total		
	1979	1980	1981	1982	1983	1984	79/80	81/82	83/84
EUA	20.9	21.8	21.9	25.5	22.7	19.5	81.5	86.0	80.5
Argentina	2.8	2.7	2.2	1.9	1.4	3.1	10.5	7.4	8.6
Brasil	0.6	1.5	1.4	0.5	1.3	1.6	4.0	3.5	5.5
China	0.3	0.1	0.1	0.1	0.4	0.8	0.8	0.4	2.3
Paraguai	0.3	0.2	0.2	0.5	0.5	0.5	0.9	1.3	1.9
Canada	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.4	0.3	0.4
Holanda	0.3	0.3	0.2	0.1	0.1	0.1	1.1	0.4	0.4
Outros	0.2	0.2	0.1	0.2	0.1	0.1	0.8	0.7	0.4
MUNDIAL	25.5	26.9	26.2	28.9	26.6	25.8	100.0	100.0	100.0

Fonte:FAO, Trade Yearbook 1981-84

animal.¹

Todos os países do mundo conteceram significativos aumentos "per capita" no consumo de oleaginosas, na ultima decada (Tabela 42). Para alguns países isso é resultado de importantes acrescimos no crescimento económico e nas rendas, como é o caso do Mexico e da India, que praticamente triplicaram o uso de tais produtos na decada de setenta.

Nos países desenvolvidos, o crescimento verificado no consumo de oleaginosas, nos ultimos anos, esteve constantemente em torno de 3% (com ganhos especialmente para o Japao).

Os países com economias centralmente planejadas representam o grupo com menor crescimento para a absorcao desses produtos, tanto na decada de setenta quanto nesta decada. Aparentemente, no entanto, essa situacao devera ser alterada para o final dos anos oitenta, ja que, os altos niveis de producao chinesa para algodao, colza e amendoim surpreenderam as estimativas com resultados que colocarao a China entre os grandes exportadores de oleaginosas do mundo.² Alem disso, a Uniao Sovietica tambem vem apresentando sucessivos aumentos no consumo "per capita", apesar da diminuicao na producao de sementes e oleo de girassol.³

bsorcao de tais produtos promove a obtencao de calorias com alto valor proteico, alem de contribuir para a absorcao de determinados nutrientes pelo organismo, sendo, portanto, um excelente complemento alimentar. O consumo domestico desses produtos vem sendo altamente incentivado pelo governo chinês, daí uma das razões para o estímulo ao aumento da produção.

Entes contratos vem sendo executados para a compra de enormes quantidades de soja (com os EUA) e oleo de palma (com Malasia e Filipinas).

Tabela 42

OLEAGINOSAS: CONSUMO PER CAPITA			
PAISES	74/76	79/81	1985
Quilogramas por ano			
Desenvolvidos	14.34	16.31	17.61
EUA	20.81	22.52	23.80
Europa Oc.	12.72	14.53	15.62
Japao	9.63	12.05	13.49
Africa do S.	6.22	8.03	7.75
Central/Plan.	4.25	4.81	8.68
Europa Leste	9.10	11.01	12.65
URRS	10.72	11.75	12.11
China	1.76	2.19	3.68
Em Desenvolv.	5.43	6.19	7.82
America Lat.	7.88	10.67	11.39
Mexico	5.14	8.64	11.33
Brasil	9.01	13.21	12.96
Oriente Medio	6.98	8.43	11.61
Iraque	10.12	11.40	14.84
Turquia	9.36	10.34	13.55
Asia do Sul	4.26	5.24	5.95
India	4.52	5.41	6.04
Paquistao	5.39	8.30	10.04
Outros/Asia	3.87	5.94	7.97
Indonesia	5.03	7.45	9.69
Tailandia	1.43	2.44	3.03
Afr. Norte	8.17	10.00	12.42
Argelia	7.62	10.46	13.30
Egito	9.14	10.72	13.16
Outros/Afr.	6.18	6.71	5.72
Nigeria	8.82	10.43	7.75
Sudao	8.34	8.37	6.22
MUNDIAL	6.66	7.88	9.79

Fonte: USDA World Agriculture and
Situation Report, Marco 1986.

Inclue use uso industrial.

PERSPECTIVAS DE MERCADO PARA A COMERCIALIZAÇÃO DA SOJA

Nos anos recentes, os exportadores de soja tem enfrentado um crescente aumento das produções mundiais e um decrescimento das necessidades globais.

Ganhos na produção para sementes de girassol, algodão e colza, tem contribuído para a redução na demanda pela soja. Argentina e Europa Ocidental aumentaram suas respectivas produções (e uso) da semente e óleo de girassol, o mesmo ocorrendo com a China para colza e algodão, e Europa Oriental no uso da semente e óleo de colza. Isso demonstra uma mudança na composição das pastas proteicas que estão sendo utilizadas, especialmente na alimentação animal.

Outro fator vem contribuindo para a contração da demanda de soja e produtos, (e contribuindo para que os estoques atinjam níveis recordes nos últimos períodos): para a maioria dos países o índice de expansão dos rebanhos tem sido pouco significativo.

A Comunidade Europeia, o maior mercado importador de soja, tem apresentando maior produção e consumo de sementes de girassol e colza, nos últimos anos, devido a ganhos na produção francesa (fortes subsídios) e a adesão da Espanha ao grupo. Soma-se a isso, o fato de que o setor pecuario europeu não apresenta perspectivas de significativos aumentos na produção ou no consumo.

Também neste grupo o setor americano de

exportacao agricola vem conhecendo contracoes significativas nas suas parcelas de mercado. Por exemplo, no ano de mercado de 83/84, os Estados Unidos exportaram 20 milhoes de toneladas de soja em grao, um total que caiu para 16 milhoes em 84/85.

Alem disso, apesar de liderar o mercado de soja em graos, os Estados Unidos perdem esta lideranca para o Brasil, quando se trata do produto processado. Por exemplo, no ano de 84/85, o Brasil comercializou duas vezes mais soja processada do que os Est.Unidos e superou-o na venda do oleo do produto, em pelo o menos 20%. Apesar do ano de 86 ser considerado atipico, dada a queda substancial na venda do produto brasileiro², as estimativas apontam para o fortalecimento na competitividade e para quedas ainda maiores na exportacao agricola americana desses produtos.³

soja brasileira, do tipo peletizada, e muito mais resistente do que soja americana, um dos motivos pelo qual ha preferencia pelo produto Brasil: menor perda no transporte e estocagem, maior durabilidade. Producao brasileira ficou dramaticamente reduzida, especialmente no Sudoeste, devido a problemas climaticos. Em 1986, a producao de soja americana foi menor do que 1985: 61.8 milhoes de acres plantados, contra 63.1 milhoes. Segundo os analistas, os dados ja refletem a situacao do mercado em contracao.

C) GRAOS - MILHO, CEVADA, AVEIA, SORGO, CENTEIO E OUTROS

Os Estados Unidos detem a maior parcela de producao e exportacao mundial dessas mercadorias¹, com o milho sendo o principal produto do grupo. Cerca de 115 milhoes de hectares desses graos foram colhidos em 1985, nos EUA, e o milho foi responsavel por 82% deste total.

A producao americana em 1984/85 foi de 237 milhoes de toneladas (Tabela 43), cerca de um quarto do total de 603 milhoes produzidos mundialmente, no mesmo periodo.² Os outros grandes produtores sao URSS e China. A Uniao Sovietica, alem de segundo produtor, e, tambem, o segundo maior importador; e o Japao e o maior importador, com cerca de 20 milhoes de toneladas anuais.³

Argentina, Canada e Australia sao (assim como no trigo) os maiores concorrentes (Tabela 44). Ainda assim, toda a exportacao dos tres paises juntos mal atinge (em toneladas) a metade do total exportado pelos Estados Unidos.⁴

A China e Europa Ocidental vem apresentando saldos positivos entre producao e consumo nos ultimos anos, tornando-se exportadores, (embora a autosuficiencia da

modos de "coarse ou feedgrains"

producao americana para 85/86 esta estimada em 274.3 milhoes de toneladas e a de 86/87 prevista para 252.3 milhoes.

Japao importa, anualmente, todas as suas necessidades internas dos produtos, ou seja, mais de um quinto do total comercializado mundialmente.

India e Africa do Sul tambem sao fortes concorrentes para o produto. No entanto, o segundo deles tenha se tornado importador nos dois ultimos anos (devido a problemas climaticos).

Tabela 43

CEREAIS: MILHO, SORGO, AVEIA, CEVADA, CENTEIO E OUTROS												
	83/84			84/85			85/86 E			86/87 P		
PAISES	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP	PROD	CONSEXP		PROD	CONS	EXP
Maiores Exp.												
EUR	137.1	147.3	55.2	237.7	163.9	54.7	274.3	170.6	34.0	252.3	170.5	46.2
Canada	21.0	18.9	5.2	22.0	18.6	2.8	25.0	18.9	4.5	27.0	19.5	6.2
Australia	9.4	2.8	5.5	8.6	2.9	6.3	8.0	2.8	5.0	7.2	2.9	3.8
Argentina	17.4	7.6	10.9	18.6	7.2	10.6	17.6	7.9	10.3	17.7	7.3	9.9
Tailandia	4.2	1.3	3.3	4.7	1.2	3.4	5.5	1.2	3.8	4.5	1.3	3.2
Afr.Sul	5.1	7.1	-2.8	8.7	6.8	-0.4	8.8	7.4	1.1	9.9	7.4	1.8
Maiores Imp.												
URRS	99.0	109.5	-11.9	86.0	110.9	-27.3	94.0	106.5	-13.0	86.0	104.0	-17.0
China	92.7	92.3	0.3	96.2	90.7	5.4	84.2	78.2	6.3	93.6	88.4	5.5
Europa/Leste	67.1	68.5	0.0	72.9	72.7	-0.3	69.4	73.5	-3.3	71.6	71.1	-0.9
Ce-12	64.1	68.0	-0.5	89.6	85.6	-1.8	88.0	84.0	4.4	80.3	82.2	0.5
Outros Eur.Oc.	22.1	26.3	-6.6	13.9	12.8	0.6	13.1	12.2	1.3	12.7	12.4	0.4
Brasil	21.5	21.4	-0.2	22.5	23.1	-0.4	20.7	23.3	-2.0	23.1	23.2	-0.6
Mexico	13.8	18.4	-5.9	14.5	18.8	-4.2	14.2	18.1	-2.5	13.3	18.2	-4.8
Venezuela	0.8	2.4	-1.6	1.1	2.6	-1.6	1.5	2.3	-0.9	1.6	3.1	-1.5
Outros Am.Lat.	7.7	9.7	-1.9	8.5	10.2	-1.8	8.3	10.1	-1.6	8.7	10.9	-2.2
Japao	0.4	20.5	-20.7	0.4	21.3	-20.8	0.4	21.4	-21.3	0.4	22.5	-22.1
Taiwan	0.2	4.4	-4.0	0.3	4.3	-4.0	0.3	4.5	-4.2	0.3	4.7	-4.3
Coreia Sul	0.9	4.7	-4.1	0.9	4.4	-3.4	0.7	4.9	-4.1	0.6	4.9	-4.3
Outros Asia	49.5	50.9	-1.7	47.3	50.4	-2.2	45.3	48.1	-1.8	47.2	49.3	-2.4
Egito	4.3	5.8	-1.5	4.4	7.0	-1.7	4.4	6.5	-1.9	4.7	6.6	-1.9
Ira	1.5	2.6	-1.2	1.3	2.7	-1.4	1.3	2.8	-1.6	1.5	3.0	-1.5
Israel		1.2	-1.1	0.1	1.1	-1.0		1.1	-1.1		1.1	-1.1
Outros N.Afr.	15.0	25.4	-10.6	14.6	25.3	-10.9	20.2	29.8	-10.5	20.2	30.9	-11.9
Outros Africa	28.8	31.5	-1.5	33.6	34.4	-1.7	37.8	38.1	0.5	37.0	38.5	-0.8
Residual	0.8	0.8	-1.4	0.7	0.4	0.7	0.9	0.5	-1.4	0.9	0.6	-0.2
MUNDIAL	685.4	754.1		809.1	779.2		843.9	774.6		822.3	784.5	

Fonte: USDA, ERS World Agriculture Outlook and Situation Report, Dez. 1985
 Baseado em anos Set. a Out. ---Negligenciavel, P=Previsao, E=Estimado
 O ano de 84/85 nao inclui Portugal e Espanha em Ce-12, mas em Outros Eur.Oc.

Tabela 44									
MAIORES EXPORTADORES DE MILHO-1979-1984									
PAISES	Em Toneladas Metricas					Porcentagem do Total			
	1979	1980	1981	1982	1983	1984	79/80	81/82	83/84
EUA	59.20	63.10	54.80	48.90	47.60	49.10	78.20	69.40	70.30
França	3.10	3.20	2.40	3.20	4.50	5.20	4.00	3.70	7.00
Argentina	6.00	3.50	9.20	5.20	6.50	5.50	6.10	9.60	8.70
Tailandia	2.00	2.20	2.50	2.80	2.60	3.20	2.70	3.50	4.20
Polg/Luxemb	1.20	1.40	1.50	1.80	1.60	1.50	1.70	2.20	2.30
Iugoslavia	0.20	0.30	0.20	0.20	1.30	0.70	0.30	0.30	1.50
Afr.Sul	2.10	3.30	4.40	3.90	1.30	0.10	3.50	5.60	1.00
Romenia	0.30	1.00	1.40	0.70	0.50	0.50	0.60	1.30	0.70
Canada	0.20	0.80	1.20	0.70	0.50	0.50	0.60	1.30	0.70
China Cont.	1/	0.10	0.10	0.10	0.10	0.50	0.00	0.10	0.40
Alem.Ocid.	0.20	0.10	0.20	0.10	0.10	0.20	0.20	0.30	0.30
Hungria	0.10	0.10	0.10	0.40	0.30	0.20	0.10	0.40	0.40
Outros	1.70	1.10	1.30	2.00	2.20	1.50	1.80	2.10	2.60

Fonte: FAO, Trade Yearbook, 1981-84 1/Menos de 500 tons.

Comunidade Europeia possa estar ameaçada com a recente adesão de Portugal e Espanha).

Os Estados Unidos detinham, entre 1980 e 84, cerca de 61% da parcela mundial na comercialização dos grãos, enquanto que em 1985 esse total foi de apenas 55%. O consumo interno do produto vem aumentando nos últimos anos, enquanto que a exportação vem conhecendo decrescimos constantes.

PERSPECTIVAS PARA A COMERCIALIZAÇÃO MUNDIAL DOS GRÃOS

Em 1984/85 a produção mundial desses grãos atingiu, pela primeira vez, a casa dos 600 milhões de toneladas, conduzindo ao terceiro maior estoque final desde 63/64. As estimativas apontam para novos recordes no ano de 85/86, dada a significativa diminuição da demanda por importação e colheitas estimadas com índices também recordes. Cerca de 34 milhões de toneladas, ou 95% do aumento, devera ocorrer nos Estados Unidos.

As trocas internacionais para o período de 85/86 estão estimadas em 94 milhões de toneladas¹, cerca de 17% menos do que no período anterior: muitos dos países importadores dos produtos estão agora, utilizando outros grãos e raçãoes, com maiores índices proteicos, para alimentação animal, diminuindo a demanda e aumentando a competitividade pelos mercados externos.

Note-se, que cerca de 60 a 70% da produção mundial dos grãos em questão são utilizados para alimentação

o total exclue as trocas intra-comunidade europeia

animal, o que faz com que muitos dos países em desenvolvimento não importem a quantidade ideal do produto para a manutenção de um setor agropecuario eficiente. Desse total produzido mundialmente, calcula-se que a parte destinada a alimentacao humana (um terço do total) é suprida, quase que integralmente por producoes internas. Ou seja, a quase totalidade dos 100 milhoes de toneladas comercializadas globalmente, destina-se a alimentacao animal.

Podemos apontar, ainda, uma outra grande utilizacao dos graos - para o setor industrial, na fabricacao de adocantes, etanol e cerveja: tal uso é o responsavel pelo aumento do consumo norte-americano verificado nos ultimos anos.

Com excecao dos EUA (com a nova diversificacao do uso) e a Afr.do Sul, que mantem uma tradicional dieta para o consumo dos graos, o restante do mundo desenvolvido pouca utilizacao faz, desses produtos, no tocante a alimentacao humana. A America Latina, com excecao do Mexico (que tambem utiliza-se largamente de dieta tradicional do milho), responde, como um todo, por uma demanda relativamente baixa. A Uniao Sovietica e a Europa do Leste tambem possuem dieta tradicional para esses produtos, consumindo em media 110 quilos anuais (Tabela 45).

Sao muitos, portanto, os fatores que apontam para um decrescimo na demanda mundial, especialmente milho. O uso em racoes e forragens esta, hoje, mais concentrado na CE, Europa Oriental, Japao e URSS mas esses sao, em geral,

Tabela 45

GRADS: CONSUMO PER CAPITA

PAIS	64/66	74/76	77/81	1985
	Quilogramas por ano			
TOTAL/MUNDO	57	62	59	60
Desenvolvidos	55	66	65	86
EUA	72	82	107	143
Europa Oc.	48	63	65	63
Japao	17	20	26	31
Africa do Sul	167	154	149	121
Central/Planejado	108	123	114	108
Europa do Leste	111	105	104	109
URRS	106	133	119	108
China	ND	ND	NA	NA
Em Desenvolvimento	48	50	48	44
America Latina	69	68	67	61
Mexico	160	170	178	158
Brasil	46	36	31	31
Oriente Medio	57	49	33	24
Iraque	93	46	46	26
Turquia	69	62	43	38
Asia do Sul	33	35	35	32
India	49	44	40	37
Paquistao	21	18	18	17
Outros Asia	23	23	24	24
Indonesia	27	17	22	25
Tailandia	1	4	3	1
Afr. do Norte	104	110	81	56
Argelia	22	58	25	22
Egito	108	82	67	23
Outros Africa	105	102	95	96
Nigeria	127	114	96	91
Sudao	102	137	121	152

Fonte: USDA, ERS World Agriculture Outlook and Situation Report-March 1986

Nao inclui uso animal, embora inclu a uso industrial e replantio ND-nao disponivel

mercados que apresentam pouca (ou nenhuma) possibilidade de
acrescimos na demanda.

Os países em desenvolvimento respondem por
menos de um sexto do consumo global de grãos destinados à
alimentação animal, ao contrário dos anteriores, no
entanto, tem apresentado, nos anos recentes, um mercado
expansivo na importação dessas mercadorias para alimentação
animal: uma tendência que devera persistir por alguns anos
ainda.¹

acrescimos anuais para o consumo desses grãos - destinados à alimen-
tação animal, tem sido: 1.7% para os países desenvolvidos, 4.5% para os
países centralmente planejados e 6.5% para os países em desenvolvimento

D) EXPORTACAO DE CARNE E DERIVADOS

O consumo de produtos animais e derivados de um pais esta quase sempre relacionado com a renda¹, embora muitos outros fatores provoquem a diversidade do consumo, em termos de qualidade e quantidade.

Tais produtos respondem, em media mundial, a 15 por cento do total do consumo de calorias ingeridos diariamente. Desses 15%, 7% provem da carne, 4% de leite, 2% de gordura animal e oleos, e 1% de ovos e peixes.

Algumas nacoes ultrapassam 30 pontos na porcentagem de calorias provenientes de produtos animais: Oceania, America do Norte (com os Estados Unidos obtendo 36% das calorias diarias com origem animal, sendo que a metade disto provem da carne) e Europa (onde 32% das calorias sao de origem animal, e destes, 43% proveniente de carne). Ja a URSS tem indice de 26% (dos quais apenas 36% com origem na carne).

Outras nacoes mal atingem 10% de ingestao de calorias animais. E o caso da Afr. Central e Asia. As Asias do Sul, Leste e Sudeste possuem indices diarios de consumo de caloria de origem animal de apenas 6%, dos quais 45% provem da carne (com excecao da Asia do Sul, cujo indice e de apenas 7% deste total proveniente da carne).

Varios fatores restringem o consumo de carne nesses paises, em alguns paises crenças religiosas

o apontamos anteriormente, quando explicamos o consumo do trigo

abominam certos tipos de carne: em nações muçulmanas, ou judaicas, o consumo de carne de porco é praticamente inexistente, enquanto que nos países de predominância hindu qualquer outro tipo, além do porco, terá consumo praticamente nulo, e o caso da Ásia do Sul.

Já em outros países, como China, Japão, Ásia do Leste e do Sudeste e Europa, a carne mais consumida é a de suínos (Tabela 46). A Am. Latina, assim como a Oceania e África, tem preferência pela carne bovina (inclusive búfalos) (Tabela 47). Carneiro e ovelha são altamente consumidos na Afr. do Norte e Oriente Médio (onde os suínos são abolidos), Ásia do Sul e Oceania.

O consumo de frangos é mais amplo (Tabela 48), especialmente no Oriente Médio, Japão, Afr. Norte e Am. Latina, e as disparidades são menores, ou seja, as médias variam entre 5 e 26% de ingestão calórica diária, enquanto que a carne de suínos varia entre 1% (Or. Médio e África do Norte) e 54% (China) e a de bovinos de 6% (China) a 56% (na Am. Latina).

Os Estados Unidos exportam quase o mesmo total de produtos animais que importam: por volta de 4 bilhões de dólares anuais para cada uma das contas. As exportações dividem-se a grosso modo, em pecuária e derivados, produtos granjeiros e laticínios. O primeiro, o mais importante, respondeu em 1985 por 3.3 bilhões de dólares, 5% abaixo do nível de 1984. Os outros dois setores estão, em média, um pouco aquém do meio bilhão de dólares:

Tabela 46

SUINOS - CONSUMO PER CAPITA

PAISES	1982	1983	1984	1985 1/-
QUILOGRAMA/ANO				
EUA	28.6	30.2	30.0	30.1
Canada	27.9	28.6	27.9	28.0
Mexico	13.7	15.0	12.1	10.8
EC-10	34.3	34.7	35.0	35.4
Alem.Or	49.6	50.6	51.0	51.7
Franca	34.4	34.8	34.8	34.9
Holanda	39.1	37.3	39.4	40.5
Alem.Oc	57.6	61.1	59.9	62.4
Polonia	42.2	39.8	34.9	37.5
URRS	19.9	21.5	22.0	21.6
China	12.4	12.7	13.8	15.7
Taiuan	26.9	29.0	34.6	37.4
Japao	14.0	13.9	14.2	14.3
Media para 37 pais	19.2	19.7	19.9	20.7

Fonte: USDA/ERS "World Agriculture Outlook and
Situation Report", Marco 1986

1/Preliminar Obs: Media para 37 paises incluídos
nas circulares bianuais do FAS

PRODUCAO DE SUINOS

	1984	1985	1986 E	1987 P
Em Milhares de Toneladas Metricas				
EUA	6719	6716	6369	6443
CANADA	863	900	875	900
MEXICO	942	865	922	936
ALEMANHA OC	2734	2753	2820	2860
FRANCA	1625	1607	1622	1615
HOLANDA	1257	1340	1430	1490
CE-12	11100	11187	11495	11551
EUROPA OR.	6473	6546	6676	6681
URRS	5927	5900	5850	5850
CHINA	14447	14495	17000	17600
JAPAO	1424	1531	1500	1560
OUTROS	3738	3926	4029	4048
TOTAL	51633	54066	54736	55569

P=Projecao E=Estimado

Fonte: USDA/ERS World Agriculture Situation and Outlook
Report, Setembro de 1986

Tabela 47

CARNE DE GADO E VITELA-Consumo per capita

PAISES	1982	1983	1984	1985	1/
		Quilograma/ano			
EUA	48.1	49.0	49.0	49.5	
Canada	42.1	41.7	40.2	40.2	
Mexico	18.8	16.2	17.0	17.4	
Argentina	70.4	66.2	76.4	80.8	
Brasil	15.9	15.6	13.2	13.9	
CE-10	24.0	24.1	24.4	24.8	
URRS	26.0	27.6	28.2	28.4	
Japao	5.5	5.8	6.1	6.4	
Australia	49.3	42.5	41.1	42.4	
Media para					
52 paises	16.4	16.3	16.3	16.4	

Fonte: USDA/ERS World Agriculture-Outlook and Situation Report, Março 1986

1/Preliminar Obs:Media de 52 paises incluídos nas circulares bianuais do FAS

PRODUCAO MUNDIAL - GADO E VITELA

	1984	1985	1986 E	1987 P
	Em Milhares de Toneladas Metricas			
EUA	10928	10996	11082	10409
CANADA	997	1035	1020	985
MEXICO	1323	1339	1252	1298
ARGENTINA	2558	2740	2700	2650
BRASIL	2300	2400	2200	2400
FRANCA	1936	1845	1805	1868
ALEMANHA OC.	1614	1576	1625	1630
ITALIA	1182	1205	1206	1190
CE-12	7900	7840	7739	7758
EUROPA OR.	2471	2550	2397	2371
URRS	7244	7400	7600	7700
AUSTRALIA	1248	1338	1381	1390
OUTROS	4889	5229	5274	5384
TOTAL	41868	42866	42645	42295

P=Previsao, E= Estimado

Fonte: USDA/ERS World Agriculture and Situation Report Setembro de 1986

Tabela 48

FRANGO-Consumo per capita

PAISES	1982	1983	1984	1985	1/
	Quilograma/ano				
EUA	29.1	29.7	30.6	31.8	
Canada	22.6	23.3	23.5	24.8	
Mexico	7.8	7.2	8.5	8.8	
Brasil	10.0	9.7	8.2	8.8	
CE-10	14.1	14.5	14.5	14.5	
Italia	17.5	17.5	17.0	16.6	
Franca	16.5	17.3	17.2	17.3	
Espanha	22.7	21.5	20.9	21.3	
Polonia	5.9	5.6	6.9	7.0	
URRS	9.9	10.3	10.2	10.4	
Hong Kong	26.9	25.0	26.7	31.2	
Japao	11.1	11.4	11.8	12.2	
Media para 45 paises	14.0	14.3	14.4	14.8	

Fonte: USDA/ERS "World Agriculture- Outlook and
Situation Report, Marco 1986
1/Preliminar. Obs: Media para 45 paises incluidos
nas circulares bianuais do FAS

PRODUCAO MUNDIAL DE FRANGOS

	1984	1985	1986 E	1987 P
	Em Milhares de Toneladas Metricas			
EUA	7427	7865	8346	8958
CANADA	559	608	628	653
MEXICO	646	627	608	637
BRASIL	1398	1530	1650	1850
FRANCA	1247	1272	1303	1290
CE-12	5219	5312	5417	5450
EUROPA OR.	1928	1943	1978	2038
URRS	2686	2700	2750	2800
JAPAO	1309	1395	1399	1424
OUTROS	3058	3185	3321	3483
TOTAL	24230	25165	26097	27293

E=ESTIMADO, P=PROJETADO

FONTE: USDA/ERS "World Agriculture Situation and Outlook
Report - Setembro/1986

393 milhões para frangos e derivados e 413 milhões para laticínios em 1985.¹

Os Estados Unidos venderam para os países desenvolvidos 50% dos produtos animais exportados em 1985, ou seja, 2 bilhões de dólares. Os melhores mercados tem sido Japão e a Comunidade, perfazendo, 918 milhões para o primeiro (70 milhões a menos com relação ao período anterior) e 768 para o segundo.

Os países em desenvolvimento consumiram outros quase 2 bilhões de dólares, com a América Latina atingindo 828 milhões de dólares em consumo (731 milhões em 1984). México, Coreia do Sul e Canadá são mercados que ultrapassaram os trezentos milhões de dólares na compra de produtos animais, e que, considerados individualmente, somente perdem para o Japão.

PERSPECTIVAS PARA A COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

O consumo de produtos animais está, como dissemos, estreitamente relacionado com o desempenho econômico dos países.

Atualmente, os produtos de pecuária estão com preços internacionais baixos, seguindo a tendência dos produtos agrícolas. A manutenção de preços baixos prejudica o crescimento dos rebanhos, que acabam sendo sacrificados em

¹americanos consomem, em média anual, 214 libras de carne bovina e de frango, 62 libras de porco, 11 libras de peru, etc. (Média para 1985)

função de mercados pouco gratificantes. O Canada, Estados Unidos e outros países, inclusive o Brasil, vem adotando tais medidas com objetivo de manter a indústria lucrativa.

Além disso, a indústria está sujeita aos preços e disponibilidade das forragens e alimentos. Atualmente, os produtos destinados a alimentação animal estão a preços reduzidos no mercado mundial, especialmente devido as altas quantidades de estoques.

As condições propícias de preço tem incentivado os países a consumirem quantidades maiores de produtos animais e derivados, particularmente as nações do terceiro mundo, como a Africa, que hoje importa mais de 300 milhões de dolares dos Estados Unidos, embora as negociações internacionais estejam sujeitas a um sem numero de politicas de importação, designadas para proteger os produtores internos, e a serios constrangimentos financeiros de muitos países em desenvolvimento, que continuam restringindo a importação de produtos pecuarios e de rações e forragens.

O mercado de produtos animais já é, hoje, o quarto mais importante para os Estados Unidos, depois do milho, trigo e soja. Embora tenha apresentado crescimento negativo para o periodo de 65, com relação a 64, ou seja, de 4.228 bilhões para 4.148 bilhões - é um mercado que tem apresentado menores flutuações do que o trigo ou a soja, por exemplo, que passaram por perdas de 33% no periodo citado.

E) ALGODAO E PRODUTOS

O consumo mundial de algodao vem expandindo-se, nos ultimos anos, devido a novas possibilidades de mistura com outros materiais e a certa preferencia pelo produto em detrimento das fibras artificiais.

A China e o maior produtor e o maior consumidor de algodao do mundo. Apenas recentemente o pais tornou-se um significativo exportador do produto, atingindo em 1985 a producao de quase 30 milhoes de fardos de algodao¹, contra 13 milhoes dos Estados Unidos, o segundo grande produtor. A qualidade do produto chines e, no entanto, muito baixa, o que compromete o desempenho quanto a exportacao.²

O mercado, embora com consumo expansivo, esta comprometido pelos baixos precos e pelos grandes estoques mundiais, forçando uma tendencia declinante na producao mundial do produto.

Espera-se que a producao americana em 1987, seja 22% menor do que 86, resultado de uma area de cultivo 13% menor.

A producao internacional do algodao tambem esta prevista com reducao de 2%, no mesmo periodo:

Comercializacao do produto e feita em fardos de 480 libras de peso. 1986, o governo chines passou a orientar mudancas para colheitas agricolas mais competitivas, o que devera provocar uma queda na producao para menos de 20 milhoes de fardos, no periodo.

Australia, Brasil, Mexico, Turquia e Argentina estão cultivando menores áreas, desincentivados pelos baixos preços.¹

PERSPECTIVAS PARA A COMERCIALIZAÇÃO DO PRODUTO

Nos últimos anos os preços mundiais do algodão mantiveram-se altos, especialmente devido as altas taxas dos preços mínimos de suporte nos EUA, o que acabou por encorajar a produção em muitos países estrangeiros. Nos períodos recentes, no entanto, os preços mundiais estiveram abaixo das taxas mínimas americanas, colaborando com a queda nos resultados das exportações.

Em 1985/86, por exemplo, as exportações americanas de algodão mal atingiram um terço do período anterior, dado que os preços de suporte não permitiam que o produto caísse a menos de 70 centavos de dólar a libra (nos portos europeus), enquanto que a média mundial estava em torno de 45 centavos.

Com a necessidade de preços mais competitivos do produto em relação ao resto do mundo, grande quantidade de estoques americanos de algodão foram, recentemente, colocados a preços mundiais. Os preços caíram de 66 centavos a libra, em 31 de julho de 1986, para 26 centavos no dia seguinte. Isso depois de estar 25 a 30 centavos acima

¹ Uns países de economia centralizada, além de Sudão, Paquistão e Índia, são pouco responsivos a quedas de preços do produto, no passado. Assim era-se que tais produções não se reduzam as mesmas proporções.

do preço internacional.

As razões para uma queda tão acentuada das exportações estão na própria condução da nova política agrícola de preços suporte, que passaram a ter efeito em agosto de 1986. Os importadores diminuíram, no primeiro semestre de 1986, as compras nas expectativas de maior queda de preços a partir da vigência da nova lei. Com isso os Estados Unidos, em 85/86, exportaram a menor quantidade de algodão desde 1947/48, ou seja - 2 milhões de fardos, um terço do período anterior. O país domina, em média, cerca de 31% (entre 1980-84) do comércio internacional de algodão, margem que, em 85/86 caiu para 10% (Tabela 49).

Os estoques mundiais de algodão já representam, hoje, mais de 50% do total globalmente produzido em um ano, ou seja 47 milhões de fardos estocados, especialmente com a China e os Estados Unidos, contra 78 milhões de fardos produzidos no ano 85/86. A China detém cerca de 42% dos estoques mundiais de algodão (19.7 milhões de fardos), enquanto que os Estados Unidos detém 5.5 milhões de fardos.

Os melhores mercados para o produto americano estão na Ásia: absorvendo mais da metade das exportações americanas. Em 1985, os Estados Unidos venderam 1.6 bilhões de dólares de algodão (contra 2.4 em 1984), dos quais 1.024 milhão de dólares destinaram-se para a região asiática. Japão, Coreia do Sul e Taiwan são os três melhores mercados individuais, nesta ordem, seguidos apenas pela Europa

Tabela 49

ALGODAO: PRODUCAO, CONSUMO E EXPORTACAO

PAIS	1984/1985			1985/1986			1986/87 P		
	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP
EXPORT.									
EUA	13.0	5.5	6.2	13.4	6.4	1.9	10.5	6.8	6.5
URRS	10.8	9.6	2.1	12.1	9.7	2.4	11.7	9.8	1.9
Paquistao	4.6	2.3	1.2	5.7	2.4	3.0	5.3	2.5	2.5
Egito	1.9	1.5	0.4	2.0	1.6	0.3	2.0	1.6	0.4
Turquia	2.7	1.9	0.7	2.4	2.1	0.3	2.2	2.1	0.2
Am.Cent.	0.8	0.2	0.5	0.6	0.2	0.4	0.4	0.2	0.1
Sudao	0.9	0.1	0.6	0.7	0.1	0.7	0.7	0.1	0.7
Brasil	4.4	2.7	0.3	3.8	3.1	0.2	3.4	3.3	0.1
Mexico	1.2	0.6	0.6	1.0	0.7	0.4	0.8	0.7	0.1
India	7.9	7.1	0.1	8.4	7.3	0.3	8.0	7.4	0.4
China	28.7	15.5	1.1	19.1	17.5	2.7	19.3	17.5	2.7
IMPORT.									
Eur.Oc.	0.9	5.9	-4.8	1.1	5.8	-4.8	1.1	6.2	-5.2
Japao	0.0	3.2	-3.1	0.0	3.0	-2.9	0.0	3.0	-3.0
Eur.Leste	0.1	3.7	-3.8	0.1	3.9	-3.9	0.1	4.1	-4.1
Coreia S.	--	1.6	-1.6	--	1.7	-1.6	--	1.7	-1.7
Taiwan	0.0	1.2	-1.3	0.0	1.4	-1.4	0.0	1.6	-1.6
Hong Kong	0.0	0.7	-0.9	0.0	0.7	-0.9	0.0	0.8	-1.0
Residual	9.2	6.6	1.7	8.7	6.7	2.7	8.6	7.1	1.0
MUNDIAL	87.0	69.9		79.0	74.3		74.1	76.5	

Fonte: USDA/ERS Outlook and Situation Report-Setembro e Junho/1986 - Medidos em fardos de 480 libras/Milhoes
 Ano iniciando em 01 de agosto 86/87 -p=previsao

do Leste enquanto um bloco. Os países da Ásia compram o algodão cru dos Estados Unidos e vendem imensas quantidades do produto já industrializado para o país.

F) TABACO

Os Estados Unidos são os maiores exportadores e também os maiores importadores de tabaco do mundo.

A produção dos EUA¹, hoje, representa 12% do total produzido mundialmente, uma média que foi 25% entre os anos 60 a 64. No início da década de sessenta (60 a 64) o país exportava 30% da produção total. Atualmente, 60% da produção total é consumida internamente e o restante destina-se aos mercados internacionais. Apesar do aumento percentual verificado, a fatia do mercado mundial, detida pelos Estados Unidos, decresceu de 31%, no mesmo período, para 18% em 1984 (Gráfico XIII).

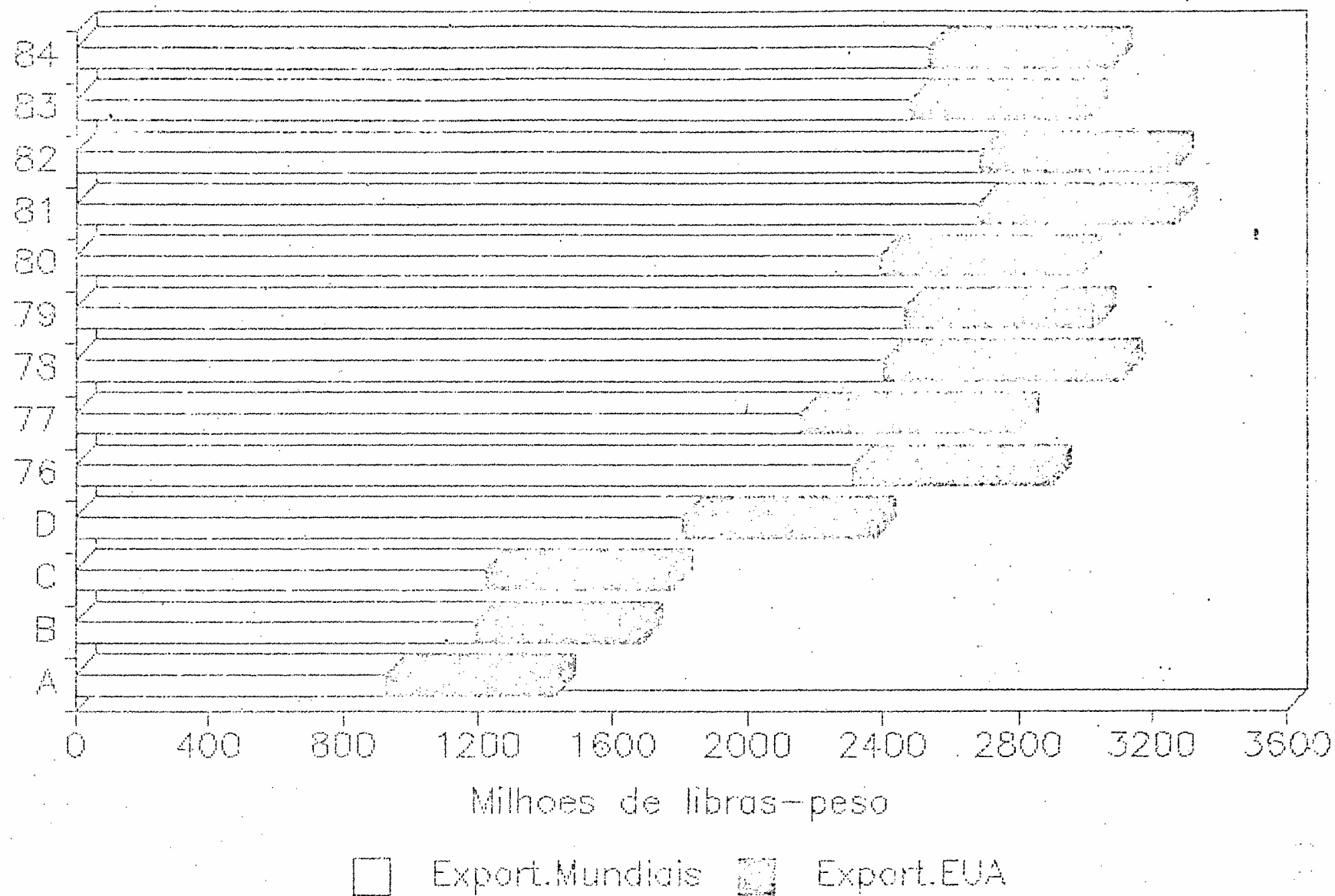
As exportações de tabaco não-manufaturado em 1985 atingiram um bilhão e meio de dólares: o único produto que apresentou um crescimento percentual positivo (+3%) com relação ao período de 1984, quando consideramos os dez maiores produtos agrícolas de exportação americanos.

A importação do produto atingiu, no mesmo período, meio bilhão de dólares.

Com relação aos produtos derivados do tabaco - ou tabaco com valor adicionado, o que inclui cigarros, charutos e outros - um total de 1.27 bilhão de

de dois quintos dos estados americanos são produtores de tabaco, apenas seis produzem 90% do total: as duas Carolinas, Geórgia, Kentucky, Tennessee e Virgínia.

Grafico XIII
TABACO; EXPORTAÇÃO MUNDIAL E PARCELAS
DETIDAS PELOS EUA



FORNE Adaptado de "Outlook and Situation Report", Dez. 1983 // Médias parciais (65-69), 8(60-64), 6(65-69) e 9(70-74)

dolares foi vendido, para o ano de 1965.

O mercado de tabaco é bastante complexo e subdividido em diversas categorias e tipos, tanto do produto não-manufaturado, quanto do produto já processado. As folhas do produto recebem classificações diversas segundo qualidade e origem,¹ relacionadas, especialmente, à forma de secagem.

Os mercados europeus são os principais absorvedores de folhas de tabaco (Tabela 51), responsáveis pela absorção de metade de exportação americana.

Os mercados europeus apresentaram uma queda de 4% do volume importado em 1965, mas os países asiáticos mais do que repuseram esta perda, dado o aumento de 10% no consumo das folhas do produto americano.

O Japão, já há cinco anos, vem liderando, individualmente, a compra de folhas de tabaco, seguido pela Alemanha Ocidental. A Inglaterra, antes o quarto melhor mercado, reduziu em 42% suas compras neste período de cinco anos, onde o Japão cresceu 11% e Alemanha 16%, e é, hoje, o nono entre os mercados líderes.

A Espanha e Egito são o terceiro e quarto melhores mercados para os Estados Unidos, respectivamente (Tabela 51).

PERSPECTIVAS PARA A COMERCIALIZAÇÃO DO PRODUTO

re elas: "flue-cured, sun-cured, burley, dark fire-cured, etc. Cerca de ade do tabaco "flue-cured" é exportado e um quarto do tipo "burley", s dos mais importantes tipos.

Tabela 51
TABACO: PRINCIPAIS PAISES IMPORTADORES DO PRODUTO AMERICANO

PAISES	1982	1983	1984	1985
	Milhoes de Libras			
Inglaterra	30.7	27.8	31.8	18.4
Alem.Ocid.	68.2	58.0	66.0	78.7
Italia	28.1	32.2	31.3	28.7
Holanda	25.1	28.4	22.3	20.9
Belg.Lux.	15.2	9.6	9.4	11.5
Total CE	194.0	186.7	193.7	189.6
Japao	110.3	114.1	92.1	102.0
Espanha	31.8	40.0	52.5	41.9
Tailandia	27.7	9.1	14.6	17.8
Suica	26.7	16.8	25.3	23.9
Egito	22.0	21.6	37.4	41.2
Taiuan	21.3	19.9	25.1	24.0
Filipinas	15.2	11.1	5.7	12.1
Outros	122.9	115.1	96.3	96.4
TOTAL	572.0	524.4	542.7	548.9

Fonte: Adaptado de "Tobacco, Situation and Outlook Report",
USDA, ERS, Junho 1986.

Tabela 52
EXPORTACAO AMERICANA DE CIGARROS:
PRINCIPAIS PAISES

	Em milhoes de unidades			
PAIS	1983	1984	1985	1986
Bel/Lux	13.0	11.2	12.2	15.7
Hong Ko	7.4	7.5	8.4	8.3
Em.Arab.	1.3	0.8	3.1	2.8
Holanda	1.4	1.1	1.2	0.9
Ar.Saud	6.2	6.1	6.6	6.1
Japao	5.5	6.3	6.5	7.4
Kuwait	1.5	1.5	1.5	1.4
Espanha	1.2	0.8	0.9	1.0
Colombi	0.7	0.3	***	***
Outros	22.5	20.9	18.5	18.5
TOTAL	60.7	56.5	58.9	62.6

Fonte: Adaptado de USDA/ ERS
Outlook and Situation Report
Junho e Julho de 1986

***- Nenhum ou Desprezível

As exportações de tabaco, apesar do aumento no ano de 1985, vem conhecendo perdas relativamente aos anos de 1972 ate 1982 - periodos de pico que, desde entao, nao vem sendo alcançados (1985 esteve 3% maior do que 1984, porem 2% abaixo do resultado final de 1982).

Isto se deve a fatores que ja avaliamos para os outros produtos: o preco dos produtos americanos vinham sendo maiores do que o de seus concorrentes¹, o consumo mundial vem apresentando reducao (embora nao tao acentuada quanto os demais produtos) enquanto que a producao mundial vem conhecendo acrescimos constantes.

Isso acabou por gerar um aumento grande nas proprias importacoes americanas de tabaco. Hoje, mais de um terco do tabaco utilizado na fabricacao de cigarros americanos e importado, enquanto que ha 15 anos atras essa parcela era de apenas 14%.

Em 1985, uma importante emenda foi adicionada as politicas que regem a producao, importacao e exportacao de tabaco: a nao-autorizacao, no pais, de tabaco estrangeiro que tenha utilizado pesticidas nao registrados (ou permitidos) pelo EPA ("Environmental Protection Agency"), uma vez que a producao nacional esta sujeita a tais regras e as estrangeiras nao estavam ate entao.

A producao chinesa vem aumentando sistematicamente: foi 28% maior no periodo de 85(84),

Produto americano e considerado de excelente qualidade, dai as perdas serem tao expressivas: em 1986 calcula-se que o volume exportado foi 7% maior, apesar de valores menores 1.5 bilhao (relativo 1985)

enquanto que a producao americana sofreu 12% de decrescimo.

Alem da China tambem vem produzindo mais Bulgaria, Italia e Malawi, enquanto que conheceram reducoes paises como Canada, Brasil, India, Grecia e Zimbabue (Tabela 53).

Relativamente aos cigarros, os melhores mercados para o produto americano sao os paises asiaticos, que, sozinhos, consomem 57% por cento da exportacao.

Considerados isoladamente Belgica e Luxemburgo sao os maiores consumidores de cigarros americanos, em media 12 bilhoes de cigarros por ano, contra 6 bilhoes e meio do Japao (Tabela 52), e os maiores competidores sao Brasil e Zimbabue.

A exportacao de tabaco nao manufaturado atingiu 1.52 bilhoes de dolares em 1985, e o resultado para os produtos manufaturados, (ou com valor adicionado) como dissemos, foi de 1.27 bilhoes, num total de 2.79 bilhoes de dolares. A importacao de tabaco cresceu 2%, com relacao a 1984, para 650 milhoes de dolares, deixando assim um superavit na balanca de 2.14 bilhoes de dolares, 6% abaixo do periodo de 1982, cujo recorde no resultado foi favoravel em 2.28 bilhoes.

Os paises desenvolvidos representam a grande saida para o produto americano nao-manufaturado ou seja, 1.117 milhao de dolares, dos 1.520 comercializados. Os paises em desenvolvimento consomem apenas 380 milhoes de dolares e os paises de economia planejadas mal ultrapassem os

Tabela 53

TABACO: PRODUCAO, CONSUMO E EXPORTACAO

	Em milhares de toneladas metricas								
	1984/85			1985/86			1986/87P		
Maiores Exportadores	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP
EUR	706	651	53	623	618	47	491	630	70
Brasil	325	140	187	321	153	200	280	155	170
Zimbabwe	111	3	87	96	3	99	102	3	99
Grecia	138	35	93	143	35	79	145	35	98
Turquia	147	84	70	146	84	103	149	85	90
India	463	395	81	444	401	64	451	401	71
Italia	157	81	72	148	80	45	139	80	55
Malawi	65	2	64	69	2	65	70	2	62
Bulgaria	127	93	26	108	88	27	126	89	30
China	1722	1616	16	2236	1789	9	2064	1892	14
Maiores Importadores									
Alemanha Oc.	0	126	-120	7	165	-158	7	137	-130
Inglaterra	0	135	-125	0	154	-114	0	136	-124
Países Baixos	0	72	-63	0	80	-72	0	80	-77
Espanha	36	114	-70	35	105	-66	34	107	-64
Belgica	2	37	-29	2	38	-34	2	40	-43
Francia	31	56	-27	31	68	-38	31	72	-41
URRS	343	405	-101	345	425	-97	345	445	-97
Japao	122	201	-67	105	191	-68	112	185	-71
Egito	0	48	-45	0	46	-33	0	49	-51
Alemanha Oc.	5	25	-20	6	26	-21	6	26	-20
Residual	1408	1408	-62	1384	1403	-37	1400	1411	-31
MUNDIAL	5894	5725		6249	5934		5954	6061	

Fonte: World Outlook and Situation Report - USDA/ERS - Setembro/1986.

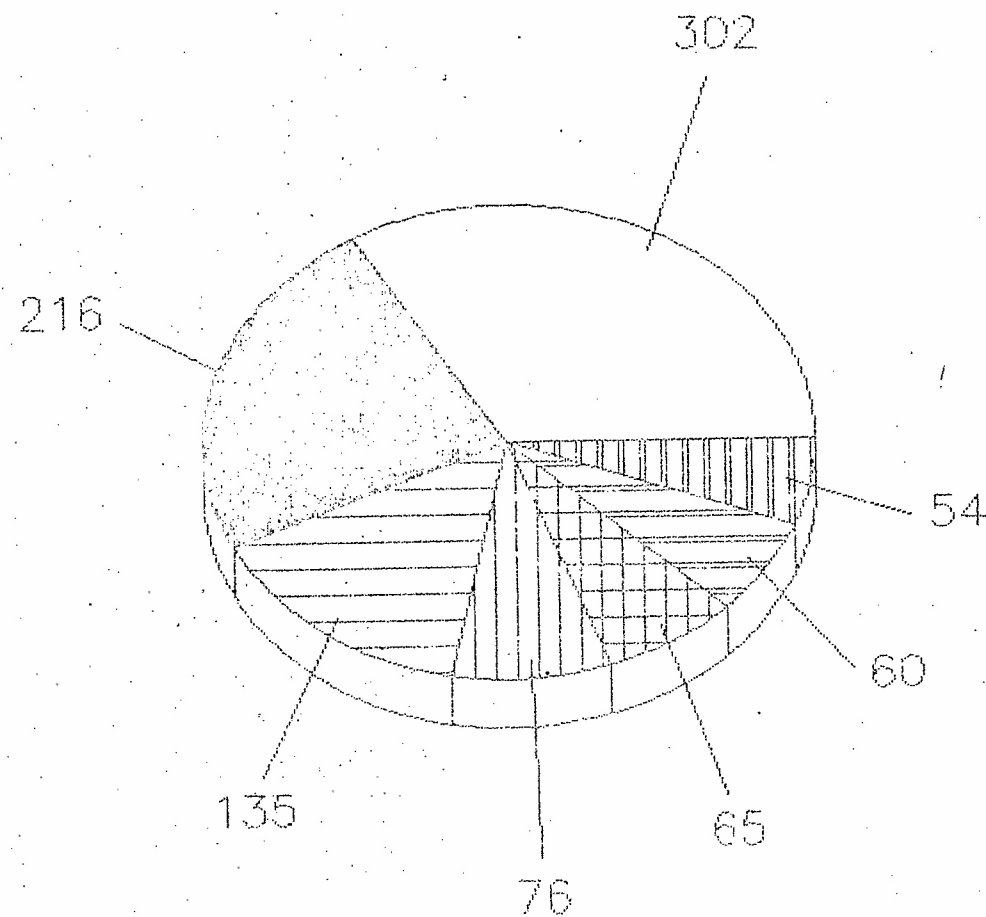
P= Previsao








20 milhões.

O melhor mercado ainda é o europeu: a Europa do Leste consumiu, em 1985, 781 milhões de dólares, uma queda com relação ao ano anterior, cujo total atingiu 826 milhões. Os países da Comunidade Europeia compraram nos dois períodos - 529 milhões e 508 milhões para 1984 e 1985 respectivamente.

O segundo melhor mercado é o asiático (alguns analistas preferem considerar o mercado asiático como o primeiro, dado que consideram a Comunidade Europeia separadamente do resto da Europa do Leste): um terço do total do tabaco não manufaturado é absorvido pela Ásia, com o Japão adquirindo cerca de metade deste total, isto é, 302 milhões de dólares dos 550 milhões para a Ásia como um todo (Gráfico XIV).

Gráfico XIV
 Tabaco Não-Manufaturado: Melhores
 Mercados para os EUA
 Em Milhoes de Dolares



-  Japao
-  Alemanha Oc.
-  Espanha
-  Egito
-  Suica
-  Taiwan
-  Holanda

G) ACUCAR

O mercado do acucar de exportacao norte-americano ocupou, em 1985, o decimo lugar na escala de valores dos mais importantes produtos. No entanto, e um mercado que vende apenas meio bilhao de dolares anualmente. Os Estados Unidos importam tres vezes mais acucar do que exportam.

Quase toda a exportacao de acucar e feita atraves de programas de reexportacao, isto e, o produto e importado a precos mundiais, refinado e exportado. O acucar produzido nos EUA (cru) n'ao e competitivo globalmente, ja que a diferenca entre o preco americano e o mundial e bastante grande.¹

Os maiores produtores de acucar do mundo sao: Brasil (que responde por 10% do total global, ou seja 9.8 milhoes de toneladas, em media) e Uniao Sovietica: o primeiro produzindo acucar de cana e, o segundo, de beterraba. Outros produtores em larga escala sao: Cuba, India, Australia e Mexico (para cana de acucar), alem de Franca e Alemanha (acucar de beterraba).

Os Estados Unidos e a China Continental produzem acucar das duas origens em grandes quantidades. Os Estados Unidos produziram 3 milhoes de toneladas de acucar de beterraba e 3.2 milhoes de acucar de cana (cru), no ano de 1985, e exportaram 760 mil toneladas (cana e beterraba).

ca de quatro vezes mais.

Do total exportado, metade destina-se para mercados de países desenvolvidos e a outra metade para os países em desenvolvimento. Os mercados mais importantes são Canada, America Latina e Asia. O Canada, individualmente, consome cerca de 150 milhões de dolares anuais em acucar norte-americano, enquanto que a America Latina consome outros 100 milhões (destinados especialmente para o Mexico), e a Asia, 166 milhões.¹

PERSPECTIVAS PARA A COMERCIALIZAÇÃO DO PRODUTO

O preço mundial do acucar (nao-refinado) conheceu niveis baixissimos em 1985, com media de 4.04 cents por libra: a menor media desde 1970 (mesmo sem os ajustes inflacionarios). Os preços, para 1985, estiveram entre 2.74 centavos de dolar a libra (Junho de 1985) e 5.37 centavos (em dezembro).

Em 1980, o preço mundial estava a 29.2 centavos de dolar (para a mesma quantidade), caindo em 1981 para 16.93 e em 1982 para 8.42. A media, para os ultimos dez anos, havia girado em torno de 10.92 centavos a libra.²

Em anos passados, os preços depressivos do acucar apresentaram ciclos de 4 a 6 anos, seguidos por um aumento de preço que durava entre um a um ano e meio. Os analistas acreditam, que para o futuro esse modelo deva se modificar, especialmente devido a maiores capacidades de

¹Os para 1985

USDA anunciou, em Set.86, que o Preço de Estabilização do Mercado (MSP) para o programa de 86/87 será de 21.78 centavos de dolar a libra (cru), quanto que a "loan rate" devera continuar a 18 centavos, como 1986.

produção, ou a utilização do produto na execução de combustível, que por sua vez depende dos preços das fontes convencionais de energia.

A produção mundial de açúcar, embora tenha sido crescente até 1962, tem apresentado crescimento negativo desde então. O consumo, em média com crescimentos positivos nos últimos dez anos, não expandiu-se suficientemente para compensar a acumulação de estoques mundiais do produto (Tabela 54).

A produção de açúcar, há muitos anos vem superando o consumo, provocando um acúmulo excessivo dos estoques mundiais, que em 1985 já representavam a metade do total produzido no período, ou seja: produção de 98 milhões de toneladas de açúcar não-refinado, e estoques finais que superaram os 47 milhões de toneladas.

A produção de açúcar de beterraba, nos Estados Unidos, tem sido decrescente, enquanto que a de cana tem apresentado um comportamento bem estável (com pequenos ganhos nos últimos dez anos). O consumo do açúcar, no país, fica em torno de 8 milhões de toneladas (com um aumento verificado em 1985, de 1% - o primeiro desde 1977).

O uso do açúcar na indústrias de bebidas e refrigerantes vem caindo (desde 1978) de um total de mais de 2.5 milhões de toneladas, refinado, para menos de 300 mil toneladas em 1986.

O aumento de 1% em 1985 está atribuído ao aumento populacional normal, estabilização da redução do uso

Tabela 54
 ACUCAR: PRODUCAO, CONSUMO E ESTOQUES MUNDIAIS - 1972-86

ANOS 1/	P R O D U C A O				C O N S U M O		ESTOQUES		ESTOQUES FINAIS COMO % DO CONSUMO
	Cana	Beter.	Total	MUDANCA 2/ %	Total	%	Total	%	
1972	44.8	30.1	75.1	3.7%	77.7	2.80%	17.2	-0.9%	22.1%
1973	48.0	32.0	80.0	4.9%	80.0	2.30%	17.3	0.1%	21.6%
1974	50.0	28.5	78.5	-1.5%	77.1	-3.00%	18.9	1.6%	24.5%
1975	49.9	31.7	81.7	3.2%	79.2	2.20%	21.0	2.1%	26.5%
1976	53.5	32.8	86.3	4.6%	81.9	2.70%	24.8	3.8%	30.3%
1977	57.7	35.0	92.7	6.4%	86.2	4.30%	30.0	5.2%	34.8%
1978	56.7	34.6	91.3	-1.4%	89.6	3.40%	31.0	1.0%	34.6%
1979	51.1	33.5	84.6	-6.7%	89.5	-0.10%	24.2	-6.8%	27.0%
1980	55.6	32.9	88.5	3.9%	88.5	-1.00%	24.2	0.0%	27.3%
1981	63.6	37.0	100.6	12.1%	89.4	0.90%	34.0	10.2%	38.0%
1982	64.0	37.3	101.3	0.7%	93.8	2.60%	41.4	7.4%	44.1%
1983	60.9	35.8	96.7	-4.6%	95.9	2.10%	42.2	0.8%	44.0%
1984	63.1	37.6	100.7	4.0%	96.8	0.90%	45.7	3.5%	47.2%
1985 1/	60.7	37.3	98.0	-2.7%	97.5	0.70%	46.2	0.5%	47.4%

Em milhões de toneladas métricas, açúcar cru

1/ Ano de mercado Set/Ago, com algumas exceções (Southern Hemisphere)
 com colheita anterior a setembro 2/ Alguns totais podem não se igualar devido a arredondamento. 3/ Estimado

Fonte: Foreign Agriculture Service, USDA

As porcentagens significam mudança percentual, relativamente ao período anterior

nas indústrias de bebidas, e algum aumento em outros usos industriais (tais como o de cereais, laticínios e massas).

H) ARROZ

A produção mundial de arroz para o ano de 86/87 está prevista em 320 milhões de toneladas, ou seja 5 milhões a mais em relação ao período anterior, e 2 milhões a mais do que no período de 84/85, cujos índices já eram considerados recordes. Os maiores produtores são China e Índia, que juntos respondem por mais da metade dos totais produzidos.

As trocas Internacionais têm girado em cerca de 12 milhões de toneladas ao ano, nos últimos períodos. China e Índia, embora produzam enormes quantidades de arroz, têm produção quase que inteiramente destinada para o consumo interno.

A Tailândia é o maior exportador do produto, com 4 milhões de toneladas em 1985. Os Estados Unidos são o segundo com 2 milhões de toneladas, em média, nos últimos anos, ou seja a metade daquilo que é produzido no país (Tabela 55).

Os resultados na exportação do produto (em média mais de 500 milhões de dólares) tem colocado o arroz entre os dez melhores mercados para os EUA, nos últimos anos.

A demanda pelo produto aumentou nos últimos anos, especialmente na região asiática, onde ocorreu, na última década, a "revolução verde" do arroz : com aumentos da disponibilidade e na variedade do produto.

Para em 1985, o produto tenha ficado em décimo primeiro lugar, no ranking das vendas.

Tabela 55

ARROZ: PRODUÇÃO, CONSUMO E EXPORTAÇÃO

PAISES	1982/83			1984/85			1985/86			1986/87 P		
	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP	PROD	CONS	EXP
EXPORTADORES												
EUA	3.2	1.8	2.1	4.4	1.9	1.8	4.4	2.1	2.1	4.1	2.2	2.5
Tailandia	12.9	8.0	4.5	13.1	8.8	4.0	13.0	9.0	4.4	12.9	9.1	4.0
Paquistão	3.3	2.3	1.1	3.3	2.4	1.0	3.0	2.2	1.0	3.4	2.3	0.9
China	118.2	117.1	1.1	124.8	123.9	0.9	117.9	117.2	0.8	121.8	121.1	0.8
India	59.8	58.0	-0.5	58.6	57.0	0.2	61.0	60.3	0.2	60.0	60.8	0.2
Birmania	9.0	8.3	0.7	9.3	8.8	0.5	9.3	8.7	0.6	9.4	8.8	0.6
Japão	9.4	10.2	-0.1	10.8	10.2	0.0	10.6	9.8	0.0	10.1	9.7	0.0
Italia	0.6	0.3	0.3	0.7	0.3	0.4	0.7	0.3	0.4	0.8	0.3	0.4
Australia	0.5	0.1	0.4	0.6	0.1	0.4	0.5	0.1	0.4	0.8	0.1	0.3
IMPORTADORES												
Indonésia	24.0	25.3	-0.4	25.9	25.2	0.4	26.5	26.2	0.3	26.5	26.5	---
Coreia do Sul	5.4	5.5	0.1	5.7	5.5	0.0	5.6	5.8	0.0	5.5	5.6	0.0
Bangladesh	14.5	14.9	-0.6	14.6	14.9	-0.3	15.2	15.4	-0.2	15.6	15.8	-0.3
Vietna	9.6	9.7	-0.2	10.0	10.4	-0.4	9.8	10.2	-0.5	10.3	10.7	-0.4
Outros Ásia	17.4	18.5	-1.1	17.2	18.7	-1.5	18.0	19.2	-1.1	18.1	19.3	-1.2
URRS	1.8	1.8	-0.1	1.8	1.9	-0.1	1.8	1.9	-0.1	1.8	1.9	-0.1
Brasil	6.1	6.1	0.0	6.1	6.4	-0.4	6.8	7.3	-1.2	6.5	7.1	-0.5
Outros Am.Lat.	4.6	4.9	-0.1	4.8	4.6	0.2	4.9	4.8	-0.2	4.8	5.1	-0.2
Ira	0.9	1.7	-0.7	0.9	1.5	-0.6	0.9	1.6	-0.7	0.9	1.7	-0.7
Outros N.Afr.	1.9	3.6	-1.8	1.8	3.7	-1.8	1.8	3.7	-1.7	1.9	3.9	-1.9
Madagascar	1.4	1.5	-0.1	1.4	1.5	-0.1	1.4	1.5	-0.2	1.4	1.5	-0.2
Nigéria	0.9	1.6	-0.4	0.9	1.5	-0.4	1.0	1.3	-0.1	1.1	1.2	-0.2
Outros África	1.8	3.8	-2.2	1.9	4.0	-2.0	2.0	4.1	-2.1	2.0	4.2	-2.2
Residual	0.5	1.7	-2.0	0.7	1.9	-2.2	0.7	2.2	-2.1	0.6	1.8	-1.8
0.00	307.7	308.7		319.3	315.1		316.8	314.9		320.0	320.7	

EM MILHÕES DE TONELADAS MÉTRICAS

Fonte: USDA, World Agriculture Outlook and Situation Report-Daz.85 e Set.86

P=Previsão

associados com a adoção de novos químicos e fertilizantes, além de novas técnicas de cultivo e irrigação.

PERSPECTIVAS PARA A COMERCIALIZAÇÃO DO PRODUTO:

As perspectivas para comercialização do produto apontam para um crescimento modesto na demanda de importação, preços baixos mundialmente, e aumentos na oferta, dados grandes aumentos na produtividade, nos últimos períodos.

Alguns países, como Índia, Indonésia e Coreia do Sul, são hoje auto-suficientes com relação ao produto. Outros países, como a Nigéria, vêm perseguindo maiores índices de auto-suficiência, com resultados favoráveis.

A exportação de arroz, ainda assim, vem sendo, surpreendentemente estável nos últimos anos, com uma média de 12 milhões de toneladas anuais sendo comercializadas por, praticamente, 5 exportadores: Tailândia, EUA, China, Paquistão e Birmania. Os três últimos, no entanto, não são competidores para os produtos americanos, dado que exportam diferentes variedades (qualidade e tipo) de arroz.

Os preços atuais de exportação do produto já representam cerca da metade dos níveis de 1981 (uma das razões para a estabilidade nas vendas), ainda assim, a demanda deverá permanecer estável.¹

Os países em desenvolvimento são os produtores americanos, até recentemente, vinha sendo comercializado a preços que atingiam o dobro dos seus concorrentes.

melhores mercados para o produto, com um consumo per capita que vem, em media, aumentando gradativamente. Os paises desenvolvidos, ao contrario, apresentam uma tendencia decrescente na utilizacao de arroz (Tabela 56).

E curioso notar que o Brasil, um exportador do produto ate meados dos anos setenta, tem importado arroz ultimamente, em quantidades que o coloca entre os cinco maiores importadores do mundo.

Tabela 56

ARROZ: CONSUMO PER CAPITA

PAIS	Quilogramas por ano			
	64/66	74/76	79/81	1985
Desenvolvido	21.5	18.8	18.5	17.3
EUA	5.4	7.0	9.0	7.9
Europa Oc.	3.8	4.0	4.2	4.4
Japao	120.6	95.9	88.0	81.1
Afr.do Sul	2.9	2.9	4.4	5.2
Central/Planej.	58.0	68.0	73.9	81.7
Europa Leste	3.1	3.2	3.5	3.7
URRS	3.0	6.1	5.2	6.7
China	84.9	94.2	100.9	111.9
Em Desenvolvi/	65.2	66.5	69.9	71.3
Am.Latina	26.8	26.6	30.1	28.6
Mexico	5.3	5.5	5.4	5.5
Brasil	52.8	45.8	50.8	46.9
Or.Medio	23.9	30.5	33.6	34.8
Iraque	14.3	25.5	36.1	39.3
Turquia	4.0	4.9	5.0	4.9
Asia do Sul	74.6	74.8	77.7	79.8
India	68.4	70.1	74.1	77.3
Paquistao	20.4	25.7	26.4	24.7
Outros Asia	204.9	212.7	223.3	233.1
Indonesia	95.5	119.7	137.0	150.2
Tailandia	183.7	183.1	174.6	160.1
Afr.Norte	15.4	19.5	18.5	17.9
Argelia	0.5	0.4	1.2	1.2
Egito	28.4	37.6	35.1	33.6
Outros/Afr.	17.1	16.7	21.3	20.7
Nigeria	4.5	5.4	13.8	14.3
Sudao	0.6	0.4	0.7	1.0
MUNDIAL	53.8	58.4	62.1	65.3

Fonte: USDA, World Agriculture Outlook and Situation Report
Marco 1986

Capitulo IV - Politicas Agricolas Americanas

As raizes da atual politica agricola americana tem suas origens na decada de trinta (pos-depressao), um periodo em que os Estados Unidos eram importadores de muitos produtos agricolas. O desempenho da economia mundial, entao, era de crescimento economico lento, fortes barreiras alfandegarias nos diversos paises do mundo e poucas negociacoes internacionais. Assim, o setor de exportacao nao era relevante, quando da execucao de politicas agricolas.

Hoje, no entanto, os Estados Unidos sao o maior exportador de produtos agricolas do mundo. O contexto e, portanto, completamente diferente daquele de cinquenta anos.

Segundo Alan J. Webb¹, pode-se, facilmente, distinguir quatro diferentes periodos, na historia da politica agricola americana, nos quais ocorreram modificacoes como respostas as negociacoes internacionais.

O primeiro deles - ate 1930 - foi um periodo onde as intervencoes governamentais, caso ocorressem, eram meramente indiretas. Os produtos de importancia para o setor de exportacao agricola eram tabaco, algodao, trigo e arroz.

No segundo periodo, (um longo periodo de quarenta anos - 1930-1970), o governo passa a assumir um

¹ Economista agricola junto ao ERS, International Economics Division

papel muito mais/direto no setor agrícola (e nos outros setores da economia).

Esse foi um período de excesso de oferta¹, onde o preço americano dos produtos agrícolas superava os preços internacionais. Os objetivos das políticas agrícolas eram o controle da demanda doméstica, e uma menor variabilidade dos preços, relativamente ao período anterior.

Ainda neste período, alguns autores distinguem três outras diferentes fases:

a) Durante a Segunda Guerra, a produção agrícola americana foi bastante incentivada e as exportações cresceram mais de dez vezes entre 1940 e 1948. No período pós-guerra, quando a demanda de exportação foi decrescente, houve muitas tentativas, não tão bem sucedidas, de pagamentos diretos aos produtores: uma tentativa de possibilitar um ajustamento, não tão brusco, às novas condições do mercado.

O resultado foi o início da acumulação dos estoques pelo CCC^{2/3}, dada a queda da demanda e a manutenção dos incentivos para a produção, através de preços de suporte altos.

b) Na década de cinquenta, a agricultura americana passou pela chamada "fase de

¹ 1957, foram retirados 50 milhões de acres de terra da produção, por "The Soil Bank", estabelecido em 1956. O objetivo era maior controle da produção das mais importantes commodities.
² Commodity Credit Corporation - "A wholly owned Federal corporation, created, owned, and managed by officials of, the USDA. It functions as the financial institution through which all money transactions are handled for farm price and income support." - em "Glossary of Agricultural Policy Terms", compilado por Thomas Fulton, National Economics Division, USDA - Food and Agricultural Policy Branch.

industrializaco e mecanizaco", com o advento de novas e sofisticadas tecnologias.

As mudancas tecnológicas da pos- guerra provocaram um forte aumento na produtividade agrícola. Para ilustrar, estava prevista, dentro do código de impostos e taxas, a autorizaco de depreciacão total antes do fim da vida econômica da maquinaria, o que acabou por encorajar os investimentos neste sentido. A utilizaco de tais equipamentos requereu quantidades maiores de terra, com o objetivo de se obter utilizaco plena e eficiente das máquinas. Parece haver evidencias de que, como resultado, os fazendeiros mais bem sucedidos compravam ou arrendavam terras adicionais e o número de fazendas declinou excepcionalmente no período.¹ A política de altos preços suportes, que encorajava a produo e a utilizaco mais eficiente dos recursos acabou por conduzir a um aumento na oferta dos produtos, a um compasso muito mais rápido do que o crescimento da demanda doméstica ou internacional.

No início da década, muitos programas foram tentados, com o objetivo de se diminuir os altos índices dos preços suportes da agricultura e, portanto, controlar a produo, embora ainda neste período, tenha havido grandes incentivos, com programas de ajuda, do tipo PL480-Food for Peace².

¹ Em 1951 houve um declínio de 220.000 fazendas, em 1956 140.000, e em 1961 a reduo atingiu 138.000 a menos.
² de 1954 "Agricultural Trade Development and Assistance", mais conhecido como PL480, que representou mais uma tentativa de diminuir o excesso de oferta.

Como resultado, os preços dos produtos (e portanto os ganhos) decresceram a taxas inferiores aos preços mínimos do governo, provocando a utilização crescente de empréstimos via governo e acúmulo de estoques, já que os produtos eram adquiridos pelo CCC, com o objetivo de preservar os ganhos do setor.

Com o declínio dos preços dos produtos e preços maiores dos insumos de produção, verificados no período, maiores níveis de eficiência passaram a ser requeridos para que a renda agrícola se mantivesse (portanto, maior utilização de equipamentos industriais).

Uma contínua concentração das propriedades verificou-se, então, como forma de ajustamento do que começou a ser caracterizado como um novo modelo agrícola.

c) A década de sessenta, inicia-se assim, com vários programas de redução dos preços suportes, de controle dos estoques e da produção.

Para ser elegível as garantias do CCC, os fazendeiros deveriam concordar com uma quantidade de terra sendo deixada sem plantio (alqueivadas), nos chamados "acreage control programs". Resultados favoráveis foram realmente obtidos: em 1966, os estoques de trigo eram, significativamente menores do que no início da década e as reservas de milho acabaram por esgotar, até o final dos anos sessenta.

Os pagamentos dos preço suporte, no

entanto, aumentaram descontroladamente: milho, por exemplo, de 300 milhões de dólares em 1963 para 1.1 bilhões em 1972, trigo de 243 milhões para 859 milhões de dólares no mesmo período, algodão de 39 milhões para 807 milhões.

No próximo período, a década de setenta, a emergência do setor externo para os produtos agrícolas americanos vem alterar substancialmente a forma de se encarar os programas agrícolas.

A partir de 1972, houve um repentino aumento nas exportações agrícolas americanas. Neste período, a tendência foi de desvalorização do dólar, além da ocorrência de altas taxas de crescimento econômico para os países em desenvolvimento e de enormes quantidades de vendas para a URSS.

Em 1973, assim, os Estados Unidos encontram, mais uma vez, fortes razões para uma mudança nas políticas agrícolas: uma escalada na demanda de produtos agrícolas americanos, ganhos crescentes na renda dos produtores e estoques praticamente inexistentes.

Os executores das políticas agrícolas passaram a minimizar os problemas relativos a preço: a internacionalização do setor agrícola, os preços mundiais maiores do que os preços internos de suporte, e o crescimento rápido da exportação contribuíram, enormemente, para reduzir a influência dos programas agrícolas no setor, e especialmente, nos ganhos dos fazendeiros.

Ainda assim, em 1973, através do

"Agriculture and Consumer Protection Act of 1973", autorizava-se a utilização de preços alvos e de pagamentos de deficiência, que são alguns dos instrumentos de política agrícola, utilizados até os dias de hoje, e que garantem preço e venda ao produtor.

Durante parte dos anos setenta, os preços de mercado mantiveram-se acima dos níveis dos preços suporte, e pouca utilização se fez do controle de área cultivada. Além disso, até 1977, os pagamentos de deficiência foram raramente utilizados.

Assim, o setor agrícola, neste período, operou, praticamente, em uma economia de mercado (livre). O ato seguinte, de 1977, estava bastante comprometido com fazendeiros que estavam preocupados com os aumentos dos custos da produção e sentiam necessidade de um nível maior de preços suporte. Durante os quatro anos da existência do Ato de 1977, a demanda e os preços estavam geralmente altos. No final da década, e início dos anos oitenta, já se notava, no entanto, o início de uma tendência decrescente, os preços suporte começaram a ser utilizados mais frequentemente como preços mínimos e os pagamentos de deficiência começaram a ser utilizados mais intensamente.

Ainda assim, o modelo de preços-suporte, através de "loan rates" e "target prices" estabelecidos em 1973, continuaram sendo legislados e artificialmente mantidos altos.

No último período, de 1980 em diante, a

agricultura americana, já "export-oriented" esta muito mais exposta e vulneravel as incertezas do mercado mundial. Em 1980, a invasao russa ao Afeganistao conduz o EUA ao embargo das exportacoes para a URSS, muitos dos produtores mundiais de graos estao com producoes expandidas e as economias do Ocidente experimentam um periodo de lento desenvolvimento economico.

A exportacao agricola americana passa por declinios agudos nos valores totais exportados, forçando a reavaliacao das politicas agricolas, com o objetivo de permitir que o mercado americano se reajuste as condicoes do mercado internacional.

POLITICAS AGRICOLAS

Sao basicamente quatro, os instrumentos utilizados, hoje, pelos programas agricolas para estabilizar os preços de mercado e garantir a renda do setor agricola: 1) reservas ou estoques 2) emprestimos nao-recorriveis (ou "nonrecourse loans") 3) reducao das areas de cultivo 4) pagamentos de deficiencia.

Os dois primeiros objetivam estabilizar os preços, atraves da acumulacao de estoques, quando os preços estao baixos e o reverso quando os preços estao altos. Os outros dois instrumentos visam controlar a renda agricola, ou seja, agem aumentando, diretamente, a renda dos produtores, durante periodos em que os preços estejam baixos.

Assim, para entendermos o mecanismo das políticas agrícolas americanas, e de que forma vem afetando as comercializações mundiais, descreveremos, sucintamente, os instrumentos utilizados para a operação e execução de tais políticas:

1) "Loan-rate e Nonrecourse Loan" - A "Loan-rate" é o preço por unidade (conforme o produto: libra, fardo ou bushel) segundo o qual o Governo providencia empréstimos para os fazendeiros, objetivando prover fundos necessários para que as colheitas possam ser vendidas, digamos, no melhor tempo (o que os americanos chamariam de "later sale").

Até setembro de 1966, tais taxas estavam estabelecidas pelo "The 1961 Farm Act". A partir de então, novas taxas passam a vigorar, segundo "The Food Security of 1985".

Assim, segundo a nova lei de 1985, por exemplo, a "loan rate" para o trigo fica fixada a 3 dólares (o bushel)¹ para 1986, e para os quatro anos seguintes, fixar-se-á na média simples dos preços de mercados dos cinco anos precedentes (75-85 por cento deste total), excluindo os anos nos quais os preços estiveram em limites mínimos ou máximos.²

Os "nonrecourse loans" foram

a o milho e 2.40 dólares o bushel, 55 centavos por libra para o algodão, 7.20 para o arroz (por "hundredweight ou cwt"), e 5.02 por bushel a a soja. Este aqui, uma variação de produto para produto. Por exemplo, para a a vale a afirmativa para o cálculo nos anos seguintes, no entanto, o preço não pode ser reduzido, em nenhuma hipótese, a menos de US\$4.50.

autorizados, em 1933 e 38, para milho, algodao, amendoim, arroz, tabaco e trigo, atraves dos " Agricultural Adjustment Acts", sendo depois estendidos para sorgo, cevada, aveia, centeio, soja e acucar.

Tais programas estao sob a responsabilidade da Commodity Credit Corporation (CCC). A legislacao tem mudado substancialmente nestes anos, atraves de emendas e leis, sendo que a ultima revisao ocorreu em dezembro de 1955 (sendo ainda emendada a principio de 1966).

" Under the nonrecourse loan program, eligible producers may obtain a loan at a specific rate per unit of the commodity by pledging crops in storage from the current year's production as collateral".¹

Estes emprestimos recebem o nome de "nonrecourse" dado que o CCC "has no alternative but to take title to the stored commodity as full payment for the loan"² caso o tomador do emprestimo nao reponha o principal e os juros devidos.

Este emprestimo utiliza-se, em geral, de juros menores do que os de mercado (ou dos bancos comerciais) e o credito do produtor nao fica afetado (para o periodo seguinte) caso nao haja a reposicao do emprestimo tomado. O CCC age, assim, como uma garantia de demanda para os produtos agricolas.

" The nonrecourse loans also serves as a marketing tool, which allows farmers to obtain cash to

"Commodity Program Perspectives" James A. Langley e outros. P. 123
cit. pg124

satisfy immediate obligations to other creditors while retaining control of the commodity they produce (isto e, permite maior flexibilidade na escolha do periodo para a venda dos produtos). This evens out marketings throughout the year. Some producers use the cash-flow and marketing-tool aspects of nonrecourse loans even when market prices are well above the loan rate"¹

2) " Target Price" e "Deficiency Payments" - O preco alvo e a quantia estabelecida por lei para os diversos produtos (trigo, graos para racoes e forragens, arroz e algodao). O mecanismo segundo o qual o preco alvo funciona e, a principio bastante simples: para os fazendeiros participantes dos programas do governo e paga a diferenca entre o preco alvo e o preco de mercado, caso este ultimo seja menor do que o primeiro (desde que esta diferenca nao seja superior a do preco suporte - "loan levels").

O "deficiency payment" e, assim, a quantia paga pelo governo aos participantes dos programas para os produtos acima citados, com base, como dissemos na diferenca entre o preco alvo e o preco de mercado ou das "loan rates" - isto e, na menor diferenca entre eles. Assim, esses pagamentos devem repor a diferenca, ou deficiencia, entre o preco alvo estabelecido e a mais alta das duas opcoes a seguir 1) o preco medio de mercado durante os cinco primeiros meses do ano ("marketing year") ou 2) a media

nacional da "loan rate", (" prior to any discretionary reduction of up to 20% " - segunda emenda efetuada pelo Novo ato de 1985"). Nenhum pagamento é, evidentemente, efetuado para o caso em que as taxas de mercado são superiores aos preços alvos.

O Food Act de 1985, embora utilize-se da mesma definição do Ato de 1981 para os pagamentos de deficiência (isto é, aquela anteriormente citada), introduz, ainda um componente chamado de " loan deficiency payment rate" (chamado na lei de " loan payment rate", apenas). O LPR é definido como sendo a diferença entre o " loan repayment level" e a taxa segundo a qual o empréstimo foi obtido, e deverá ser utilizada quando o Ministério da Agricultura fizer modificações nas " loan rates " (diminuições), fazendo assim, pagamentos para os produtores que garantam o mesmo retorno (isto é, como se "loan rate" não tivesse sido reduzida).

Quando os preços alvos estão baixos, relativamente aos preços de mercado (como aconteceu com o trigo desde 1974), ou quando as "loan rates" situam-se ao mesmo nível do preço alvo (ou, pelo o menos, não são tão diferentes) o nível de " deficiency payment" não é alto. Quando, no entanto, os preços de mercado estão abaixo dos preços alvos (como aconteceu para o trigo e o sorgo, contrariamente ao milho - no mesmo período, ou seja, 1974 em diante), a utilização dos programas é mais intensa, com utilização maior de redução da área colhida, de " deficiency

payment" e aumento nos estoques¹.

O Ato de 1985, difere do anterior em varios pontos. No caso de precos alvos, o Ato de 1981 cobriu quatro colheitas (ou seja, 1982-1985) e determinou precos alvos que aumentavam anualmente. A nova lei devera cobrir cinco colheitas, isto e, 1986 a 1990, e embora continue utilizando-se de precos alvos, eles deverao ser determinados ao seu nivel "maximo" no primeiro ano do programa (1986) e declinando no restante do periodo. Veja-se tabela abaixo para os principais produtos:

ANO	TRIGO	MILHO	ALGODAO	ARROZ
Ato 1981:	(Bushel)		Libra	CWT ²
1982	4.05	2.70	.71	10.85
1983	4.30	2.86	.76	11.40
1984	4.45	3.03	.81	11.90
1985	4.65	3.18	.86	12.40

Emenda 1984:

1984	4.38	3.03	.81	11.90
1985	4.38	3.03	.81	11.90

Ato 1985:

1986	4.38	3.03	.81	11.90
1987	4.38	3.03	.79	11.66
1988	4.29	2.97	.77	11.30

ula-se que 7 em cada 10 colheitas vem recebendo "deficiency
ent" desde 1974. Ate 1983, dos 6.812 bilhoes de dolares pagos ate
o, a metade foi destinada aos produtores de trigo.
res " per hundredweight".

1937	4.16	2.88	.74	10.95
1990	4.00	2.75	.72	10.71

A reducao dos precos alvos e das "loan rates" nas novas politicas, trazem, assim, os precos a niveis mais realisticos do que os anteriores, dado que o preco internacional para a maioria das commodities ja vinha situando-se abaixo do preco dos produtos americanos ha algum tempo.

Essas reducoes deverao a principio, provocar um desincentivo na producao, dado que ficam reduzidos os efeitos das garantias dadas pelos orgaos governamentais. Alguns economistas avaliam o novo "Food Act" como sendo o responsavel por introduzir as politicas agricolas americanas uma maior orientacao para o mercado, dada a reducao do proteccionismo do governo e uma maior proximidade com os recentes precos de mercado.

3) ESTOQUES - A existencia de um orgao governamental que compre e administre estoques de mercadorias agricolas e pratica bastante difundida mundialmente. E facil compreender que a existencia de tais orgaos, a principio, justificam-se para assegurar quantidades adequadas de oferta dos produtos agricolas ao longo dos anos, reduzir os precos de mercado (ou aumenta-los conforme o caso), alem de reduzir as possiveis variabilidades das rendas agricolas (ja que cria-se maior estabilidade nos precos).

Tais praticas tem, no entanto, conduzido a frequentes excessos na acumulacao dos estoques, com os governos no mundo inteiro enfrentando serios problemas na administracao e na eliminacao dessas mercadorias.

A administracao dos estoques nos Estados Unidos da-se atraves do CCC (que adquire as mercadorias atraves das politicas de precos suporte, "nonrecourse loans" ou compras diretas nos varios programas) ou sao possuidos pelos proprios fazendeiros, atraves de incentivos do governo.

Esses ultimos recebem o nome de "FOR stocks" (Farmer Owned Reserve), e dao ao fazendeiro (a titulo de encorajamento) direito a receber uma extensao na "nonrecourse loan" de 3 a 5 anos, alem de receber pagamentos anuais, originados do Governo, para estocagem. Quando o preco de mercado atinge o chamado "release price", o governo autoriza a venda do estoque (nao e permitida a venda antes da autorizacao do governo).¹

O preco de venda para os estoques do CCC sao, atualmente, 5 a 10% maiores do que o preco " release" para os fazendeiros, dessa forma os fazendeiros nao sofrem competicao direta da corporacao do governo na liberacao dos estoques.

Os Estados Unidos sao o pais que maior estoque apresentam no final do ano². Entre 1979 e 1983, os EUA possuam cerca de metade dos estoques "carry-over" do

produtos derivados do leite recebem suporte atraves da compra de leite e manteiga e ; sao geralmente utilizados nos programas de doacao "Food Stamps", e outros
1 do marketing year, isto e, antes da colheita da nova safra.

mundo para trigo e, 80 a 85% dos estoques para
grãos,¹ conforme tabela abaixo:

Estoques "Carryover" de Cereais

: 1969/70:

: 1971/72: 1983/84: 1984/85: 1985/86: 1986/87:

Mundial : : : : : :

Milhoes/ Tons : 185.0 : 190.8 : 241.9: 320.2 : 348.1 :

% Consumo : 16.3%: 12.0%: 15.2%: 20.2% : 21.6% :

: : : : : :

EUA : : : : : :

Milhoes/Tons : 67.5 : 77.4 : 98.8: 180.9 : 209.8 :

Fonte: World Food Needs and Availabilities

1986/87

ERS/USDA - Agosto de 1986

A primeira vista, a existencia de estoques parece "garantir" ao possuidor a capacidade de enfrentar crises de alimentacao. Alem disso, em caso de escassez da producao, os estocadores dos produtos poderao especular com precos que superem custos e despesas de armazenamento..

O que tem sido alegado, ultimamente, e

estoques podem ser divididos em duas categorias funcionais: "working stocks", ou seja os estoques necessarios para a conduta normal dos negocios e "carry-over", ie, os estoques que excedem os primeiros.

que a existencia dos estoques esta hoje associada a fortes razoes politicas, ja que o governo retém estoques objetivando o aumento dos precos das "commodities". A maioria dos outros paises tem estoques minimos e contam com o mercado mundial para a absorcao da variabilidade das suas producoes. Para os concorrentes os estoques americanos sao estocados com baixo preco, em rotas com transporte de baixo custo, o que permite aos EUA grande poder de barganha na utilizacao desses excedentes. Ha, no entanto, muita insatisfacao interna e externa: a distribuicao dos custos, beneficios e riscos associados com os estoques tem gerado duvidas tanto a respeito da inseguranca dos importadores com a concentracao de produtos sob o controle de um unico pais, quanto, internamente, surgem duvidas quanto se continuar a objetivar (e garantir) a redistribuicao da renda agricola atraves da administracao dos estoques.

4) PROGRAMAS DE REDUCAO DA AREA AGRICOLA

- Historicamente, programas deste tipo comecaram a ser utilizados a partir de 1938, quando o Ministerio da Agricultura dos EUA, atraves de quotas, estipulava a area a ser plantada para o ajustamento da oferta de determinados produtos, quando esta era excessiva. Apenas trigo, arroz, milho, algodao e tabaco estavam incluidos nas quotas que deveriam ser estipuladas. Como resultado a oferta aumentou para produtos nao controlados como: soja, sorgo, e outros graos, repondo plantios de trigo e algodao, etc.

Nas décadas de 50 e 60, um período de grandes excedentes, foi estabelecido o "Soil Bank", que colocou cerca de 50 milhões de acres de terras em reserva. O programa não surtiu efeito porque os fazendeiros apenas alqueivavam terras de baixa produtividade ou que possuíam histórico de grandes flutuações nos resultados da produção.

Assim, diante das experiências mal-sucedidas, o governo acabou por optar por programas voluntários de redução de áreas, no início da década de 60.

A atual política de redução, embora com algumas variações, é uma versão dos programas utilizados na década de sessenta. A maioria das terras alqueivadas estão, hoje, sob programas anuais do tipo: "acreage-reduction, payment-in-kind, set-aside", etc e requerem, contrariamente aos anteriores, que as terras sejam totalmente retiradas da produção de colheitas comerciais. Os benefícios para os fazendeiros variam desde compensação através de remuneração, elegibilidade para empréstimos ou proteção de preços mínimos. Convém lembrar, que para ser elegível a qualquer um dos programas do governo o fazendeiro deve - necessariamente - concordar com a redução da área de plantio.

Ha muitas controversias com relação a utilização de tais programas, a começar dos altos dispendios, da eficiência duvidosa (já que ocorre o uso ineficiente dos recursos disponíveis), e, embora o objetivo seja o de estabilização do mercado interno, o mesmo não ocorre com o mercado externo, cuja produtividade não vem sendo controlada

nos ultimos periodos.

Concluindo, as politicas agricolas americanas tem sido, ao longo dos anos: 1) preco suporte, 2) armazenamento do excedente, atraves de estoques 3) controle da producao, atraves da diversificacao e do alqueive obrigatorio, por percentagens previamente determinadas de terras cultivaveis e 4) metodos diversos, aplicados para disposicao dos estoques em maos.

Atraves destas politicas os Estados Unidos tem possibilitado uma certa estabilidade nos precos dos produtos agricolas mundialmente, ja que por ser produtor e exportador de grande importancia, muitos dos paises utilizam-se dos precos americanos como base para a comercializacao dos seus produtos.

As politicas agricolas de preco suporte, juntamente com os outros fatores que ja analisamos, sao tambem responsaveis pela perda de mercado mundial para muitos dos produtos agricolas americanos.

" The (three) fundamental causes for the drop in US exports (are), first, there was the strength of the dollar between 1981 and 1985. Second, the embargo on grain sales to the Soviet Union (que alterou a venda do trigo).... Third, there was the level of US support prices.... Most perceptive observers are now prepared to go along with this analysis (preco suporte) - if only in

private"¹

Assim, ilustrando, preços suportes altos, embora estabilizem o mercado doméstico, acabam por encorajar o aumento da produção dos países concorrentes, num primeiro estágio. Consequentemente, com maiores produções mundiais e menor competitividade nos preços americanos, o nível de exportação acaba sendo afetado.

" The decline in US share was due not to the actions of others...but to a decline in US competitiveness. Increases in the shares of Canada, Australia e Argentina and the EC were the consequence and not the cause of this decline".²

Ainda ilustrando: no final da década de setenta, quando os preços estavam, geralmente, entre o preço alvo e a "loan rate", havia um incentivo interno (e, claro, externo) à produção. Como esse aumento ocorreu quando do declínio da demanda de importação mundial, resultou que, no início dos anos oitenta, os preços domésticos do produto caíram até a "loan rate".

Se os preços não estão acima da "loan rate", isso significa que os preços mundiais e os internos não mais se movem paralelamente.

" When US loan rates are set above the market clearing level of world prices, US exports are priced higher than they would be otherwise and foreign producers are set in

a better position to undercut the US prices in world markets"¹

Ou seja, neste caso, as "loan rates" funcionam como preço mínimo, segundo o qual os preços mundiais são majorados. Segundo alguns autores, as "loan rates" acabam atuando como um imposto de exportação, provocando menores compras por parte de muitos dos países importadores, já que os preços são maiores. Além disso, preços mais altos incentivam a produção externa, como dissemos, o que acaba significando novas perdas e, conseqüentemente aumento nos estoques americanos.

Assim, um país como os Estados Unidos, cuja participação no mercado internacional é de grande relevância e, mais ainda, cuja comercialização da produção doméstica depende pesadamente da exportação, necessita de políticas agrícolas mais abrangentes: desde 1981, por exemplo, a "loan rate" vem estabilizando os preços para o trigo americano. Entre 1981 e 1983, as exportações do produto caíram 20%, enquanto que os estoques aumentaram 40%. Os países concorrentes apresentaram ganhos de 24%, no período.

"The high point for US exports (referindo-se ao trigo) was in 1981/82 when the US exports accounted for 49% of the world market. A share which has come to be regarded for many Americans as normal. In 1984/85 the US share dropped to 36% - a bruising fall of 13%...nevertheless still higher than it was in the early

the US Competitive Position in World Commodity Trade" - Philip L. Perlberg e outros, pg.93

seventies. Over the same period, the EC's share rose from 14% to 16%. All other major wheat exports also increased their market share over this period."¹

Tal posição frente ao mercado internacional, tem conduzido o governo americano a aumentar o uso dos programas orientados para o comércio internacional. Alguns autores argumentam que os Estados Unidos não tem uma política específica para trocas internacionais, ou ainda, não possuem uma estratégia definida para melhorar a performance de exportação.² Outros aceitam, que várias medidas, ainda que esporádicas vem sendo elaboradas, muitas delas fazendo parte do total de medidas adotadas ("an implicit trade policy").³

Essas medidas, em geral, incluem programas de doação, de concessão de crédito, trocas diretas, redução de estoques do CCC, através de liberação direta para os exportadores (para vendas comerciais), além de medidas tomadas que objetivam a redução, ainda que indiretamente, do produto exportado: como pagamentos em espécies, doações, vendas diretas dos estoques e, ainda, variações nas "loan rates".

Apontamos, a seguir, algumas das medidas que vem sendo tomadas ao longo dos anos, com o objetivo de

¹ Renshaw "The European...", op.cit. pg10
² "Policy Options for Improving the Trade Performance of US Agriculture" G. Edward Schuh, em trabalho preparado para "The Task Force on Trade Policy Alternative, National Agr. Forum, Jan. 1984.
³ Segundo Cathy L. Jabara e S. Elaine Grigsby, economistas do International Economics Division, USDA

incrementar a exportacao dos produtos agricolas americanos:1

1) Public Law 480 - Food for Peace - Foi autorizada em 1951 , para a venda de excedente agricola "to friendly countries for local currencies". Sob a PL 480, os paises elegiveis poderiam adquirir commodities agricolas americanas, atraves de emprestimos de juros baixos (e geralmente constantes), com reposicao em dolares ou em moeda local, em periodos de 20 a 40 anos. A Coreia do pos-guerra utilizou-se enormemente das concessoes da PL 480.

O " Food Act de 1985" renovou, ate 1990, a utilizacao deste recurso, alem de autorizar um novo programa " Food for Progress", com o objetivo de apoiar paises nao-desenvolvidos interessados em empreender reformas politicas em suas respectivas agriculturas.

Em 1985, as exportacoes agricolas sob os auspicios dos programas de ajuda americanos cresceram 25% em relacao a 1984 - para 7.7 milhoes de toneladas, ou 1.7 bilhao de dolares. A PL 480 atingiu o seu decimo segundo ano de pico (dai o interesse pela sua renovacao) em resposta, especialmente, aos carregamentos para o continente africano e, responde por 6.9 milhoes de toneladas (ou 1.3 bilhao de dolares) do total anteriormente citado.

Neste mesmo ano, 68 paises receberam ajuda atraves da PL 480, sendo que apenas cinco deles responderam por metade dos carregamentos (Etiopia, Egito, Bangladesh,

isamos os mais importantes "export market promotion programs". em apontarmos, no entanto, que existem ainda algumas subdivisoes programas menos significativos.

Sudão e Paquistão). Somente os africanos receberam cerca de 4 milhões de toneladas do total e trigo, óleo de soja, farinha de trigo, arroz e sorgo compuseram 50% desses carregamentos.

Estão autorizadas nesta lei, (Title II), as doações de produtos agrícolas (laticínios ou trigo) diretamente para países ou agências internacionais. Essas doações respondem, em média, por 20 a 30% do total exportado através da PL 480.

Ainda previstos na lei (Title III) os programas de troca direta, que autorizam o CCC a trocar suas commodities em estoque por outras que sejam consideradas estratégicas, ou não sejam produzidas em quantidades suficientes pelos EUA (serviços ou mercadorias). Por exemplo, em 1984 houve trocas de leite em pó e óleos por bauxita jamaicana.

2) GSM-101 e GSM-102 - CCC Credit Guarantee Program

Estes dois programas procuram incentivar a exportação de produtos agrícolas através de garantias contra riscos que podem envolver as negociações e estão aquém do controle das partes envolvidas. O GSM entrou em vigor após o embargo contra a URSS no início da década e, a rigor, garante o exportador em situações como guerra, revoluções, embargos ou variações nas taxas de câmbio. O segundo programa - GSM-2 - foi adicionado ao GSM-1 e é uma garantia contra riscos comerciais (ou seja, incapacidade de cumprir os pagamentos por questões econômicas).

3) GSM 5 - CCC Export Credit Sales Program - Sob este programa os exportadores americanos vendem mercadorias agrícolas com pagamentos postergados em até 36 meses. O CCC reembolsa o exportador, determina a taxa de juros que deverá ser paga pelo importador e fica responsável pela cobrança dos títulos de venda.¹ Este programa, assim como outros, podem ser utilizados conjuntamente. O GSM 5 tem sido usado, constantemente em conjunto com o GSM-2, no programa denominado "Blended Credit". Estes programas são propostos, geralmente, a países não-desenvolvidos. Em 1984, por exemplo, Marrocos, Tunísia, Argélia e Egito utilizaram-se do programa para a compra de trigo.

4) Trade Agreement - O primeiro objetivo de acordos desta natureza é o rompimento de algumas restrições ou barreiras alfandegárias que inibem as trocas comerciais. Vários países do mundo utilizam-se destes acordos para facilitar a troca comercial entre os diversos países e concorrentes. Os Estados Unidos, Canadá, Argentina e Austrália utilizam-se destes programas extensivamente. Os acordos são, em geral, bilaterais e, para os Estados Unidos, os de maior importância têm sido fixados com a URSS, China e outros países do bloco socialista. Até 1984, os acordos com a URSS, para a aquisição de quantidades mínimas de grãos, vinham sendo cumpridos rigorosamente, garantindo ao exportador uma

taxa de juros, geralmente, fica afixada entre .5 e 1.5 % acima da prime rate.

antecipacao nas vendas e certa estabilidade nas negociacoes. No ano seguinte, no entanto, a URSS deixou de cumprir o acordo, relativamente a compra de trigo, embora tenha excedido em muito as compras minimas para milho. Em setembro de 1986, novamente a URSS deixa de cumprir o acordo, preferindo voltar-se para o mercado canadense.

Em resumo, alguns instrumentos de politica agricola vem sendo utilizado pelo governo americano com o objetivo de expandir as trocas internacionais, e equilibrar volume e preco das mercadorias exportadas com as politicas agricolas utilizadas no mercado domestico.

Algumas das medidas visam reduzir o preco das commodities para a exportacao, outras visam incentivar a demanda pelos produtos agricolas americanos, outras, ainda, tentam estimular o acesso a mercados com fortes barreiras comerciais. Todas elas, no entanto, sao utilizadas com o objetivo de aumentar as exportacoes e reduzir o excedente da oferta de muitos dos produtos agricolas.¹

Muitos autores argumentam, justificando a inexistencia de uma politica agricola para a exportacao, que os mercados internacionais nao sao estaveis, especialmente os mercados importadores, e que problemas variados (tais como, guerras, competitividade, estoques, colheitas boas ou ruins, etc) estao envolvidos nas

¹ 1984, o CCC dispendeu 398 milhoes de dolares de armazenamento, estoques no valor de 7.4 bilhoes de dolares.

negociacoes e que, portanto, criam um clima de incerteza, que so pode ser manipulado atraves de uma politica agricola externa flexivel, e, portanto, ajustavel as condicoes flutuantes do mercado internacional.

Ate os anos setenta, muitos programas de exportacao foram esporadicamente utilizados pelo governo americano, combinados com politicas agricolas internas, designados quase sempre como um instrumento para disposicao de estoques. Os gastos com programas promocionais nao excediam, entao, 2 bilhoes de dolares.

Hoje, no entanto, o mercado internacional tem um evidente impacto sobre a economia americana, com uma inegavel participacao no consumo das mercadorias agricolas americanas, justificando gastos com programas de promocao de exportacoes de 6 bilhoes de dolares, em 1983.

Argumenta-se que determinados tipos de programas, (especialmente os que aumentam a demanda externa, atraves de precos reduzidos), beneficiam o consumidor externo as expensas do consumidores internos e dos contribuintes, outros (como a reducao das "loan rates"), conduzem a declinios dos precos mundiais, e os custos do governo ("deficiency payments") podem ser ainda maiores, caso os precos alvos e os metodos de controle da producao¹ nao sejam rebaixados na mesma proporcao.

A nova legislacao americana "provides que os produtores necessitam de um aumento na producao e na exportacao, para compensar as perdas nos precos.

both direct and indirect export subsidiation...The Export Enhancement Program is one example of direct US subsidiation of its exports. Indirect subsidiation is provided by generous deficiency payments, which insulate US farmers from the uncomfortable effects of the new market-oriented loan-rates designed to improve US competitiveness on the world market".¹

Numerosos programas de exportacao foram introduzidos no FOOD ACT OF 1985, com o objetivo de melhorar o desempenho da agricultura externamente. As medidas continuaram, no entanto, "implicitas" ja que nao foram previstas politicas especificas para exportacao.

Varios debates, hoje, estao ocorrendo no sentido da viabilizacao de politicas mais explicitas para o setor de exportacao agricola. As expansoes de uma decada e os declinios da outra estao generalizando um forte interesse no redirecionamento dessas questoes e na freemente necessidade de se criar uma legislacao que administre o setor de exportacao.

CONCLUSOES

A partir dos capitulos anteriores, podemos, a principio, extrair tres generalizacoes para a agricultura americana nos anos recentes:

1) que o setor agricola americano vem, crescentemente, integrando-se na economia internacional

2) que essa integracao crescente vem gerando uma forte interdependencia entre os Estados Unidos e o resto do mundo, com uma forte intensificacao nas trocas internacionais

3) que ha uma forte tendencia decrescente, ou estagnante, permeando as operacoes entre os EUA e o os paises importadores de produtos agricolas.

A recente internacionalizacao da agricultura americana nao implica, evidentemente, que o setor agricola americano, ate entao, atendesse apenas o mercado interno. Muitos produtos sao exportados, tradicionalmente, desde o seculo passado.

Durante as duas ultimas decadas, no entanto, os Estados Unidos assumem uma relevante participacao na comercializacao mundial de produtos agricolas, dadas as magnitudes dos volumes e valores exportados, que atingem, hoje, niveis sem precedentes.

Atualmente, o pais produz mais de 15% dos produtos agricolas do mundo - especialmente graos e cereais - e a populacao americana nao ultrapassa os 5% da populacao do

globo.

Nos anos recentes, porém, parece haver uma tendência a diminuição desses valores e volumes comercializados, relativamente aos altos índices dos últimos anos da década anterior.

Uma comparação com outros períodos, que não o final da década de 70, demonstra que os resultados de hoje são, ainda, excepcionalmente favoráveis.

A questão é que a produção agrícola americana não vem acompanhando os mesmos índices de decréscimos. Ao contrário, em alguns setores a produção vem sendo estimulada, apesar das dificuldades de comercialização.

Uma produção maior do que a demanda interna e externa é capaz de absorver, acaba por caracterizar uma "crise", que para alguns é uma "crise de excedentes", para outros o resultado da má administração da política de preços. Outros, ainda, apontam a existência de uma "crise de demanda", dado que muitas são as relutâncias em aceitar que uma crise de superprodução agrícola esteja ocorrendo, quando muitos países do mundo possuem déficits alimentares altíssimos.

É certo, pelo menos, que a produção agrícola de alguns países desenvolvidos, e alguns outros em desenvolvimento, supera, hoje, a demanda das nações que são capazes - financeiramente - de adquirir produtos agrícolas do mercado mundial.

Muitos fatores são apontados como causa

do declínio constante nos valores de exportação agrícola americanos. A nosso ver, vários deles compoem forças que estão interagindo complexamente.

As variações das taxas de câmbio são, usualmente, apontados como o primeiro e principal motivador desta queda e é, sem dúvida um importante fator, mas nunca o único. Primeiro, porque um declínio teria sido verificado, ainda e apesar das altas taxas de câmbio, dado que muitos países, hoje, possuem melhores resultados para muitas das suas produções, maiores graus de auto-suficiência foram verificados na presente década (comparativamente a década anterior), resultando em alguns casos em acirramento da competitividade pelos mercados internacionais.

Alguns outros pontos podem ser levantados, embora muito mais ampliem do que expliquem o problema da tendência decrescente verificada na exportação agrícola americana. Por exemplo, crises e recuperações econômicas no mercado mundial, entremearam os diversos momentos que avaliamos, afetando o desempenho dos países na exportação ou importação de produtos agrícolas.

O controle que o país pode exercer sob muitas destas variáveis é, evidentemente, bastante limitado. Muitas negociações e acordos são possíveis internacionalmente, como foi o caso do acordo para a redução na valorização do dólar frente a muitas moedas estrangeiras e como são as tentativas de reduções de tarifas, barreiras alfandegárias e subsídios, através do GATT. A princípio, no

entanto, as possibilidades de arretar o desenvolvimento das produções agrícolas, o aumento da concorrência e as políticas internas das várias nações do mundo, são bastante restritas.

A questão das políticas agrícolas, aparentemente, é ainda o melhor instrumento de reversão ou estabilização do processo que está sob o domínio americano.

Mais uma vez, no entanto, o impasse atual do desempenho da agricultura americano esbarra em diferentes interpretações. Alguns sugerem que o atual estado de protecionismo, através das políticas agrícolas de suporte, deveria ser mantido, ou até mesmo intensificado como forma de proteção da renda agrícola. Outros argumentam, que a manutenção destas políticas vem provocando pesados gastos governamentais, favorecendo o setor agrícola em detrimento do setor urbano e da renda dos contribuintes, e mais, provocando o aumento dos preços dos produtos, que são artificialmente sustentados pelas políticas de suporte, e desta vez, em detrimento do consumidor final.

Alguns autores defendem a necessidade de uma política agrícola específica para o setor de exportação, enquanto que outros acreditam que políticas específicas prejudicariam o consumidor interno, favorecendo o consumidor externo. Além disso, dadas as flutuações a que estão sujeitos os vários mercados mundiais, uma política externa específica, sugere, segundo esses analistas, pouca flexibilidade quando da necessidade de enfrentar-se situações adversas.

Como podemos ver, são muitos os debates,

hoje, que procuram apontar o que é causa e o que é consequência dos últimos acontecimentos. As evidências apontadas nos vários capítulos do trabalho, revelam que há, hoje, fortes discrepâncias relativamente as duas décadas em questão e que, vários fatores compoem forças que estão interagindo complexamente e modificando o comportamento da oferta e da demanda por produtos agrícolas mundiais, em geral e, americanos, em particular.

APENDICE I- CAPÍTULO II _ O SISTEMA DE PREÇOS PARA OS GRAOS NA COMUNIDADE EUROPEIA

Os graos representam a maior fonte de receitas para a Comunidade Europeia; assim, foram os primeiros produtos a serem submetidos pelas politicas do CAP.

A forma como o CAP determina o precos dos graos nao e, aparentemente, complicada. A cada ano, a CE determina os precos para a proxima estacao - e o chamado preco-alvo (ou "target-price") e, representa os precos objetivados pelos produtores.

" The target price is the price toward which the common market price shoul tend, which provid a "fair" return to the efficient family farm producer and which should serve as a guide for farmers in planning their production." (Shida Heneberry, 4, 1984) .

Alem do "preco-alvo", existem os precos de "intervencao" e de "limiar", ou precos minimos. O preco de intervencao e o mesmo para todas as areas e significa o preco minimo para os produtores.

"The intervention price, set at 12-20 percent below "the target price" is a guaranteed minimum price for producers. The intervention agencies and marketing centers throughout the EEC stand ready to purchase the gain offered at this

ainda "guide-price" ou "market-price", conforme o produto

price,

if it meets specified quality standards."

O "threshold price" é o preço mínimo segundo o qual os grãos importados de países não-membros entram nos portos da comunidade europeia.

"Its purpose to assure that grain imported at Rotterdam and transported to

Duisburg, W. Germany, sells at or above the target price. Calculated by subtracting from the target price the cost of handling and transportation grain from Rotterdam to Duisburg, the threshold price insulates domestic EEC prices from world price fluctuation." Ou seja, o preço de limiar

deriva-se da diferença entre o preço alvo e custos de transportes e representa o preço segundo o qual nenhum produto importado pode ser menor, caso queira-se comercializá-lo dentro da comunidade.

Quando os preços mundiais estão abaixo do "threshold price", o que vem sendo usual, um embargo na importação é usado para elevar o preço dos produtos importados acima do preço de limiar.

Relações entre preços

$$PT = PH + T$$

$$PH = PT - T$$

$$PT = 0.20PT \quad PI \quad PT = 0.12PT$$

$$Li = PH - PW = PT - T - PW = PT - (PW + T)$$

onde:

PW = Preço Mundial (World Price)

PT= Preço Alvo (Target Price)

Li= Embargo (Variable Levy)

PI= Preço de Intervenção (Intervention Price)

PH= Preço de Limiar (Threshold Price)

T= (marketing and transportation cost for

transporting and marketing grain from Rotterdam
to Duisburg).

Apendice II - Capitulo II- U.R.R.S-EUA - Acordos

O LTA (Long Term Agreement) entre URRS e EUA foi negociado em setembro/outubro de 1975, para compra (e fornecimento) de no minimo 6 milhoes de toneladas (em quantidades quase iguais de trigo e milho) e um adicional de 2 milhoes de toneladas permitidas sem consultas de governo a governo. O acordo tornou-se efetivo no periodo seguinte, 1976/77 (com ano valido entre Outubro e setembro).

Em 1979, os EUA vendem 15.2 milhoes de toneladas para a URRS., em 1980, no entanto, o governo Carter embarga as vendas de produtos agricolas para aquele pais (04 de Jan. 1980). Em 24 de abril de 1981 o Presidente Reagan retira o embargo e as negociacoes recomecam para os dois paises. Em 05 de agosto de 1981 estende-se por mais um ano o LTA, que se expirava em 30 de setembro de 1981; sofrendo nova extensao em agosto do ano seguinte.

Em maio de 1983, com proposicao americana, negocia-se novo LTA, e o limite passa a ser 9 milhoes de toneladas com 3 milhoes adicionais de trigo ou milho sem consulta (a distribuicao poderia ser 4 milhoes, no minimo para cada um, isto e, trigo ou milho, e a restante um milhao de toneladas com qualquer combinacao de trigo, milho, soja ou pasta de soja).

Em setembro de 1984, o USDA comunica-se com o Ministerio dos Negocios Exteriores da Uniao Sovietica e

aumenta o nível de disponibilidade, para outubro/setembro de 1985, para 22 milhões de toneladas. A União Soviética ira, no entanto, romper o tratado em 1985, pela primeira vez.

Os soviéticos compraram 15.9 milhões de toneladas de milho, durante o período de 84/85 ("agreement year" Out/Set), mas apenas 2.9 milhões de toneladas de trigo - falhando, portanto, no acordo de 4 milhões mínimos. A venda do milho, em contraste, ultrapassou, como dissemos, 4 milhões de toneladas mínimas. Os soviéticos também falharam quanto a cumprimentos de acordos com Brasil e Argentina, no tocante a soja.

Os motivos para o rompimento basearam-se em argumentos quanto a não-competitividade dos preços americanos no mercado mundial, além da argumentação quanto a um "possível equilíbrio" nas trocas, já que a parcela relativa ao milho foi mais do que cumprida. Os soviéticos, além disso, reclamam de grãos estragados ou infetados por insetos, embora para os americanos tal argumentação não pareça válida, já que os problemas são, especificamente, relativos a tratos de fumegação. Considerando-se, no entanto, que no ano do rompimento do contrato, os soviéticos adquiriram trigo dos canadenses a preços ainda maiores do que o do trigo americano, a questão da qualidade do trigo originário nos Estados Unidos deva ser fator de alguma importância.

Parece claro, no entanto, que a União Soviética vem tentando diminuir as parcelas de gastos que

utilizem moedas internacionalmente aceitas ("hard currency"), e que são originadas com a comercialização de petróleo para os países ocidentais. A Argentina e a Comunidade Europeia possuem, no período que estamos analisando, preços melhores, desviando assim o interesse pelo trigo americano.

EXPORTAÇÃO AMERICANA DE GRãos PARA A URSS

Ano	Oferta 1/p/Venda	Vendas Americanas Para a URSS		Total
		Trigo Milhões de	Milho Toneladas	
1976/77	8	3.1	3.0	6.1
1977/78	15	3.5	11.1	14.6
1978/79	17	4.0	11.5	15.5
1979/80	25	2.2	5.8	8.0
1980/81	14	3.8	5.7	9.5
1981/82	23	6.1	7.8	13.9
1982/83	23	3.0	3.2	6.2
1983/84	22	7.6	6.5	14.1
1984/85	22	0.9	15.7	16.6
1985/86	22	0.2	6.2	6.4

1/Ano p/os acordos Out/Set.
2/Neste ano os EUA já avisam que poderiam suprir m das 8lhoes de toneladas
3/A oferta foi retirada mais tarde(embargo)
4/Quantidades reportadas em Maio/86
Fonte:USDA/ERS R-5-86-3

Anexo I

A comercialização agrícola mundial, durante o período de 1980-84, foi de cerca de 242 bilhões de dólares.

Os dez maiores importadores do globo responderam por cerca de 58% , ou seja, 141 bilhões deste total exportado: Alemanha Ocidental, URSS, EUA, Japão, Inglaterra, França, Itália, Holanda, Bélgica-Luxemburgo e Arábia Saudita.

Os Estados Unidos importaram 16,8 por cento do total global, em média para o período, e tiveram as maiores parcelas de vários mercados mundiais : 10% dos 86 milhões de produtos agrícolas adquiridos pela comunidade europeia, 75% do México, 51% da Coreia do Sul, 45% de Taiwan, 43% da Venezuela, 31% do mercado brasileiro e 28% da Indonésia, que juntos importaram 13,8 bilhões de dólares, em média para o período.

Além disso, o país absorveu importantes parcelas de mercados do Japão (35%), Espanha (32%), Canadá (41%), China (30%), URSS (9%).¹

Nas duas tabelas anexas (57 e 58), estão relacionados os cinquenta melhores mercados do mundo, as aquisições totais e as contribuições americanas, em média para 1980/84.²

¹ baseado em artigo de Arthur B. Mackie, Office of the Director, USDA "Ranking Of Major Agricultural Importers Shows Little Change" em Foreign Agricultural Trade of The United States, 1984.
² FAO, Food and Agriculture Organization of The United Nations, Trade Yearbook, 1984; USDA/ERS, Foreign Agricultural Trade Statistics, anos 1980-84, em FATUS, 1985.

Tabela 57
MAIORES IMPORTADORES DE PRODUTOS AGRICOLAS

IMPORTACOES AGRIC. DE 1/

PAISES 1980/84	Mundo EUA		Posicionamento			
	Em Bilhoes de Dolares		70	76	80	84
1.Alemanha Oc.	22.00	1.53	2	1	1	2
2.URRS	19.41	1.77	7	5	3	3
3.EUA	18.40	-----	1	2	2	1
4.Japao	17.59	6.25	4	3	4	4
5.Inglaterra	14.46	0.88	3	4	5	5
6.Italia	13.34	0.96	5	6	7	6
7.Franca	13.22	0.60	6	7	6	7
8.Holanda	10.41	2.94	8	8	8	8
9.Belg./Luxemburgo	7.48	0.80	9	9	9	9
10.Arabia Saudita	4.91	0.45	39	13	13	10
11.Canada	4.65	1.89	10	11	11	11
12.China Cont.	4.61	1.37	19	10	10	18
13.Espanha	3.92	1.26	13	12	12	13
14.Coreia do Sul	3.46	1.77	21	14	14	15
15.Hong Kong	3.37	0.40	16	15	15	14
16.Egito	3.25	0.88	43	22	22	12
17.Suica	2.85	0.31	11	16	16	20
18.Ira	2.68	0.06	54	26	26	16
19.Mexico	2.65	2.00	42	17	17	21
20.Taiuan	2.62	1.23	28	25	25	17
21.Alem.Oriental	2.25	0.24	12	20	20	23
22.Argelia	2.24	0.21	48	24	24	25
23.Singapura	2.22	0.15	22	28	28	19
24.Polonia	2.16	0.35	18	18	18	35
25.Nigeria	2.15	0.41	57	27	27	26
26.Dinamarca	2.15	0.15	20	21	21	27
27.Iraque	2.07	0.28	62	30	30	22
28.Suecia	1.99	0.12	15	23	23	28
29.Brasil	1.89	0.58	29	19	19	31
30.Tchecoslovaquia	1.78	0.06	14	29	29	32
31.Venezuela	1.71	0.74	44	32	32	29
32.India	1.70	0.42	17	36	36	24
33.Austria	1.57	0.02	23	31	31	34
34.Portugal	1.57	0.66	31	34	34	30
35.Malasia	1.48	0.12	26	39	39	33
36.Indonesia	1.44	0.41	37	35	35	43
37.Iugoslavia	1.34	0.21	25	33	33	40
38.Irlanda	1.33	0.09	36	38	38	38
39.Libia	1.31	0.01	56	41	41	37
40.Grecia	1.29	0.18	38	42	42	36
41.Cuba	1.11	0.00	33	44	44	41
42.Noruega	1.07	0.16	27	40	40	46
43.Romenia	1.05	0.25	41	37	37	55
44.Kuwait	1.04	0.05	58	47	47	42
45.Finlandia	1.01	0.07	30	43	43	50
46.Australia	0.98	0.13	25	46	46	45
47.Israel	0.93	0.33	40	49	49	47
48.Marrocos	0.89	0.21	49	48	48	48
49.Hungria	0.88	0.03	24	45	45	53
50.Emirados Arab.	0.88	0.07	***	50	50	49

Tabela 58

MAIORES IMPORTAÇÕES DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

PAÍSES 1980-84	Importações de 1/		Parcelas Americanas			
	MUNDO	EUA	1970	1980	1984	1980-84
	Em Porcentagem					
1.Alemanha Oc.	9.1	3.8	8.4	7.3	5.2	6.9
2. URSS	8.0	4.4	0.6	5.8	14.9	9.2
3.EUA	7.6	---	---	---	---	---
4.Japão	7.3	15.4	29.3	34.3	36.4	35.1
5.Inglaterra	6.0	2.2	7.1	5.7	5.5	6.1
6.Italia	5.5	2.4	6.2	7.4	6.2	7.2
7.França	5.5	1.5	5.0	5.0	4.1	4.5
8.Holanda	4.3	7.2	24.9	29.3	22.5	28.2
9.Belg.Luxemburgo	3.1	2.0	9.2	8.0	10.4	10.7
10.Aràbia Saudita	2.0	1.1	12.4	8.9	9.0	9.2
11.Canada	1.9	4.7	64.7	60.3	39.3	40.7
12.China Cont	1.9	3.4	15.5	38.9	21.4	29.7
13.Espanha	1.6	3.1	16.8	25.7	28.7	32.2
14.Coreia do Sul	1.4	4.4	51.5	54.5	48.1	51.0
15.Hong Kong	1.4	1.0	8.3	13.8	11.5	11.8
16.Egito	1.3	2.2	12.5	32.8	24.6	27.6
17.Suica	1.2	0.8	10.1	8.5	11.0	10.9
18.Ira	1.1	0.1	21.5	0.4	0.1	2.2
19.México	1.1	4.9	71.9	78.6	81.8	75.6
20.Taiuan	1.1	3.0	42.2	48.9	48.8	45.1
21.Alem.Oriental	0.9	0.6	1.4	18.3	5.9	10.7
22.Argélia	0.9	0.5	10.8	7.6	9.7	9.3
23.Singapura	0.9	0.4	4.2	6.6	5.2	6.8
24.Polónia	0.9	0.9	8.6	18.4	13.4	16.2
25.Nigéria	0.9	1.0	24.5	16.6	18.1	19.2
26.Dinamarca	0.9	0.4	15.7	8.0	6.1	7.0
27.Iraque	0.9	0.7	1.7	12.7	23.7	13.5
28.Suécia	0.8	0.3	7.7	5.8	5.7	6.0
29.Brasil	0.8	1.4	22.8	27.5	31.8	30.7
30.Tchecoslováquia	0.7	0.2	1.2	7.6	1.8	3.4
31.Venezuela	0.7	1.8	48.9	40.8	46.9	43.3
32.Índia	0.7	1.0	38.9	21.7	12.3	24.7
33.Austria	0.6	0.1	2.7	1.4	1.4	1.3
34.Portugal	0.6	1.6	12.2	38.5	43.4	42.0
35.Malásia	0.6	0.3	4.5	6.5	7.9	8.1
36.Indonésia	0.6	1.0	55.3	26.7	35.9	28.4
37.Iugoslávia	0.6	0.5	11.9	16.9	16.3	15.7
38.Irlanda	0.6	0.2	10.3	4.6	9.2	6.8
39.Líbia	0.5	0.0	4.5	1.2	1.3	0.8
40.Grecia	0.5	0.4	11.7	24.8	7.0	13.9
41.Cuba	0.5	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
42.Noruega	0.5	0.4	11.6	14.3	10.4	14.9
43.Romenia	0.4	0.6	12.7	32.3	23.8	23.8
44.Kuwait	0.4	0.1	3.3	4.9	4.7	4.8
45.Finlândia	0.4	0.2	4.5	6.2	6.0	6.9
46.Austrália	0.4	0.3	14.2	11.3	14.0	13.3
47.Israel	0.4	0.8	44.0	33.4	36.7	35.3
48.Marrocos	0.4	0.5	27.7	14.3	43.8	23.6
49.Hungria	0.4	0.1	5.3	2.2	5.7	3.4
50.Emirados Arab.	0.4	0.2	5.1	13.3	4.6	7.9

MUNDIAL 100.0 100.0 13.2 16.8 16.5 16.8

BIBLIOGRAFIA

AUSTRALIAN BUREAU OF AGRICULTURAL ECONOMICS. "Trends in Australian Rural Sector", varios volumes

ABBOT, Philip C. "Foreign Exchange Constraints to Trade and Development", Economic Research Service, USDA, FAER Report 209, Nov. 1984

BARRY, Robert D. "Outlook for US Sugar in a Multi-Sweetener World Market" Discurso para o "Int'l. Sugar Workers Conference", New Orleans, La, Ab. 1984, 21 pgs.

BARTH, James, e PELGMAN, Joseph- "International Debt: Conflict and Resolution". Department of Economics, George Mason University (Fairfax, Virginia), Janeiro de 1984.

BATTEN, Dallas S. e BELONGIA, Michael T. "Exports: Is the Exchange Rate the Culprit", em Review, The Federal Reserve Bank of St. Louis, Outubro de 1984.

BUXTON, Boyd M. e outros. "Milk Production: A Four-State Earnings Comparison". AER-528, ERS/USDA, Fev. 1985.

CHAMBERS, Robert G. e JUST, Richard E. "An Investigation of the Effect of Monetary Factors on Agriculture" Journal of Monetary Economics, Marco de 1982.

CHATIN, Barbara e LEE Jr, John E. "United States Agricultural Policy in a Managed Trade World" em "United States Farm Policy in a World Dimension, Special Report 305, Agricultural Experiment Station, University of Missouri - Columbia - Novembro de 1983.

CLINE, William R. "International Debt and the Stability of the World Economy". Cambridge, Mass: MIT Press, Set. 1983

COCHRANE, Willard W. "Development of US Agriculture: A Historical Approach", Minneapolis, Un. of Minnesota Press, 1979.

COUNCIL OF ECONOMIC ADVISORS, "Economic Report of the President, 1984." Washington, Fevereiro de 1984

_____ "Economic Report of the President, 1985", US Gov. Print. Office, 1985

DUNCAN, Marvin. "Current Macroeconomic Policies and US Agriculture: Discussion", in American Journal of Agricultural Economics", Vol. 64, N. 5, 1982.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. "Agricultural Trade Statistics" Roma, 1983

----- "FAO Trade Yearbook - 1973-82", Roma 1983

----- "Production Yearbook" varios volumes, Roma

FULTON, Thomas "Provisions of the Food Security Improvements Act of 1986", ERS, National Economics Division, USDA - ERS STAFF REPORT N.AGES 860312- Ab.1986

FULTON, Thomas- "Glossary of Agricultural Policy Terms", USDA, National Economics Division USDA, Food and Agricultural Policy Branch, 1984

GERRARD, Christopher e TERRY, Roe "Government Intervention in Food Grain Markets", in Journal of Development Economics, Volume 12, 1983

GRIGSBY, S.Elaine e JABARA, Cathy L. "Agricultural Exports Programs and US Agricultural Policy", in ERS/USDA, Ag.Economic Report 530, Julho 1985

GRIGSBY, S.Elaine e Dixit, Praveen M. - "Alternative Export Strategies and US Agricultural Policies for Grains and Oilseeds, 1950-83", International Economics Division, ERS, USDA, Washington, D.C., Setembro de 1986. ERS Staff Report AGES 860616

HALEY, Stephen L. e KRISSOF, Barry "The Value of the Dollar and the Competitiveness of US Wheat Exports", USDA/ERS, Julho/1986.

HARRINGTON, David H. e outros "US Farming in the Early Eighties: Production and Financial Structure". AER-504, ERS/USDA

HATHAWAY, Dale E. "Agricultural Trade: 1984 and Beyond" em Outlook 84 - Agricultural Outlook Conference, USDA, Washington, DC-Novembro de 1983.

HARRIS, Simon; SWINBANK, Alan e WILKINSON, Guy. "The Food and Farm Policies of the European Community", New York: John Willy and Sons Ltd., 1983.

INTERNATIONAL MONETARY FUND, "Balance of Payments Statistics", varias publicacoes, Washington D.C.

INTERNATIONAL MONETARY FUND "World Economic Outlook" Abril de 1986, Washington DC.

JOSLING, Timothy E. e PEARSON, Scott R. "Developments in the Common Agricultural Policy of the European Community" Government Printing Office FAER 172, Washington, Junho de 1982

JOHNSON, James D. e outros. "provisions of the Agriculture

and Food Act of 1981". AER-483. USDA, Econ. Res. Serv., Mar. 1982.

KOBAN, Felix N., "Soviet Grain Production: Resources and Prospects", Soviet Geography: Review and Translation, Vol. 24, N. 3, Nov. 1983.

LANGLEY, James A.; REINSEL, Robert D.; CRAVEN, John A.; ZELLNER James A. e NELSON, Frederick J. - "Commodity Prices and Income Support Policies in Perspective", Economic Research Service, USDA -, in Agricultural Economic Report 530, pages. 122 a 165.

LONGMIRE, James e MOREY, Art. "Strong Dollar Dampens Demand for US Farm Exports." FAER-193. USDA, Economic Research Service, Dez. 1983

MACKIL, Arthur B. "The US Farmer and World Market Development", ERS/USDA, Outubro 1983

MC NITT, Harold A. "The Ec Market for US Agricultural Exports" Government Printing Office FAER 179, Washington, Marco de 1983.

MOORE, Emily - "USSR Grain Policies and Data ". International Economics Division, ERS/USDA - Agosto de 1986.

PAARLBERG, Phillip L. e SHARPLES, Jerry A. " Japanese and European Community Agricultural Trade Policies: Some US Strategies " - International Economics Division, ERS, USDA, Agosto 1984

PAARLBERG, Phillip L. e outros " Impacts of Policy on US Agricultural Trade" Staff Report AGESB40802, USDA, Econ. Res. Serv., Dec. 1984

PAARLBERG, Philip , WEBB, Alan J. e outros "The US Competitive Position in World Commodity Trade", em "Agricultural Food Policy Review: Commodity Program Perspectives, USDA/ERS, 1984.

RASTEGARI, Shida H. e HENNEBERRY, David M. "Agricultural Policy for Grains in the European Economic Community: Settings and Issues", in International Agricultural Trade Policy and Development, Oklahoma State University, 1984.

RENSHAW, Derwent " The European View - US/Ec Struggle over Agricultural Markets," em Choices, quarto trimestre de 1986.

SCHUH, G. Edward "Policy Options for Improving the Trade Performance of US Agriculture", trabalho preparado para "The Task Force on Trade-Policy Alternative, National Agr. Forum, Janeiro de 1984.

SCHUH, G. Edward. " US Agriculture in an Interdependent World

Market Economy: Policy Alternative's for the 1980's", trabalho apresentado para o American Enterprise Institute Conference on Food and Agricultural Policy, Wash.DC, Out.2-3,1980.

SCHUH, G.Edward " Future Directions for Food and Agricultural Trade Policy" American Journal of Agricultural- Maio de 1984

SHANE, Mathew D. e STALLINGS, David " Financial Constraints to Trade and Growth - The World Debt Crisis and its Aftermath" International Economics Division, ERS-USDA, FAER Report 211, 1985

----- " Trade and Growth of Developing Countries under Financial Constraints". Staff Report AGE5840517, USDA-Agricultural Economic Research, Junho 1984.

STARLEAF, Dennis R. " Macroeconomic Policies and Their Impact Upon thr Farm Sector", in American Journal of Agricultural Economics, Vol.64, N.5, 1982.

STUCKER, Barbara C. e COLLINS, Keinth J. " The Food Security Act of 1985: Major Provisions Affecting Commodities", National Economics Division, Economic Research Service, USDA - Agriculture Information Bulletin N.497, Fev 1986 .

SUGAR AND SWEETENER OUTLOOK AND SITUATION REPORT, varias publicacoes, especialmente Dez. 1985 a Junho/1986. USDA/ERS

TWEETEN, Luther." Macroeconomics in Crisis: Agriculture in an Underachieving Economy" in American Journal of Agricultural Economics, Vol.62, N.5, 1980

TWEETEN, Luther "Economic And Policy Outlook for US Agriculture" em US Farm Policy in a World Dimension, Special Report N.305, Agricultural Station - University of Missouri, Columbia Novembro de 1983.

UNITED NATIONS." 1981 Yearbook of International Trade Statistics, Volume II", New York, 1983

US CONGRESS - "Agriculture and Food Act of 1981" Public Law 97-98. Dec.21, 1984

U.S DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Agricultural Statistics (1981, 1982, 1983, 1984, 1985 e outros anos

-----Economic Research Service. Economic Indicators of the Farm Sector: Costs of Production, varias publicacoes.

-----Economic Indicators of the Farm Sector: Production and Efficiency Statistics, varios anos.

----- Economic Research Service.
Foreign Agricultural Trade of the United States, Calendar
Year and Statistical Supplements (varios volumes, publicacoes
anuais e bimensais - FATUS)

----- Economic Research Service,
"World Agriculture-Outlook and Situation Report", varios
volumes, varios anos.

----- Foreign Agriculture
Circular: Grains, varios volumes

----- Economic Research Service,
World Agricultural Outlook Board e Foreign Agricultural
Service " Outlook for Agricultural Exports", varios meses.

----- Economic Research Service,
"World Food Needs and Availabilities 1986/1987"-Agosto de
1986

VOLLRATH, Thomas " Developmental Consequences of Unrestricted
Trade", USDA, Foreign Agricultural Economic Report Numero
213, Maio de 1985.

WEBB, Alan J.; SHARPLES, Jerry; HOLLAND, Forrest e PAARLBERG,
Phillip L. " World Agricultural Market and US Farm Policy",
ERS/USDA, Julho de 1985

WHITE, T. Kelley e HANRAHAN, E. (eds) " Consortium on Trade,
Research, Agriculture and Development: a Comparative Look at
US, Canadian and European Community Policies" - Sexto
Encontro do "Trade Research Consortium at Airlie House,
Virginia, Dec. 16-18, 1982. (USDA-ERS)

WHARTON ECONOMETRIC FORECASTING ASSOCIATES, "Wharton World
Economic Outlook", Dez. 1985, Philadelphia

----- "International
Financial Statistics", Project Link, Marco 1986.
WINROCK INTERNATIONAL. " A Summary, World Agriculture: Review
and Prospects into the 1990's". Winrock International
Livestock Research and Training Center. Morrilton, Arkansas.
Dezembro/1983.

WORLD BANK " World Debt Tables", Washington, DC, Janeiro 1984

WORLD BANK. "World Development Report 1982" e outros,
Washington D.C.